

AMANDA MARQUES

Não resisto



autografia



PERIGOSAS

AMANDA MARQUES

Não Resisto

autografia

EDITORA AUTOGRAFIA
RIO DE JANEIRO, 2017

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Não Resisto

MARQUES, Amanda

ISBN: 978-85-518-0499-5

1ª edição, julho de 2017.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ	
M315n	Marques, Amanda Melo. Não resisto / Amanda Melo Marques. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Autografia, 2017. Editoração Eletrônica
	ISBN: 978-85-518-0499-5
	1. Romance brasileira. I. Título.
17-43289	CDD: 869.93 CDU: 821.134.3(81)-3

Capa: Leticia Quintilhano

Editoração eletrônica: Aline Torres

Editora Autografia Edição e Comunicação Ltda.

Rua Buenos Aires, 168 – 4º andar, Centro

Rio de Janeiro, RJ – CEP: 20070-022

www.autografia.com.br

Todos os direitos reservados.

É proibida a reprodução deste livro com fins comerciais sem prévia autorização do autor e da Editora Autografia.

Este livro é dedicado a você, Vinícius. Devo a sua chegada em minha vida a descoberta do prazer da escrita.

Agradecimentos

Agradeço a minha família (incluo a família do Leandro que tenho como minha também) por todo carinho, empolgação e apoio. Tenho todos vocês como amigos queridos.

Agradeço a todos os meus amigos pelos mesmos motivos citados acima. Tenho vocês como família.

Agradeço a você, Leandro, por ser meu amor e meu amigo, o cara que está sempre ao meu lado construindo a “estrada de fazer o sonho acontecer”.

E, por fim, a você Carol, minha amiga querida, por fazer a leitura crítica do livro e me ajudar durante o processo de criação.

Capítulo 1

DEPOIS DE DUAS SEMANAS INSTALADA NO NOVO APARTAMENTO, ENFIM comecei a abrir as grandes e poucas caixas de papelão que guardavam a maioria das minhas coisas: roupas, sapatos, livros, documentos pessoais e alguns álbuns e porta-retratos. Enquanto retirava os objetos com lerdeza e má vontade, deixava com que algumas lágrimas teimosas caíssem livremente, empurradas pelo aperto doído no peito, pois estava sendo difícil aceitar a separação. Tanta demora em realizar esta tarefa se deu basicamente pela minha insensata esperança de que meu ex-marido batesse a qualquer momento na porta, afobado, com o semblante abatido, numa mistura de remorso e arrependimento me implorando para esquecer a grande besteira de ter me posto para fora de sua vida, e com os olhos abarrotados de lágrimas dissesse que ainda me amava, ou melhor, que me amava ainda mais e juntos, enquanto recolocávamos tudo no lugar no meu antigo apartamento, nos abraçaríamos com carinho e ele me pediria mais uma vez perdão, jurando que me amaria para sempre.

Seria possível que uma cena tão clichê quanto desejada acontecesse? Eu me agarrava com todas as forças positivas do meu pensamento que sim, pois os últimos acontecimentos em minha vida haviam me provado que tudo pode mudar num simples piscar de olhos. Se ele pôde num rompante dar fim a dezesseis anos de relacionamento, por que não poderia me agarrar com unhas e dentes à ideia de que pudesse se arrepender e estivesse disposto a reatar?

Na verdade não estávamos casados oficialmente. Nos conhecemos na faculdade, na primeira semana de aulas, ele havia entrado no curso de Ciências Contábeis e eu no de Letras. Nos encontramos numa destas festas de ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

boas-vindas aos calouros e depois de pouco papo e muita bebedeira terminamos a noite juntos.

Não engatamos um namoro logo de cara, a gente se encontrava em festas ou bares, geralmente sem que tivéssemos marcado previamente, e logo ficávamos juntos. Só no início do segundo ano na faculdade é que resolvemos assumir de vez o título de namorados.

Lembro de ter combinado com uns amigos de fazer um esquentão, era o nome que dávamos ao ritual de beber num boteco feio, mas com preços acessíveis, pagar uma ninharia e chegar devidamente alegres e risonhos ao local no qual não teríamos dinheiro suficiente para bancar as opções do cardápio, ou seja, algo do tipo “festa antes da festa”. Assim que cheguei no pé-sujo da vez, vi Fábio (este é o nome do meu ex) sentado numa mesa bem escondida no fundo do salão, conversando com o rosto praticamente colado ao de uma menina que eu já conhecia de vista dos corredores da faculdade.

Percebi que ao me ver ficou abalado. Nossos olhares se cruzaram e ele abaixou a cabeça, se afastou da menina endireitando o corpo na cadeira. Foi um choque para mim, pois acreditava que o quase relacionamento que tínhamos era algo muito próximo a um namoro, sem interferência de terceiros. Então, mesmo sentindo muita raiva continuei lá, puxei uma cadeira e sentei junto aos meus amigos, de costas para ele, mas sendo informada de todos os seus passos por Diana, uma amiga e confidente, e fiquei por lá, totalmente arrasada, mas firme aparentemente.

Pouco tempo depois ele puxou uma cadeira da mesa ao lado e se sentou com nosso grupo, sem tirar os olhos de mim. Fingi ignorar sua presença, ria mais do que achava graça, conversava mais animadamente do que o assunto merecia, até que ele, acredito que motivado pelo meu dissimulado desprezo, se levantou e sem dizer uma palavra sequer foi deixando o local. Cheguei a

me arrepender quando o vi levantar, mas o orgulho me impediu de agir e fiquei lá, sentada e bebendo como se nada estivesse acontecendo.

Eu e meus amigos pagamos a conta e já estava me preparando para avisá-los que não iria mais acompanhá-los à boate da vez, inventaria uma desculpa de que estava com cólicas, embora suspeitasse que todos saberiam o real motivo da minha desistência. Porém, assim que atravessei a porta do bar, vi Fábio sozinho, recostado num poste, com uma das pernas dobradas apoiando o pé e com as mãos no bolso. Ele ficou me olhando com uma cara de cachorro arrependido e não aguentei, caminhei com o semblante fechado e parei de frente para ele sem dizer nenhuma palavra. Como se fosse sua namorada e estivesse acabado de pegá-lo num flagrante de traição, abri as narinas, cruzei os braços e esperei (dentro de mim, implorei) por alguma explicação que satisfizesse a nós dois.

- Lina – disse ele, retirando as mãos dos bolsos e ajeitando o corpo -, vamos parar com esta bobeira e assumir de vez que estamos apaixonados...

Eu não sorri e perguntei: - E o que isso significa na prática, Fábio?

Ele sim sorriu um sorriso lindo e afetuoso: - Significa que de hoje em diante não somos mais ficantes, somos namorados. – depois de concluir me puxou com carinho pelos braços e nos beijamos, acho que por muito tempo, pois quando me lembrei dos meus amigos, já não havia mais ninguém à minha espera.

E de lá até duas semanas atrás já havíamos passado dezesseis anos juntos, quinze destes anos morando sob o mesmo teto. Pelo tempo que vivemos juntos e pela decepção do término eu mesma compreendia e aceitava com piedade própria a tristeza e quase depressão que estava sentindo, pois perder o companheiro, nos quarenta do segundo tempo dos trinta e seis anos não estava sendo nada fácil, fora, é claro, a dor

imensa que a palavra fim se tornou para mim. Eu sempre tive a certeza, e acho que até por isso não pensava muito sobre o assunto, de que esta palavra na minha história com o Fábio significava “felizes para sempre” e não “acabou de vez”.

Bom, ele não chegou em casa, abriu a porta e disse “fim”. Ele chegou em casa, abriu a porta, me deu um beijo de leve nos lábios e entrou para o banho. Até aí tudo dentro da mais completa normalidade do nosso cotidiano. Depois do banho Fábio sempre ia direto para a cozinha esquentar a janta, mas desta vez foi até a sala onde eu estava, sentou-se na mesinha de centro ficando de frente para mim, que estava sentada no sofá. Sem nenhum aviso, pegou o controle da televisão e a desligou, com o semblante sério suspirou profundamente, ratificando sua expressão, e me pediu que o escutasse com atenção. Naquele momento dois pensamentos conflitantes estavam em minha mente: o primeiro era de que Fábio estava prestes a me dar uma boa notícia, tipo um convite surpresa para uma viagem romântica, um novo e endinheirado cliente no seu escritório de contabilidade ou, até mesmo, uma herança gorda de um parente distante, então aquela cara era apenas uma forma de me enganar antes da possível ótima notícia; e o segundo, que tentava bloquear a todo custo de minha mente, a morte de algum amigo ou parente.

Mas não, eu estava totalmente errada quanto aos meus devaneios, pois ele fez uma rápida careta, entortou os lábios e me disse de supetão, sem rodeio algum: - Lina, não dá mais. Ainda atordoada, buscava dar algum sentido àquela frase: - O que não dá mais? – perguntei ajeitando meu corpo, retirando os pés do sofá e passando as mãos nervosamente sobre as coxas.

- Sei que é difícil aceitar – continuou inabalável -, eu tô sofrendo, pode acreditar, e sei que você também irá sofrer por algum tempo...

Pelo amor de Deus, me diga que está doente, muito doente!!!! Não me orgulho, mas foi o que veio à minha mente, pois de tudo que me magoaria ouvir naquele momento da boca dele, aquele pensamento desumano e egoísta era, de fato, a única opção que pensei que poderia suportar.

- Eu não quero mais morar com você. – anunciou sem mudar a feição fria e a entonação seca.

- Como é? Eu não estou entendendo nada... – continuei atordoada – Você não me ama mais?

Fábio sorriu forçado, parecendo não querer me magoar ainda mais: - Amo. Amo como amiga, sei lá, como uma irmã...

Engoli em seco aquela resposta e, automaticamente, meus olhos se encheram de lágrimas, pois foi como se ele tivesse enfiado uma faca afiada dentro do meu peito, doía pelo seco fim e pela gigantesca humilhação.

Meu silêncio parecia tê-lo irritado: - Ah, Lina, para com isso, você não é burra! – ele socou de leve a mesa e demonstrando o total desprezo que sentia por mim continuou disparando suas verdades sobre a nossa vida – Porra, eu não tô mais apaixonado... – expirou fundo o ar pelas narinas - Na verdade eu não aguento mais este casamento morno e sinceramente não sei como você ainda não se tocou!

Desgraçado, filho da mãe! Morno? Esta é sua crítica ao nosso relacionamento? Morno é ruim? Seu idiota, eu gosto de coisas mornas! Tudo bem, gosto de comida quente, café quente, banho quente, cerveja gelada, água gelada, sorvete... O que eu gosto morno? Huuum... lembrei: eu gosto do meu casamento morno. Eu gosto de saber que meu marido

me ama, que eu o amo e que não precisamos inventar estripulias para vivermos confortavelmente felizes.

- Morno? – perguntei atordoad.

Fábio pareceu ter ficado ainda mais furioso: - Você escutou com atenção o que eu disse? – perguntou com certo sarcasmo – Eu não acredito que de tudo que te falei você queira falar sobre a temperatura do nosso relacionamento!

Como novamente não o respondi e apenas mantive meu olhar fixo ao dele, que parecia furioso e irritado, preferiu mudar de tática. Começou a me encarar com uma espécie de piedade em seu rosto e foi falando mais mansamente: - Olha só, Lina, somos novos, ainda temos muita coisa para viver... Eu quero uma vida menos monótona...

Deixando de lado qualquer vestígio de orgulho que pudesse haver em mim, segurei firme as mãos dele e finalmente consegui completar uma frase: - Mas se o problema é a monotonia a gente pode resolver, não precisamos simplesmente nos separar. – afirmei forçando um leve sorriso.

Fábio desvencilhou suas mãos da minha e sentenciou: Não é só isso.

- Não?
- Não, Lina. Eu estou apaixonado por outra mulher.

Clichê, clichê, clichê! Eu sempre soube que Fábio era muito mais prático que criativo, mas por favor, isto chega a ser o cúmulo da falta de inovação!

- Quem é ela? – perguntei decidida.
- Lembra da Laura, a fisioterapeuta que estava cuidando do meu braço? Eu já cheguei a apresentá-la a você uma vez que nos encontramos num shopping. – disse tentando avivar minha memória.

Nem me dei ao trabalho de respondê-lo: - Você estava me traindo?

Um pouco sem graça, levantou os ombros e continuou: - Eu vou morar com ela.

Outro golpe certo que me pegou desprevenida: - Vai morar com ela?

Ele assentiu com a cabeça.

- E quando pretende se mudar?

E depois desta pergunta descobri o verdadeiro significado da expressão “o que está ruim pode piorar”. Fábio, parecendo totalmente alheio ao meu sofrimento, decidiu nem mesmo me poupar do golpe final: - Lina, paguei a maior parte deste apartamento, então acho justo que eu fique nele.

Putá merda! Será que este homem sempre foi imbecil e covarde assim e eu nunca percebi?

Respirei fundo tentando fazer com que o ar conseguisse chegar, mesmo que minimamente, até os pulmões. Eu tinha um monte de verdades para despejar nos ouvidos daquele monstro que estava possuindo o corpo do meu marido, mas a voz ficou embargada e apenas continuei respirando forte em busca de ar.

Vendo minha reação, ou melhor, minha falta de reação devido ao choque de suas últimas palavras, Fábio passou as mãos pelos cabelos, também respirou fundo e tentou amenizar o clima demonstrando que estava em parte arrependido de ter feito aquela proposta cretina: - Desculpe, Li, não quero que você saia do apartamento... Foi ideia da Laura, porque ela mora numa quitinete e achou que ficaria apertado para nós dois. - e com um quase sorriso nos lábios completou – Vamos colocar o apartamento à venda. O que acha? Depois a gente divide o dinheiro e pronto. Ou talvez um compre a parte do outro... A gente conversa sobre isso depois...

Naquele momento mais um pensamento perverso dominou minha mente e senti uma vontade enorme de colocar fogo naquela casa e me divertir assistindo de longe o Fábio sofrer por não ter conseguido salvar sua coleção ridícula de miniaturas de carros antigos.

- Não. Vamos conversar sobre isto agora mesmo. – afirmei decidida fuzilando-o com os olhos e as narinas abertas de tanta raiva – Você compra a minha parte. Está decidido. Ele se levantou e não ousou demonstrar contentamento. Eu o chamei de volta antes que conseguisse deixar a sala: - Fábio, quero que você saia daqui hoje e passe um tempo na casa da sua amante até que eu consiga alugar um apartamento para mim.

Ainda de pé, me olhando por cima, mas sem empáfia resmungou um “tá bom” e foi saindo da sala. Novamente minhas palavras o detiveram: - Pode ficar tranquilo. Não pretendo ficar aqui por muito tempo.

Ele suspirou e entortou os lábios para baixo antes de se sentar novamente: - Fique o tempo que for necessário, Lina.

Forcei as palmas da minha mão sobre os meus olhos para evitar que as lágrimas caíssem. Talvez por ter ficado condoído por meu gesto, ele se agachou, repousou as mãos sobre meus joelhos e tentou me consolar, como se não fosse ele o causador de toda minha dor: - Lina, você é linda, inteligente, divertida... logo, logo encontrará alguém...

Eu empurrei suas mãos com rispidez, retirando-as do meu colo, levantei rapidamente e fui para o quarto que usávamos como escritório decidida a só sair de lá quando ele já tivesse deixado o apartamento.

Quando ouvi o batido da porta se fechando, anunciando que Fábio tinha ido embora, voltei para a sala e, finalmente, chorei com vontade

Dentro de mim se instalou uma sensação horrível de fracasso. Ter escutado dele que não suportava mais aquele relacionamento morno me

deixou com um gosto amargo na boca, como se a bile estivesse queimando minha garganta. Fiquei me sentindo como Macabéa, aquela personagem do livro A hora da estrela, da Clarisse Lispector, que ainda não sabia direito se era mesmo gente.

Capítulo 2

ANIMO, LINA! ÂNIMO! SAIA JÁ DESTA CAMA! JÁ PASSA DO MEIO DIA E VOCÊ precisa tomar um banho rápido, comer alguma coisa e sair com o dever de achar um lindo vestido para a festa desta noite!!!!

Ah, mande uma mensagem explicando que está muito gripada, com muita febre e que parece ser o tipo de gripe grave e que você gostaria muito de comparecer, mas decidiu ficar em casa e assegurar que todos que estarão por lá fiquem a salvo deste vírus.

Pare de ser egoísta, Lina! Hoje é a festa de noivado da sua melhor amiga! Deixe esta maldita autopiedade e saia imediatamente em busca de algo decente para vestir esta noite!

Levante! Não levante! Vá tomar um banho! Vá tomar um calmante e durma tranquila a tarde toda!

Depois de muita briga interna deixei o desânimo de lado, tomei um banho quente e relaxante, preparei um macarrão instantâneo (tipo de alimento mais frequente em minha cozinha depois da separação) e parti decidida rumo ao shopping para comprar um vestido.

Por mais que eu estivesse sofrendo muito e que a dor da separação ainda não tivesse dado uma trégua em meu peito, eu não podia deixar de arranjar um espaço dentro de mim e me sentir muito alegre por poder estar perto de minha linda, amada e querida amiga Diana, que junto com seu namorado Mário, ficou meses organizando com amor e carinho uma festa para oficializar com amigos e parentes o noivado.

Diana e eu somos amigas desde a época da faculdade. Meu amor por ela veio até mesmo antes que por Fábio. No primeiro dia na faculdade, no meio da algazarra dos trotes me peguei encarando uma menina maravilhosa, alta, de pele morena, cabelos ondulados até o meio das costas e uma boca grande e carnuda. Não só eu estava embasbacada por sua beleza, percebi que muitas outras garotas e, praticamente todos os representantes do sexo masculino também a estavam admirando. Ela parecia totalmente ciente do efeito hipnotizador que causava nas pessoas e sorria como se já dominasse aquele ambiente. Assim que seu olhar parou em mim, sem graça por ela poder pensar que talvez eu a estivesse paquerando, abaixei depressa o olhos e quando o levantei novamente Diana já estava ao meu lado, segurando minha mão e falando com entusiasmo: - Nós vamos nos divertir muito nestes próximos quatro anos, garota! – e com os olhos sorridentes e arregalados completou – Já parou para pensar que não teremos mais que estudar matemática?

Eu sorri e balancei a cabeça confirmando que tal pensamento também já havia passado por minha mente algumas vezes. E depois disso não nos desgradamos mais. Ainda no primeiro ano de faculdade começamos a fazer correções textuais em trabalhos para outros alunos. Nossa fama foi crescendo e nosso bico foi se transformando rapidamente em algo bastante lucrativo. Em pouco tempo passamos a corrigir teses de alunos e até mesmo apostilas de professores, e no final do curso já havíamos montado a nossa pequena empresa de correção textual, a Ponto final.

Com tudo caminhando bem no trabalho, pouco a pouco fomos abandonando a ideia inicial de nos tornarmos professoras de Língua Portuguesa e não chegamos a ministrar uma única aulinha sequer, porque até mesmo as aulas de estágio foram prontamente assinadas por professores que não tinham paciência e nem boa vontade em nos ceder suas turmas. Não que

isso nos importasse, pois no final da faculdade já estávamos cientes que ganharíamos mais dinheiro levando adiante nossa empresa de correção.

Bom, mas voltando ao assunto do noivado, esta festa, além de uma importante celebração, era a confirmação de que a vida realmente é feita de revezes loucos e surpreendentes. Se numa dessas reviravoltas a vida havia me surpreendido de forma negativa com Fábio me pedindo a separação e ainda se dizendo apaixonado por outra mulher, nesta ocasião a surpresa veio com a boa notícia de que Diana havia decidido dividir sua vida com alguém, algo que eu realmente nunca achei que pudesse acontecer, pois minha amiga sempre foi o tipo de solteira convicta e bem resolvida que repudiava com veemência a ideia de casamento, afirmando entre caretas que não suportaria dividir a casa com outra pessoa e, muito menos, compartilhar a triste monotonia de outras mulheres de estar ao lado do mesmo homem todos os dias. Para meu espanto e de todos que a conhecem depois de apenas um ano de namoro com Mário ela estava feliz por ter abandonado todas as antigas convicções sobre a vida a dois e prestes a comemorar o noivado.

Como disse antes tudo começou um ano antes quando, por indicação de sua mãe, ela foi ao escritório de um advogado contratar seus serviços para que ele acionasse a justiça para alguns de nossos clientes que estavam em débito conosco, e voltou da tal reunião com olhar perdido e um sorriso bobo no rosto anunciando que havia encontrado o homem da sua vida, o tal advogado, que hoje conheço muito bem, Mário. Ele recusou o caso, indicou um outro escritório, mas a convidou para jantar e à partir daquele dia começaram um relacionamento amoroso do tipo meloso, escancarado e apaixonado: fotos e mais fotos nas redes sociais, acompanhadas de declarações açucaradas, telefonemas e mensagens quase que de hora em hora. Eu reclamava por não ter folga dos dois nem em minhas redes sociais, mas no fundo a entendia, pois se fisicamente eu não consigo enxergar nenhum atrativo físico em Mário (um homem de estatura baixa, ficando calvo e de barriguinha saliente) é

impossível não se encantar com sua personalidade envolvente, otimista e brincalhona, sem contar, é claro, o fato de ver minha amiga ser venerada e paparicada por aquele homem.

Por tudo que Diana representa em minha vida e por saber o quanto era importante para eles dividirem a alegria da data com os amigos é que eu me obriguei a ter disposição para estar com eles.

Não foi tão difícil quanto eu esperava comprar uma roupa para a ocasião. Depois de pouco tempo analisando as vitrines das lojas do shopping, entrei numa loja especializada em roupas de festa, expliquei qual era o tipo de evento e a simpática vendedora me levou ao segundo piso do lugar, onde me mostrou uma seção dedicada a vestidos para se usar em casamentos realizados durante o dia. Bati o olho num vestido verde de lã, sem decotes, bem estruturado, gola levemente canoa, com mangas até a altura dos cotovelos, reto, terminando um dedo abaixo dos joelhos. Um vestido sem detalhes, exceto um cinto largo, verde oliva do mesmo tecido do vestido, demarcando a cintura. Gostei de como fiquei dentro dele e pronto, comprei, mesmo ciente de que aqueles eram vestidos para madrinhas e para serem usados durante a tarde, como a vendedora fez questão de me alertar mais uma vez enquanto eu efetuava o pagamento.

Voltei para casa e mesmo lutando internamente para ficar animada, radiante, confiante, poderosa e tudo mais que me impulsionasse a curtir a festa, o desânimo e a angústia pareciam inchar meu peito. Não era apenas por causa da separação que me sentia assim, algo que tentava esconder de mim mesma estava vindo à tona com o passar das horas e aproximação da festa: a vergonha. É, eu estava morrendo de vergonha de chegar sozinha ao evento, totalmente em pânico ao imaginar que poderia ficar sob os olhares questionadores dos conhecidos. E isto não era simplesmente por causa da

separação, era por causa da mulher que havia me tornado depois que casei com Fábio.

Quando fomos morar juntos óbvio que diminuimos os encontros com nossos amigos, pois naquele tempo, assim como os outros casais estávamos numa fase de descoberta e deslumbramento com a nossa precoce vida de casados. Porém o tempo foi passando, os sentimentos se acomodando e Fábio, sabiamente, voltou a se encontrar com seus amigos, e eu, idiotamente, passei a me encontrar apenas com os amigos dele. Simplesmente passei a viver a vida do Fábio, a vida que ele me impôs sem muito esforço. Era mais ou menos assim “Ah, Lina, vamos marcar com seus amigos outro dia, eu já tinha combinado com fulano...”, “Lina, eu não suporto beltrana, ela é tão irritante. Dê uma desculpa e vamos ficar em casa hoje...” E assim fui me deixando levar. Eu poderia sair sozinha ao encontro dos amigos que ainda queriam minha presença? Provavelmente sim. Mas sem ter como me justificar, digo a verdade, eu me acomodei totalmente às decisões do Fábio. Então não me restava outra alternativa a não ser enfiar minha humilhação goela abaixo, acomodando-a bem ao lado da tristeza e um pouco abaixo da saudade, espremer mais um pouco meu peito e empurrar alguma mínima dose de vontade de ir à festa e ir.

Capítulo 3

DEZ DA NOITE JÁ ESTAVA PRONTA PARA SAIR, MAS AINDA TENTEI GANHAR algum tempo e liguei para minha irmã Rosa, que mora em Botucatu, interior de São Paulo, nossa cidade natal. Diferente de mim, ela é formalmente casada e tem dois filhos, Júlio de 11 anos e Juan de 9 anos. Mesmo morando em cidades diferentes e termos personalidades opostas temos uma espécie de acordo de nos falarmos pelo menos uma vez por semana, numa tentativa de não deixar a distância nos separar. Depois de quinze minutos de conversa, que durante a maior parte se resumiu em um enorme sermão da parte dela por eu não ter ainda definido com Fábio como faríamos a divisão dos nossos bens, desliguei e finalmente desci para entrar no táxi que já estava à minha espera em frente ao prédio.

Embora estivesse uma noite bastante fria eu sentia um calor anormal, culpa acredito do nervosismo, então não cheguei sequer a colocar o sobretudo que carregava nos braços. Desci em frente ao salão de festas e fui subindo vagorosamente os degraus da enorme escadaria. O lugar estava absolutamente divino, já na entrada dava para perceber a delicadeza e cuidado com a decoração, a escada toda adornada com enormes arranjos de lírios brancos. Assim que cheguei à porta de entrada, entreguei meu convite à risonha recepcionista e dei um único passo avançando para dentro do salão. Antes mesmo de entrar definitivamente, me permiti fechar os olhos por um segundo e respirar profundamente, buscando dentro de mim confiança para enfrentar as situações constrangedoras que havia imaginado em minha mente. Respirei fundo, ergui a cabeça e abri os olhos enquanto expirava lentamente. Fui baixando meu olhar que estava fixo a um dos lustres e me deparei com um

homem a uns dois metros distante de mim. Um homem lindo, de calça social preta e camisa da mesma cor, cabelos castanho-escuros e uma barba farta, perfeitamente desenhada em seu rosto. Sem graça por ter percebido que ele estava descaradamente me encarando, rezei para que não fosse algum conhecido da época de faculdade, pois ele acabara de me ver suspirando profundo e temi que tivesse percebido minha postura vacilante. Ele não pareceu nem um pouco preocupado em estar me constrangendo e continuou me acompanhando com o olhar fixo e o semblante sério. Quando eu estava quase me aproximando dele (eu não pretendia falar nada, apenas passar como se não tivesse percebido sua intromissão no meu momento particular de busca de força interior), uma mulher linda, alta, magra, elegantíssima num vestido de seda justo e prateado, sorriu em sua direção e entrelaçou seu braço ao dele, que então desviou com lentidão seu olhar de mim, sorriu de forma carinhosa para a bela mulher e saíram os dois caminhando à minha frente. Finalmente me senti aliviada por não mais estar sendo observada e pude circular em meio aos convidados em busca dos noivos. A dúvida sobre quem poderia ser aquele homem, um amigo da época da faculdade ou simplesmente um expectador indiscreto só durou até encontrar os noivos e voltar meus pensamentos unicamente àquele casal tão amado por mim.

Não foi difícil avistar Diana e Mário, pois ela, morena, contrastava lindamente seu tom de pele com o amarelo ouro do seu vestido longo de cetim e Mário usava uma gravata do mesmo tom. Segui sorridente até eles que conversavam com o DJ num canto da pista de dança que ainda estava vazia.

- Sua vaca! – exclamou ela sorridente assim que me viu – Puta merda, Lina, que demora!

Abri os braços e abracei os dois de uma vez só: - Parabéns, meus amores!

- Lina, a Diana estava tão preocupada que já estava me pedindo para ir buscá-la no seu apartamento. – disse Mário sorrindo.

Bati minha carteira de mão de leve no braço dela, cerrei os olhos e balancei a cabeça fingindo contrariedade: - Sua boba, eu não perderia esta festa por nada neste mundo!

Diana abaixou os olhos e fez um leve beicinho: - Tava preocupada...

Segurei uma mão dela e uma de Mário e falei convicta: - Prestem atenção! Amo vocês e estou muito feliz e animada! Não ousem se preocupar comigo esta noite.

Eles sorriram e Mário foi me puxando: - Quero te apresentar meus pais e também ao pessoal do escritório...

Eu o detive sorrindo: - Mário, eu vou cumprimentar a família da Di e peço que me apresentem seus pais. Não quero te prender logo na sua festa. - Tá bom. – ele assentiu – Mas não fuja, porque quero muito que conheça meu sócio. – sorriu largo - Lina, você é uma irmã para Diana e Miguel é um irmão para mim, então seremos uma família daqui para frente. – concluiu com entusiasmo. Sorri novamente, balancei cabeça em concordância e saí de fininho de perto deles para que pudessem dar atenção aos outros convidados que os cercavam.

Como havia dito fui até os pais de Diana e me demorei um bom tempo na ótima companhia deles e seus parentes. Passamos um bom tempo conversando e rindo da ironia que era estarmos na festa de noivado da ex-eterna-solteira. Mas antes de ir me juntar às minhas amigas (Joana e Marta, que trabalham comigo na Ponto Final) fui sozinha mesmo até à família de Mário e me apresentei, pois não queria que ele achasse que eu não estava interessada em me enturmar.

Cheguei já de cara amarrada enquanto me sentava na mesa em que estavam minhas outras duas amigas e companheiras de trabalho e seus

maridos: - Martinha, a Di convidou o Fábio? – perguntei sem melindres e antes mesmo de cumprimentá-los.

- Boa noite, Lina – disse Pedro, marido de Martinha, sorrindo com sarcasmo – Tudo ótimo comigo também.

- Ah, vá se danar, Pedro! – brinquei enquanto devolvia o sorriso.

- Lina, seja educada e nos cumprimente com toda pompa e circunstância que merecemos. –sentenciou Hugo, marido da minha outra amiga Joana.

Todos estavam me olhando com divertimento: - Boa noite, pessoas lindas! Nossa, como estão elegantes, cheirosos e até mesmo com um ar de endinheirados... – brinquei arregalando os olhos.

- Agora sim, Martinha, pode responder a Lina. – afirmou Joana.

- Lina, a Di me contou que convidou sim, mas ele deu uma desculpa e disse que não poderia vir .

- Graças a Deus! – suspirei aliviada, pois seria realmente impossível estar no mesmo lugar que Fábio e a nova esposa dele e ficar relaxada.

- Lina, não é o fim do mundo, querida. – sentenciou Pedro com o semblante condoído.

- Porque não foi o seu casamento, Pedro. – respondi com rancor.

- Não pense sobre isso! – sentenciou Hugo com um meio sorriso e suspirou enquanto levantava os ombros - Pelo menos esta noite... Você está tão linda, faz tempo que não a vejo assim, tão exuberante! – continuou, tentando levantar meu humor.

- Tão verde cor de azeitona, você quis dizer. – respondi com ironia, revirando os olhos.

- Puta merda, Lina, você está muuuuito chata. Está linda, mas chata. Então eu ordeno que você esqueça aquele imbecil por algumas horas,

beba bastante, dance, paquere, se divirta... – esbravejou Martinha sob os olhares cúmplices de todos os outros que estavam na mesa.

- Paquerar quem? – continuei ranzinza – Parece que sou a única quase-quarentona-solteira do lugar!

Joana respirou fundo e revirou os olhos: - Lina, está vendo aquele barzinho ali? – disse enquanto apontava para o local – Tem um barman lindinho lá e que sabe preparar uns drinques maravilhosos. Então levante esta bunda da cadeira, vá até lá e peça para que ele lhe prepare o que tiver de mais forte!

Suspirei fingindo uma cara de zangada e me levantei: - É o que vou fazer. – ergui a sobrancelha - E não quero ninguém me regulando. Vou beber muito, dançar muito, paquerar casados, e se encontrar, solteiros também. – afirmei decidida e saí mostrando a língua para eles que bateram palmas silenciosas me encorajando a deixar os ressentimentos de lado.

No caminho encontrei com um casal do tempo de faculdade, foram as únicas pessoas que reconheci daquela época e eles, ao contrário do que pensei, não ficaram me olhando com cara de juízes me sentenciando culpada, apenas perguntaram sobre como estavam as coisas e me disseram para marcamos algum encontro para relembrarmos os velhos tempos. Concordei com sinceridade, pois seria bom mesmo poder revê-los numa outra ocasião e conversar um pouco sobre o passado. Depois de me despedir do casal segui firme rumo ao bar. Assim que parei no balcão o lindo e jovem barman me entregou um cardápio com nomes, componentes e fotos das bebidas que estavam sendo servidas e sorriu pedindo que eu escolhesse, enquanto ele terminava de preparar as bebidas de mais dois convidados que também estavam no balcão.

Agradei e peguei o tal cardápio de bebidas. Por alguns instantes fiquei totalmente distraída o lendo e tentando me decidir por alguns daqueles nomes bobos e esquisitos, mas o garoto que preparava as bebidas logo me interrompeu com entusiasmo: - Já se decidiu?

Merda! Se o Fábio estivesse aqui ele já teria escolhido e eu já estaria sentada novamente bebendo, mesmo se não estivesse gostando muito, porém segura e acomodadamente satisfeita...

Sorri sem graça e brinquei: - Tem quentão?

O rapaz cerrou os olhos e fez uma careta demonstrando perfeitamente que não tinha a menor ideia sobre o que eu estava falando: - Não entendi. Quentão? – respondeu já sem aquele ar galante.

Tentei consertar: - É porque meu ex-marido disse que um dos motivos de ter se separado de mim era que nosso relacionamento estava morno...

Caramba! Com esta piada sem graça estou oficialmente incluída no mundo das “tiazonas patéticas”!!!!

- Olha, esquece o que eu disse. – pedi ao barman – Me veja apenas uma água sem gás, por favor.

Ele levantou os ombros e saiu para buscar meu pedido.

- Quentão? – ouvi alguém repetir minha fala com tom de divertimento, então me virei para ver quem estava claramente me provocando ao repetir a ridícula brincadeira e era o mesmo, talvez desconhecido, que havia me encarado na entrada da festa. Ele estava debruçado no balcão e sorrindo (um sorriso absolutamente lindo e impecável, diga-se de passagem) em minha direção.

Antes mesmo que eu conseguisse respondê-lo a mesma mulher com quem eu havia o visto antes, se pôs entre nós, ficando de costa para mim. Para minha sorte a água chegou, então rapidamente peguei o copo e retornei à mesa onde estavam meus amigos, que óbvio debocharam

bastante quando se deram conta de que eu segurava apenas uma garrafa de água.

Diferente do que gostariam meus amigos, não bebi muito, mas consegui me divertir, chegando até mesmo a dançar. Fiquei bastante emocionada quando Mário fez um belo e apaixonado discurso antes de entregar o anel de noivado para Diana, que estava visivelmente encantada.

A festa estava linda, e não havia sinal de que terminaria antes do amanhecer, mas resolvi ir embora depois que comecei a sentir que o álcool estava fazendo um efeito contrário, ao invés de me deixar mais animada, fui ficando angustiada e uma vontade louca de falar com Fábio foi crescendo dentro de mim. Então resolvi desligar o celular para evitar futuros arrependimentos, me despedi do pessoal e mesmo sob protestos decidi que era a hora de voltar para casa.

Assim que atravessei a porta para sair senti o efeito do frio, chegando até mesmo a ouvir o barulho do vento balançando com força as folhas das árvores na rua, parei por um momento para vestir o sobretudo e enquanto o ajeitava no corpo, fui descendo a escadaria com cuidado. Quando estava na metade dos degraus ouvi alguém me chamar: - Lina.

Automaticamente me virei, curiosa por não reconhecer aquele tom grave e levemente rouco na voz masculina e percebi que se tratava do mesmo homem que havia me visto protagonizando as duas situações embaraçosas: a busca por coragem para entrar na festa e o pedido desastroso de bebida.

Eu sorri e o encarei tentando buscar em minha memória de onde nos conhecíamos, pois se ele havia me chamado pelo nome, provavelmente me conhecia de algum lugar.

Ele foi descendo as escadas e só parou quando estava no degrau acima do meu. Sem parecer querer solucionar minha dúvida, permaneceu me olhando de cima e perguntou: - Já vai embora?

Tentando não transparecer que não me recordava dele (o que eu mesma achava um erro imperdoável, pois uma figura daquela é simplesmente inesquecível) respondi: - Pois é, estou cansada. – despistei tentando sair sem deixar que ele percebesse que eu não fazia a mínima ideia de com quem estava conversando.

Ele desceu mais um degrau e se pôs bem próximo, de frente para mim: - Tão cedo assim? – e abriu novamente aquele sorriso irresistível antes de continuar – Não vá, Lina. É agora que estas festas começam a ficar boas, as pessoas já estão mais soltas, os homens começam a abrir os botões das camisas, as mulheres ficam descalças, prendem os cabelos, e já até vi algumas que chegam a dar nós nas barras dos vestidos para poderem dançar com mais liberdade...

Eu entortei a boca e olhei para cima imaginando a cena que descreveu: - É verdade, você tem toda razão, mas estou realmente cansada... – concluí e voltei a descer as escadas.

Ele não se contentou e seguiu ao meu lado fazendo com que eu parasse novamente para tentar entender o que queria. Sem saber o que falar apenas voltei a olhá-lo.

- Confesse: você está indo embora porque não tem quentão. Não é? – brincou provocadoramente.

Eu não consegui evitar a gargalhada e pus as mãos no rosto demonstrando a vergonha que sentia por ele ter comentado sobre o episódio patético: - Como pode uma festa em junho não ter quentão?! – afirmei fazendo cara de ofendida.

Ele sorriu novamente e eu mais uma vez voltei a descer as escadas. E mais uma vez ele me acompanhou: - Você não me conhece, Lina. – afirmou sorrindo, parecendo ter lido meu pensamento.

- Ufa! Estava começando a ficar apavorada por não conseguir me lembrar! – disse rindo e arregalando os olhos.

Ele estendeu a mão em minha direção e se apresentou: - Sou o Miguel.

- Miguel? – perguntei confusa.

- Sócio do Mário.

- Ah, claro! Miguel, que prazer em finalmente conhecê-lo. O Mário fala muito de você.

Miguel não soltou minha mão e me encarou tão profundamente que fez com que eu sentisse um arrepio estranho no meu estômago: - Eu também já ouvi muito sobre você, só não imaginava que você fosse assim.

Soltei minha mão da dele com todo cuidado para não parecer um gesto rude e levantei os ombros: - Assim como? Tão atrapalhada com as palavras? – brinquei.

- Não. Tão linda.

Esperava tudo menos aquela resposta que mais parecia uma cantada. Eu o vi acompanhado e a mulher estava na festa e poderia aparecer a qualquer momento, então muito sem graça e sentindo minhas bochechas arderem de vergonha forcei um sorriso e tentei parecer natural: - Bom Miguel, foi um prazer conhecê-lo... mas eu já vou indo, porque... porque tô morrendo de sono e muito cansada mesmo. – Nem esperei sua resposta e desci até o último degrau, mas percebi que ele continuava me seguindo.

- Mais alguma coisa, Miguel? – perguntei tentando não soar mal educada.

Ele parou bem próximo a mim: - Sim, Lina, quero levar você para jantar amanhã.

Caraca, o cara é lindo, mas é o maior cara de pau que já vi em toda minha vida!

Respirei fundo e sorri: - Obrigada pelo elogio, obrigada pelo convite, mas não estou preparada para sair com ninguém. – afirmei num tom mais seco - Pelo jeito você sabe que me separei há pouco tempo... Ele me interrompeu: - Um jantar, Lina. É só um jantar.

Eu fiquei confusa sem saber se tinha tirado uma conclusão precipitada, afinal o cara estava acompanhado e poderia apenas me conhecer melhor, como Mário mesmo havia sugerido: - Tudo bem. – concordei tentando desfazer minha besteira anterior – Me dê um cartão com seus contatos e eu te ligo um dia desses e a gente marca alguma coisa.

Miguel sorriu e balançou a cabeça demonstrando contrariedade: - Tome meu cartão. – sentenciou enquanto o retirava da carteira, em seguida entregou, continuou me olhando com um semblante indecifrável e foi me acompanhando até o táxi.

Assim que entrei ele pediu que eu abaixasse o vidro e se abaixou na altura da janela apoiando as duas mãos no vidro que estava entreaberto: - Eu não vou conseguir te esquecer.

Outra pontada fria atingiu em cheio a boca do meu estômago e engoli em seco suas palavras sem precisar respondê-lo, pois no mesmo instante ele se virou e foi caminhando de volta para o salão.

Quase me permiti dormir feliz, pensando que talvez eu não fosse tão insossa quanto Fábio havia me feito acreditar, mas me lembrei que o homem que tinha me paquerado era tão cafajeste quanto o que me largou, afinal os dois agiram do mesmo jeito mau-caráter, desmerecendo as mulheres que estavam ao seu lado...

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 4

NO DOMINGO, UM POUCO ANTES DO MEIO-DIA, O INTERFONE DO MEU apartamento tocou. Era o porteiro avisando que havia um entregador com uma encomenda para mim. Pedi que o deixasse subir, sem fazer a mínima ideia sobre o que se tratava a tal encomenda. Um rapaz de 19, 20 anos, no máximo, me entregou, com um sorriso preguiçoso, uma enorme cesta de café da manhã e um envelope verde no mesmo tom do vestido que eu usei na noite anterior. Um sorriso se instalou no meu rosto junto com um pequeno raio de ânimo que atingiu meu peito, afastando por um momento a tristeza chata e insistente que vinha sendo minha companhia constante nas últimas semanas. Eu não tinha certeza do mandante dos presentes, mas pela cor do envelope e as últimas palavras de Miguel ao nos despedirmos deduzi que era ele.

Fechei a porta e levei a cesta e o envelope ainda fechado até a cozinha, me deliciando com a expectativa do conteúdo do cartão, mantendo o suspense para mim mesma e, só depois de preparar um café fresco, sentei-me e calmamente e abri o envelope:

Lina, depois que você foi embora a festa perdeu toda graça. Foi frustrante não poder mais admirar aquele vestidinho verde passeando pelo salão...

Beijos,

Miguel

Desta vez me permiti ficar descompromissadamente feliz, desfrutar internamente do prazer de saber que alguém havia reparado em mim. Não criei nenhuma expectativa, apenas senti o que não sentia há muitos anos, me senti feliz por ter sido desejada. E foi ainda mais prazeroso saber que fui

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

desejada por um tipo de homem (lindo que chega a constranger) que eu tinha a convicção que meu tipo morno não causava efeito algum.

Pensei em ligar para Miguel e agradecê-lo, mas temi que ele pensasse que eu havia cedido, então não fiz nada além de aproveitar o belo café da manhã.

Na segunda-feira antes de darmos início às nossas correções, eu, Diana, Martinha e Joana nos sentamos na cozinha do escritório e nos demoramos um pouco mais no café matinal fofocando sobre a festa. No início a maior parte da conversa girou em torno de elogios sinceros sobre como tudo havia ficado impecavelmente lindo. Nos emocionamos mais uma vez relembrando o discurso de Mário e mais um tempo foi gasto com cada uma experimentando no próprio dedo a belíssima aliança que Diana exibia orgulhosa.

Quando enfim estávamos nos preparando para começar o trabalho Martinha tocou num assunto que eu não estava pensando em expor: - Lina, eu vi você e o Miguel conversando na escadaria do salão. Não sabia que você o conhecia... – comentou com normalidade.

Fiz uma cara surpresa: - Você conhece ele?

- Todas nós o conhecemos, Lina. – respondeu Joana me deixando ainda mais surpresa.
- Só eu não o conhecia então... – concluí revirando os olhos.
- Não tinha mesmo como conhecê-lo, Li, pois todas, digo TODAS as vezes que saímos com ele – disse apontando para Martinha e Joana –, você não pôde comparecer porque o Fábio não estava interessado em se encontrar com suas amigas. – sentenciou Diana com uma alfinetada.

Não respondi, nem mesmo demonstrei descontentamento. Ela estava certa: - Pois é, acabamos nos esbarrando na escada e ele se apresentou. – despistei.

- Que homem! – suspirou Martinha – Adoro quando ele sai com a gente, assim posso ficar admirando aquele pedaço de mau caminho...

- Que expressão mais ultrapassada, Marta! – debochei sorrindo e balançando a cabeça, constatando que não só eu estava inserida no patético mundo das tiazonas.

- Mas cá entre nós – confidenciou Joana –, ele sabe que é gostoso pra caramba e sabe muito bem usar seu charme e manter uma postura de macho alfa...

Diana, parecendo alheia aos devaneios das meninas, estava com o semblante pensativo, o que me dava certeza de que ela estava à procura de mais detalhes: - Não estou entendendo... – especulou pensativa - Miguel foi até você, assim sem mais, sem menos e se apresentou?

Assenti com a cabeça.

- Estranho... – continuou – Você está nos escondendo alguma coisa, Lina! Porque agora estou me lembrando que o Mário comentou que o Miguel havia o questionado sobre quem era a mulher de vestido verde...

Eu ri e fiz uma careta demonstrando que havia mais a ser dito: - Tudo bem, meninas, vou confessar...

Todas arregalaram os olhos e repousaram simultaneamente as xícaras sobre a mesa. Eu tomei, calmamente mais um gole de café, me divertindo com os semblantes ansiosos: - Foi muito louco...

- O quê? – indagou Martinha eufórica – Pelo amor de Deus, o que foi muito louco?

- Ele se apresentou, me fez um elogio e me chamou para jantar!!!! – afirmei sorrindo.

- Jantar? Que dia? – perguntou Joana seguindo a mesma euforia de Martinha.

- Ontem.
- Você jantou com ele ontem! – exclamou Diana atônita.
- Não, claro que não.
- Por que não, Lina? – Martinha parecia furiosa com a minha resposta.

Respirei profundamente e balancei a cabeça em negativa: - Bom, porque acabei de me separar e tudo que menos preciso é de um homem cafajeste.

- Cafajeste, Lina? – Joana repetiu com reprovação.
- Joana, eu vi que ele estava acompanhado na festa... – voltei meu olhar para Diana – Quem é a namorada linda e iludida dele? – perguntei.
- Sheila. – respondeu.
- O Miguel tá namorando a Sheila? – perguntou Martinha surpresa.
- Pô, vocês conhecem ela também? – indaguei desanimada.
- Ela trabalha no escritório do Miguel, é advogada também. – respondeu Diana não parecendo muito entusiasmada ao falar da tal Sheila.
- É implicância minha, Di, ou a Sheila é chatinha mesmo? – perguntou Joana.
- Chata e arrogante. – respondeu Diana revirando os olhos – Mas comigo ela não se mete! Não suporto aquele ar de superioridade!
- Ela nunca fez questão de ser simpática com a gente... – concluiu Martinha - E eles estão namorando, Di? – perguntou novamente.
- Não, Marta, deixa de ser lerda! – bradou Diana contrariada – Quantas vezes eles já foram juntos aos nossos encontros?

Joana interrompeu: - Então pode ficar despreocupada, Lina, eles não são namorados.

- Não são. Mas não vamos enganar a Lina, eles se pegam de vez em quando... – afirmou Martinha.

- “Amizade colorida”... – sentencieei curiosa.

- Bem isso. – respondeu Joana.

- Eu teria aceitado o convite na hora! – afirmou Martinha – A gente não tem o direito de deixar passar uma oportunidade desta não, Lina. – continuou num tom de reprovação.

- É... eu sei que ele é lindo... – suspirei reprovando a mim mesma por ter dispensado um encontro com um homem de tirar o fôlego - Mas meninas, entendam, meu casamento acabou da pior forma possível e não adianta me recriminarem, ainda gosto do Fábio. – pus o indicador nos lábios indicando que apenas me escutassem – Não estou dizendo que tenho esperanças de reconciliação (não estou dizendo, mas tenho), nem que vou implorar para que ele volte para mim (queira a Deus que eu não chegue a este ponto) e por mais que tenha me sentido bem e tenha levantado minha autoestima ser paquerada por um homem daqueles, não é o momento, nem é o homem certo para mim...

Diana suspirou fundo e continuou com o semblante sério: - Sabe, Lina, eu quero muito que você se divirta, tenha novas experiências e esqueça de vez o imbecil do Fábio, mas concordo com você, o Miguel é muito instável no campo sentimental. Ele sai com a Sheila, mas por diversas vezes já o vi acompanhado por outras mulheres... Não acho que será bom para você lidar com um tipo assim logo após a separação.

Não contei sobre a cesta de café, então demos o assunto por encerrado e finalmente começamos a trabalhar.

Como era final de período em faculdades estávamos cheias de teses e trabalhos para corrigir, e paralelo a estes trabalhos eu estava bastante envolvida na correção do primeiro livro de um psicólogo, que ironicamente tratava do tema superação pós-separação. Embora eu soubesse que não estava conseguindo superar o término do meu casamento, aquele livro me parecia uma grande bobagem, tudo muito clichê, páginas e mais páginas recheadas com frases de efeito do tipo “não tenha medo de sua nova realidade”, “acredite que você é totalmente capaz de superar os traumas da separação”, “busque atividades que lhe proporcionem prazer e autoconhecimento”... Aquele blá, blá, blá teórico, que eu acreditava não ter efeito prático na vida real, mas confesso, em dias de angústia extrema quase me pegava pensando em incorporar as frases de efeito ao meu dia-a-dia.

Porém, o mais interessante, e para mim engraçado sobre o livro não estava em seu conteúdo, e sim em seu autor, Celso Chaves, um cinquentão muito maluco aparentemente, com cabelos um pouco grisalhos e desgrehados, sempre com a barba por fazer e que vestia, invariavelmente, camisas pólos amarrotadas, com as golas sempre para cima de um lado, dobradas do outro, dando a impressão de que nunca tinha tempo suficiente para se vestir adequadamente. Celso, aquela figura peculiar, conseguia com seu jeitão maluco-beleza preencher com divertimento meus dias. Ele, ou me ligava ou mandava mensagem ou aparecia sem nenhum aviso prévio ao escritório para saber como andava a correção, e mais, querendo a todo custo que eu opinasse sobre o conteúdo da obra. O normal seria que eu ficasse enervada com a pressão a que ele me submetia, mas eu o entendia, era seu primeiro livro. Ele estava ansioso, e por mais que eu explicasse que não fazia julgamentos, apenas correções ortográficas nos textos que lia, Celso simplesmente insistia em querer minha opinião. Eu sabia também que o que mais o

incomodava não era uma possível demora na entrega do trabalho, pois estava tudo seguindo conforme o cronograma, mas a falta de título para o livro. Celso sempre surgia no escritório com listas de possíveis nomes que lia e criticava em voz alta e depois com aparência derrotista amassava os papéis com os títulos e jogava fora, desabafando com a intimidade de amigos de longa data sobre sua dificuldade em criar algo que traduzisse com fidelidade o conteúdo do livro. Eu, envergonhada e ressentida, nem ao menos havia comentado com ele sobre a coincidência do tema de seu livro e minha situação sentimental. E neste dia não foi nada muito diferente, Celso apareceu no início da tarde e me demorei um bom tempo com ele, o que fez com que nem sentisse o tempo passar.

Depois da minha mudança de endereço, não permanecia até às 18 horas, final do expediente no escritório, saía uma hora antes para evitar os tradicionais engarrafamentos no horário de pico, e assim, em vez de uma hora e meia no trânsito, gastava em média quarenta minutos.

Quando cheguei em casa o porteiro me entregou uma caixa de madeira escura com folhagens verdes a enfeitando. Peguei a nova encomenda já sorrindo por ter a certeza do remetente. Mantendo o suspense sobre o conteúdo, só abri a caixa depois de entrar no apartamento, trocar de roupa e me sentar na beirada da cama. Dentro havia bombons, cada um no formato de uma letra, acomodados em pequenos quadradinhos de madeira fina que serviam como divisória, formando a frase: “ACEITE MEU CONVITE”. Cada palavra era separada por um bombom em forma de coração. Cheguei a pegar o cartão que ele havia me entregue e comecei a digitar os números do meu celular. Impulsionada pelo clima gostoso de paquera pensei na possibilidade de além de agradecer pelos presentes, aceitar seu convite para jantar, pois não era fácil estar sozinha, vulnerável, magoada e ainda ter que resistir às investidas de um homem tão lindo. Porém antes mesmo de chegar ao último número fui deixando

a empolgação de lado enquanto me lembrava da conversa com Diana sobre o jeitão conquistador e inconsequente de Miguel, joguei o celular na cama e comecei a comer os bombons enquanto convencia a mim mesma de que o melhor a fazer era não fazer nada. Miguel queria mais uma conquista, eu queria mesmo era meu marido de volta e enquanto minha vida não entrasse nos eixos ter companhia seria bom, mas de alguém que fizesse o tipo acolhedor, companheiro, carinhoso, atencioso... e estas não eram características que pudessem ser atribuídas a ele, pelo que ouvi a seu respeito.

Eu não estava pensando em comentar com as meninas sobre as investidas insistentes e absolutamente encantadoras de Miguel, queria evitar especulações e não queria que elas (com exceção de Diana que foi bastante realista) ficassem me encorajando a ceder, porém, na terça-feira, logo no início do expediente, Martinha foi até a minha mesa e colocou com um sorriso irônico e os olhos brilhando uma garrafa térmica de alumínio. Eu sorri de volta indicando que não se tratava exatamente de uma surpresa.

Ela esperou que as meninas se aproximassem e esticou o braço me entregando um envelope que tinha apenas o meu nome escrito no destinatário: - O que significa esta garrafa e este envelope, Lina? – perguntou mantendo o semblante anterior.

- Bom, eu tenho um palpite... – afirmei sorrindo e puxando com rapidez o envelope das mãos dela.

Joana e Diana deslizaram suas cadeiras até minha mesa e Martinha puxou a sua em seguida, formando um cerco em minha volta. Antes que se manifestassem, repirei fundo: - Meninas, calma! – pedi com as mãos

espalmadas no ar – Eu sei quem mandou, ou melhor, tenho quase certeza, só não sei o que é.

- Como assim: sabe quem mandou? Você nem abriu este envelope! Lina, o que você anda escondendo da gente? – indagou Joana num misto de desapontamento e curiosidade.

Antes de respondê-las, abri o envelope, retirei o pequeno bilhete e o ergui para que pudesse ler com privacidade.

Lina, nunca fui tão veementemente desprezado! A sensação é horrível, acredite. Mas acho que agora acertei: Há quentão dentro desta garrafa térmica para que saiba exatamente a temperatura do que quero com você!

Obs.: Sugiro que não beba todo conteúdo durante o expediente!

Espero ansiosamente por um sim!

Beijos,

Miguel

Guardei novamente o cartão dentro do envelope e comecei a explicar, sob olhares atentos das minhas amigas, e ainda sem conseguir desfazer o sorriso: - É quentão que tem aqui dentro. – balancei a cabeça rindo com divertimento por Miguel não só ter se lembrado do episódio vergonhoso que protagonizei, como também ter se mostrado bastante bem-humorado, algo que me fazia falta na personalidade constantemente irritável de Fábio.

As meninas não ousaram me interromper enquanto contava sobre o motivo dele ter me enviado uma garrafa com quentão, aproveitei e revelei sobre os presentes que andava recebendo desde domingo. Como esperado, Martinha e Joana estavam totalmente derretidas e só faltaram me obrigar a ligar para Miguel. Diana estava sorrindo (por isso eu não esperava) e depois de esperar calmamente a histeria animada das meninas abaixarem um pouco me chamou para uma conversa particular na sala que usamos para conversar com nossos clientes.

Eu me sentei numa cadeira, Diana fechou a porta e sentou-se ao meu lado, com os olhos cheios de carinho: - Lina, eu te conheço muito bem e sei que embora esteja rindo e se sinta lisonjeada por Miguel estar te paquerando pesado você não está bem. Está?

Sabe quando estamos segurando a todo custo os sentimentos e tentando fingir que está tudo tranquilo e vem alguém e pergunta como está passando e é tão forte, que não dá para evitar que tudo venha à tona? Foi o que aconteceu naquele momento. Eu pensei que estivesse começando a lidar melhor com as mudanças em vida, mas foi só Diana fazer aquela simples constatação para que eu comesse a chorar, um tipo de choro angustiado cheio de desespero.

Diana me abraçou forte e só nos soltamos quando ela percebeu que eu havia me acalmado um pouco: - Desabafe, Lina. Somos amigas! Por favor, tire este peso de dentro de você... – disse com ternura segurando minhas mãos.

Eu me desvencilhei e tentando sorrir comecei a passar as mãos pelo rosto para secá-lo, enquanto buscava retomar o ritmo da minha respiração: - Não sei bem te dizer o que está acontecendo... – respirei forte, pensei por um instante e completei - Não, Diana, na verdade sei sim, eu queria mesmo é que fosse o Fábio que estivesse fazendo tudo isso.

- Por quê?
- Como por quê, Diana? – esbravejei angustiada, mas sem conseguir respondê-la.

Diana ajeitou-se na cadeira, respirou fundo e tamborilou os dedos com impaciência na mesa antes de continuar: - Lina, tá bom, você queria que o Fábio estivesse correndo atrás de você. Ok. Mas agora me responda com sinceridade. Se fosse mesmo ele, o que você faria? Aceitaria suas

desculpas e voltaria assim, num piscar de olhos para ele? – perguntou num tom de desaprovação e sem traço de humor.

Foi a minha vez de suspirar e levantar os ombros: - Não sei...

- Então sabe o que eu acho, Lina? Que você nem sabe se ainda gosta dele tanto assim! Acho que o que você quer, e com toda razão do mundo, é que o relacionamento dele dê muito errado e ele morra de remorso por ter te deixado!

- Não é só isso, Di... – resmunguei.

- Não, não é mesmo. – respondeu enfática – Você está se sentindo abandonada, humilhada, sozinha e cheia de pena de si mesma!

Arregalei os olhos ao ouvir sua última constatação: - Diana!

- Não Lina, eu comecei e quero terminar. Acho que você não gosta dele tanto assim e o que está acontecendo é que você não se conforma de ter aberto mão de todas as suas vontades para satisfazer as dele e, mesmo tendo seguido rigorosamente as regras que ele impôs ao relacionamento de vocês, ele ter terminado.

Verdade ou não o que ela estava me dizendo, o que aconteceu foi que naquele momento senti raiva da minha amiga, eu acreditava estar precisando de consolo, não de críticas. Parei de chorar e imediatamente assumi uma postura de contrariedade. Ajeitei minhas costas na cadeira, abri as narinas e a respondi com raiva: - Sua vida feliz e seu espírito independente não te dão o direito de se achar melhor do que eu. Você não tem o direito de ser cruel comigo, Diana! – afirmei com amargura.

Seus olhos encheram de lágrimas e já estava me preparando para um novo embate, mas ela simplesmente entortou os lábios para baixo e respondeu: - Desculpa, Lina. Por favor, amiga, me desculpe... – implorou visivelmente arrependida - Eu não tenho noção do que você está passando, só não aguento vê-la assim, mergulhada em autopiedade,

enquanto aquele babaca tá lá (disse referindo-se ao meu ex-marido), na casa que era de vocês, reconstruindo a vida ao lado de outra mulher...

- O que eu faço, Diana? Eu também não aguento mais ficar assim? – perguntei angustiada e com sinceridade por não estar conseguindo superar o término.

- Primeiro, volte a ser a Lina do início da faculdade, animada, risonha, arrumada...

- Tô tão mal assim? – perguntei sorrindo.

Diana sorriu e falou em tom de brincadeira: - Lina, você se olha no espelho antes de vir trabalhar?

Balancei a cabeça em negativa, rindo na tentativa de aliviar o clima tenso: - No novo apartamento só tem um espelho pequeno no banheiro.

- Eu não aguento mais te ver todos os dias usando estas calças leggings velhas e horrorosas, estes moletos que não servem mais nem para dormir e este único tênis fora de moda! Você tem tomado banho, Lina? – divertiu-se.

Levantei os braços e cheirei próximo aos meus sovacos: - Pô, Diana, eu posso até estar mal arrumada, mas estou super cheirosa.

Ela gargalhou: - Tá sim, querida. Estava apenas implicando com você.

- Di, obrigada pelo puxão de orelha. Eu sei que tô precisando urgentemente de dar um rumo à minha vida... – suspirei pesado – Só preciso de ânimo... – agradei sorrindo – E sobre Miguel? Acha que devo ligar para agradecer?

Entortando os lábios e levantando os ombros, Diana respondeu: - Quer saber, sua louca deprimida? Acho que deve ligar, agradecer e aceitar o convite para jantar!

Arregalei os olhos e fiz cara de espanto: - Assim você me confunde mais ainda! Caramba, Diana, foi você que disse para eu não cair na lábia

dele!

- Mas quer saber, Lina, pensei melhor e acho que você está precisando de sexo! E vamos combinar o Miguel é lindo e gostoso de morrer! – disse batendo em seguida na boca – Que o Mário não me ouça! – divertiu-se – E outra: ele está se esforçando bastante, hein?

- Vou pensar... – suspirei – Ele é lindo, mas é encrenca...

- Sexo, Lina! Só sexo! – afirmou sorrindo com malícia e piscando um dos olhos.

Balancei a cabeça e me levantei estendendo a mão para que voltássemos ao trabalho.

Cumpri normalmente meu expediente naquele dia, só um pouco antes de desligar meu computador para ir embora decidi o que fazer quanto a Miguel. Peguei dentro da bolsa o cartão com seus contatos e mandei um e-mail, acreditando que assim soaria impessoal o bastante para desencorajá-lo a novas tentativas de aproximação.

Miguel,

Obrigada pelas flores (lindas), a cesta de café da manhã (salvadora do meu domingo), os chocolates (deliciosos) e o quentão (minha mais nova bebida preferida!). Desculpe não tê-lo agradecido antes, não foi minha intenção soar como desprezo. Na verdade me senti muito envaidecida por sua insistência em ter minha companhia para um jantar, que acredite, seria decepcionante!

Miguel, não entenda minhas negativas como “charme”. Juro que não estou me fazendo de difícil!!!!!! Não estou preparada emocionalmente para “encontros”, mas tenho certeza de que iremos nos conhecer melhor e quem sabe até nos tornarmos amigos, agora que pretendo voltar a ter vida social!

Preciso muito superar o fim do meu casamento (isto foi um desabafo) para estar pronta e encorajada a conhecer novas pessoas... Acho que você pode me entender...

Você é tão bonito, criativo e interessante para ficar gastando seu tempo comigo, que sou ou estou, tão entediante, indecisa, insegura e, como dizem

meus amigos, “Chata!!!!” Um forte abraço,

Lina Sobral

Enviei e pronto, dei como encerrada aquela história com o apenas homem mais lindo e interessante da galáxia.

Melhor que ele fique com a impressão maluca que criou de que há algo interessante em mim do que com a constatação da minha falta de tempero, ou como disse meu ex, de uma temperatura mais forte...

Meu Deus! Será que eu não me fiz entender ou este homem é louco?!

Não vou negar que um calafrio percorreu minha espinha e meu corpo se encheu de ânimo quando deparei com quatro livros empilhados, envoltos por uma fita vermelha que formava um grande laço na parte de cima, com mais um cartão pregado por um clipe ao laço.

Desta vez as meninas nem sequer me deram chance de ler o bilhete com privacidade, se espremeram em minha volta e Joana leu em voz alta: “Por favor, faça uma leitura dinâmica!” Peguei um a um os livros e li os títulos em voz alta: “Superar é preciso (guia prático sobre como dar a volta por cima após uma decepção)”, “Não foi perda, foi ganho!”, “Como esquecer o ex em 10 lições” e por último “1000 frases de otimismo”.

- Outro dos presentes malucos do Miguel? – perguntou Diana.
- Decidi botar um ponto final neste clima de paquera e mandei um e-mail. Pensei que estivesse deixando bem claro que não estou preparada para sair com ele! – contei sorrindo – Mas acho que ele não me levou muito a sério...
- Pois eu estou achando que ele está te levando bem a sério sim! – afirmou Joana maliciosamente.

- E você vai fazer o quê? – questionou Martinha.
- Nada! Vou fingir que nada aconteceu...
- Você está desperdiçando a chance de ter um encontro maravilhoso... – retrucou Martinha novamente.
- Estou me poupando de ser desprezada mais uma vez!
- Vamos deixar a Lina em paz e trabalhar! – ordenou Diana.

Capítulo 5

POSICIONEI O CARRO À ESPERA DO PORTÃO DA GARAGEM DO PRÉDIO SE ABRIR. Enquanto acompanhava a subida do portão de ferro senti o estômago revirar ao perceber que havia alguém parado do lado de fora, bem próximo à porta do lado do carona, me observando. Levei alguns segundos para, finalmente, tomar coragem de olhar para o lado. Senti um alívio e uma certa euforia perceber que era Miguel. Ele estava lindo de terno cinza, sem gravata, paletó aberto, mãos no bolso, me encarando com o semblante fechado, de uma forma tão compenetrada e indecifrável. Não fazia sentido para mim, mas assim que meus olhos encontraram os dele meu coração por um momento pulsou errado.

Abaixei o vidro do carro e ele se aproximou: - Lina, não sou um louco perseguidor, só quero conversar com você. – explicou com o sorriso mais sexy e cafajeste que já tinha visto em toda minha vida, enquanto se abaixava para ficar na altura da janela do carro.

Eu sorri e pedi que me esperasse na recepção. Subi ao térreo e o encontrei de pé à minha espera: - Miguel, vamos subir e a gente conversa lá em casa.

Antes de abrir a porta do apartamento respirei fundo e o adverti com verdadeiro pesar: - Estou envergonhada com o que você vai ver, mas não estava esperando visita... – suspirei mais uma vez e completei – E não estou falando sobre bagunça!

Ele não me respondeu, apenas manteve seu olhar firme em mim à espera de que eu abrisse a porta. Eu estava certa quanto à decepção que ficou evidente no olhar perdido dele percorrendo toda a sala, que nada mais era que um

lugar triste, com paredes recém pintadas em cinza claro e nenhum móvel, nem mesmo uma mísera cadeira, apenas duas caixas grandes de papelão que ainda não haviam sido abertas.

Tentei amenizar o clima deprimente do lugar (apenas reflexo da situação da inquilina) abrindo um sorriso tímido e falando num tom divertido: - Não é tão ruim assim... Venha conhecer o resto do apartamento. Olhe a cozinha: geladeira velha, fogão caindo aos pedaços e esta enferrujada mesinha de ferro acompanhada de sua única cadeira, também enferrujada. - Miguel forçava um sorriso e sem dizer nada continuava me acompanhando em silêncio – E por fim o quarto, decorado com esta cômoda sem duas gavetas, esta arara esquecida de alguma loja. e atrás da porta, thanrã – espalmei as mãos, imitando o gesto de um mágico - uma incrível sapateira de plástico! – levantei rapidamente as sobrancelhas e concluí: - Fiz um acordo com o dono do imóvel e ele me deixou ficar com os móveis que estavam aqui. Foi um ótimo acordo, paguei um condomínio que estava atrasado e fiquei com tudo.

Miguel se encostou numa das paredes do quarto, passou as mãos pelos cabelos e deu um sorriso forçado de canto de boca: - Lina, desculpe se vou parecer intrometido, mas estou preocupado com você... Seu ex-marido te deixou em apuros financeiros? – indagou com seriedade.

- Não! – respondi arregalando os olhos, entortando os lábios para um dos lados do rosto e balançando a cabeça em negativa.

Ele ajeitou o corpo, desencostando-se da parede, em seguida passou as mãos nervosamente pelos cabelos e concluiu: - É pior que isso, não é? Você não está conseguindo mesmo superar a separação.

Levantei os ombros e preferi não responder: - Sente-se aqui na cama. – pedi com doçura, batento de leve no colchão - Desculpe, Miguel, mas só tenho água para te oferecer. – afirmei ajeitando-me ao seu lado.

- Obrigado, Lina, eu não quero nada. – respondeu com um suspiro forte e depois mudou completamente o semblante abrindo um sorriso animado – Aliás, vim até aqui porque quero uma coisa: te levar para jantar hoje. – Sorriu e escondeu o rosto com as mãos, simulando estar se escondendo da minha possível reação enfurecida.

Eu estava me preparando para recusar mais uma vez o convite, mas ele se antecipou: - Calma, eu já me conformei que você não quer nada comigo. – concluiu sorrindo – Não vou mais insistir! Quero apenas jantar com você e tentar desfazer qualquer má impressão que tenha de mim.

- Tudo bem, vamos jantar então. – respondi com naturalidade.

Miguel gargalhou com espontaneidade: - Bom, já que você aceitou, vou falar a verdade: dado ao histórico recente eu não esperava que você fosse aceitar, então menti sobre uma pequena coisa...

- O quê? – perguntei com divertimento, arregalando os olhos – Não me diga que você tem um encontro esta noite?

Miguel gargalhou novamente: - Não! – exclamou efusivo - Eu não seria tão louco assim. Menti sobre a parte de que me conformei. Eu não me conformei, mas prometo que não vou falar, nem fazer nada que a deixe sem graça e se arrependa de ter aceitado o convite.

Enquanto eu o encarava, prestando atenção em suas palavras, ele sorriu com cinismo e completou: - Não vou dizer que você é linda, embora seja a mulher mais linda que já vi, não vou dizer que não parei de pensar em você desde a noite que nos conhecemos, embora seja a mais absoluta verdade e não vou tentar fazer de tudo para que você me dê uma chance, embora seja a coisa que eu mais quero no momento. Quero te levar para jantar e espero que assim você não venha evitar minha presença em futuros e casuais encontros e porque quero muito

descobrir que você é a mulher mais chata do mundo para que eu consiga te esquecer.

Engoli em seco, enquanto meu estômago sentia uma câibra gostosa: - Tudo bem. – respondi sentindo que meu rosto estava corado por tudo que ouvi - Da minha parte pode ficar tranquilo quanto à decepção, pois eu mesma tenho me achado a mulher mais enfadonha deste mundo! – em seguida me levantei e anunciei - Vou tomar um banho rápido. Tudo bem?

- Claro. Leve o tempo que precisar. – respondeu me encarando com seriedade – Vou te esperar na cozinha.

Depois do banho não pude deixar de achar engraçado quando me dei conta de que estava vestindo um vestido soltinho preto, por cima um sobretudo preto, meias finas pretas e sapato preto. Meu Deus, a própria viúva desconsolada! – critiquei a mim mesma pela falta de criatividade ao me vestir. Então para suavizar o visual enrolei um cachecol vermelho no pescoço.

- Vamos? – perguntei ao chegar na cozinha.

Miguel me olhou de cima a baixo, sorrindo, mas sem tecer nenhum comentário, então se levantou rapidamente e concordou: - Vamos logo!

- Para onde estamos indo? – perguntei já com o carro pronto para sair.

- Para minha casa. – respondeu com o olhar cínico e um sorriso de canto.

Ao me ver com o semblante surpreso e os olhos arregalados tratou logo de se explicar, mas ainda conservando o olhar malicioso: - Calma, não estou tentando criar um clima romântico, nem seduzi-la – e piscou os olhos em minha direção – Não precisa ficar com o pé atrás,

estávamos agorinha no seu apartamento e me comportei como um amigo, não foi?

Cerrei os olhos e balancei a cabeça em negativa, mas sorri demonstrando que não havia nenhuma objeção à sua decisão: - Você vai preparar o jantar ou pediremos uma pizza? – brinquei.

- Nem um, nem outro: Vamos comer uma deliciosa torta de frango, algo realmente fenomenal e inesquecível que a Cláudia, a moça que cuida da minha casa preparou hoje para gente. – em seguida cerrou os lábios e mudou de um semblante animado para um pouco confuso: - Poxa, Lina, agora que me dei conta que nem cheguei a te perguntar se você gosta de torta ou se come carne...

- Gosto sim. Adoro. – respondi com sinceridade.

Pensei que ficaria sem graça com possíveis hiatos em nossas tentativas de conversa durante o trajeto, mas não, Miguel se desfez de toda aquela postura sedutora e, como se fôssemos conhecidos íntimos, passou todo tempo emendando um assunto casual atrás do outro. Ele conseguiu me distrair contando de uma forma dramaticamente divertida sobre a pressão que sua mãe vinha lhe submetendo para que ele aceitasse ser advogado de um primo do interior que estava se separando e, mesmo tendo casado em regime de comunhão total de bens, não queria dividir nada com a ex-esposa. Ele contava de forma engraçada que não conseguia fazer com que a mãe entendesse que ele não trabalhava nestes tipos de casos e não poderia defender uma causa perdida, com a qual não concordava, apenas para que a tia não ficasse com raiva e desfalcasse o quarteto dos jogos de cartas das sextas-feiras.

Enquanto escutava a história com um sorriso no rosto não pude deixar de pensar na semelhança que havia com a situação que estava passando durante a minha própria separação, lembrando com uma pontada de

ressentimento de Fábio que de modo nada sutil ter me dito que merecia o apartamento, pois acreditava ele que havia pago a maior parte, se esquecendo totalmente de que coube a mim pagar por todas as reformas, além dos móveis e utensílios domésticos. Mas não externei minha raiva, não estava com a menor disposição de deixar a tristeza e rancor atrapalharem minha noite. Aceitei o convite e estava disposta a me divertir e aproveitar a companhia do homem (não sei se já disse isso o suficiente para fazer juz) mais lindo do mundo.

Miguel abriu a porta para que eu entrasse antes dele, e um “uau” foi o que saiu de forma espontânea assim que entrei no enorme apartamento duplex, com uma sala maior que o quarto e sala onde eu estava morando. Um lugar lindo e extremamente bem decorado (tudo girando entre tons de cinza e vermelho). Um espetáculo, mas na minha opinião totalmente impessoal, sem nenhuma fotografia a mostra. Absolutamente tudo meticulosamente ajeitado, até mesmo as almofadas com capas lisas nos tons de vermelho vivo e cinza-chumbo estavam despojadas de forma proposital. Não tinham fotografias, nem objetos pessoais, nada que confirmasse que aquela era mesmo sua casa, parecia mais um apartamento decorado para visitação.

- Gostou? – perguntou de forma desinteressada enquanto retirava a carteira do bolso traseiro da calça e a acomodava junto com a chave do carro dentro de uma pequena caixa de metal - Sinta-se em casa, Lina. – completou com um sorriso charmoso.

Ele pegou levemente minha mão e foi me conduzindo para que me sentasse numa das cadeiras de um enorme balcão na sala (um lugar que servia tanto como um barzinho, como uma mesa para refeic es). Deixei minha bolsa em cima do sofá e me sentei enquanto ele ligava o som,

colocando uma música instrumental, num volume baixo para que pudéssemos conversar sem esforços.

- Posso abrir um vinho antes ou você está com muita fome? – perguntou sorrindo.

- Vinho, por favor.

Miguel abriu a garrafa e nos serviu. Ele se sentou de frente para mim e começou a me encarar.

- Miguel, você está me encarando... – afirmei sorrindo, porém, totalmente desconcertada.

Ele riu, ajustou a postura e suspirou: - Tudo bem. Desculpe, Lina. – suspirou – Vamos conversar.

- Vamos conversar. – sorri confirmando.

- Lina... Lina... é um nome bem diferente... eu não conheço nenhuma Lina. – sentenciou pensativo, querendo alguma explicação sobre este pitoresco nome que eu carregava.

Balancei a cabeça e revirei os olhos: - Foi a parte que me sobrou de uma homenagem que minha mãe quis fazer para minha avó materna.

- Como assim? Agora estou realmente curioso...

- Bom, tenho uma irmã gêmea, somos univitelinas, daquele tipo idêntica (bom, não somos mais idênticas), mas éramos...

Miguel me olhava realmente espantado com a revelação. Então continuei contando: - Minha avó chamava Rosalina, e como minha irmã nasceu primeiro ficou com a parte linda e aceitável do nome: “Rosa”, como a flor, como a cor... – suspirei contrariada e revirei os olhos antes de completar – a mim coube a parte sem sentido: “Lina”...

Ele riu com espanto e divertimento: - Existem duas Linas!

- Não, existe uma Lina e uma Rosa.

- Ela mora aqui em São Paulo?

• Não, ela mora em Botucatu, minha cidade natal. Eu sempre detestei ter e ser uma cópia, ao contrário da Rosa que sempre se divertia à beça com a confusão que arrumava na cabeça das pessoas. Então acho que uma das coisas que mais me motivaram a vir para São Paulo foi a possibilidade de viver como se fosse única... – desabafei. Logo em seguida bebi mais um gole de vinho e sorri – Desculpe, acho que tô falando demais...

• Não! Não, Lina! – retrucou Miguel contrariado – Estou adorando a história! Continue.

• Não tem muito para contar além de tudo que você deva estar imaginando. – cerrei os olhos e balancei a cabeça – Mas nunca houve doideiras do tipo enganar namorados, fazer provas com nomes trocados...

- Nada? – perguntou com decepção.

• Nada! – arregalei os olhos e confessei – Mais por causa da minha chatice, porque se deixasse por conta da minha irmã acho que teríamos aprontado muito por aí! – suspirei sorrindo - Temos personalidades diferentes, ela é mais extrovertida, não que eu seja tímida, nunca fui, mas ela gosta mais de ser o centro das atenções...

Eu falava e Miguel pouco me interrompia, passava a maior parte do tempo olhando fixo para mim, então, além de novamente me sentir desconfortável, estava também insegura pensando que talvez minha conversa o estivesse deixando entediado, e, embora ele tivesse dito que adoraria jantar comigo e descobrir que sou enfadonha, não era esta a impressão que gostaria de deixar. Bebi mais um pouco de vinho, sorri envergonhada por estar matracando descontroladamente, respirei fundo, repousei a taça sobre a madeira do balcão e concluí: - Agora chega desta

minha falação! Acredite você ou não, na maioria das vezes sou o tipo da pessoa que mais escuta do que fala...

- Lina, eu estou realmente adorando saber um pouco sobre sua vida... – afirmou sorrindo.

- Não é o que parece. – brinquei - Você está me encarando com aquele olhar fixo de aluno desatento que fica balançando a cabeça, fingindo prestar atenção, enquanto de verdade seus pensamentos estão longe... – respondi rindo e fazendo uma careta.

Ele suspirou: - Desculpe, passei a impressão errada. Eu não consigo ter você aqui, assim tão perto de mim e não ficar admirando. Você tem noção de como é perfeita?

Engoli em seco a declaração e cheguei a apertar com as mãos a minha barriga na tentativa de conter a pontada fria que atingiu meu estômago.

- Estes olhos grandes, que não sei definir se são verdes ou amarelos, seu nariz fino combinando com a boca pequena e carnuda...

Eu o interrompi sentindo minhas bochechas queimarem: - Chega, Miguel! Estou muito envergonhada!

Ele me olhou sério e suspirou: - Só uma última coisa, por favor. – pediu em tom de súplica. Revirei os olhos como resposta.

- Seu cabelos, Lina! – desabafou passando as mãos pelo rosto – Cabelos curtos?! Meu Deus! Não há nada que eu ache mais sexy do que uma mulher de cabelos curtos!

Para encerrar o assunto concluí passando as mãos pelos cabelos: - Estes cabelos curtos estão comigo desde os dezoito anos, quando finalmente minha mãe, embora muito contrariada, disse que eu já era maior de idade e que não iria mais tentar me demover da ideia absurda de ficar “horrorosa”. – disse a última palavra imitando a careta raivosa que ela fez quando anunciei que enfim realizaria este meu desejo e

continuei - Como a Rosa nunca aceitaria usar o cabelo estilo “Joãozinho” vi neste corte a salvação para não sermos mais confundidas. – bebi mais um gole de vinho, cerrei os olhos e tentei ser o mais incisiva possível, mas sem conseguir evitar o sorriso: - Agora chega! - Tudo bem, eu paro.

- Agora é a sua vez de me contar um pouco sobre sua vida. – sentenciei levantando os ombros.

Miguel levantou, piscou o olho e empurrou a taça vazia mais para o centro: - Agora não... Vamos comer! – exclamou com satisfação.

- Tudo bem. Eu te ajudo a arrumar a mesa. – afirmei me levantando.
- Não, não, não! – protestou – Já está tudo preparado. Só vou ligar o forno para aquecer a torta e trazer os talheres para cá.

Insisti mais uma vez, mas ele manteve-se irredutível na decisão de fazer tudo sozinho, então fui até a sacada, me sentei em uma das espreguiçadeiras e fiquei observando a vista, pensando em como foi bom ter cedido e aceitado o convite para jantar, pois há muito tempo não me sentia realmente relaxada, sem o peso do fracasso da minha vida amorosa doendo os ombros. Mal começamos a comer e Miguel voltou a me encarar daquele jeito sério e compenetrado. Não querendo me sentir de novo tão exposta, foi a minha vez de puxar assunto: - Nossa, realmente esta torta é maravilhosa! – constatei com sinceridade – Mas o que você faria se eu não aceitasse o convite? – perguntei me referindo ao tamanho exagerado dela.

- Ah... – sorriu e estalou a língua no céu da boca - ou eu a comeria a semana inteira ou levaria para a casa dos meus pais. Preferi não pensar no assunto e torcer para que você aceitasse – em seguida ergueu uma das sobancelhas e completou -, embora eu ainda não esteja acreditando que você está mesmo aqui.

- Você tem irmãos? Quantos? São mais novos ou mais velhos que você? Seus pais moram em São Paulo mesmo? Aqui por perto? – comecei a despejar perguntas fazendo de modo atrapalhado o que eu havia planejado momentos antes. Ele sorriu com divertimento: - Sim, tenho um irmão mais novo, Ricardo. Temos apenas um ano de diferença, ele está com 37, mas faz aniversário mês que vem e então fico 39 e ele 38 anos, pois já fiz aniversário este ano. Ricardo é meu super parceiro. Assim como você e sua irmã, também temos personalidades bem diferentes, mas lidamos bem com isso. Ele é casado, tem dois filhos, um casal, Pietra, de 9 anos e Paulinho de 7. Ele nos serviu mais vinho e debochou em tom de brincadeira: - Hum, deixa eu ver se lembro das outras perguntas na ordem... Se meus pais moram em São Paulo e se moram aqui pertinho?

Assenti com a cabeça.

- Sim, moram em São Paulo. Mas não, não moram aqui perto. Nós dois rimos com cumplicidade, pois Miguel demonstrou ter percebido que o questionário era mais uma forma de não deixar que ele voltasse ao jeitão sexy e intimidador, e como um bom anfitrião me deixou bem à vontade com assuntos bem mais leves. Ele me contou sobre a sociedade no escritório com Mário, sobre como estava feliz por ver o quanto Diana estava fazendo bem ao amigo, sobre a necessidade de férias... E eu, sem me sentir pressionada, fui no embalo e contei um pouco mais sobre a minha família, sobre o trabalho com correção de textos, mas nada sobre minha separação e muito menos sobre Fábio.

Depois de satisfeitos comecei a recolher os pratos e talheres e seguir em direção à cozinha para não ser eu a culpada por atrapalhar a ordem daquela casa.

- Lina, pare já com isso! – exclamou Miguel apressando-se em tirar os pratos de minhas mãos.

Consegui ser mais rápida que ele e fui colocando tudo dentro da pia.

Ele riu e advertiu: - Pare ou irá se arrepender!

Soltei uma gargalhada espontânea: - Nossa, qual castigo receberei por esta minha desobediência? – indaguei debochando.

Miguel segurou meu braço com delicadeza e me virou fazendo com que ficássemos a menos de um palmo de distância um do outro. Levantei minha cabeça buscando seu olhar. Ele suspirou tão próximo a mim que pude sentir sua respiração, enquanto me olhava com um olhar que parecia cheio de desejo. Eu não recuei, ele sim foi se afastando de mim: - Bom, se você continuar insistindo em lavar esta louça, vou começar novamente a descrever com detalhes cada parte do seu corpo que pude ver... – anunciou com olhos transbordando malícia.

Desconcerto, euforia e garganta inchada foi o que senti: - Tudo bem, você venceu... – sorri enquanto me afastava da pia. De volta à sala, retirei meus sapatos, ajeitei-os próximo à parede perto da porta da cozinha e me sentei no chão, escorando as costas no sofá. Miguel sentou-se ao meu lado, mas não parecia que com ele se passava o mesmo que se passava comigo. Eu não estava conseguindo conectar meus pensamentos para formular qualquer frase que quebrasse o clima que havia se iniciado na cozinha, então o encarei, mesmo sabendo que poderia estar demonstrando o contrário do que propus, uma amizade, sem segundas intenções.

Depois de algum tempo (que não sei precisar se muito ou pouco) Miguel se aproximou um pouco mais e passou delicadamente os dedos sobre a minha bochecha: - Lina... – respirou fundo - ... eu sei o que eu quero e sempre achei que soubesse identificar quando era recíproco, mas não sei... – falou com um ao mesmo tempo olhar sedutor e perdido - Realmente não sei o que você quer...

Não respondi. E não sei se culpa do vinho, da companhia, do olhar provocante de Miguel, fui intempestiva como não era do meu costume e me aproximei dele, passando minhas mãos por seu rosto e colando nossas bocas. Começamos a nos beijar com tanta intensidade que aconteceu o que há muito tempo, ou melhor, o que nunca havia acontecido comigo antes: parei de pensar. Nada, absolutamente nada se passava em minha cabeça. Meu corpo era só sensações. Sensações tão boas e desconhecidas que só voltei à realidade quando tive que parar para recuperar o fôlego.

Miguel não falou nada quando nos afastamos, apenas se levantou e me deu a mão para que o acompanhasse. Subimos para o quarto e ainda sem trocarmos uma palavra sequer ele regulou a luz para que ficássemos num escuro confortável.

Tudo estava perfeito, eu havia me permitido não pensar em nada e aproveitar o carinho e a companhia que ele estava me oferecendo, mas de repente senti um aperto no coração, não de um jeito bom como havia sentido algumas vezes na presença dele, uma solidão me invadiu e naquele momento fiz o que não queria ter feito: racionalizei. Pensei em Fábio, nos anos que passamos juntos, em como tudo estava acontecendo tão rápido, como a vida não estava nenhum um pouco interessada em me pedir consentimento para atropelar meus planos e seguir por caminhos que eu não havia planejado. Então desvencilhei minha mão da dele, suspirei mais alto que gostaria e olhei para o teto, tentando organizar meus pensamentos e não parecer tão ridícula para ele.

Miguel sentiu que eu havia vacilado e buscando me dar conforto sorriu e segurou novamente minhas mãos: - Lina, se por algum motivo você pensou que não deveria fazer o que estávamos prestes a fazer, não faça.

Putá merda! Tudo que eu menos quero é passar a impressão de que carrego aquele tipo de pensamento machista e ultrapassado de que a mulher deve reprimir o próprio desejo para manter o macho interessado... Mas como vou explicar o que estou sentindo se eu mesma não estou conseguindo me entender: estou perdendo a oportunidade de passar a noite com este homem maravilhoso só porque estou ressentida por ter sido abandonada por outro homem... Realmente eu sou ridícula!

Eu sorri para ele de um jeito forçado, envergonhada pela minha falta de atitude, mas não dei qualquer explicação, apenas fui descendo as escadas e ao chegar novamente à sala, coloquei meus sapatos e anunciei que estava indo embora.

- Mas já, Lina? – indagou, sorrindo com naturalidade, como se não tivéssemos vivido um momento constrangedor há poucos instantes.

- Miguel, tô muito cansada... – disfarcei – Mas adorei sua companhia, a torta, seu apê... Obrigada por ter insistido. – disse sorrindo – Eu estava mesmo precisando sair de casa um pouco...

- Ah, não vai embora agora não... – pediu com um semblante desapontado, parecendo mesmo querer um pouco mais da minha companhia – Vamos fazer o seguinte, eu abro outra garrafa de vinho e você me conta um pouco mais da sua vida...

Revirei os olhos em tom de brincadeira: - Minha vida? Chega de minha vida! Eu tenho mesmo que ir...

- Tá bom. – concordou entortando os lábios para um dos lados do rosto, demonstrando contrariedade – Eu te levo então.

- Não, não e não mesmo! – protestei com firmeza – Nós bebemos e não foi pouco! Vou de táxi.

- Vou com você.

- Não, Miguel. Você já está em casa.

- Não quero que você volte sozinha para casa. – sentenciou enquanto fechava os botões da camisa preparando-se para me acompanhar.

Fechei o semblante e anunciei com firmeza: - Se você insistir nesta doideira juro que nunca mais aceito nenhum convite seu!

Ele sorriu e juntou as mãos como se estivesse suplicando algo em uma prece: - Posso pelo menos acompanhá-la até o táxi?

Balancei a cabeça mostrando contrariedade, mas aceitei sua companhia. Antes de entrar no carro Miguel me abraçou forte, deu um leve beijo em meus lábios e sussurrou bem próximo ao meu ouvido: - Eu adorei sua companhia.

Talvez noites assim e até mesmo com desfechos melhores fossem rotina na vida dele, mas para mim foi muito além de qualquer expectativa que criei ao aceitar seu convite. Miguel foi muito mais que uma boa companhia, eu o desejei e me permiti (mesmo que para uma visita rápida) que a Lina espontânea e decidida surgisse novamente.

Capítulo 6

DURANTE A SEMANA DIANA HAVIA ANUNCIADO QUE FARIA UMA PEQUENA reunião em sua casa no sábado à noite, só para nós do escritório e os maridos das meninas. Então, no sábado, depois das quatro da tarde começou a me ligar praticamente de hora em hora para confirmar minha presença.

- Pooooorra, Diana! – esbravejei em tom de brincadeira – Eu falei que vou e vou!
- Mas você já confirmou tantos encontros e no último minuto ligava inventando uma desculpa... – retrucou com a voz mole.
- Outros tempos, Di. Eu não estou mais com o Fábio e tenho que decidir por mim mesma o que fazer. Estou sendo absolutamente sincera quando digo que quero muito e que vou me encontrar com vocês hoje! – desabafei tentando fazer com que ela acreditasse em mim.
- Sem furos?
- Sem furos! – prometi e esbravejei gargalhando – Mas agora me dá um tempo!

Nove da noite já estava rodando a chave no ferrolho da porta e mais uma vez vejo o nome de Diana piscando na tela do celular. Ri de seu apavoramento, pois sabia que ela queria muito que eu fosse me encontrar com a turma para sair da fossa que estava nos últimos tempos. Sem perder a oportunidade brinquei tentando enervá-la: - Que foi, Di? Eu tava cochilando... – menti simulando um bocejo.

- Cadê você, vaca?

- Bom – arranhei a garganta e voltei ao tom normal na voz -, eu estava de saída, mas me lembrei de que você não suporta mais me ver vestida com minhas confortáveis leggings e minhas surradas blusas de moletom, então tive que voltar em casa para achar alguma roupa mais ao seu agrado! (era brincadeira: eu estava de jeans, bota e jaqueta. Nada refinado, mas não tão esculachada como estava indo ao trabalho).

Ela suspirou com impaciência: - Venha de pijama mesmo, só não demore.

Toquei a campainha e assim que Mário abriu a porta ouvi gritinhos e palmas em tom de deboche. Entrei no clima, e enquanto olhava um a um comecei a fazer caretas e mostrar o dedo médio em suas direções. Quanto mais protestavam, mais eu continuava, até que gesticulei em direção a uma pessoa que estava de pé, escorada na batente da porta da cozinha e que me olhava com um sorriso divertido no canto da boca. - Miguel! – disse espantada e abaixei o dedo envergonhada – Para você não... me desculpe, por favor... – gaguejei atordoada.

Claro que todos, inclusive ele, caíram na gargalhada. Pus as mãos no rosto, demonstrando arrependimento, e como uma criança em busca de proteção, puxei uma cadeira e me sentei entre Joana e Martinha.

Miguel sem se importar com os olhares de nossos amigos foi até a mesa e me estendeu a mão para que me levantasse. Eu, mesmo sem graça, segurei sua mão e o acompanhei até a varanda. Ele fechou a porta de vidro para que tivéssemos um pouco mais de privacidade (mas na prática, mesmo com todos fingindo que nada de estranho estava acontecendo, dava para ver olhares furtivos e curiosos em nossa direção).

- Está encrencada agora? – perguntou sorrindo com malícia, erguendo as sobrancelhas e balançando a cabeça levemente na direção da sala.

Arqueei as sobrancelhas e cerrei os lábios com um leve sorriso indicando que sim: - Tudo bem? O que você está fazendo aqui? – perguntei curiosa.

Ele abriu um enorme sorriso e respondeu com cinismo: - Bom, eu é que deveria estar fazendo esta pergunta, afinal já estive aqui muitas vezes...

Entortei os lábios para baixo constatando que ele estava certo, a minha presença era novidade.

- Mas – Miguel me encarou e continuou - confesso que, especialmente hoje, estou aqui por sua causa. Eu queria muito te ver de novo.

- Era só ter me ligado. – respondi com impaciência, tentando encerrar o assunto e voltar para a sala.

- E ficar sujeito a um monte de negativas e desculpas até que você aceitasse, se aceitasse, me encontrar novamente. Não mesmo, Lina. Cortei caminho.

- Louco! – resmunguei sem conseguir conter o sorriso.

- Lina, sei que você está desconfortável comigo aqui fora...

Interrompi arrependida por estar parecendo que não gostava da companhia dele: - Não, Miguel, eu só...

- Eu te entendo. Todo mundo ali dentro deve estar louco para saber o que está se passando aqui com a gente... Só quero que converse comigo quando sairmos daqui.

- Claro. – respondi – Agora vamos voltar lá para dentro.

Voltamos para junto dos outros e assim como nós fingiram que nada fora do normal havia acontecido, mas foi só os homens engatarem uma conversa sobre quem deveria ser o novo técnico da seleção brasileira que as meninas me arrastaram para a cozinha com a desculpa de que iríamos preparar alguns petiscos.

Entre sussurros começaram a perguntar sobre a cena que presenciaram.

- Lina, o que foi aquilo de sair para conversar com Miguel na varanda? – perguntou Diana.

- -Vocês pareciam muitos íntimos. – sentenciou Joana.

- Anda, Lina, desembucha! – exclamou Martinha, impaciente.

- Se vocês deixarem eu conto. – brinquei.

Elas se calaram e comecei a explicar falando bem baixinho: - Ontem eu saí para jantar com ele. Na verdade fui para casa dele... – as feições se abriram entre olhares surpresos – Depois eu conto com detalhes, mas adianto que nos beijamos. – concluí sorrindo e fui entregando petiscos em suas mãos para que voltássemos logo para a sala.

- Eu e Miguel mal conversamos o tempo que ficamos na casa de Diana, mas era perceptível o clima de paquera entre nós. Miguel às vezes me encarava de um jeito intenso, fazendo com que meu estômago revirasse de um jeito bom, e toda vez que se levantava dava um jeito de me tocar propositalmente. Foi tão bom me sentir desejada e constatar que eu também estava cheia de vontade, um sentimento que não sei em que época da minha vida com Fábio havia sido apagado de minha memória.

Depois de muito riso, conversas leves e muita bebida, me levantei e anunciei que estava de partida: - Queridos, para mim já deu...

- Para mim também. – anunciou Miguel se levantando rapidamente, sem disfarçar que estava apenas esperando meu anúncio para que partíssemos.

Depois de nos despedirmos, abri a porta e antes mesmo que eu pudesse fechá-la Miguel me abraçou por trás e pudemos ouvir os gritos de euforia do pessoal.

- Louco! Para com isso. – ordenei sorrindo, fechando a porta e tentando me desvencilhar de seus braços.

- Ah, Lina, para quê ficar escondendo o que todo mundo lá naquela sala já sabe? – retrucou me encostando na parede do corredor e me dando um longo beijo na boca.

- Entramos no táxi e Miguel deu o endereço do seu apartamento ao motorista. Não fiz nenhuma menção de protestar, apenas aconcheguei-me em seus braços e desfrutei sem culpa nenhuma seus carinhos enquanto sentia bem de perto seu cheiro bom. Miguel abriu a porta de casa e de novo tive um surto de espontaneidade: o abracei com urgência e comecei a beijar seu pescoço, depois fui subindo até as bochechas e terminei num longo beijo na boca. Ele retribuía tudo com a mesma intensidade, e para deixar bem claro que estava pronta para terminar o que havia começado na noite anterior fui subindo as escadas para o seu quarto.

- Não sei explicar o que havia mudado de um dia para outro dentro de mim, apenas sei que a felicidade de tê-lo encontrado na casa de Diana e o modo carinhoso e sem cobrança com que estava me tratando me fez ganhar confiança e, mesmo não querendo admitir, eu também estava querendo muito ficar com ele. Tudo aconteceu como os gestos dele demonstravam: incrível, intenso e com muito carinho. Depois de muita ação, satisfeita e cansada resolvi aconchegar meu corpo no dele e foi tão

reconfortante que acabei adormecendo. Despertei assustada, sem saber se tinham se passado cinco minutos ou cinco horas que tinha fechado os olhos, então me levantei rapidamente e fui saindo pé ante pé em busca da minha bolsa para achar o celular e ver as horas.

- Lina, não me diga que é tão fã assim de comédias românticas e está querendo imitar as protagonistas confusas e partir sem me avisar? – disse sorrindo maliciosamente, acendendo a luz do abajur, sentando na cama e recostando na cabeceira.

- Apenas de calcinha e sutiã, envergonhada por me sentir totalmente exposta, retornei para a cama e me enfiar debaixo do lençol: - Não, Miguel... – respondi sem graça – eu só estava indo até a sala para saber que horas são, pois não tenho a mínima ideia...

- E o que isso importa? – indagou me puxando para sentar em sua frente, aninhando-me em seus braços e enchendo meu pescoço e ombros com leves beijos.

- Eu preciso saber se já é muito tarde...

- Por quê? Você tem algum compromisso? – continuou parecendo se divertir com a minha confusão.

Saí do seu abraço e me virei para que pudesse olhá-lo de frente: - Olha, Miguel, eu preciso saber como funciona...

- Como funciona o quê, Lina? – perguntou com o semblante realmente confuso.

- Ora, Miguel, como eu devo agir agora: a gente conversa mais um pouco e vou embora?

- Ele balançou a cabeça parecendo não estar acreditando no que estava ouvindo: - Lina, por que você acha que eu quero que você vá embora?

- Então me explica como deve ser. – pedi com sinceridade.

Miguel remexeu o corpo, respirou fundo e respondeu: - Não há regras, Lina. Não existe um manual dizendo como duas pessoas devem agir após o sexo. E nunca, nunca mesmo nenhuma mulher me fez uma pergunta destas!

- Mas acontece. Não acontece? Nem sempre você quer que a mulher passe a noite inteira com você e também uma mulher pode não querer sua companhia até o final da noite...

Ele não aguentou, sorriu e segurou minhas duas mãos: - Acontece, Lina, mas a gente percebe... ou sei lá, inventa uma desculpa. – então expirou profundo e continuou - Agora preste atenção: eu não quero que você vá embora! – Depois fez uma cara de desconsolo - Você quer ir?

Balancei a cabeça em negativa. Ele apagou a luz e entre carícias foi colocando seu corpo sobre o meu mais uma vez.

Acordei e Miguel não estava mais na cama, então vesti minha roupa, fui para o banheiro dar uma ajeitada no cabelo, bochechar um pouco de antisséptico bucal e desci à sua procura. Ele estava sentado no sofá, de calça de moletom e camisa branca de malha, mexendo no notebook. Ao perceber minha presença na sala, abriu o sorriso, colocou o computador no sofá e se levantou caminhando em minha direção: - Bom dia, dorminhoca. – disse me abraçando com força e beijando meu pescoço.

Entortei os lábios para um lado: - Dormi demais? – perguntei envergonhada.

- Não. Estava brincando, ainda não são nem dez da manhã. – afirmou segurando minha mão e me levando até a cozinha. A mesa estava posta com um farto café da manhã: frutas, pães, biscoitos, iogurte, bolo,

torradas... Parecia um hotel de luxo, tudo lindo, de qualidade e com fartura.

- Quanta coisa, Miguel! – constatei espantada, enquanto me sentava.

Ele levantou os ombros: - Eu ainda não sei do que você gosta... – sorriu timidamente e levantou os ombros.

Coloquei um pouco de café na xícara e Miguel, enquanto passava geleia numa torrada, me perguntou parecendo contrariado: - Você não vai comer nada?

Pensei um pouco e respondi morta de fome: - Só um pedaço de bolo e um pãozinho talvez... – sorri sem graça analisando as inúmeras opções e continuei: - Mas vou ser bem rápida, tudo bem?

Miguel pareceu ter ficado enfurecido, colocou a torrada em cima do prato, respirou fundo e me olhou com seriedade: - Por quê?

- Porque... porque... ora... Miguel, para não ficar ocupando muito mais seu tempo...

Ele não se conformou e continuou me olhando com seriedade: - De novo a história de ir embora...

Coei a cabeça, suspirei fundo e comecei a falar também com o semblante sério: - Miguel, para você eu posso estar parecendo uma louca, mas eu não quero incomodar. É só isso!

- Você não está me incomodando, eu quero muito você aqui comigo! – afirmou abrindo um semblante sorridente.

- Não quero te chatear, mas...

Miguel passou as mãos nervosamente pela cabeça, respirou fundo, olhou para o teto e sorriu: - Putz, Lina, o assunto não terminou?

- Vamos só combinar um horário? – pedi espremendo os olhos, fingindo temer sua reação.

- Tudo bem, se está em minhas mãos o poder de decidir isso, vamos lá... Hoje você fica comigo o dia todo e a noite toda! – concluiu com um sorriso satisfeito.

- Não! Nem tanto... – arregalei os olhos em sinal de espanto - Mas prometo tomar o café da manhã mais relaxada, agora sei que você não quer que eu vá embora.

Miguel me puxou e novamente me deu um longo beijo na boca. Assim que nos soltamos ele me olhou cheio de carinho perguntou: - Lina, achei que tivesse deixado bem claro o quanto eu te quero. Por que você pensou o contrário?

Eu suspirei e entortei os lábios para baixo antes de respondê-lo: - Eu vivi dezesseis anos com um homem que um dia, sem aviso prévio, anunciou que queria se separar e me disse sem rodeios que estava apaixonado por outra mulher... – suspirei e continuei - E Miguel, eu nem suspeitei que havia algo errado entre nós! Eu nunca cogitei a possibilidade de estar sendo traída. Então desconfio que não tenho desconfiômetro. – desabafei e sorri em seguida para não estragar o ótimo clima.

- Quer saber, Lina, larga logo esta comida porque eu vou te levar para o quarto e vamos fazer muito sexo! – afirmou em tom de brincadeira e sorriu - Acho que ontem a noite você nem gozou de tão preocupada que devia estar pensando se deveria ir embora. – concluiu arrastando minha cadeira, sorrindo com malícia.

- Isso você não vai saber... – respondi com cinismo.

Capítulo 7

CONFESSO QUE DEPOIS DE TER PASSADO O FINAL DE SEMANA COM MIGUEL levantei na segunda-feira muito mais disposta, animada do tipo “viver a nova semana” e não “enfrentar mais uma semana” como vinha acontecendo. O sexo sem compromisso teve seu valor, mas não posso negar que estar na companhia de um homem fisicamente maravilhoso, atencioso e muito carinhoso me fez despertar da letargia pós-separação. Aproveitei que estava animada e saí para o trabalho bem mais cedo que o costume. Cheguei antes de todas as meninas, preparei nosso café e comecei a trabalhar, tentando conseguir adiantar um pouco a correção do livro do Celso, o psicólogo. Meu sossego não durou muito, pois à medida que minhas amigas chegavam mais era pressionada a contar sobre o que tinha acontecido depois que deixei a casa de Diana acompanhada por Miguel.

- Tudo bem! – bufei simulando irritação – Vocês venceram! – disse enquanto salvava meu trabalho no computador. Em seguida girei minha cadeira e fiquei de frente para elas: - Sim, meninas. Fui para casa de Miguel na sexta. Fizemos muito, muito sexo! – revirei os olhos em brincadeira e suspirei – Do tipo muito, muito, muito perfeito. E não foi só isso: fiquei lá praticamente o fim de semana todo, só voltei para o meu apartamento ontem à noite.
- Nossa mãe, então ele é mesmo tudo que aparenta? – indagou Martinha suspirando com euforia.
- Nada de propaganda enganosa! – respondi sorrindo com malícia.

- E agora, marcaram alguma outra coisa? – perguntou Diana tentando disfarçar a preocupação.

Eu desfiz o sorriso e falei com seriedade: - Não falamos nada sobre possíveis futuros encontros, mas não se preocupe eu não estou criando expectativas.

- Não é isso, Lina...

- Eu sei que você está preocupada, mas não fique. Eu aproveitei muito! Di, foi uma injeção de ânimo e só. – levantei os ombros - Como você disse, “apenas sexo”. – afirmei com sinceridade. - Ai, ai... tô até com inveja... – divertiu-se Joana, suspirando lentamente e revirando os olhos.

- É... foi legal... – simulei desdém.

- Legal?! Legal é quando o flanelinha não chama a gente de tia. Sair com aquele indivíduo perfeito é no mínimo sensacional! – afirmou Martinha divertindo-se.

Voltamos ao trabalho e senti meu celular vibrando na mesa. Por mais ridículo que fosse e contrariando totalmente meu discurso de que não esperava mais nada de Miguel, desejei que fosse ele, mas aconteceu o que eu vinha há tempos rezando para que acontecesse, era uma chamada de Fábio. Claro que senti um frio estranho devido à surpresa, mas não foi nada arrebatador como imaginei que seria quando nos falássemos pela primeira vez após a separação.

- Lina, tudo bem? – perguntou Fábio num tom arrastado e frio.

- Tudo. – respondi secamente.

- É o seguinte, precisamos conversar para decidir sobre o apartamento. – sentenciou com frieza, como se estivesse tratando sobre um investimento com a gerente do banco – Será que nós podemos almoçar juntos hoje? – perguntou com um tom de descaso, como se

fosse uma espécie de sacrifício que estava disposto a fazer para obter algum ganho posterior.

Faltavam menos de quatro horas para a hora do almoço e eu precisava de mais tempo para me preparar para um encontro com ele. Bobagem ou não eu queria estar linda, exalando autoconfiança e charme, e para isso seriam necessárias mais do que quatro horas de preparo: - Não vai dar, tenho um compromisso na hora do almoço. – despistei tentando soar naturalidade.

Ele respirou fundo demonstrando impaciência e respondeu com rispidez: - Hoje à noite, depois do trabalho, lá naquele café perto do meu escritório, o “Varanda”. Pode ser? Precisamos resolver logo algumas questões.

Fábio merecia uma resposta bem atravessada, mas não estava disposta a deixar que ele conseguisse me tirar do sério, então respondi de forma fria: - Amanhã, no “Varanda”, às sete da noite.

Novo suspiro: - Como você quiser, Lina.

No outro dia saí do escritório um pouco antes das seis para tentar chegar pontualmente ao tal café. Nada de extraordinário ocorreu no meu dia, não levantei magicamente deslumbrante e nem irradiando autoconfiança. Na prática apenas demorei um pouco mais revirando as caixas de papelão à procura de alguma roupa menos velha para o encontro com Fábio. Depois de muitos “merda”, “saco”, “idiota” (xingamentos que direcionava a mim mesma quando percebia o quanto vinha sendo relapsa comigo mesma, usando por anos a fio as mesmas roupas), optei por uma blusa listrada em branco e azul-marinho, cachecol vermelho, calça jeans e botas de cano alto.

Pouco depois das sete cheguei ao local combinado e Fábio já estava lá, sentado numa mesa no canto. Seria mentira se dissesse que não senti nada ao vê-lo: estava com raiva, me sentindo traída e humilhada, mas nada disso me impedia de sentir saudade, mesmo me odiando por isso. Por um instante, percebendo que ele estava distraído e ainda não tinha notado minha presença, fiquei observando aquele homem tão lindo na aparência: alto, de pele muito branca contrastando com os cabelos lisos e pretos, o corpo magro, porém definido e aqueles olhos pretos, redondos e enormes pelos quais eu havia me apaixonado na primeira vez que o vi. Acabei me perdendo na confusão de sentimentos que ele acenou, parecendo irritado pela minha lerdeza para chegar até a mesa.

Assim que me aproximei, ele automaticamente se levantou forçando um sorriso e beijou de leve minhas bochechas: - Tudo bem, Lina? – perguntou de forma arrastada, demonstrando não estar nem um pouco empolgado com a minha presença.

Balancei de leve a cabeça assentindo.

- Pedi dois cafés. Você quer mais alguma coisa? - Não.

A atendente não demorou para nos servir e logo após o primeiro gole ele começou a falar: - É o seguinte, Lina, contratei um corretor e ele avaliou o preço do apartamento. Enviei minha proposta para o seu e-mail, mas não sei se viu, pois ainda não me mandou nenhuma resposta. O que você achou?

- Eu também consultei um corretor e não vimos nenhum problema na proposta que me fez sobre o valor do imóvel...
- Ótimo. Agora é só a gente chegar a um acordo sobre a forma que farei o pagamento.

Ajeitei minhas costas na cadeira, coloquei os antebraços na mesa e o encarei com firmeza: - Para mim o valor do imóvel está correto, mas e

quanto a tudo que temos dentro do apartamento? Quero negociar com você para que cheguemos ao valor exato que você acrescentará ao pagamento pela minha parte.

Pude perceber o peito dele se estufar e as narinas se abrirem demonstrando a raiva que sentia: - Porra, qual é a sua, Lina? Agora tá de vingancinha? Nós sabemos muito bem que fui eu que paguei a maior parte do apartamento!

Tomada pela mesma raiva que ele o respondi com rispidez: - Pare com este seu papo furado de que pagou a maior parte do apartamento! E quanto aos móveis, as porcarias dos pratos, panelas, copos, sofá, televisão e até mesmo os insignificantes jarrinhos de flor? – enfurecida continuei - Me diga quem mobiliou aquela merda toda?

Fábio pareceu ter se espantado com a postura combativa que assumi, algo que acho que ele nunca tinha visto: - Quando você se tornou esta mulher mesquinha e amarga, Lina? – resmungou.

Arregalei os olhos e novamente rebati: - Hum... deixa eu pensar... Acho que foi no dia que descobri que vivi boa parte da minha vida ao lado de um imbecil!

- Lina, realmente estou decepcionado com você. – afirmou com a impáfia de um adulto repreendendo uma criança por uma resposta inesperadamente malcriada.

Suspirei com impaciência: - Fábio, pense o que quiser de mim, porque eu também não tenho nenhum bom adjetivo em minha mente a seu respeito.

Ele novamente me olhou surpreendido, provavelmente se perguntando de onde havia saído aquela Lina cheia de argumentos e decisões: - Tá bom. Não tem sentido ficar aqui discutindo com você, vou conversar com a Laura e depois entro em contato sobre a nossa decisão.

Decidi me levantar antes de perder por completo a sanidade e socar a cara dele por ter tido o disparate de me dizer que resolveria sobre as nossas coisas com a outra mulher e saí sem ao menos me despedir.

Tudo que consegui segurar dentro daquele café desabou assim que cheguei à rua. As mãos frias tremiam descontroladamente enquanto o choro saía forte e angustiado, impulsionado pela imensa raiva e tristeza ao me dar conta de que havia dedicado boa parte da minha vida em fazer feliz um homem que não teve sequer respeito por mim, nem por nossa história.

Eu caminhava pelas ruas ora com rapidez, ora fazendo pausas para recuperar o fôlego, enquanto seguia em direção ao meu carro que havia deixado a dois quarteirões da padaria por não ter encontrado vaga perto do local do nosso encontro.

Por que eu tinha que economizar logo agora? Por que não paguei a porcaria de um estacionamento qualquer aqui por perto? Agora tô aqui perdida e pelo visto com a cara deformada, pois não há quem passe sem me dar uma encarada!

Mas o que estava ruim ficou ainda pior: tive a infeliz ideia de entrar numa outra padaria e comprar um café (mais um), sentar um pouco e tentar me acalmar. Dois passos para dentro e dei de cara, na verdade dei de cara com as costas de Miguel, que estava sentado em uma das mesas abraçando uma mulher que não precisei mais do que um segundo para constatar que era Sheila, a rolo e colega de trabalho.

Só faltava esta! Quem encontra um conhecido em São Paulo sem ter combinado? Sinceramente, céus, me responda o que eu fiz de tão errado?

Respirei fundo e já ia me virando para sair, mas meu olhar cruzou com o de Sheila, que então se afastou um pouco de Miguel e acenou em

minha direção com a cabeça. Para não dar a impressão de que a cena havia me incomodado (embora tenha sido como uma paulada na cabeça) segui rumo ao balcão disposta a não mais pedir um café e sim uma água, pois assim poderia deixar o local rapidamente.

Mas antes que conseguisse fazer o pedido Miguel parou na minha frente impedindo minha passagem: - Lina - disse ele com o semblante totalmente desconcertado assim que se aproximou –, o que você está fazendo por aqui?

- Oi, Miguel. – cumprimentei friamente sem respondê-lo e fui me desviando em direção ao balcão.

Ele me deteve parando novamente à minha frente. Eu o encarei e levantei os ombros como se pedisse que me deixasse passar: - Miguel, só vim comprar uma água. Outro dia a gente conversa...

Ele passou as mãos nervosamente pelos cabelos, respirou fundo e, como todo cretino pego em flagrante, não conseguiu formular suas frases com clareza: - Lina... eu... eu não achei que você... a gente precisa conversar. – afirmou por fim.

Dei uma olhada para o lado e vi que Sheila estava de costas para a gente, mexendo no celular. Respirei fundo demonstrando a insatisfação por estar sendo impedida de passar e respondi com sarcasmo: - Pode ficar tranquilo, não demoro mais que o tempo de comprar uma água. Tentei passar mais uma vez, mas ele segurou com delicadeza meu braço. Revirei os olhos demonstrando impaciência: - O que foi, Miguel?

- Você estava chorando? – perguntou condoído.

Ah, não! Será que ele está pensando que esta cara inchada é por causa dele?

Pior do que contar a verdade era deixar que ele cogitasse a possibilidade de que aquela minha cara infeliz tivesse algo a ver com a

cena romântica que ele e Sheila protagonizavam. Respirei fundo, passei as mãos pelo rosto e sentenciei secamente: - Olha, Miguel, acabei de ter uma briga terrível com meu ex-marido... – e finalmente consegui seguir adiante.

- O que ele te fez? – perguntou com raiva e ansiedade, parando ao meu lado no balcão.

- Bom, além de me fazer sentir a pior mulher do mundo e estar tentando me passar a perna na divisão dos nossos bens, nada. – afirmei sorrindo com cinismo – Agora me deixe passar, quero muito chegar logo em casa!

- Eu preciso te explicar...

Espalmei minha mão para o alto indicando que nem tentasse continuar aquela conversa: - A gente conversa outro dia. Agora volte para a mesa onde estava, não deixe a Sheila à sua espera. - Deixa eu te levar para casa... você não está bem... – sentenciou carinhosamente enquanto abria os braços tentando me abraçar.

Aquele gesto me fez ficar com mais raiva ainda, então suspirei e concluí: - Não seja mais babaca do que está sendo agora!

Assustado deu um passo para o lado me dando a oportunidade de passar, mas decidi desistir da água, me virei e saí da padaria sem me importar em despedir de Sheila.

Cheguei em casa arrasada e fui direto para o chuveiro. Depois de um bom banho, tomei um remédio para dor de cabeça e me enfiei debaixo das cobertas. Eu não queria chorar, nenhum daqueles dois imbecis (Fábio e Miguel) mereciam minha tristeza, mas não conseguia evitar que as lágrimas caíssem cada vez que pensava em como estava sendo boba e mais o choro vinha forte.

Não demorou muito e meu interfone tocou. Sabia que não era o Fábio, pois este não havia se dado ao trabalho de me perguntar para onde eu tinha me mudado e sabia que não era Miguel, pois estava com Sheila. Então me levantei vagarosa e desanimada para atender: - Oi... – resmunguei.

- Lina, é o Miguel. Posso subir?

Meu coração acelerou e pega de surpresa não soube o que responder de imediato: - Miguel, me dê cinco minutinhos e eu desço.

- Tudo bem, eu te espero.

Coloquei um sobretudo de lã por cima do pijama e enfiei os pés nos chinelos e desci daquele jeito, mesmo sabendo o quanto ridícula estava. Abri a porta da recepção e Miguel estava lá, de pé, ainda de terno, com as mãos nos bolsos e os ombros arqueados tentando se proteger um pouco do vento frio.

Ele me viu e sorriu sem mostrar os dentes. Retribuí o sorriso e me aproximei dele: - Desculpe não te convidar para subir, mas você sabe que não tenho nem lugar para sentar...

- Tudo bem... – respondeu com a boca forçando um sorriso, mas os olhos entristecidos – Vamos a algum lugar onde a gente possa conversar um pouco...

Apontei para a minha roupa, indicando que não estava adequadamente vestida e Miguel deu um passo para frente, quase fazendo com que nossos corpos se juntassem. Eu não devia, mas meu coração afundou dentro do peito e precisei fechar os olhos para reestabelecer meus sentidos.

- Lina, eu sei que é muita intromissão, mas, por favor, me diga se o teu ex te fez alguma coisa... – suplicou sussurrando com os lábios quase se encostando ao meu.

Como estava encostada na parede do prédio, dei um passo para o lado me afastando dele: - Desculpe pelo desabafo lá na padaria, eu estava com muita raiva e despejei tudo em você... Não foi nada demais, apenas uma discussão sobre o valor do apartamento. – respondi tentando não demonstrar nenhuma rispidez.

- Eu posso cuidar de tudo para você...

Desta vez sorri com sinceridade: - Tinha entendido que você não pegava este tipo de caso.

Com o semblante sério e os olhos fixos em mim respondeu: - Não é um caso, é você.

Engoli em seco sua declaração e tentei disfarçar: - Acho que não será necessário recorrer à justiça para resolvermos sobre a partilha, mas eu te agradeço, e se precisar pode deixar que peço a você que me indique um advogado desta área.

Miguel demonstrou impaciência, passou as mãos pelo rosto e novamente se aproximou de mim: - Eu preciso me explicar...

- Não. Não precisa. – respondi enfática.
- Por favor, Lina...
- Miguel, é o seguinte, eu já havia sido alertada sobre você... Sobre o quanto é mulherengo e tal... Além do mais nós não fizemos juras de amor, não temos nenhum vínculo afetivo, então não se sinta culpado. O que você faz, com quem você faz não é da minha conta. – e antes que ele me interrompesse suspirei alto e continuei – Tudo bem, admito que não foi legal ver o cara que estava comigo há menos de 48 horas abraçado com outra mulher. Mas paciência... é a vida. – afirmei entortando os lábios para baixo e levantando os ombros.

Miguel deu outro passo em minha direção: - Agora é minha vez de falar. Lina, eu imagino que a Diana já comentou com você sobre a

minha história com a Sheila, pois várias vezes ela nos viu juntos.

- Eu não sei sobre a sua história com ela – interrompi -, sei apenas que vocês têm uma. Mas não precisa me explicar nada. Como te disse, não me senti traída. – suspirei em busca das palavras certas - Decepcionada talvez.

- Eu e Sheila estávamos no escritório de um cliente e assim que saímos propus que fôssemos a algum lugar para conversar... – ele suspirou – Quando você chegou na padaria eu tinha acabado de contar para ela que passei o final de semana com você. Nem eu, nem ela costumamos dar explicações sobre nossos encontros... paralelos, talvez seja a palavra. Acontece que mesmo sem saber se você aceitaria ficar comigo novamente quis deixar claro para ela que gostei muito e queria repetir por tempo indeterminado nossos encontros, só eu e você, mais ninguém...

Fiquei surpresa com aquela declaração e se estava sendo inocente ou não acreditei em sua explicação, até que me lembrei que eles não estavam apenas conversando, estavam abraçados e com os rostos colados e este tipo de atitude não parece típica de términos: - Vocês estavam juntos... – retruquei.

- Eu sei que você viu. Não pretendo inventar desculpas, só quero que tente entender a situação: estamos neste relacionamento aberto há anos. Muitas pessoas passaram, mas não ficaram... Então se coloque no lugar dela, não é nada fácil estar acostumada a ter a certeza de que tem um relacionamento louco, porém inabalável e de repente ouvir do parceiro que conheceu uma mulher e que ele não precisou de mais do que um encontro para decidir que não quer mais continuar o que tinham, que agora quer fazer de tudo para conquistar esta outra mulher...

Meu coração afundou, mas tentei manter a postura firme: - Eu só quero entender uma coisa: se tudo isto que está me dizendo é verdade

porque vocês estavam num clima de romance? – perguntei evitando qualquer tom de cobrança.

Ele sorriu desanimado: - Não era clima de romance, era clima de final de romance... Acredite, fiquei me sentindo pela primeira vez um traidor. Eu nunca senti que estava magoando ela quando saía com outras mulheres, nem me sentia traído quando Sheila iniciava um romance qualquer, mas me senti mal por ter gostado de você tão rápido e perceber que o que vivia com ela era nada... – respondeu com os olhos parecendo sinceros e se recostou na parede do prédio, olhando para o céu, demonstrando estar surpreendido por sua própria confissão.

- Miguel, você se explicou e não sei se sou muito louca ou muito boba, acho que os dois... – afirmei sorrindo - Mas acredito em você. Acredito em tudo que me disse, só não quero. – sentenciei suspirando e cruzando os braços em sinal de defesa – O final de semana foi muito bom e talvez se fosse em outra época da minha vida eu me sentiria mais forte para tentar... Me entenda, por favor, eu preciso ficar sozinha um tempo, organizar meus pensamentos, minha vida... – sorri cerrando os lábios e expirando com força – Tudo que eu menos preciso é de um homem lindo de tirar o meu e muitos outros fôlegos! – brinquei.

- Não faz isso, Lina... – pediu em tom de súplica enquanto se aproximava novamente de mim.

- Acho que você está supervalorizando esta situação... – afirmei certa de que o traria à realidade – As coisas não acontecem assim, de forma tão repentina. Você mal me conhece...

- Concordo com você: as coisas não acontecem de forma tão repentina, eu mesmo levei quase quarenta anos para sentir isso. – finalizou.

Balancei a cabeça em negativa: - Miguel, eu estou com frio e cansada... vou subir...

Ele, parecendo não conseguir se controlar, encostou seus lábios levemente nos meus, fazendo meu corpo todo perder as forças, mas se afastou logo em seguida. Então aproveitei e fiz um último pedido: - Por favor, não mande flores, bombons, quentão, livros... – enumerei sorrindo para que ele entendesse que não havia raiva em mim – Eu não quero tentar... – sem esperar sua reação dei as costas e fui entrando no prédio.

Capítulo 8

- Ih, Joana, olha a Lina de moletom de novo! – exclamou Martinha ao me ver entrando no escritório.

- Foi tão ruim assim o encontro com Fábio? – perguntou Diana sob os olhares atentos de Martinha e Joana.

Cerrei os lábios e arqueei as sobrancelhas confirmando que não havia nada de bom a ser dito, enquanto jogava minha bolsa em cima da minha mesa: - Sempre achei que aquela história de inferno astral era uma coisa que acontecia um pouco antes do aniversário... – respondi em tom de brincadeira, minimizando a raiva que estava sentindo.

- Ele foi muito babaca? O que te disse? – indagou Joana.

Desta vez não esperei que elas insistissem para que eu falasse e fui logo resumindo tudo: - Ele veio com aquele blá, blá, blá de que havia pagado a maior parte do apartamento... – revirei os olhos – Ridículo! Ele pagou uma ou duas prestações sozinho porque EU estava pagando os móveis daquela casa. Mas não fiz o tipo “deixa para lá” que ele conhece tão bem, me impus e não aceitei a proposta dele. – afirmei assertiva.

- Isso aí, Lina, nada de dar mole! – afirmou Diana com cumplicidade – Ele põe uma vaca qualquer morando na casa de vocês e ainda quer sair em vantagem financeira!

- Eu não teria aguentado, daria um soco bem no meio daquela carinha branquela e quebrava aquele nariz fino em mil pedaços... – desabafou Joana.

- Mas não é só isso, meninas... – continuei falando enquanto forçava um sorriso - Depois do encontro desastroso com Fábio, parei numa padaria para tentar dar uma acalmada e dei de cara com o Miguel e a Sheila juntos!

- Como é que é? – perguntou Diana arregalando os olhos em sinal de espanto.

Depois de ouvir os lamentos sinceros de minhas companheiras pela minha falta de sorte e também pela falta de decência dos dois últimos homens que fizeram parte da minha vida, contei detalhadamente sobre o meu primeiro encontro e de forma resumida sobre o segundo, para que elas compartilhassem comigo a decepção que estava sentindo por Fábio, mas não percebessem que também estava mais abalada do que deveria por ter visto Miguel e Sheila juntos:

- Estou bem. – afirmei sem muita verdade em minhas palavras - Eu sabia muito bem onde estava me metendo quando aceitei sair com ele... só não queria tê-lo visto com outra pessoa... Mas, querem saber? Foi bom. Assim eu não caio mais em tentação!

- Não sei não... – resmungou Joana pensativa – Pelo que você contou, acredito que Miguel estava sendo bem honesto com você...

Balancei a cabeça em negativa: - Eu também acreditei, mas não é este o ponto. A Sheila e o Miguel trabalham juntos, dormem ou dormiam juntos... Enquanto eu for novidade para ele, pode ser que consiga se concentrar só em mim... Mas e quando eu não for mais a conquista do mês? Ela ataca, ele cede e eu me ferro!

- Concordo com você, Lina. – respondeu Martinha.

- Eu também. – afirmou Diana – A história deles é meio louca... parece que ao mesmo tempo se querem e não se querem. Acho bom você não se iludir.

Eu, que tinha começado a semana animada, com bom humor e autoestima elevada, não tive o prazer de manter estas sensações por mais de dois dias, na quarta-feira já estava novamente entregue à degradante autopiedade. Depois de uma quinta monótona e o dia de sexta angustiante por pensar que seria mais um final de semana longo e triste, passei no mercado assim que saí do trabalho, comprei muitos petiscos gordurosos e nada saudáveis e algumas garrafas de vinho, me preparando para beber muito, me entupir de porcarias e ficar quietinha naquele apartamento mal-assombrado.

Depois de um bom banho abri a primeira garrafa de vinho, um pacote de salgadinhos e liguei meu computador. Mexi um pouco nas minhas redes sociais, mas sem paciência nenhuma desisti de ficar observando a vida dos outros, remexi em alguns arquivos do trabalho e decidi dar uma olhada superficial no livro que estava corrigindo sobre superação pós-término. Desta vez, sem olhar crítico sobre a ortografia, comecei simplesmente a ler descompromissadamente.

Capítulo I: Reflita

Hum, acho que é uma boa dar uma lida neste capítulo. Quem sabe se depois de refletir muito eu chegue à conclusão de que estou certa por estar odiando algumas pessoas neste momento?!

Copo cheio, garrafa ao lado da cama e...

I – Escreva num pedaço de papel o nome de todas as pessoas que o/a magoaram profundamente (pessoas que fazem parte da sua vida ou até mesmo que ficaram no passado).

Em seguida, escreva de forma resumida as situações em que estas pessoas te magoaram.

Merda! Nem acredito que vou fazer isso! Bom, pelo menos vai fazer com que eu gaste meu tempo!

Saí em busca de papel e caneta e voltei para a cama revivendo várias mágoas...

- 1) Ter pedido um biscoito de polvilho para uma menina durante o recreio no jardim de infância e ela, além de ter me negado (embora eu sempre tivesse dividido minhas balas com ela) saiu dizendo para todos da nossa sala que eu era pidona.

Mais um grande gole de vinho...

- 2) Perder meu primeiro amor porque ele preferiu minha irmã afirmando, segundo o que ela me contou, que eu era magra demais...

Mágoas, mágoas, mágoas... grandes, pequenas, infantis, relevantes...

Fui escrevendo numa rapidez e quanto mais achava que estava perto de terminar me lembrava de mais alguma coisa.

- 24) Ter insistido desde minha formatura para que Fábio começasse a pensar na ideia de termos um filho (meu maior sonho) e ter preferido abrir mão da maternidade para manter aquele casamento horrível.

E listei mais algumas mágoas mais recentes e atuais...

Depois de não estar mais disposta a continuar com a tortura resolvi continuar lendo o livro.

II – É bem provável que ao reviver todas estas situações de sofrimento você deva estar querendo desistir de continuar a leitura, mas não desista. Releia tudo o que escreveu e responda com sinceridade para você mesmo (a) como se portou diante destas adversidades: Você agiu de forma passiva ou reativa?

Reli minha lista e cheguei à conclusão de que na maioria das vezes agi de forma passiva, pois mesmo quando ensaiava alguma reação preferia me calar por medo de magoar as pessoas.

III – Independente de como reagiu (ativa ou passivamente) se estivesse satisfeito (a) com o desfecho da situação não existiria mais a mágoa tão presente em sua vida.

Então agora faça um teatrinho mental, revivendo cada situação descrita, porém, dê um novo desfecho a ela. Corrija, em sua mente a parte em que você acredita que falhou.

Fui ao banheiro, lavei o rosto, troquei o vinho por água e comecei a recriar as histórias mentalmente.

IV – Agora tenha em mente que não há como consertar alguns erros do passado, mas há como se conhecer melhor e descobrir que é preciso calma e coragem para tomar as atitudes que menos lhe causarão danos futuros, permitindo que você viva em paz.

Por exemplo, se você se descobriu uma pessoa altamente reativa e percebeu que acumula sentimentos ruins mesmo assim, então suas reações não estão lhe fazendo bem.

Mas preste atenção, a solução não está em agir numa atitude extrema oposta. A saída para uma vida mais leve está em ponderar quando ou não reagir. Pense se sua reação lhe trará conforto ou arrependimento.

V – Pegue as folhas que você usou, rasgue-as e livre-se delas.

VI – Uma reflexão importante: Você foi e certamente será magoado nova e inúmeras vezes mais, mas acredite, você intencionalmente ou não também falha com as outras pessoas, pois não é um ser humano infalível, então dê às suas atitudes o mesmo valor que dá às ações alheias.

Charlatão de uma figa!

Depois de chorar bastante percebi que Fábio, em pelo menos um aspecto, estava coberto de razão: eu era mesmo o tipo de pessoa “morna” que preferia suportar uma vida sem grandes emoções ou conflitos apenas para não ter que me posicionar.

Quando me dei conta que já se passavam das duas da manhã decidi parar de ler o livro, mas queria revelar para Celso que estava usando seu material em benefício próprio, então antes de desligar o computador enviei um e-mail para ele:

Olá, Celso. Tudo bem? Infelizmente este meu e-mail ainda não é para avisá-lo sobre o término do meu trabalho de correção (mas estou quase na metade), é apenas para confessar que hoje comecei a ler o livro em benefício próprio (aviso desde já que comprarei meu exemplar tão logo esteja à venda e deixo bem claro que não costumo fazer isso. Se não estiver de acordo comprometo-me a não utilizá-lo enquanto não estiver devidamente pronto).

Acontece que acabei de me separar e estou me sentindo tão sozinha e perdida que vi em sua obra uma oportunidade de encontrar um rumo para retomar minha vida... Não é fácil seguir seu programa e também não é nada prazeroso... Mas vai dar certo, não é mesmo?

Obrigada e me desculpe pelo abuso,

Lina Sobral

Olhei no relógio e vi que era quase uma da tarde, então decidi sair da cama. Minha ideia era tomar um café e recomeçar a leitura do livro, pulando o capítulo “Perdoe” (ainda não estava preparada para isso) e ir direto para o capítulo “Recomece”, mas antes mesmo de ligar meu computador fui atender meu telefone e fiquei bem apreensiva ao ler o nome de Celso na tela. Meu temor era que ele estivesse enfurecido por eu estar lendo seu livro, mesmo que por várias vezes já tivesse me perguntado minha opinião sobre o conteúdo.

- Bom dia, Celso.

Uma voz animadíssima, bem típica do dono, respondeu meu cumprimento: - Bom dia, minha linda Lina!

Respirei fundo e sentenciei: - Acho que já leu meu e-mail... Está muito bravo comigo?

Ele gargalhou: - Bravo? Não, não, menina sofredora. Eu estou muito feliz. Sabe por quê?

Nossa, tanta felicidade porque eu estou lendo o livro! (ri internamente).

- Não... – resmunguei.

• Porque a senhorita acabou com um problema que estava consumindo meus nervos! – anunciou empolgado.

Com a voz mais animada brinquei: - Não faço ideia sobre o que você está falando, mas fico feliz por saber que meu sofrimento tem sido a causa de felicidade de algumas pessoas... – disse me referindo ao meu ex, sua nova esposa e agora o próprio autor do livro.

Ele gargalhou novamente: - Você é uma pessoa muito esperta, Lina! Mas vou logo ao ponto: meu livro se chamará “Vai dar certo!”

• Que ótimo! – afirmei com sinceridade – Enfim conseguiu pensar num título!

• Querida, foi você que me deu de bandeja este nome. No final do seu e-mail você me perguntou se iria dar certo, se lembra?

Forcei um pouco a mente e me lembrei de ter feito a pergunta: - Sim... mas...

• Mas nada. Troquei o ponto de interrogação por exclamação e pronto. – Celso suspirou aliviado e concluiu – Você me mostrou que o que o público alvo do meu livro quer apenas isso: que dê certo. As

pessoas se dispõem a seguir algumas instruções, dolorosas ou não, com uma única finalidade, que o resultado seja positivo!

- Que bacana, Celso! Estou realmente feliz!
- Então vamos comemorar! – afirmou naturalmente.
- Comemorar?
- Sim, Lina. Vamos almoçar juntos! Assim a gente comemora a escolha do título e você me conta um pouco da sua história...
- Aí eu estrago a comemoração. – sentenciei ranzinza.
- Anote aí o nome de uma típica cantina italiana, de um casal amigo meu. Nós seremos muito bem servidos. Você vai adorar!

Depois de decidirmos a hora, nos despedimos e mesmo não tendo acordado me sentindo a melhor das criaturas, resolvi aceitar o convite, pois seria ótimo não passar o dia trancada dentro daquele muquifo.

Mesmo tendo que pegar um metrô para chegar até o restaurante, que ficava apenas três quadras da rua onde Celso morava, consegui chegar antes dele. Enquanto o esperava fiquei tomando um vinho tinto da casa e me deliciando com as bruschetas. A cantina era bem ao estilo italiano, com toalhas xadrez nas cores vermelha e branca, bandeirinhas verdes e vermelhas decorando todo o teto e uma enorme bandeira metade brasileira, metade italiana decorando a parede principal que ficava atrás do balcão.

Depois de quase uma hora de atraso, Celso entrou afobado e sorridente, com as roupas habitualmente amassadas e se desculpando pela falha. Eu ri com divertimento, imaginando que o atraso se deu por ele estar passando roupas.

- Mil perdões, querida Lina. – desculpou-se sorrindo, enquanto enchia nossas taças de vinho.

Balancei a cabeça em negativa, mas com o sorriso aberto para demonstrar que não estava nem um pouco chateada: - Se fosse um encontro romântico eu já teria ido embora... – brinquei.

Ele cerrou os olhos, olhando para o lado como se estivesse pensativo e também se divertiu: - Deve ser por isso então que não consigo manter meus relacionamentos amorosos...

Eu já imaginava que a tarde na companhia de Celso não seria desanimada, pois ele sempre se mostrou muito falante e simpático, só não imaginava que seria tão divertida. Entre uma e outra história de sua vida me revelou que estava radiante não só pela proximidade do lançamento de seu primeiro livro, mas também porque seu filho, Pierre (um garotão de 34 anos, segundo ele), que morava com a mãe na França havia confirmado sua presença no coquetel de lançamento do livro.

- Você tem um filho? Então já foi casado? – perguntei surpresa.

Ele negou com a cabeça: - Nunca me casei. Durante minha juventude tive um caso com uma francesinha maluca que veio passar uma temporada no Brasil, que só me contou que estava grávida quando já havia retornado para a França.

Ajeitei-me na cadeira, demonstrando estar muito curiosa sobre a história. Ele sorriu ao perceber que eu não me daria por satisfeita se ele não me constasse mais e continuou: - Quando ela me contou, dei um jeito e fui atrás dela, fiquei ao seu lado até que Pierre completasse um ano.

- Se separaram depois? – perguntei condoída.

Celso coçou a cabeça: - Hum... não nos separamos... ela simplesmente me enxotou da casa dela...

- Como assim? – continuei perguntando sem me preocupar com a indiscrição.

- Juliete, este é o nome da maluca – disse revirando os olhos e sorrindo –, disse que me amava e que sabia o quanto eu era importante na vida do nosso filho, mas que não conseguia se sentir bem, se sentia sufocada por estarmos morando juntos, então – concluiu dando de ombros – continuamos juntos, morando em casas separadas. Mas quando Pierre completou 15 anos e já tinha maturidade suficiente para entender, expliquei que gostaria de voltar para o Brasil e perguntei se ele queria ficar comigo...

- Nossa, quero muito saber o final desta história... – suspirei ansiosa.

- Ele preferiu ficar na França...

- E você e Juliete?

- O final desta história eu não posso te contar, porque ainda não acabou. – Celso arranhou a garganta e bebeu mais um gole de vinho – Eu e ela ainda mantemos um louco relacionamento à distância: uma vez por ano, fazemos uma pausa de três meses em nossos trabalhos e ficamos juntos por este tempo, cada ano em um país diferente.

Embasbacada com a revelação sentenciei: - Que história incrível! Chego a ficar com inveja do espírito livre de vocês... Mas você não sente muita saudade?

- E como! Mas nada é perfeito, Lina. Eu prefiro ter ao meu lado de modo pleno e feliz a mulher que amo, nem que seja por apenas três meses, do que não tê-la em minha vida.

- Então você mentiu, porque sabe muito bem manter seus relacionamentos.

Celso sorriu em concordância, bebeu o vinho numa grande golada e perguntou: - Agora me conte o que está se passando com você, menina?

Entortei os lábios para baixo, fiz cara de tristeza e afirmei: - No momento o que se passa comigo é uma fome enorme!!!! – afirmei enquanto abria o sorriso.

Celso gargalhou e levantou o braço chamando o garçom: - Silvio, traga para nós aquela macarronada ao molho sugo e mais vinho! – pediu sorrindo e dando um leve tapa nos ombros do garçom que sorriu com cumplicidade.

Depois de comermos, Celso insistiu em saber sobre a minha separação. Eu achei que não estivesse com nem um pouco de vontade de tocar neste assunto, mas fui falando, bebendo, bebendo e falando. Ele não me interrompia, apenas mantinha os olhos fixos em mim demonstrando que prestava total atenção ao meu desabafo. Falei tudo: desde a separação de Fábio, a briga pelo valor do apartamento, a nova namorada, Miguel, sua insistência para que eu aceitasse sair com ele, o final de semana maravilhoso que passamos juntos e a decepção de vê-lo com outra mulher, mesmo sabendo do seu envolvimento com ela...

Depois de muito escutar, Celso, enfim, se pronunciou: - Lina, imagino o quanto você esteja confusa com tudo que está acontecendo, afinal você se sentia segura na vida que levava e de repente sofreu este baque. – disse referindo-se à separação – Há muitas mágoas a serem tratadas dentro de você e espero muito que meu livro a auxilie, e se precisar de ajuda profissional estou à sua disposição. – então respirou fundo e concluiu - Mas agora falo como amigo, que é o que pretendo ser para você a partir de hoje. Você é muito nova e tem total condição de reestruturar sua vida. Tenha calma e, principalmente, se perdoe. Eu não acredito que você ainda não ajeitou sua casa porque está desejando uma reconciliação com seu ex-marido, acho que está se punindo por acreditar que você foi a única culpada pela separação.

- Desculpe por fazer com que nosso almoço que a princípio estava tão divertido tenha se tornado uma enxurrada de lamentações. – concluí um tanto sem graça e forçando um sorriso.

- Nem pense nisso! – afirmou Celso com o rosto transparecendo animação sincera – Eu adorei ter a oportunidade de conhecê-la um pouco mais.

Depois de pagarmos a conta, Celso me acompanhou até a estação de metrô e após um longo abraço de despedida segurou meu queixo com o polegar e o indicador, piscou o olho e sorriu: - Quero que reflita, Lina, se você gostava tanto da sua antiga vida, por que foi tão fácil abandonar tudo?

Entrei no metrô que estava bem vazio, devido ao horário (pouco depois das seis da noite de sábado) então sentei em um banco sem ninguém ao lado e tentei entender o que Celso quis dizer. Mas como estava um pouco tonta depois de tanto vinho, encostei a cabeça no vidro da janela, liguei o som, ajeitei os fones nos ouvidos e coloquei na minha playlist do celular.

Enquanto caminhava de volta para casa a música que escutava foi interrompida por uma chamada. Meu coração bateu acelerado e tive que piscar os olhos com força para verificar que era mesmo o nome de Miguel no identificador de chamadas, e não delírios de uma quase bêbada carente. Eu havia pedido que não me procurasse e pensei ter deixado bem claro que não estava querendo mais complicações amorosas, mas talvez eu tenha afirmado para ele com a mesma falta de convicção que afirmei para mim mesma que seria fácil me afastar.

- Miguel? – perguntei assim que atendi o telefone, torcendo para que ele não percebesse nenhuma anormalidade em minha voz.

- Oi, Lina. Tudo bem? – respondeu transparecendo nervosismo.

- Tudo bem. E com você? – perguntei muito curiosa por sua resposta.
- Tudo certo. Você está em casa?
- Não. Estou quase em casa. Acabei de sair do metrô, pois fui almoçar... – Parei no meio da última frase balançando a cabeça em reprovação por estar me explicando.
- Na verdade eu sei que você não está em casa, seu porteiro me informou... – Miguel respirou profundo antes de continuar – Posso buscá-la? Você está acompanhada?

Com o coração ainda acelerado e as pernas bambas, dei uma pausa na caminhada e respondi: - Estou sozinha. Fui almoçar com um amigo. E não precisa me buscar, estou muito perto de casa. Quer me esperar? – perguntei torcendo para que a resposta fosse afirmativa.

- Estou te esperando. – respondeu seguro.

Antes de dobrar a esquina peguei um pequeno espelho dentro da bolsa, passei um pouco de batom, tentei ajeitar os cabelos e enfiei um chiclete na boca. Vi Miguel de pé em frente ao seu carro, vestido de um jeito mais casual, de bermuda cargo verde oliva, tênis cinza e moletom cinza claro com capuz.

Me pus de frente para ele que sorriu e passou as mãos pelos cabelos, parecendo estar um pouco nervoso: - Cheguei. – anunciei soltando o ar preso em meus pulmões enquanto sorria.

Ele me olhou com desconfiança e divertimento, em seguida abriu um enorme e perfeito sorriso: - Você está bem?

- Sim, claro.
- Então por que está sorrindo desse jeito?

Meu Deus, eu estou sorrindo? Que palhaça! Olha, Miguel, eu já te achava um escândalo de tão bonito, agora que você está sem barba e

estou fascinada por estas covinhas, me responda como eu, depois de tanto vinho, vou conseguir manter minha sanidade e não pular em você?

Desfiz parcialmente o sorriso: - Acho que exagerei no vinho... – concluí tentando me recompor e tendo a certeza de que ainda estava sob efeito do álcool – E o que faz aqui?

Ele passou as mãos pelos cabelos, encostou suas costas na lateral do carro e também desfez o semblante divertido: - Sei que você me pediu para não te procurar mais... – suspirando fundo completou – Eu tentei, Lina. Juro que tentei. Agora mesmo estava na casa dos meus pais, fazendo uma força danada para me concentrar nas conversas, mas não consegui. – revelou de um jeito sexy e tímido, com um meio sorriso no rosto - Eu não consigo tirar você da minha cabeça!

Inconvenientemente o sorriso ressurgiu sem permissão nenhuma no meu rosto novamente e Miguel sorriu com malícia: - Me diz só mais uma vez que não há mesmo nenhuma possibilidade de você me querer.

Eu não disse que não te queria, seu burro, ridículo e maravilhoso: eu disse que não queria me envolver com um homem mulherengo!

- Eu não quero me magoar ainda mais, Miguel.
- Eu não vou te magoar, Lina. – respondeu quando seus lábios já estavam praticamente colados aos meus. Então, assim, daquele jeito tão envolvente, com aquele cheiro sedutor que me fez perder o fio de raciocínio lógico que já não querendo manter, retribuí seu abraço e me entreguei com vontade aos seus beijos, mas fui interrompida por ele que me afastou segurando levemente meus braços e com o olhar especulativo perguntou: - Você não está bêbada? Está?
- Pareço? – devolvi.
- Um pouco... – respondeu levantando os ombros e sorrindo em seguida.

Então sem muito tato e nenhuma educação de rompante fiz uma pequena conchinha com a palma de uma das mãos e bafei para que pudesse confirmar as palavras de Miguel, que gargalhou ao assistir àquela cena grotesca: - Lina, eu adorei sua reação tão aparentemente feliz ao me ver, mas fiquei surpreso... e de jeito nenhum quero que você se arrependa de estar comigo, entende? É por isso que perguntei. – afirmou alisando meu rosto com os dedos e segurando uma de minhas mãos.

Eu balancei a cabeça e fiz uma careta desconcertada: - Eu *tô* precisando me sentir feliz...

- E eu consigo te ajudar nisso? – perguntou puxando-me novamente para os seus braços.

Não respondi, mas tenho certeza de que as palavras não se faziam necessárias naquele momento, pois eu o abracei forte novamente e aconcheguei minha cabeça em seu peito.

- Que tal a gente sair para jantar? – Miguel perguntou animado – A gente sobe, eu espero você se arrumar e depois passamos rapidamente no meu apartamento para que eu possa trocar minha roupa.

- Tudo bem! Se é para iniciar uma nova e boa fase em minha vida que comece com uma comemoração! – concluí sorrindo.

Capítulo 9

FOMOS A UM RESTAURANTE PERUANO, BEM INFORMAL E DIVERTIDO, COM plantas de grandes folhagens e os bordados peruanos enfeitando o ambiente. Nos sentamos numa das mesas que ficavam na área externa e, por sorte, escolhemos um local bem discreto, nos fundos, pois mesmo tendo pedido um ceviche de camarão absolutamente perfeito e estarmos tomando uma deliciosa cerveja artesanal, confesso que não estava muito interessada nem na comida e muito menos na bebida, e pelo modo como Miguel me encarava deduzi que ele também não.

- Vamos embora logo daqui, Lina? – perguntou com desejo e divertimento no olhar.

Abri a boca simulando um bocejo e depois de bater com a palma da mãos nos lábios, pisquei os olhos e suspirei: - Vamos sim. Estou muito cansada...

Miguel me encarou com os olhos sorrindo, aproximou sua boca bem próxima ao meu ouvido e sussurrou: - Não vamos dormir hoje, meu amor...

Sei que foi uma simples expressão, dita de forma carinhosa, sem nenhuma segunda intenção, mas ouvi-lo me chamar de “meu amor” com nossos corpos tão próximos fez com que meu coração se espremesse sentindo uma pontada fria.

Passei a noite com Miguel como se nada tivesse acontecido entre a gente, como se nem tivéssemos nos afastado por quase uma semana.

Então tomada por uma vontade de deixar os problemas para trás, varri

dos meus pensamentos o verdadeiro motivo para ter pedido que Miguel se afastasse de mim. Eu sabia que estava correndo o risco de deixar de ser a novidade interessante, acabar me envolvendo mais que o seguro, mas naquele momento deixei todos os medos de lado e decidi aproveitar o quanto fosse possível.

- Lina, quero te propor uma coisa. – disse Miguel, com um tom de voz mais solene e sem qualquer resquício de brincadeira em seu semblante, enquanto se enxugava após um banho.

Eu ainda estava deitada em sua cama, um pouco temerosa e muito curiosa, então me sentei rapidamente apoiando as costas na acolchoada cabeceira. Não fazia mesmo a menor ideia sobre o tema da proposta, mas pelo jeitão mais sério com que falou decidi não tecer nenhum comentário, apenas esperar que continuasse.

Depois de passar a toalha pelos cabelos, colocou uma bermuda e se sentou na beirada da cama, olhando para mim como se estivesse mentalmente escolhendo bem as palavras. Depois de alguns instantes, abriu um enorme sorriso (o que me deixou menos tensa) e enfim concluiu: - Que tal você passar todos os finais de semana aqui em casa?

Engoli em seco aquele pedido, entortei os lábios para um dos cantos e perguntei com sinceridade: - Miguel, que tipo de proposta é esta?

Ele sorriu parecendo um tanto sem graça e respondeu depois de balançar a cabeça de um lado para outro: - Lina, vou tentar me explicar: trabalho muito durante a semana, não me sobra muito tempo para encontros, telefonemas, cinemas, jantares... enfim, para me dedicar a você tanto quanto eu gostaria. Mas eu quero você comigo, quero muito e você sabe disso. – declarou-se com os olhos brilhando e o rosto demonstrando ternura.

Passei as mãos pelo cabelo, em seguida pelo rosto e cerrei os olhos, sorrindo em sua direção:

- Estou surpresa, Miguel. Só não sei se dizer se estou mais surpresa pela proposta maluca de morar aqui durante os finais de semana ou pelo modo sutil como está me dispensando nos outros dias... – gargalhei para que o assunto não se tornasse algo sério e pesado demais.

Ele também riu, se levantou e andou de um lado para o outro no quarto, em seguida sentou-se novamente: - Não faça isso comigo, Lina, você me entendeu. Tenho certeza de que me entendeu!

Levantei e sorri. Enquanto vestia minhas roupas vi que ele estava me encarando à espera de uma resposta: - Você nunca namorou, Miguel? – sentei-me novamente ao seu lado e esperei que ele me respondesse.

- Que pergunta mais doida? – devolveu impaciente – Já namorei sim, mas faz tanto tempo, numa época tão diferente da minha vida que eu nem me lembro mais como era.

- Você só teve uma namorada? – perguntei curiosa.

- Sim.

- O que aconteceu?

Ele arregalou os olhos com impaciência e divertimento: - Terminamos, não percebeu? - Ah, vai, me conta... – fiz sinal de prece com as mãos e falei de um jeito bem dengoso para que percebesse o quanto eu estava curiosa.

- Tive uma namorada, foi na época da faculdade. Eu achava que era apaixonado pela garota, mas ela me traiu, disse que não estava preparada para um relacionamento sério e terminou comigo. – resumiu rapidamente – Pronto, é esta a história. Satisfeita?

Fui desfazendo o sorriso que mantinha em meu rosto à medida que ele falava e depois de tê-lo escutado, me sentindo culpada por ter feito ele

se lembrar do passado, e o pior, morrendo de ciúme por saber por ele mesmo que já foi apaixonado por alguém resolvi dar o assunto por encerrado: - Me desculpe pela intromissão... foi uma bobagem. – afirmei enquanto me levantava.

Miguel me puxou de repente, fazendo com que me desequilibrasse e caísse em seu colo. Com firmeza e cuidado me deitou na cama e deitou-se em cima de mim segurando meus braços: - Isso não é nada demais, Lina... passou... – afirmou sorrindo e depois de um longo beijo na minha boca, ainda me segurando perguntou: - Promete que vai pensar na minha proposta?

Mexi os braços demonstrando que gostaria que me soltasse e foi isso que ele fez. Então me levantei e inverti nossas posições ficando em cima dele: - Prometo.

Miguel insistiu para subir ao meu apartamento, e mesmo me desdobrando em desculpas não consegui detê-lo: já eram quase dez horas da noite, o final de semana ao lado dele tinha sido ainda melhor que o primeiro que passamos juntos, eu não queria ter que voltar ao mundo real, se ele não fosse de verdade e não encarnasse tão bem o estilo Don Juan eu poderia até deixar minhas reservas de lado e aproveitar sem medo sua companhia. Mas deixá-lo subir não era boa ideia para mim, pois era como se eu estivesse expondo de forma escancarada todas as minhas fraquezas e mágoas. Aquele apartamento vazio e sem vida era isso, minha pior parte materializada, e eu não queria que ele participasse daquilo mais uma vez. Eu pretendia mudar aquele cenário, decorá-lo, pintá-lo, preenchê-lo, mas algo ainda mais forte que a minha vontade de recomeçar estava me impedindo, eu só não sabia dizer que algo era esse.

- Ah, Miguel, subir? O meu apartamento continua o mesmo desastre que você presenciou da outra vez... – resmungava eu enquanto o elevador subia.

Ele se divertia com a minha falação e desconcerto: - Para de ser boba, Lina! Quero ficar com você mais uns dez ou quinze minutos, é só isso.

- Não temos onde sentar! – esbravejei cruzando os braços e demonstrando minha total contrariedade.

Sem se abalar, Miguel saiu me puxando pelo braços e enquanto eu me desvencilhava à procura das chaves na minha bolsa ele colocou sua boca colada ao meu ouvido e sussurrou: - Mas temos onde deitar.

Forças perdidas, frio na barriga e uma vontade absurda de prender aquele homem dentro do apartamento e não deixá-lo nunca mais fora de minhas vistas (não seria crime, afinal era ele quem insistia tanto em entrar...)

Quinze minutos se transformaram em mais de uma hora de despedida naquela cama velha, pequena e barulhenta que eu tinha no quarto. Uma hora a menos de descanso, uma hora a mais de boas lembranças para a semana.

Miguel vestiu suas roupas, mas antes de deixar o quarto perguntou escorando-se à parede ao lado da porta: - Já tem uma resposta? – perguntou colocando as mãos nos bolsos da bermuda.

Eu que já estava de pé, pronta para levá-lo até o elevador me sentei na beirada da cama e mesmo não sabendo se conseguiria usar as palavras certas para que me entendesse resolvi me abrir: - Miguel, eu gosto muito da sua companhia e sei que você sabe disso. Fiquei verdadeiramente lisonjeada com a proposta que me fez. Quero sim ficar com você, mas não quero que este prazer que nós temos se torne um dever para nós... Estou tentando recuperar minhas amizades e até mesmo fazer algumas

novas e me sentiria péssima se abandonasse tudo de novo. Quero ter tempo para mim, para as minhas vontades, para os meus amigos e se você ainda quiser, para você também... – respirei profundo e sorri para ele que me observava sem demonstrar nenhuma emoção – Você me entende? – perguntei tombando a cabeça para um dos lados e entortando os lábios para o canto.

Miguel veio em minha direção e se agachou apoiando as mãos em meus joelhos. Seu olhar carinhoso e o sorriso com os lábios fechados deixando em total evidência as duas covinhas que enfeitavam seu rosto me demonstravam que ele não estava chateado com o meu desabafo. Então depois de passar cuidadosamente o indicador pela minha bochecha e circunferência dos meus lábios respondeu: - Eu não quero te prender, Lina, eu quero te acompanhar.

Eu preciso de mais ou menos quinhentas palavras para tentar traduzir o que penso e este homem aqui na minha frente diz meia dúzias de palavras e consegue me desestabilizar... Ele deve ser um ótimo advogado mesmo!

- Tudo bem, vamos tentar! – anunciei feliz por ter sido vencida e convencida por ele de que tudo poderia se ajeitar.

Capítulo 10

UMA NOVA SEMANA ESTAVA COMEÇANDO E ANTES MESMO DE SAIR DE CASA me vi obrigada a sentar na beirada cama e rezar pedindo para que nada quebrasse o efeito dos dias bons que havia tido, mas quase de imediato, recebi em resposta uma chamada de Fábio me propondo um novo encontro para encerrarmos de vez a questão do apartamento. Desta vez concordamos em nos encontrar novamente em uma padaria, mas ao lado do meu escritório.

Senti mais vazio que saudade, mais vontade de resolver tudo e cortarmos definitivamente os laços que nos mantinham ligados que medo de não tê-lo mais em minha vida. Toda esta mudança de postura não era só devido ao bem que Miguel estava me fazendo, acho que foi mais uma conjuntura de coisas: o próprio Miguel, a ajuda constante de minhas amigas, a conversa franca que havia tido com Celso e em boa parte por conta do próprio Fábio que a cada atitude fria e egoísta me fazia questionar meus sentimentos por ele.

Na parte da manhã me dediquei totalmente à correção ortográfica do livro, que foi renomeado no meu arquivo como “Vai dar certo” e não mais “Celso Chagas”. Durante o horário de almoço coloquei minhas amigas a par de tudo que havia se passado no meu final de semana, e até mesmo Diana, que era quem mais havia se mostrado apreensiva quanto ao meu possível envolvimento com Miguel, pareceu estar mais feliz e menos tensa, pois assim como eu, ela também via nas atitudes dele tentativas de provar que poderia se envolver com apenas uma pessoa, e neste caso a sortuda era euzinha mesma.

Depois do almoço não consegui manter o ritmo de trabalho da manhã. Mesmo ciente de que Fábio não tinha mais tantos poderes sobre mim, com a proximidade do encontro comecei a ficar tensa ao imaginar um novo embate entre nós, pois tudo que eu queria era que conseguíssemos resolver todas pendências de forma civilizada e justa.

Poucos minutos depois das cinco da tarde recebi um telefonema de Miguel, que num tom um afobado queria saber se eu ainda estava no escritório: - Lina, já está no trânsito?

- Oi, Miguel, tudo bem? – perguntei com a voz serena, num tom pausado.

Ele pareceu respirar um pouco mais fundo: - Desculpe, eu queria ter ligado antes de você sair do trabalho, mas acabei me enrolando...

Sem confessar que estava ainda no escritório continuei me divertindo: - Ligação no final do expediente? – debochei - Não foi você quem disse que não tinha tempo para telefonemas durante a semana, que eu não alimentasse a esperança de nos encontrarmos durante estes dias nem para um cineminha ou mesmo um cafezinho rápido? Ele me interrompeu com a voz animada: - Não coloque palavras em minha boca, Lina! Eu disse que era difícil arranjar tempo durante a semana e que não queria que isso soasse como desinteresse...

- Eu sei... só estou me divertindo um pouco às suas custas. – suspirei e não contive um último comentário provocativo – O que houve, Miguel? Hoje é segunda-feira e não tem ainda nem vinte quatro horas que nos despedimos. O que de tão grave aconteceu para você quebrar tão rapidamente as próprias regras? – continuei a provocação.

- Saudade, Lina. Estou com saudade. – respondeu num tom sério, suspirando fundo em seguida. De novo o frio bom atingiu a boca do meu

estômago, mas tentei continuar a conversa com naturalidade: - Voltando à sua pergunta: não estou no trânsito, ainda estou no escritório.

- Muito trabalho? – perguntou.
- Também. - Lina, deixa eu te buscar aí depois do trabalho? Vamos para minha casa... – disse em tom de súplica.

Claro que eu queria correr para a casa dele e dormir agarradinha, mas eu tinha que resolver de uma vez por todas a situação do meu apartamento com Fábio.

Estalei a língua no céu da boca demonstrando contrariedade: - Hoje não posso, marquei um encontro com o Fábio.

Miguel expirou raivoso e sua voz assumiu um tom mais grave: - Posso ir com você? – respirou fundo e continuou: - Lina, não quero ser intrometido... Deixe eu ir como advogado... - Obrigada, mas acho que desta vez nós vamos conseguir resolver tudo e, se Deus quiser, civilizadamente...

- Lina, por favor, eu vi como você ficou da última vez que estive com aquele babaca. Deixe então pelo menos eu te levar... Eu fico no carro te esperando... – sentenciou com humildade.

Meu coração estava apertado por sentir o cuidado com que Miguel estava me tratando e todo este carinho me dava mais segurança para o encontro, pois não estava mais me sentindo um lixo, que não fazia falta na vida de ninguém: - Não precisa se preocupar, desta vez estou bem preparada e nada do que Fábio disser vai me abalar. – respondi demonstrando ânimo – Eu marquei na padaria aqui da rua mesmo e qualquer coisa as meninas estarão por perto. – menti para que ele não ficasse preocupado, pois nenhuma delas estaria mais no escritório no horário do meu encontro.

- Tudo bem... – resmungou contrariado – Não quero parecer intrometido ou insistente, é só preocupação mesmo... Mas me ligue depois para contar se conseguiram entrar num acordo. E se animar, meu convite sobre dormir lá em casa está de pé.
- Pode deixar. Darei notícias.

A ansiedade estava tomando conta dos meus nervos, então mesmo com Diana se oferecendo para ficar comigo no escritório até que chegasse a hora de me encontrar com Fábio, não consegui esperar e cheguei à padaria quinze minutos antes. Procurei por uma mesa nos fundos e pedi um café duplo e puro enquanto o aguardava. Ele foi pontual, e às sete já estava atravessando a grande porta automática de vidro.

Como num gesto de paz quase abri um sorriso quando nossos olhares se cruzaram, mas guardei a feição amistosa por um olhar vazio que escondia a frustração ao vê-lo de mãos dadas com sua nova esposa, Laura.

Eles se aproximaram da mesa e apenas os cumprimentei com um oi sussurrado, sem conseguir disfarçar a raiva e descontentamento por Fábio ter tido a coragem e a falta de sensibilidade de ir acompanhado a um encontro onde o assunto dizia respeito apenas a nós dois.

Fábio deu passagem para que Laura sentasse primeiro e em seguida sentou-se ao lado dela, ficando os dois de frente para mim: - Dois chocolates quentes, por favor. – solicitou ele ao atendente, e percebendo meu olhar acusatório e sarcástico sobre o peculiar pedido (café era a bebida oficial da nossa casa), totalmente sem graça, sentiu-se na obrigação de se explicar – A Laura acha que é melhor que não tomemos café depois das seis para não atrapalhar nosso sono...

Idiota! Você é um idiota, ridículo comandado pela namoradinha, que diga-se de passagem é a pessoa mais sem graça de toda a humanidade! Pensava eu, forçando um sorriso enquanto escutava sua desculpa.

- É o seguinte, Lina – sentenciou Laura com grosseria e empáfia -, não há motivos para ficarmos de rodeios. O Fábio não é muito bom em negociações e é por isso que vim aqui com ele hoje. Ele me contou que na última vez que se encontraram...

Eu olhava para aqueles lábios finos se movendo, mas não conseguia me concentrar em uma única palavra que saía daquela boca, pois era a primeira vez que estava frente a frente com a mulher que tomou meu lugar na minha casa e que tomou, sem remorso nenhum, ao que parecia, o idiota do meu marido. Eu a observava e mesmo não sendo um poço de autoestima não conseguia parar de pensar em como ele pôde ter feito aquela troca. Pensei em vários adjetivos para aquela mulher ali na minha frente, mas nada se encaixava tão bem quanto “picolé de chuchu”. Era isso que ela era, uma pessoa, além de arrogante, muito, muito sem graça: magra ao extremo (não do tipo magra, linda. Do tipo magra ossuda) com cabelos lisos, louros e ralos até a altura da cintura, tão finos que deixavam as pontas das orelhas à mostra, e ainda tinha aquele nariz grande e ossudo e todo um conjunto pálido e sem atrativos (pelo menos para mim).

Depois de tagarelar bastante ela se mexeu no sofá e gesticulou freneticamente terminando com um leve tapa na mesa que me fez retomar a atenção no seu discurso: - ... e é por isso que eu e o Fábio decidimos que pagaremos em 36 parcelas a sua parte no apartamento e depois de liquidada esta dívida negociaremos o valor dos móveis.

Eu afastei minhas costas do encosto do sofá, empurrei a xícara de café para o centro da mesa para que pudesse repousar meus antebraços no

tampo de mármore, em seguida com os olhos ardendo de raiva e as narinas dilatadas respirei fundo para não perder a razão e dizer umas poucas e boas para aquela bruxa e seu capacho: - Eu não escutei quase nada do grunhido desta sei lá quem – afirmei encarando Fábio –, mas o final me chamou a atenção e a minha resposta é NÃO! – pronunciei a última palavra com bastante ênfase.

Fábio me olhou com espanto e repousou a mão no braço de sua mulher evitando que ela me respondesse. Eu estava me preparando para contestar quando percebi que Miguel estava de pé, ao meu lado, com um sorriso lindo e confiante em minha direção: - Oi, amor, desculpe o atraso. – disse me dando um leve beijo nos lábios.

De repente minha raiva se foi e como uma menina que acabou de encontrar com seu belo príncipe abri o sorriso de felicidade e me afastei para que ele sentasse ao meu lado: - Desculpe o atraso, mas você conhece o trânsito daqui... – dizia Miguel enquanto esticava o braço e cumprimentava Fábio e Laura.

- Quem é ele, Lina? – perguntou Fábio aborrecido.
- Sou namorado da Lina e advogado dela também. – respondeu Miguel com firmeza.
- Namorado? Lina, nós acabamos de nos separar! – desabafou Fábio sem se dar conta da incoerência que falava, pois ele mesmo não esperou nem a separação para arrumar outra pessoa.

Balancei a cabeça em negativa, mas no fundo estava com uma ótima sensação de me sentir vingada. A cara de fúria de Fábio e a de perplexidade de Laura estavam me divertindo: - Bom, se você pôde trazer sua namorada para negociar comigo, tenho certeza de que não vai se opor à presença de Miguel aqui. – afirmei com sarcasmo.

Miguel segurou minha mão, levou-a até sua boca, deu um beijo de leve e com a postura segura encarou Fábio : - E então, conseguiram resolver a questão do pagamento? – em seguida virou-se para mim e sorriu – Tudo certo, linda?

Linda?! Meu nível de consideração por ele chegou à estratosfera!

Contei rapidamente o que tinha entendido da nova proposta absurda que me fizeram, e Miguel assumiu a posição de advogado pronto para trabalhar numa grande causa. Com bastante segurança, desvencilhou-se de minha mão, ajeitou seu corpo e sentenciou com precisão: - É o seguinte, nós não concordamos com esta proposta, no mínimo de má-fé, então eu e a Lina enviaremos por e-mail uma proposta definitiva, onde ela dirá o quanto quer pelos móveis e em quantas vezes está disposta a dividir o valor total. Caso não concorde – disse olhando fixo para Fábio – o caso irá para a justiça. Só aconselho que pense bem se convém a você levar isto adiante, pois incluirei algumas outras questões no processo, que juntamente com os honorários do advogado encarecerá ainda mais os seus custos.

Fábio não dizia nada, apenas encarava Miguel com o olhar furioso. Laura, demonstrando um pouco mais da sua personalidade ridícula tentou se intrometer: - Nós não somos obrigados a acatar o que ela quer, Fábio.

Fábio respirou fundo e segurou o braço de Laura: - Não vamos discutir sobre isso na frente deles. Vamos embora. – afirmou enquanto se levantava.

- Eu te envio amanhã o e-mail. – sentenciou Miguel com os olhos cínicos enquanto o casal nos dava as costas e deixava o lugar.

Assim que ficamos a sós abracei Miguel bem forte numa espécie de agradecimento por ter aparecido de forma tão surpreendente: - O que

você veio fazer aqui?

Miguel sorriu como um menino levado e confessou: - Lina, eu não pretendia entrar, mas também não consegui ir para casa sabendo que você teria um encontro com o seu ex – suspirou fingindo estar encabulado pela confissão -, então fiquei ali do lado de fora espionando pela janela e quando percebi que você estava exaltada decidi entrar, mesmo correndo o risco de ser enxotado daqui... – finalizou com um sorriso que deixava aquelas covinhas maravilhosas em destaque no rosto perfeito.

- Eu não sei se você fez certo, mas tenho que te agradecer, não estava sendo nada fácil aturar aquela picolé de chuchu e aquele paspalho! – fiz uma careta e dei uma estremecida no corpo.

Miguel me abraçou novamente e me deu um longo beijo na boca: - Vamos embora para casa.

- Sim. – concordei – Cada um para sua casa.
- Ah, não, Lina... Vamos dormir juntos hoje...
- Não, Miguel, a gente combinou que nos encontraríamos apenas nos finais de semana.
- Esquece isso, vai? Pelo menos por hoje. – pediu enquanto fazia carinhos leves e beijava com doçura meu rosto – Será que eu não mereço sua presença hoje na minha cama? – sussurrou baixinho em meu ouvido fazendo com que meu corpo todo se arrepiasse.

Capítulo 11

NA QUINTA-FEIRA DA MESMA SEMANA DO MEU ENCONTRO DESASTROSO COM Fábio, voltando à rotina, Celso apareceu de surpresa no escritório no final da tarde. Mas só sua aparição inesperada foi rotina, porque desta vez nós estávamos muito mais íntimos, desde o nosso encontro no almoço de comemoração por ter conseguido um título para o seu livro passamos a conversar quase que diariamente através de ligações ou mensagens.

- Celso, que bom que apareceu! Tenho uma boa notícia para você. – anunciei enquanto puxava uma cadeira para que se sentasse ao meu lado.

- Acabou a correção do meu livro! – afirmou animado, ajeitando-se na cadeira.

Fiz uma careta desanimada e retruquei: - Eu disse que tinha uma boa notícia, não uma ótima notícia.

- Então me conte. Boa notícia já me satisfaz.
- Estou quase terminando a correção, faltam apenas 42 páginas! – revelei sorrindo abertamente.

Celso bateu palmas e com o sorriso malicioso sentenciou: - Daqui a pouco estará livre de mim definitivamente.

- Só se você quiser, pois é você quem deve estar farto de gente louca, mal resolvida e depressiva em busca de orientação.

Ele me deu um beijo na testa e continuou: - Lina, já tá quase no final do expediente. Vamos tomar um chope gelado? Eu também tenho

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

novidades. – afirmou com o semblante animado.

Arregalei os olhos, levantando as sobrancelhas e esboçando um sorriso, enquanto abaixava a tela do computador: - Oba!

Havia muitos bares, botecos e restaurantes perto do escritório, mas Celso cismou que deveríamos ir a um bar de um outro amigo no centro da cidade. Reclamei, protestei, resmunguei, mas nada adiantou, então levamos mais de uma hora para chegar ao tal bar, que era um local até que bastante agradável, todo decorado com mesas e cadeiras de madeira escura, azulejos azuis claros até a metade das paredes e fotos antigas da cidade penduradas por todas as paredes.

Nos sentamos, e antes do primeiro brinde perguntei: - E então a que vamos brindar? Você me disse que tinha uma notícia boa para me contar...

Ele sorriu e piscou os olhos: - A boa notícia, aliás ótima, está chegando...

Segui o olhar de Celso em direção a uma das entradas e vi um homem lindo, uma versão mais nova e arrumada do próprio Celso e não precisei que ele dissesse mais nada: - Seu filho chegou! – constatei emocionada por ver os olhos do pai brilhando de tanta felicidade.

Pierre, o filho, entrou sorrindo em nossa direção e eu, além de embasbacada por existir um filho tão diferente e parecido com o pai ao mesmo tempo, ainda me peguei pensando em como cumprimentá-lo, pois não me lembrava de nenhuma palavra em francês.

Celso gargalhou e não me poupou: - Lina, você é muito transparente, sabia? Esta sua cara nos diz que você está com alguma dúvida bastante contundente.

Ajeitei-me na cadeira tentando parecer menos boba: - Só estava aqui pensando que não sei falar francês...

Pierre sorriu enquanto se sentava: - Lina, eu falo português. – anunciou levantando o braço para pedir que o garçom lhe servisse um chope também.

Depois de passado o vexame inicial percebi que Pierre não era só parecido fisicamente com Celso, ele também mantinha o mesmo jeitão bacana de quem não possui olhar crítico sobre os outros. Num clima totalmente descontraído ficamos conversando e bebendo até mesmo depois do bar ter sido fechado, pois o dono do local, Saul, dispensou os funcionários e se juntou a nós.

Levei um susto ao perceber que já se passavam das quatro horas da madrugada. Levantei cambaleante e Pierre segurou meu braço evitando uma possível queda: - Onde você vai? – perguntou com uma sonora risada debochada.

- Para casa! Vocês são loucos! Já é amanhã e eu tenho que trabalhar! – afirmei remexendo na carteira à procura da bolsa.

- E vai como para casa? – perguntou o Saul, o dono do bar, com o semblante desconfiado.

Parei um pouco tentando raciocinar com lógica: - Bom... de carro não dá, tô muito tonta... de carona também não dá, vocês também estão bêbados... – arregalei os olhos como se tivesse tido uma ideia genial - De táxi! É isso, gente! De táxi! – afirmei sorrindo por ter conseguido pensar com coerência mesmo com tudo girando à minha volta - Ora, vou de táxi direto para o escritório, tomo um banho por lá mesmo e amanhã volto para buscar meu carro.

Só Pierre se mantinha de pé ao meu lado, os outros dois ainda estavam sentados e Saul bateu levemente no assento da minha cadeira para que me sentasse novamente: - Lina, eu moro neste sobrado em cima do bar.

Você, Pierre e Celso dormem lá em casa hoje. Quando amanhecer, você se levanta e toma um bom banho e vai para o trabalho novinha em folha.

Fiquei um pouco sem graça, mas a ideia era tão boa que resolvi deixar a cerimônia de lado e aceitei logo a oferta. Eu, Celso e Pierre nos ajeitamos pela sala mesmo. Senti como se tivesse fechado os olhos e aberto no minuto seguinte, então levantei apressada junto com os primeiros raios de sol que entravam pela janela esquecida aberta e, mesmo sentindo que teria um dia tenebroso de ressaca, não acordei nenhum deles e fui direto para a casa tomar banho, remédio e café para suportar com certa dignidade o expediente de sexta-feira.

O dia passou lento e como estava morta de ressaca, de dor de cabeça e sono decidi sair às três horas e levar o trabalho para casa, pensando em recuperar o tempo perdido do dia mal aproveitado na manhã de sábado. Diana e Martinha ainda estavam esperançosas de que eu melhorasse e me encontrasse com elas no shopping perto do escritório para um cineminha entre amigas, mas a minha recusa era endossada pela cara abatida.

Cheguei em casa e fui direto para a cama tentar recuperar a noite perdida e só acordei com o som do celular avisando que estava recebendo uma ligação, fiquei um pouco apreensiva após me dar conta que era a oitava tentativa de Miguel se comunicar comigo.

- Lina! – exclamou Miguel assim que o atendi.

Não pensei que sentiria isto novamente, mas meu estômago revirou só de pensar que Miguel poderia agir como Fábio e me recriminar pela noitada do dia anterior. Respirei fundo um pouco antes de respondê-lo, tentando afastar aquele sentimento ruim de perto de mim: - Oi, Miguel.

- Nossa, te liguei um monte de vezes. – afirmou com naturalidade, sem tom de reprovação em sua voz.

- Miguel, me desculpe, eu estava dormindo tão profundo que não ouvi o telefone tocando.

- Tudo bem, dorminhoca. Por que tanto sono? Já está pronta para o nosso final de semana?

Suspirei com desânimo imaginando a raiva que causaria nele quando soubesse o motivo de tanto cansaço: - Miguel, ontem me encontrei com o Celso. Sabe, o escritor que lhe falei? Ele me convidou para tomar um chope e conhecer o filho dele que chegou da França para visitá-lo e acabei bebendo demais... – suspirei mais uma vez – Acontece que fiquei mal mesmo, tive que sair mais cedo do escritório e vir para casa...

- Já está melhor? – perguntou parecendo preocupado.

- Sim.

- Então posso te buscar para o namoro de final de semana? – perguntou animadamente.

- Se você quiser a companhia de uma zumbi hoje... – concluí desanimada.

- Eu quero. – respondeu com animação.

Fiquei automaticamente animada quando percebi que tudo poderia ser diferente desta vez: Miguel não agiu com críticas, nem com discursos moralistas e eu, que estava tão acostumada à submissão, senti o controle da minha vida novamente em minhas mãos, sem ter necessidade de explicar meus atos. Tinha sido feliz e ponto.

Antes de descer para esperar por Miguel, conversei um pouco ao telefone com Pierre, que acredito que atendendo a um pedido do pai, ligara para saber como eu havia atravessado aquele dia. Aproveitei para contar que estava indo para a casa do meu namorado de final de semana (falei em tom de brincadeira sobre meu relacionamento, prometendo me

explicar depois), mas prometi que ligaria para marcarmos alguma outra saída com ele e seu pai.

Eu me sentia mais em casa no apartamento de Miguel do que no meu próprio apartamento e no fundo isso me incomodava bastante, pois mesmo que nós dois não tivéssemos cumprido com exatidão nosso acordo (não foram raras as vezes que acabava indo direto do trabalho para casa dele nos dias de semana) eu sabia que lá não era o meu lugar e que deveria fazer o todo esforço possível para me acostumar com o apartamento que havia alugado e que era urgente que começasse a mobiliá-lo. Para que meus planos saíssem da teoria e se materializassem eu continuava a leitura do livro de Celso, e foi através dele que Miguel descobriu o meu lado viagem, como ele dizia, e eu descobri o lado irritantemente implicante dele.

Como ainda estava com dor de cabeça, culpa do porre da noite anterior, cheguei na casa de Miguel e fui direto para a maravilhosa ducha quente e poderosa do banheiro de seu quarto. Depois de me enfiar num pijama bem confortável (short e camiseta de algodão azul com ursinhos felizes de touquinha, deitados em luas novas) descii e o encontrei na sala. Miguel estava ainda com calça social, mas sem camisa e sem sapatos, bebendo uma cerveja na própria garrafa.

- Posso te servir? – perguntou de pé sorrindo.

Eu me joguei no sofá e respondi fazendo careta: - Não. Nem pensar! Estou ficando enjoada só de olhar para esta garrafa.

- Foi sem freios a noitada de ontem? – indagou sorrindo, sem aparente cobrança, sentando-se ao meu lado.
- Foi.

- Você se dá bem mesmo com este cliente... – comentou sem tom sarcástico.

Posicionei-me confortavelmente no sofá, dobrando as pernas e colocando os pés para cima: - O Celso escreveu um livro de autoajuda e sabe que anda me fazendo muito bem...

Miguel gargalhou: - Você tá lendo um livro de autoajuda?

Fiz careta novamente: - E sou amiga do autor. – respondi cerrando os olhos com cinismo.

- Lina, você acredita mesmo nestas coisas? – perguntou ainda com o sorriso escancarando deboche.

- Não que eu acredite... mas sabe... o livro é bom... – respondi envergonhada.

Nova gargalhada: - Você é maluca!

- Você não acredita? – perguntei fingindo espanto.

- Lina, sejamos coerentes: tá com problema, precisando desabafar e tal e não achou mais nenhuma outra saída, procure pessoalmente um profissional... – Miguel balançou a cabeça com desdém, continuou com um sorriso cínico e bebeu um gole de cerveja antes de completar – Mas confiar num livro de autoajuda é a mesma coisa que acreditar em horóscopo: há milhões de pessoas no mundo do signo de peixes, daí eu leio uma mensagenzinha num jornal qualquer e devo acreditar que aquilo funcionará para todas as pessoas daquele signo? Me poupe, Lina! – encerrou ainda se divertindo.

- Não devo acreditar em horóscopo também? – indaguei simulando inocência.

Ele pôs as mãos cobrindo o rosto, em seguida avançou para cima de mim e me beijou com vontade: - Pirada! Você me faz muito bem, sabia?

Lógico que meu peito se espremeu, pois era o que acontecia cada vez que o olhar de Miguel se demorava mais em mim, mas para não dar muita bandeira sobre o quanto ele mexia comigo, aproveitei o momento de descontração para tomar coragem de convidá-lo para conhecer meu amigo (eu queria ter feito o convite há mais tempo, mas tinha medo que soasse como ratificação de um compromisso): - Miguel... – respirei fundo para completar – Se você estiver livre... se não for te atrapalhar... só se você quiser mesmo...

- Lina, estou ficando realmente assustado! – interrompeu-me em tom sarcástico.

- Tá. Vou falar. – sorri e continuei – Quer ir comigo num jantar na casa do Celso semana que vem? – perguntei respirando aliviada.

Ele cerrou os olhos e me encarou com doçura, mas sem nenhum traço de humor em seu rosto: - Claro. É o que eu mais quero, pois estou louco para conhecer o maluco que anda me deixando morto de ciúme. – revelou e depois abriu um largo sorriso.

Surpresa pela revelação arregalei os olhos e perguntei: - Você ficou com ciúme?

- Porra, Lina, claro! Com muito ciúme! – confessou com divertimento e em seguida começou a beijar levemente meu pescoço e fazer carícias pelo meu braço com os nós dos dedos. O mal estar que sentia passou, assim, como num toque de magia ou talvez com o toque Miguel.

No outro dia despertei animada, saí da cama antes que Miguel acordasse e me aventurei em sua cozinha preparando o café da manhã. Eu não sabia ao certo tudo que ele gostava, mas já o tinha visto tomando café algumas vezes e em meio a uma ou outra variação vi que não abria mão de torrada com geleia de morango, café preto e iogurte batido,

então ajeitei a mesa de forma que estes itens ficassem bem perto do lugar que ele costumava se sentar.

Miguel entrou na cozinha sorrindo, sem camisa, usando apenas uma cueca samba canção de algodão azul-escuro e sentou-se ao meu lado dando um beijo longo em minha boca: - Sabia que é muito bom perceber que você presta atenção em mim! – afirmou deixando claro que tinha percebido o modo como arrumei a mesa para o café. - Presto muita atenção em você! – respondi com um sorriso malicioso enquanto o olhava de cima a baixo.

Ele sorriu e me beijou longo novamente, demonstrando não ter ficado nem um pouco constrangido com a brincadeira e continuou: - Eu também sei do que você gosta: café com adoçante. Eca! – afirmou fazendo cara de nojo – Pão sem miolo com margarina e mel. Eca novamente!

Enquanto falava eu sorri passando a manteiga no pão, jogando com vagareza o mel por cima: - Quer experimentar agora? – ofereci estendendo meu pão em sua direção.

- Um dia... – fechou os olhos com força e engoliu a saliva acumulada na boca - Hoje ainda não me sinto preparado... – afirmou fechando os olhos e balançando a cabeça.

- Lina, quero aproveitar nossa conversa de ontem para te fazer um pedido. – anunciou com o semblante sério, pondo fim à brincadeira sobre nossos gostos.

- Quer o livro emprestado? – debochei.

Miguel olhou para o teto e fechou as mãos em sinal de prece: - Que eu nunca chegue a tal ponto!

- Ridículo! – respondi sorrindo, dando um leve tapa em seu braço.

- Quero que vá comigo hoje num churrasco na casa dos meus pais.

Aquela declaração me pegou de surpresa e num rompante coloquei o pão sobre o prato, bebi um gole de café, passei as mãos nervosamente pelos cabelos e respondi: - Ah, Miguel, você não acha que seria melhor a gente esperar mais um pouco, que tal nos conhecermos melhor antes de envolvermos nossas famílias no que estamos vivendo? – suspirei e não consegui evitar o semblante receoso – Miguel, a gente nem sabe dar nome ao que estamos vivendo...

Notando meu desconcerto ele falou de forma firme, porém carinhosa: Não somos mais crianças, Lina, ninguém vai nos perguntar nada... – e bebeu um gole do iogurte batido – É uma reunião familiar, casual, num sábado à tarde. Só isso?

Levantei as sobrancelhas: - Reunião familiar...

- Você se sentiria mais à vontade se eu convidasse o Mário e a Diana?
- Você me acharia muito infantil se dissesse que sim?

Miguel gargalhou sonoro e puxou minha cadeira para perto dele me dando um abraço apertado e um beijo estalado na boca: - Acho infantil, mas tudo bem... – respondeu divertindo-se.

Enquanto eu remexia dentro das caixas de papelão à procura de alguma roupa usável para ocasião nada tranquila para mim (conhecer a família dele) Miguel, vencido pelo cansaço sentou-se no chão da sala do meu apartamento e resolveu ligar para o Mário, convocando o amigo para o churrasco. Depois de achar um vestido branco de lese, de alcinhas finas, soltinho, dois dedos acima do joelhos, segurei-o firme e o levantei como um troféu e saí sorrindo em direção ao quarto para passá-lo. Aproveitei o momento sozinha e mandei uma mensagem para Diana pedindo que não recusasse o convite, nem mesmo se o Papa resolvesse tomar um café na casa dela. Debochando do meu desespero respondeu

que iria e levaria o Papa também, mas que chegaria mais tarde, pois já tinha combinado um almoço com seus pais e os pais de Mário. Não tinha jeito, era enfrentar a situação embaraçosa sozinha...

Por volta de duas horas da tarde chegamos a uma linda casa de dois andares cinza, com pilastras, portas e janelas brancas. Passamos pelo pequeno jardim na entrada e Miguel usou sua chave para entrarmos sem anúncio. Não havia ninguém na sala ampla e aconchegante com móveis e decoração bastante contemporâneos. Ele, segurando minha mão, disse que depois mostraria o resto da casa e foi conduzindo com naturalidade até a área de lazer.

Antes de atrevessarmos a porta de madeira Miguel parou por um instante e me encarou sem nenhum traço de humor em seu rosto: - Sabe aquela história de que somos adultos e que ninguém vai perguntar nada sobre a gente? – apreensiva, prendi a respiração, cerrei os lábios e concordei com a cabeça. Ele, visivelmente se divertindo com a minha reação, gargalhou e balançou a cabeça de um lado para o outro – Deixa pra lá... eu ia brincar com você, mas acho que se fizer isso você sai correndo daqui! – Miguel beijou de leve minha bochecha e completou: - Fique tranquila, linda...

A cena era a seguinte: duas crianças brincando e gritando dentro da piscina e os pais, irmão e cunhada de Miguel sentados em volta de uma mesa retangular de madeira bebendo cerveja e conversando descontraidamente. Assim que entramos, todos se levantaram e nos cumprimentaram com afeição e entusiasmo.

- Eu me lembro de você. – afirmou Ricardo, irmão de Miguel – Você estava na festa de noivado do Mário. Não é ela, Miguel?

Antes que eu pudesse responder, Elaine, cunhada de Miguel simulou uma cara de contrariedade e perguntou sorrindo: - É ela quem, senhor Ricardo?

Ricardo gargalhou: - A mulher por quem o Miguel ficou babando lá na festa!

Miguel demonstrou não ter se incomodado com a revelação e completou com os olhos fixos ao meu: - E estou babando até hoje...

Apertei com força a mão dele para que parasse com a brincadeira e me apresentei mais detalhadamente: - Eu sou Lina, sócia da Diana na firma de correção.

- Que ótimo! – exclamou Mariane, mãe de Miguel – Eu adoro a Diana, além de linda é muito extrovertida e animada!

- Ela e o Mário chegarão daqui a pouco. – anunciou Miguel.

- Vou começar a preparar a minha famosa caipirinha para aquele careca! – brincou Afonso, o pai – Você quer que eu prepare uma para você, Lina? – perguntou gentilmente.

- Hum... adoro caipirinha, mas acho que hoje vou pegar leve na bebida. – respondi me lembrando da ressaca horrorosa do dia anterior.

- Não precisa ficar acanhada, Lina, aqui todo mundo bebe, todo mundo samba e por aí vai... – brincou Elaine.

Miguel riu e me lançou um olhar bastante cafajeste: - Não é vergonha não, cunhadinha, é ressaca mesmo! Bebeu o que devia e o que não devia na quinta-feira com os amigos e ficou bem mal ontem...

Pus as mãos no rosto em sinal de vergonha e levantei os ombros: - Culpada. Eu assumo.

Por um breve momento o casal de sobrinhos de Miguel se juntou a nós, mas nada mais do que cinco minutos: comeram, beberam e

voltaram para a piscina como se ela fosse ser esvaziada a qualquer momento.

Como o combinado Diana e Mário chegaram no finalzinho da tarde e como estava me sentindo totalmente à vontade na companhia da família de Miguel cheguei a brincar com minha amiga que não era tão necessário assim dispensar o Papa para me socorrer.

Como não bebi nada alcoólico voltei dirigindo e durante todo o trajeto para o apartamento eu e Miguel nos mantivemos calados. Não era um silêncio ruim e nem pesado, era um silêncio cúmplice, um clima de harmonia, desejo e intimidade, algo que preenchia o ambiente por completo. Entrei no apartamento e ainda em silêncio retirei as sandálias e me sentei no tapete, escorando as costas no sofá, do mesmo jeito que tinha feito quando estive lá pela primeira vez. Miguel sentou-se ao meu lado e ficamos nos encarando por um bom tempo, até que vencido pela vontade suspirou fundo. Levantei e estendi a mão para que me acompanhasse. Ele riu e me beijou com tanta intensidade que pela primeira vez em toda minha vida tive a certeza de ter lido o pensamento de alguém e então soube que ele queria naquele momento o mesmo que eu.

Capítulo 12

E RA INÍCIO DE SETEMBRO E MINHA VIDA AINDA PRECISAVA DE ALGUNS ajustes, mas no geral tudo estava muito melhor do que qualquer previsão absurdamente otimista que pudesse ter feito quando me separei. Eu ainda precisava comprar móveis para o apartamento, e isto de não conseguir ânimo para ajeitá-lo me incomodava profundamente, precisava deixar a preguiça de lado e comprar roupas novas, afinal, minha vida social voltara a acontecer e eu tinha na maioria das vezes a companhia de um homem lindo que invariavelmente estava muito bem vestido. Estava me sentindo quilos mais leve por ter terminado a correção ortográfica no livro de Celso (o prazo para entrega teve que ser esticado em algumas semanas depois que ele decidiu incluir dois capítulos), e como nossa relação havia evoluído para o grau de amigos ele sugeriu que o trabalho pronto fosse entregue na sexta-feira, num jantar que seria preparado por ele e por Pierre em sua casa. Esta comemoração era também uma forma de fazer com que Miguel e Celso se conhecessem, pois todas as minhas tentativas anteriores foram frustradas por imprevistos no trabalho de Miguel.

No mesmo dia que Celso me fez o convite fui almoçar com Miguel e desta vez pedi, usando todo o meu charme de menina que não pode ouvir não, para que comparecesse. Óbvio que ele não perdeu a oportunidade de usar seu tom mais sarcástico e irritante: - Claro, Lina, vou adorar conversar por horas e horas com o charlatão. – afirmou sorrindo e revirando os olhos.

Outra boa notícia veio num e-mail de Fábio dizendo que aceitara minha nova proposta e que já havia depositado a primeira parcela do pagamento do apartamento. Com este acréscimo de dinheiro na minha conta me senti mais

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tranquila para realizar a tarefa de renovar meu guarda-roupa. Depois de comentar com as meninas que iria sair mais cedo na sexta-feira para cumprir a missão guarda-roupa renovado, acabei aceitando o convite de Joana para irmos a um shopping cheio de lojas caras e esnobes, não porque nós entendêssemos muito de moda e tivéssemos interesse nestes tipos de lojas, mas porque minha amiga tinha uma amiga que conhecia a vendedora de uma loja de roupas para crianças e adolescentes e a tal vendedora havia separado para João, filho adolescente de Joana, peças que estavam em promoção. Eu estava bem ciente de que ela economizaria e que eu, ao contrário, acabaria gastando além do que havia planejado, mas era uma nova e ótima fase da minha vida e me senti no direito de ter algum luxo.

No dia combinado trabalhamos apenas no período da manhã e decidimos almoçar no tal shopping chique da zona sul para ganharmos mais tempo nas compras. Quando chegamos, logo na entrada percebemos que a loja que Joana iria estava simplesmente entupida de pessoas e uma enorme fila já havia se formado do lado de fora. Adiamos o almoço para depois das compras nesta loja e após uma hora de fila, mais uma hora e meia dentro da loja deixamos o local exaustas com o empurra-empurra e a falação e gritaria entre clientes e vendedoras.

- Pausa, Joana! Por favor, preciso me refazer! Você tem noção de que acabamos de sobreviver a um furacão?! – afirmei deixando o semblante e os ombros caírem demonstrando o cansaço.

Joana riu e bufou: - Não foi fácil, mas vencemos! – exclamou com um sorriso no rosto e erguendo as sacolas que estavam em suas mãos.

- Quero um chope gelado! - Chope e uma porção de qualquer coisa, porque estou morta de fome! – completou minha amiga.

Nos sentamos no primeiro bar que encontramos dentro do shopping e conversa vai, conversa vem, olhei para fora do bar, erguendo o braço

para chamar o garçom e pedir mais uma dois chopes, porém interrompi o gesto quando vi Miguel andando pelo corredor, segurando uma sacola, parecendo um pouco apressado. Como ele estava um pouco distante de nós ainda comentei com Joana que era incrível que eu o tivesse encontrado por duas vezes sem termos combinado naquela cidade enorme, em lugares totalmente diferentes. Ele estava passando por nós, totalmente distraído, sem perceber nossa presença e nem mesmo se sentir constrangido com nossos olhares fixos o acompanhando. Então assim que se aproximou, mexi indiscretamente com ele: - Oi, gato! – falei alto para que ele percebesse que era com ele – Aceita tomar um chope com duas lindas damas?

Ele se virou para o lado já sorrindo, demonstrando ter reconhecido a minha voz. Primeiro foi até Joana e lhe deu um beijo no rosto, em seguida foi em minha direção e beijou minha boca com carinho, sentando-se ao meu lado e colocando a sacola numa das cadeiras vazia: - Que folga é esta? – perguntou surpreso.

- Viemos às compras! – respondeu Joana apontando para a cadeira cheia de sacolas.

- A Joana veio aproveitar para comprar roupas para o João numa loja que está em promoção. – completei.

- E você veio aproveitar para beber cerveja no horário do expediente... – completou sorrindo.

Fiz uma careta fingindo ter ficado brava e sorri: - Não! Acredite ou não vim fazer compras! - Sei, sei... – respondeu Miguel balançando a cabeça em negativa e piscando o olho com divertimento.

- Toma um chope com a gente, Miguel! – ofereceu Joana.

- Gostaria muito, mas não posso, meninas... – recusou cerrando os lábios – Tenho muito trabalho à minha espera. – afirmou enquanto se

levantava e me beijava mais uma vez. Em seguida despediu-se de Joana com um outro beijo no rosto e antes de sair reiterou nosso compromisso: - Lina, pego você às 9 horas. – sorriu com cinismo – Vamos mesmo jantar na casa do pirado?

- Do Celso! – corrigi e fiz careta fingindo chateação.

Miguel saiu caminhando apressado. Instantes depois Joana notou que ele havia esquecido a sacola em nossa mesa, então pegou rapidamente o pacote e saiu correndo à procura dele. Assim que retornou comentou sem malícia: - Lina, eu não me contive e dei uma olhada dentro da sacola...

Respirei fundo, cerrei os lábios e balancei a cabeça de um lado para o outro em sinal de reprovação: - Joana! – adverti sorrindo.

Ela tentou se redimir: – Poxa, Lina, era uma sacola da “Echarpe e tal”. É uma loja muito chique... fiquei curiosa...

- Isso é muito feio! – afirmei brincando e balançando o dedo indicador em sua direção.

- Então você não vai nem querer saber o que havia lá dentro! – resmungou e levantou os ombros.

Eu repousei o copo sobre a mesa e falei em tom de conspiração: - Agora que você já fez a merda pode me contar tudo!

Joana aproximou seu corpo da mesa e começou a sussurrar como se fosse me contar um grande segredo: - Não deu para ver muita coisa, porque tava enrolado num papel de seda, mas parecia ser uma echarpe de seda preta e laranja. Será que é pra você?

Voltei à minha posição inicial e respondi entortando os lábios para o lado: - Acho que não, outro dia mesmo estava jogando conversa fora com Miguel e lembro de ter comentado que não gostava muito da cor laranja...

Joana sorriu e concluiu com sarcasmo: - Querida, você sabe muito bem como os homens são dispersos, não duvido nada que ele tenha assimilado que na verdade sua cor preferida é laranja...

Nós duas rimos por sabermos que ela podia não estar totalmente enganada, mas não tocamos mais neste assunto, apenas comemos mais um pouco, terminamos o chope e saímos para realizar minha parte da missão no shopping.

Não voltei ao assunto da echarpe com Joana, mas internamente não conseguia deixar de questionar para quem ele havia comprado o presente. Uma pontadinha de ciúme cutucava meu peito, pois se não fosse para mim, quem seria a pessoa tão especial que fez com que ele largasse o trabalho e fosse pessoalmente escolher o lenço. Caso aquela sacola não viesse parar em minhas mãos e ele não me contasse nada sobre o tal presente, como sendo para a mãe ou alguém de sua família, com certeza o bichinho da desconfiança provavelmente me perseguiria por um bom tempo, eu não era mais a Lina submissa e nem inocente da época em que vivia com Fábio.

Miguel me buscou em casa como o combinado e durante todo o caminho não disse uma palavrinha sequer sobre a sacola. Não que eu não tivesse tentado arrancar alguma informação, ao contrário, tagarelei muito sobre o nosso encontro inesperado daquela tarde e ele, com uma naturalidade irritante, apenas ria da coincidência e se mantinha alheio às minhas especulações. Então ao chegar no apartamento de Celso me dei por vencida, parei de tentar arrancar alguma informação de Miguel e decidi estar lá de corpo e mente.

O apartamento de Celso era simplesmente o maior apartamento que já tinha visto em toda minha vida e para meu total espanto o lugar era

lindo, chique, arrumado e muito bem decorado. A maior parte do piso de tábua corrida escura, com móveis de madeira de demolição e enormes vasos com flores e plantas espalhados por todos os cantos da sala.

- Caramba! Eu não imaginava que gente depressiva rendia tanto dinheiro... – brinquei com Miguel no momento em que Celso se afastou para chamar Pierre.

Miguel não parecia ter compartilhado do mesmo pensamento que eu, pois não me lançou sequer um olhar de cumplicidade e nem teceu nenhum comentário sobre o lugar, apenas encarou os anfitriões sem que eu conseguisse ter uma pista do que estava pensando. Celso e Pierre nos receberam com toda simpatia e naturalidade. Confesso que estava um pouco apreensiva, pensando que Miguel pudesse agir com má vontade, já que sempre se referia a Celso como charlatão, mas não, foi super educado, simpático e bastante comunicativo, o que fez minha admiração por ele chegar a um nível ainda maior.

Outro erro de expectativa foi supor que Pierre por ser francês e chef de cozinha nos serviria algum prato típico de seu país, mas depois de me fartar com uma belíssima lasanha à bolonhesa cheguei à conclusão de que quando se tratava da família Chagas o melhor era que eu nunca perdesse meu tempo tentando prever suas ações, pois eram as pessoas mais surpreendentes da terra.

Antes de nos despedirmos entreguei um pen drive com o texto corrigido e também um envelope com o livro impresso. Pierre nos propôs um último brinde para comemorarmos e só depois de mais meia hora eu e Miguel conseguimos deixar o apartamento.

- Lina, você quer acabar comigo? – perguntou Miguel com os olhos sorrindo enquanto me encostava na parede do prédio e beijava meu

pescoço, fazendo com que eu arfasse de tanto vontade de estar com aquele homem.

- Como assim? – sussurrei buscando concentração.

Miguel se afastou provocando em mim uma vontade enorme de protestar e respondeu espalmado as mãos para cima: - Foi com aquele francês que você passou aquela noite?

Gargalhei com vontade esticando meu pescoço e jogando a cabeça para trás (Pierre é um homem lindo, impossível passar despercebido) e respondi o provocando: - Que noitada!

Já no quarto de Miguel regulei a luz para que ficássemos sob uma penumbra confortável, fomos para a cama e entre leves beijos e carícias em seu rosto e pescoço fui tirando peça por peça de suas roupas, enquanto ele em silêncio apenas me encarava com satisfação evidente em seu rosto, embora não houvesse sorriso. Depois de tê-lo deixado completamente nu, ainda vestida, sentei em seu colo ficando de frente para ele: - Miguel, você é simplesmente o homem mais lindo do mundo e acho até que sabe bem disso – encarei-o e sorri com malícia antes de completar –, mas tem uma coisa que acho que você não sabe... – sussurrei e beijei levemente seus lábios – ninguém no mundo me faz tão bem... eu nunca fui tão feliz...

Miguel segurou meu rosto com as duas mãos e respirou profundo: - Eu gosto mesmo de você, Lina.

Cada dia me sentia mais próxima de Miguel, a companhia dele preenchia tudo e ainda me deixava confortável. Era bom e era leve, era leve e era intenso, era intenso e não cansava. Fábio quase não passava mais por meus pensamentos e todo aquele rancor que sentia por ele se transformou numa espécie de nada, era como se o que vivemos juntos

tivesse acontecido em outra vida. Eu não buscava por notícias, não desejava bem, não desejava mal e quando me lembrava da história que tivemos sentia uma quase gratidão por ele ter tido a coragem de terminar e, ainda por cima, de uma forma tão rude, pois talvez se tivesse acontecido de uma forma mais suave e menos dolorosa eu não teria deixado nenhuma brecha para que Miguel entrasse em minha vida e o mais provável é que estaria tentando uma reconciliação, sem me dar conta de que seria por comodidade e não por amor.

Capítulo 13

- Di, eu não aguento mais! – exclamei com divertimento – Se minha vida social continuar neste ritmo frenético vou à falência! Uma roupa nova, um evento, um evento, uma roupa nova... – resmunguei ao constatar que precisava sair novamente para comprar um vestido novo para acompanhar Miguel numa confraternização do escritório dele.

- É tudo culpa sua, Lina, seu armário está defasado! – concluiu Diana com os olhos arregalados e um tom cínico, me lembrando que durante anos não tive motivos para renovar meu guarda-roupa.

- Se pelo menos você tivesse um corpo mais normal, menos tão extraordinário poderia me emprestar algumas roupas de vez em quando... – reclamei suspirando, olhando com fingido desdém para minha amiga e seu corpo escultural.

Diana riu envaidecida e completou: - Você é que é uma tábua despeitada, literalmente despeitada! – e suspirou me encarando – Mas é uma magricela tão perfeita que chega a me dar raiva! E outra, Lina, mesmo se vestíssemos o mesmo manequim não haveria chance nenhuma de trocarmos roupas, porque nós duas somos sócias e amigas, e estamos namorando com dois sócios e amigos. – afirmou enquanto terminava de passar delineador nos meus olhos.

Eu e Diana estávamos na casa dela dando os últimos retoques na maquiagem antes de nos encontrarmos com Mário e Miguel num restaurante em que comemorariam com a equipe do escritório por terem vencido uma disputa judicial que se arrastava há anos, um caso

importante onde representavam uma construtora pequena que lutava para provar que uma grande construtora havia conseguido informações privilegiadas antes de um processo de licitação para a construção de um conjunto habitacional. Chegamos ao restaurante e Miguel, Mário, Sílvio (um outro advogado e sua esposa), Fabrício (um jovem estagiário), Selma (a secretária e seu noivo) já estavam sentados ao redor da mesa. Mal nos aproximamos e Diana de um jeito nada discreto começou a remanejar as pessoas dos lugares. Tudo isso porque eu a havia comentado que não queria sentar perto de Sheila e ter que forçar uma conversa, pois nas raras vezes que nos encontramos ela tinha deixado claro ao me ignorar que não estava disposta a fingir que me suportava.

- Gente, desculpa se parece loucura, mas conheço vocês! – afirmou sorrindo enquanto criava um meio para que ficássemos lado a lado - Daqui a pouco vocês começam a falar de trabalho e então eu quero a Lina ao meu lado para não ficarmos nos sentindo dois peixes fora d'água.

Depois da primeira rodada de vinho Sheila e uma garota, parecendo ter entre vinte e três ou vinte e quatro anos se juntaram a nós. Tudo bem que de longe dava para se perceber o olhar blasé e a postura arrogante de Sheila, mas eu tinha que dar o braço a torcer, a mulher fazia o tipo deslumbrante, cheia de elegância e estilo. A menina que estava com ela também era linda, mas mais do tipo garota, com cabelos longos, ruivos, quase encostando na cintura, olhos castanhos claros e algumas sardas enfeitando a pele do rosto. Elas chegaram e cumprimentaram a todos, a primeira com aquele sorriso meio forçado, a segunda com o riso escancarado. - Eu não conheço esta menina... – falou Diana em tom de indagação para Mário – É namorada da Sheila? – perguntou em alto e bom som ao que Sheila respondeu com um sorriso forçado, enquanto todos os outros gargalharam pela brincadeira.

Mário apressou-se e sorrindo respondeu: - Ah, é mesmo... Acho que nem me lembrei de te contar que contratamos uma nova estagiária. Gabriela, - chamou ele pela menina – esta é minha noiva, Diana.

A garota sorrindo, divertindo-se com a brincadeira, estendeu a mão para Diana que retribuiu com simpatia. Em seguida, num gesto educado aproveitou para me cumprimentar. Miguel sem a mesma amabilidade de Mário apenas concluiu “esta é a Lina”.

Não sei bem se o que senti foi raiva ou ciúme. Tudo bem, eu sou mesmo a Lina! Nós nunca rotulamos o que estávamos tendo, mas o tom arrastado na fala dele me deixou com uma sensação ruim, como se ele tivesse menosprezando o lugar que eu estava ocupando em sua vida. Não me senti nada bem ao ser apresentada como a acompanhante casual da noite, mas não questionei e nem mudei a forma de agir, continuei calma e simpática, embora por dentro tenha sentido o ar chegar doído aos pulmões.

A menina sentou-se bem à minha frente, e numa tentativa de afastar o pensamento ruim de achar que Miguel se esquivou de me apresentar como namorada, um tanto sem tato, perguntei de supetão por perceber que apesar do calor ela vestia um pesado sobretudo de lã preto: - Você está com frio?

Ela riu, ficou de pé e começou a desabotoar o casaco para se livrar dele: - Não, não... estou parecendo uma louca, eu sei, mas é que meu irmão me deu carona de moto até a casa da Sheila e como eu estou de vestido coloquei este casaco por cima.

Ela se livrou rapidamente da peça, e se os olhares de todos se fixaram por um instante no vestido preto, colado ao belo e jovem corpo, meu olhar se fixou em outro ponto. Meu coração afundou dentro do peito ao me dar conta de que a menina trazia enrolada em seu pescoço uma

echarpe preta e laranja. Não consegui me conter e num novo rompante indaguei sentindo meu corpo perder as forças antes mesmo da resposta: - Foi seu aniversário recentemente?

Gabriela me olhou com o mesmo olhar de dúvida de quase todos que estavam naquela mesa e respondeu parecendo não entender a pergunta: - Não. Por quê?

- Porque você tem cara de leonina... – respondi sem ter noção do que estava falando.

Diana soltou uma gargalhada e brincou: - Lina, você está bebendo o quê? Nunca soube que você se interessava por astrologia e agora vendo que nem ao menos sabe que quem nasce no início de setembro é virginiano entendi menos ainda o que você estava pensando.

- Ah, deixa para lá... – sentenciei fingindo ter tido um simples surto de bobeira.

Digo que nem todos me olharam com indignação quando fiz a pergunta, pois senti que Sheila com o olhar frio e fixo em mim tinha percebido que havia algo me incomodando por trás daquela segunda pergunta. Por um instante meu olhar cruzou com o de Sheila e senti o chão se abrindo debaixo dos meus pés quando percebi que o rosto da minha rival esboçava uma felicidade sutil. Então para não demonstrar o quanto estava incomodada evitei o quanto pude durante todo o jantar olhar para ela, para Gabriela e sua echarpe e principalmente para Miguel.

As quase três horas que passamos dentro do restaurante foram uma eternidade para a minha mente que necessitava de explicações, por isso fui a mais apressada na hora das despedidas. Não me importei em esclarecer as dúvidas que os olhares perdidos de Miguel me lançava e nem as insistentes perguntas de Diana sobre a minha mudança abrupta

de humor. Mesmo sabendo que Sheila não faria questão de se despedir de mim, num gesto de quem não quer se mostrar derrotada fui até ela e estiquei o braço para nos cumprimentarmos formalmente.

- Até que você é bem espertinha, Lina... – afirmou com o tom sarcástico e me puxou num falso abraço apertado de quem estava intimamente se divertindo com a minha dúvida, que se transformou em certeza de que havia algo errado depois de seu comentário.

- Me deixa em casa hoje, Miguel? – pedi ao entrar no carro, sem conseguir encará-lo, mas tentando ser o mais natural possível, pois ter visto Gabriela com a tal echarpe podia significar muita coisa como também podia não significar nada de importante (e era nesta última hipótese que agarrava meus pensamentos, mesmo depois da afirmação de Sheila).

Miguel franziu as sobrancelhas e perguntou com naturalidade: - Por quê? Você não está bem?

- É... – resmunguei desanimada.
- Não seria melhor ficar comigo hoje? – sorriu levantando apenas um dos lados dos lábios.
- Não, melhor não. – resmunguei novamente.

Miguel parou em frente ao meu prédio e se apressou para sair do carro e abrir a porta para que eu descesse. Ele sempre fazia isso, mas desta vez surtiu em mim um efeito contrário, fiquei irritada e passei direto por ele e aquele sorriso bobo que ele me oferecia.

Cafajeste!

Corri para entrar no prédio o mais rápido possível e torci para que ele entendesse que não era hora de tentar nenhuma espécie de aproximação, mas foi só colocar o pé no elevador que o vi entrar apressado segurando a porta com a mão para que não fechasse.

- Lina, o que aconteceu? – perguntou atordoado.

Mantive-me muda durante os segundos que tivemos que ficar dentro do elevador e Miguel depois da pergunta não respondida resolveu também se calar.

Abri a porta do meu apartamento e com o semblante carrancudo dei passagem para que ele entrasse. Tirei os sapatos e joguei num dos cantos da sala, fiz o mesmo com a bolsa e me sentei no chão, com os joelhos dobrados. Miguel também sentou no chão, encostando as costas numa parede oposta, ficando de frente para mim, mas com certa distância.

- Sabe, Miguel – comecei a falar sob o olhar atento e perdido dele –, muitas possibilidades se passaram pela minha cabeça: presente de boas-vindas, recompensa por uma tarefa bem executada, presente de formatura ou aniversário talvez... – à medida que falava, meus ombros se encolhiam e meus lábios teimavam em entortar para baixo, e ao perceber que Miguel finalmente havia se dado conta sobre qual era o assunto senti uma pontada fina atravessar meu peito, pois era o silêncio dele que confirmava que nenhuma daquelas opções era a certa, então respirei fundo e continuei...

- Mas o que eu não consigo tirar da minha cabeça é só uma pergunta: Se presentear novos funcionários ou até mesmo os antigos é um costume de vocês por todos os motivos que eu citei, por que em meio à correria do dia-a-dia você se deu ao trabalho de diminuir seu horário de almoço apenas para fazer este agrado à nova funcionária? - Miguel sacudiu nervosamente a cabeça e passou as mãos pelos cabelos, mas antes que começasse a falar decidi completar meu pensamento para que não me magoasse ainda mais ouvindo alguma desculpa esfarrapada - Quero deixar claro que tenho total consciência de que não oficializamos nenhum tipo de compromisso, porém as pessoas nos veem juntos, andando para lá e para cá como se tivéssemos um relacionamento sério.

– respirei fundo e continuei – Bom, digo as pessoas, mas no fundo me refiro de verdade a mim mesma. – suspirei bem profundo – Só não quero que me diga que você tinha ido ao shopping por outro motivo e que se ofereceu para realizar a tarefa, pois eu sei que não faria isso... Então, Miguel, me diga só a verdade: qual é a sua verdadeira relação com a estagiária?

- Nenhuma relação além da profissional. – respondeu de forma curta.

Encarando-o com desconfiança e raiva continuei: - Então me explique aquela echarpe no pescoço da nova estagiária.

Com os olhos vermelhos e o semblante abatido, Miguel respirou fundo, olhou brevemente para o teto e voltou a me encarar: - Eu saía com a Gabriela antes de ficarmos juntos, Lina... Não é segredo para você que eu saía com outras pessoas... Acontece que prometi a ela um estágio assim que se formasse...

- E...

Miguel suspirou mais uma vez: - Ela se formou, me ligou e nós saímos para almoçar há uns quinze dias...

Minha glote se inchou deixando minha respiração prejudicada: - Pode contar tudo...

- Ela me disse que além de ter se formado também havia conseguido passar no exame da Ordem dos Advogados e brinquei que ela merecia um presente pelo feito. Gabriela me pediu um beijo, eu disse que não podia, mas que gostaria de presenteá-la de alguma forma e ela me disse que eu comprasse algo especial... – expirou com força - E foi só isso, Lina.

Abaixei a cabeça enfiando-a no vão entre os joelhos, fechei os olhos por uns instantes e levantei a cabeça novamente: - Você se deu conta do quanto isso foi humilhante para mim? Você se deu conta do papel

ridículo que me fez passar ao me levar a um jantar onde sua bela garotinha – afirmei com sarcasmo - estaria exibindo, numa espécie de segredinho travesso, o presente que ganhou na frente de outra mulher?

Miguel balançou a cabeça e entortou os lábios: - Não, Lina, eu não pensei nisso.

- Eu sei que devido aos nossos amigos em comum vamos nos esbarrar muito por aí, mas só te peço que desta vez respeite de verdade minha vontade e não me procure mais! – afirmei sem alterar o tom resignado da voz enquanto me levantava e andava em direção à porta, abrindo-a para que ele saísse.

Miguel continuou sentado e me olhando sem dar sinal de que estava disposto a me deixar sozinha: - Lina, eu juro que não pensei que estava te fazendo mal...

Fechei a porta, mas mantive uma de minhas mãos na maçaneta: - Você insistiu para que eu cedesse, eu deixei bem claro que não tinha estrutura para ser magoada de novo... Se nós não tivéssemos nos encontrado no shopping eu nunca saberia o papel de idiota a que estava me prestando! – meus olhos se encheram de lágrimas, mas respirei fundo e pedi que ele saísse. Desta vez Miguel se levantou e passou por mim com a cabeça abaixada sem tentar se explicar novamente.

Capítulo 14

- ... Então qual era a chance de dar certo? – eu questionava minhas amigas enquanto franzia a testa e arqueava os ombros contando o que havia descoberto sobre Miguel e a nova estagiária. – entortei os lábios para o canto e concluí com sarcasmo - Havia sim chance de dar certo: era só eu me fazer de boba e aceitar que embora quando estivesse comigo como se eu fosse única, de fato não era... Mas aí daria certíssimo para um dos dois lados e não seria o meu...

- E como você está? – indagou Joana preocupada.

Cocei atrás da orelha demonstrando insatisfação e concluí: - Péssima! Mas não quero mais falar sobre o Miguel: primeiro porque acho que ele não merece meus pensamentos e segundo porque não estamos aqui para lamentações. – afirmei piscando o olho e sorrindo para as meninas, dando o assunto como encerrado.

Uma semana havia se passado desde o rompimento com Miguel, mas eu ainda não tinha contado com detalhes para minhas amigas o que tinha acontecido, pois estávamos trabalhando muito. Para mim foi ótimo ter este tempo de silêncio, mesmo não me sentindo bem pude me acostumar com a sensação ruim de garganta inchada e aperto no peito que começaram a fazer parte da minha rotina, acredito que pela falta de Miguel e pela raiva de ainda tê-lo em pensamentos. Porém, na sexta-feira seguinte, depois do expediente, fomos todas para a casa de Diana ajudá-la a começar encaixotar suas coisas para a mudança definitiva para o apartamento de Mário. Enquanto fazíamos uma pequena pausa para comer o bolo de cenoura com cobertura de chocolate que tinha acabado

de sair do forno e tomarmos café fresco acabei contando de forma resumida a história, tentando com isso botar um ponto final aos questionamentos.

Diana me serviu mais uma xícara de café e enquanto comia o bolo escutei o que ela tinha a dizer: - Lina, a gente sabia do risco que você estava correndo ao levar a sério seu relacionamento com Miguel, mas me desculpe, amiga, por mesmo assim ter incentivado que saísse com ele... – ela respirou profundo e continuou - É que no fundo eu tava achando ele tão diferente, tão focado, tão... sei lá... achei que ele estivesse apaixonado e acabei deixando minhas ressalvas de lado... – justificou-se sob os olhares cúmplices e condoídos de Joana e Martinha.

Sorri com os lábios cerrados e apertei os olhos: - Não se culpe pelo erro dele. – Em seguida ajeitei a postura na cadeira, bebi mais um gole de café e falei num tom animado: - Di, você disse que tinha um novo comunicado a nos fazer...

- Tenho sim... – respondeu com o semblante temeroso e sem euforia.
- Quanto suspense, Diana! – esbravejou Joana – Fala logo porque daqui a pouco tenho que ir embora!
- Eu sei que para vocês não será um problema – disse olhando para Martinha e Joana -, mas tô com medo da Lina não gostar... – afirmou fazendo cara de criança que não quer falar a verdade por medo das consequências.

Minha mente funciona assim, a qualquer mínimo sinal de alguma coisa fora do normal meus pensamentos ficam agitados, hipóteses e mais hipóteses surgem numa avalanche desconexa e criativa. Então quando Diana disse que eu poderia não gostar, meus pensamentos foram de “ela não quer mais ser minha sócia” à “Gabriela está grávida e Diana será a

madrinha”. Então para não me precipitar verbalmente, apenas pedi que nos contasse logo.

- Eu e Mário decidimos oferecer um jantar na sexta-feira que vem só para nossos familiares e amigos mais íntimos.

A notícia gelou minha espinha. Eu não esperava ter que me reencontrar com Miguel depois de tão pouco tempo: - Ah, é mesmo? – indaguei tentando fingir naturalidade.

- Bom, meninas, eu e o Mário finalmente decidimos a data do casamento e queremos que todas as pessoas que são importantes em nossas vidas estejam presentes para o anúncio. – concluiu esclarecendo o motivo do jantar.

- Mas vocês não estão redecorando o apartamento dele? Sei que este tipo de obra, querendo ou não, sai cara! – afirmei com os olhos arregalados e balançando a cabeça para ratificar minha fala - Não é hora de desperdiçar com jantares. – concluí num tom ponderado de quem quer simplesmente ajudar uma amiga a não desperdiçar, mas no fundo estava a todo custo tentando demovê-la da ideia.

- Lina, deixa de ser palhaça! – finalizou Diana, fazendo careta para demonstrar que sabia muito quais eram as minhas intenções.

Suspirei resignada e respondi: - Tudo bem... – resmunguei - Juro que estou feliz por vocês, só não estou por mim... – ajeitei meu corpo na cadeira e perguntei mais animada – E quando será o casamento?

Diana me olhou com reprovação e balançou a cabeça: - Lina, só vamos anunciar a data no jantar. Se eu dissesse agora qual era o sentido da confraternização?

As meninas estavam quietas, rindo com divertimento ao me verem tentar fazer com que Diana achasse que oferecer um jantar estava sendo

uma péssima ideia: - Se você anunciar a data, através de um e-mail, por exemplo, imagina quanto dinheiro poupará!

- Lina, vou fingir que nem te escutei. – afirmou Diana revirando os olhos em descontentamento.

- Tá... vou parar de ser chata...

- Acontece que não contei tudo...

Arregalei os olhos e pedi que contasse o mais rápido possível antes que minha mente começasse a trabalhar aceleradamente mais uma vez.

- Como você mesma lembrou, Li, o apartamento do Mário está em reforma e o meu é muito pequeno, então decidimos aceitar a oferta do Miguel e fazer o jantar na casa dele. – Diana sorriu com uma expressão bem fofa e piscando os olhos que também sorriam para evitar que eu tivesse um possível surto de desespero.

- Puta merda, Diana, o jantar não pode ao menos ser num restaurante? – esbravejei.

Com a voz mais doce e o sorriso mais carinhoso do mundo de quem sabe estar mexendo num vespeiro continuou: - Como você disse anteriormente, e muito bem dito por sinal, a reforma está saindo muito cara, por isso é melhor não desperdiçarmos dinheiro em restaurantes! Um jantar em casa sai muito mais em conta...

Enfie um pedaço grande de bolo na boca e mastiguei bem lentamente para que eu não dissesse mais nenhuma palavra de protesto.

Diana ficou me encarando por alguns instantes e depois perguntou com delicadeza: - Você tá muito brava comigo?

Engoli o bolo e sorri: - Claro que não, lindona, mais cedo ou mais tarde eu e Miguel acabaríamos nos encontrando... Só tenho mais uma perguntinha: Quem são exatamente os poucos convidados?

Diana abriu o sorriso: - Vocês, óbvio. O Miguel e a família dele, a minha família, a família do Mário e também a Sheila, porque foi ela que deu a ideia para o Miguel.

Ah, que ótimo: casa do Miguel, família do Miguel, amante do Miguel... Mal posso esperar por tanta diversão!

No segundo final de semana consecutivo sozinha, novamente me rendi a total e miserável depressão. Até pensei em ligar para as meninas do trabalho e me inserir em algum programa familiar alheio, mas pensei melhor e deixei que curtissem sossegadas os dois dias de folga. Cheguei também a cogitar a possibilidade de procurar Celso, mas ele estava aproveitando a companhia do filho. Então me rendi totalmente à autopiedade e fiquei estirada na cama, com a televisão ligada no mudo, pensando na montanha russa que estava minha vida desde o início do ano. Só me levantei depois do meio dia, tomei um banho e saí à procura de um lugar qualquer para almoçar.

Sentei numa lanchonete e pedi o especial do dia: arroz, feijão, bife, salada e batata-frita. Cada garfada um suspiro e antes do final da refeição um suspiro mais longo e demorado ao ver piscar na tela do meu celular o nome do Fábio.

Ah, não... Fábio? Pensei que estivesse tudo resolvido entre a gente...

- Oi, Fábio – falei com má vontade.
- Lina, onde você está? - Por que você quer saber? – indaguei com surpresa e raiva.
- Preciso muito te ver.
- Aconteceu alguma coisa? Você tá bem? – desta vez perguntei realmente preocupada.

Nossa mãe do céu, como eu sou idiota! Eu estou mesmo preocupada com o imbecil do Fábio! Ah... pior é que estou!

- Sim, Lina, tudo bem comigo... só preciso conversar com você. – afirmou em um tom meigo e parecendo estar um pouco envergonhado – A gente pode se encontrar agora? Se não estiver ocupada eu posso ir ao seu apartamento, é só me passar o endereço.

Tudo, menos o meu apartamento! Seria muita humilhação!

- Não estou em casa, estou numa lanchonete. Vou te mandar o endereço pelo whatsapp e te espero aqui. Menos de meia hora depois Fábio entrou na lanchonete e logo percebi pela barba por fazer e as mãos no bolso que ele estava em apuros. Antes de se sentar me deu um beijo carinhoso no rosto. Eu apenas fiquei observando seu semblante abatido enquanto pedia ao garçom uma cerveja e dois copos.

- Lina, a Laura está grávida. – disse de supetão, olhando-me com tristeza. E eu que imaginei que nunca mais me abalaria com nada relacionado a ele senti como se tivesse levado um soco forte bem na boca do estômago. Ele sabia o quanto aquela notícia mexeria comigo, pois dos anos que passamos juntos, pelo menos nos dez últimos fiquei implorando que ele considerasse a hipótese de termos um filho, e ele sempre negava meus pedidos alegando que ainda não se sentia preparado para ser pai.

- Que bom. – resmunguei forçando um sorriso – Foi muita consideração sua vir até aqui para me dar esta notícia. – afirmei revirando os olhos.

Fábio segurou com força minhas mãos e fez uma cara arrependida: - Não, Lina, você não está entendendo! – afirmou aflito.

Desvencilhei minha mão da dele e franzi as sobrancelhas indicando que não estava mesmo entendendo o que ele estava tentando me dizer: -

Fábio, o que aconteceu? Você não quer o filho?

- Eu e a Laura nos separamos mês passado... – ele bufou e completou - E agora ela me aparece com esta notícia!

Ainda mais surpresa pedi confirmação: - Vocês estão separados? Ela te deixou?

Ele sorriu sem mostrar os dentes: - Não, eu terminei com ela. Pode rir, Lina. Eu mereço todo escracho do mundo! Eu estava doido! Como pude terminar com você para ficar com aquela chata?

Balancei a cabeça em negativa: - Pensei que estivesse apaixonado...

- Eu também. – ele sorriu com tristeza - Mas não demorou muito para perceber que eu estava era louco! Como pude te magoar tanto? Você sempre foi tão carinhosa, tão companheira... Me desculpe, Lina. – Fábio suspirou fundo – Mas tenha o consolo de saber que eu perdi muito mais que você, que agora tá feliz, namorando...

Engoli em seco, mas não tive coragem de falar a verdade para ele naquele momento: - E você está com esta cara porque acha que o filho não é seu? – perguntei antes que minha vida se transformasse no foco da conversa.

Fábio bebeu um gole da cerveja e continuou: - Não desconfio dela, acredito que o filho seja meu.

- Então não é nada grave: vocês podem se reconciliar, e se isso não acontecer, hoje em dia existe a guarda compartilhada e você terá muito contato com seu filho.

Fábio segurou minhas duas mãos e se inclinou um pouco para baixo beijando-as afetuosamente: - Lina, eu queria que este filho fosse seu...

Doeu ouvir aquilo, porque assim que nos separamos chorei por vários dias pensando que se tivesse tido um filho não me sentiria tão só.

- Mas não é. – afirmei contundente – Então agora você vai ter que esfriar a cabeça e procurar a Laura para que busquem uma maneira de criarem esta criança com todo amor e carinho do mundo, estejam juntos ou separados.

- Eu sei, Lina, vou fazer isso... – Fábio passou as mãos pelo rosto e em seguida me encarou – Posso te pedir um abraço? Sei que não mereço, mas juro que só um abraço seu pode me dar um pouco de tranquilidade.

Deixei que ele me abraçasse demoradamente, pois eu sabia bem como era precisar não se sentir sozinho. Ao nos despedirmos prometi que ligaria para ele durante a semana para saber as novidades. Eu não devia me preocupar, eu também estava sofrendo, mas minha natureza é tão pouco rancorosa que às vezes me sinto a personificação da palavra imbecil.

Capítulo 15

O JANTAR NA CASA DO MIGUEL ESTAVA CADA VEZ MAIS PRÓXIMO E A CADA DIA QUE se passava me sentia mais ansiosa ao pensar em como seria me encontrar com ele novamente. Eu queria e não queria: queria vê-lo, mas não queria que ele me visse, pois estava com um medo enorme de dar bandeira da saudade que estava sentindo.

Mesmo depois de ter descoberto o episódio de Miguel com a estagiária ainda acreditava que ele gostava de mim, porém descobri dessa forma nada agradável que não era um sentimento tão forte a ponto de fazê-lo concentrar-se apenas em nós. Eu estava magoada por ter sido enganada mais uma vez e me sentia duplamente traída por ele, pois tinha sido tão franca ao dizer que estava num momento ruim e que não tinha condições de tão recente à separação me aventurar em outro relacionamento. Mas ele, egoísta, mesmo ciente de tudo insistiu que lhe desse uma chance, afirmando que realmente estava empenhado em tentar fazer dar certo entre a gente.

Era estranho e vergonhoso pensar no quanto havia dedicado e me iludido com um novo namorado mesmo tendo sido alertada que a outra parte era muito persuasiva e evasiva, pois bastou menos de meia dúzia de encontros (sensacionais, admito) para que eu agisse como se estivesse num romance firme e inabalável. Não foi preciso muita análise interna para que chegasse a duas conclusões nada animadoras sobre minha personalidade: embora pacata, não tinha nenhum senso de perigo e era ingênua, apesar da idade. Decidi então que precisava mais do que o livro de autoajuda, precisava me tratar pessoalmente com Celso.

Não foi fácil tomar coragem para ligar e marcar uma consulta. Uma coisa era ter um bate-papo informal com um amigo, fazer um desabafo entre vinhos e conversas menos tensas, outra era me imaginar deitada num divã ou sentada num sofá, pagando para ficar emocionalmente exposta: - Celso... – gaguejei e raspei a garganta de leve - ... é que eu pensei que seria atendida por sua secretária e só liguei para marcar um horário. – expliquei envergonhada.

- O que aconteceu, meu bem? – perguntou com a tranquilidade de sempre em sua voz.
- Tanta coisa... – suspirei com tristeza – Acho que preciso de ajuda profissional para colocar minha vida em ordem.
- Lina, claro que podemos iniciar um tratamento, mas hoje, como seu amigo, o que acha de nos encontrarmos e conversarmos um pouco?
- Não! – esbravejei – Pelo amor de Deus, Celso, eu não seria tão inconveniente... O Pierre está aqui no Brasil para ficar com você e eu não vou dar uma de estraga prazer.

Celso gargalhou brevemente: - O Pierre tem mais um monte de coisas para fazer aqui no Brasil além de ficar com o velho pai. Hoje mesmo ele vai levar uma garota que conheceu para jantar. – respirou fundo depois da afirmação e completou com a voz animada - Então estou totalmente livre...

Ele estava disponível e eu estava arrasada, precisando de um ombro amigo: - Tá. – respondi com a voz mais animada – Que horas é a sua última sessão? Eu te busco e vamos jantar. Que tal?

- Meu expediente acabou e estou indo para casa preparar uma delicioso e calórico jantar para gente.
- HUUUUUUUU – brinquei – Já estou mais animada! Eu levo o vinho!

Depois de muito desabafo (mais um para a conta dos um milhão deles) Celso me disse o óbvio: que eu poderia não comparecer ao jantar, mas que era bem provável que essa atitude magoasse amigos muito queridos.

Claro que a possibilidade de não comparecer nem passou pela minha cabeça. Quando Diana me contou sobre o jantar na casa do Miguel eu quis do fundo do meu coração que ela desistisse da ideia, mas nem por um segundo pensei em negar o convite, minha amiga não merecia e nunca seria colocada numa posição de prioridade abaixo de ninguém em minha vida.

Mesmo sendo óbvio como o seu livro, Celso tinha o extraordinário poder de me deixar mais tranquila, perto dele os problemas pareciam pesar menos, era um amigo extremamente paciente, carinhoso e gentil e que ainda era cheio de ótimos conselhos. Cheguei em sua casa tensa e ansiosa e depois da “consulta” já me sentia pronta para assuntos mais divertidos e, como sempre, ele não se negou a falar.

- E o livro, quando será lançado? – perguntei depois de algumas garfadas no saboroso suflê de queijo que ele preparou para nós.
- Mês que vem, ainda na primeira quinzena de outubro. – respondeu respirando fundo demonstrando o misto de ansiedade e orgulho em seus olhos.
- Que ótimo! – afirmei muito feliz pela notícia e depois perguntei com estranheza – E o Pierre vai ficar mais este tempo aqui? E o trabalho dele?
- Ele vai ficar até depois do natal. – respondeu ele como se fosse natural as pessoas tirarem intervalos tão grandes no trabalho.
- É uma tradição na família de vocês este negócio de três meses de férias? – brinquei.

Celso gargalhou: - Quase isso... A mãe do Pierre está cuidando da loja e assim que ele voltar é a nossa vez de tirarmos nossas férias.

- Já escolheram o país?
- Ainda não, mas temos que nos decidir logo, logo...

Antes que eu fosse embora Pierre chegou com o rosto animado: - Deste jeito não volto para França... – afirmou sorrindo demonstrando ter gostado muito do encontro.

- Ou talvez não volte sozinho... – emendei com divertimento.

Capítulo 16

PARE DE TREMER, LINA! AJA COM NATURALIDADE, SUA IDIOTA! – EU ME repreendia mentalmente enquanto apertava com nervosismo os botões do elevador para que parasse em todos os andares antes de chegar à cobertura, utilizando deste artifício infantil para ganhar fôlego antes do reencontro com Miguel.

- Caramba, Lina! O que aconteceu? Estava cheio, hein?! – esbravejou Diana, que me esperava no corredor do lado de fora, referindo-se à demora do elevador para chegar até o último andar.
- É... – balbuciei com um sorriso tenso, sem revelar o verdadeiro motivo de fazê-la esperar um pouco mais.

Com o coração apertado e sentindo a pressão da mão forte de Diana me conduzindo para dentro do apartamento entrei com a visão meio turva, tamanho era meu nervosismo. Por dentro me sentia como acompanhante de uma amiga que vai a uma festa onde não conhece ninguém (o que não era o caso, pois conhecia todos, e alguns com muita intimidade), por fora agia com surpreendente naturalidade, cumprimentando animadamente (inclusive os pais de Miguel) com abraços apertados, enquanto fazia um ou outro comentário vazio. Tendo conseguido atravessar relativamente bem este primeiro momento, me sentei entre Martinha e Joana no sofá da sala e só então percebi que Miguel e Sheila estavam na varanda, recostados no parapeito, segurando taças de vinho e parecendo estarem numa conversa interessante e descontraída. Ao notar minha presença, Miguel, sem esboçar nenhum

tipo de emoção, apenas acenou com a cabeça em minha direção. Sheila não repetiu o gesto, me encarou por um segundo e voltou à posição anterior, demonstrando algo entre indiferença e chateação ao me ver.

Eu tentava me concentrar numa conversa descontraída sobre a decisão de Pedro de comprar uma moto, enquanto sorria e encarava meu amigo como se estivesse realmente envolvida na narrativa. Miguel se aproximou com o semblante fechado, indecifrável e me estendeu um taça com vinho branco. Totalmente despreparada para encará-lo novamente, apenas estendi a mão recebendo a oferta. Ele não se deu ao trabalho de esperar por um gesto de agradecimento, virou de costas para mim e foi se juntar a um grupo de homens que conversava animadamente.

Fiquei a maior parte do tempo sentada no mesmo lugar, como se estivesse colada no sofá e todos soubessem disso, pois as pessoas é que se revezavam ao meu lado. Miguel circulava bastante entre os grupos, mas não parou nenhuma vez no grupo em que eu estava. De vez quando, do jeito mais furtivo possível, eu matava um pouco da saudade enquanto o observava por um pequeno instante, posso dizer que uma pontada de decepção me atingiu, pois em nenhum desses momentos nossos olhares se cruzaram. Miguel estava agindo com naturalidade, mas não sei motivada por meu desejo secreto de que ele também estivesse sentindo minha falta, não diria que estava no seu melhor dia, não havia nele humor sincero e seus olhos pareciam abatidos.

O jantar deliciosamente simples, risoto de frutos do mar e salada, foi servido ao estilo americano (onde nós mesmo nos servimos), então para não perder minha zona de conforto arrumei o meu prato rapidamente e voltei para o mesmo lugar. Tive dificuldade para terminar a pequena porção que tinha colocado, pois mesmo depois de mais de duas horas naquele apartamento meu coração continuava batendo descompassado e

minha garganta parecia inchada. Engolir foi um esforço enorme, até mesmo maior do que tentar conversar com naturalidade e coerência. O anúncio da data do casamento só foi feito após o término do jantar. Então esperei que Mário fizesse mais um lindo, longo e meloso discurso revelando ao final que oficializariam a união no dia dez de janeiro do ano seguinte, para me levantar e despedir de forma geral de todos.

- Ué, como assim vai embora? – perguntou Martinha com o semblante aborrecido – Poxa, Lina, você tem noção do trabalhão que tive para preparar a torta de chocolate com morangos?

Deixei as pálpebras caírem, cerrei os lábios e respondi sussurrando: - Ah, Marta, faça-me o favor, né? Até amizade tem limite! – suspirei contrariada e completei – Leva um pedaço da torta lá para o escritório e eu prometo que como tudinho!

Martinha ficou em silêncio por um instante e olhou para o lado antes de me responder: - É... não deve estar sendo fácil mesmo... – entortou os lábios para um dos cantos e completou – Mas aguenta só mais um pouquinho... Só um pedacinho? – pediu com cara de piedade.

Peguei um pedaço da torta e fui me sentar na varanda junto com os pais de Diana. O que eu não esperava era que todos os outros fossem nos seguir. Como não havia cadeiras suficientes para todos do lado de fora, os que foram por último trouxeram cadeiras da sala e se juntaram a nós. Miguel não fez diferente, foi o último a ir para a varanda e posicionou sua cadeira entre seus pais e de frente para mim.

Mesmo com o olhar fixo no prato sentia que Miguel estava me olhando e isso fazia com que minha barriga doesse, aumentando ainda mais meu medo de não conseguir segurar no estômago a comida que entrava. Depois da última garfada dei um suspiro de alívio e abri um sorriso pronta para elogiar o jantar e me despedir. Assim que simulei

abrir a boca meu olhar se encontrou com o de Pedro, que sorriu de forma amigável e resolveu me incluir na conversa: - Lina, ligou para o cara da loja de móveis que te falei?

Acho que por eu não estar tão falante nessa nossa reunião como nas outras que participei acabei me tornando o centro das atenções, pois todos se calaram imediatamente à espera da minha resposta. Sem graça, abri um sorriso tímido e para não estender o assunto fiz a grande besteira de contar o que havia acontecido: - Ah, Pedro, não liguei ainda porque o dono do apartamento me deu um mês para desocupá-lo. – anunciei sem nenhuma tristeza pelo fato e me preparei para levantar quando me dei conta do alvoroço que causei com aquela declaração.

- Lina, como assim te deu um mês para deixar o apartamento? – questionou Mário num tom impaciente.

- Sério, Lina? Que loucura? Fica lá em casa por um tempo! – exclamou Joana.

- Meu Deus, você não me disse nada! O que aconteceu? – esbravejou Diana.

- Que bom, aquele apartamento era uma merda! – desabafou Martinha.

Tudo que eu menos queria aconteceu: virei o assunto principal. Então suspirei fundo, passei as mãos pelos cabelos e tentei finalizar a conversa - Tudo bem, pessoal! – sorri constrangida – Não foi nada demais... É que a filha do dono do apartamento vem morar em São Paulo. Ele foi super gentil me perguntando se era possível que me pagasse uma multa e tivesse seu imóvel de volta. – levantei os ombros e continuei – Para mim vai ser ótimo, eu não gosto de lá. Aluguei num impulso depois da separação e só depois é que me dei conta de como fica longe do escritório... Não se preocupem, eu me viro!

- Eu moro perto do seu escritório. – Miguel disse num tom sério.

Sorri sem graça e me vi obrigada a responder àquela afirmação sem sentido: - É mesmo.

- Casa comigo? – perguntou ele me encarando sem qualquer traço de constrangimento, como se estivéssemos sozinhos e ainda fôssemos um casal.

Meu coração afundou dentro do peito. Eu não entendi o que ele pretendia ao dizer aquilo e muito menos se eu deveria dizer alguma coisa naquele momento. Só vi que todos estavam mudos, nos observando como se estivessem assistindo ao último capítulo de uma novela, então me levantei e resmunguei: - Bom, foi tudo lindo! – olhei para Mário e mesmo sentindo meu rosto queimando concluí de forma atrapalhada – Seu discurso foi maravilhoso! Dia dez de janeiro... Ótima escolha! Todos continuaram em silêncio enquanto eu tentava desajeitadamente me despedir, só Miguel parecia confortável com a situação constrangedora que sua frase causou: - Eu não estou brincando, Lina, casa comigo! Eu não aguento mais ficar longe de você!

Eu o encarei com seriedade e respirei fundo para que ele percebesse que não havia gostado nem um pouco da brincadeira de mau gosto. Não me despedi novamente de ninguém, apenas saí caminhando pela sala e quando peguei minha bolsa numa das cadeiras percebi que Miguel já estava ao meu lado. Nós caminhamos lado a lado por um instante, mas ele me surpreendeu novamente e começou a subir as escadas em direção ao seu quarto, com rapidez, pulando de dois em dois degraus.

Balancei a cabeça ainda mais atordoada e continuei caminhando até o elevador. Já do lado de fora do prédio fui caminhando em direção ao ponto de táxi com os pensamentos e sentimentos confusos, que iam do êxtase à fúria. Passei nervosamente as mãos pelo rosto: Que homem mais maluco! O que será que ele esperava como resposta?

“Sim, Miguel! Mil vezes sim!!!!”, “Olha, realmente você mora perto do escritório, então acho que será muito conveniente aceitar sua proposta absurda.”, “Posso me mudar hoje mesmo para sua casa?”

A cabeça estava tão bagunçada quanto a bolsa que eu revirava à procura do celular e enquanto remexia a mão dentro dela, Miguel surgiu ao meu lado novamente, só que desta vez com um sorriso escancarado: - Você não me esperou, só fui buscar minha carteira no quarto.

- Miguel, estou indo para minha casa! E você está indo para onde? – perguntei com cinismo.

Ele abriu um sorriso bem cafajeste e levantou os ombros com desdém: - Sua cama é bem pequena, mas por hoje serve. – em seguida apontou para seu prédio e continuou com divertimento – Não me importo se quiser ficar por aqui, mas você sabe que tem um monte de gente lá dentro louca para saber o desfecho desta noite...

Balancei a cabeça em negativa, mas não consegui evitar o riso histórico: - Seus pais...

Ele riu: - Meus pais...

- Os pais da Diana... – continuei envergonhada.
- Os do Mário também... – completou ainda sorrindo.
- Meus amigos...
- Os seus, os meus... Que se dane, Lina! - Você me pediu em casamento, Miguel?! – afirmei com os olhos arregalados.
- Sim, eu pedi. – respondeu suspirando – E por favor, Lina, aceite.
- E agora, meu Deus? – pensei alto imaginando o que todos deveriam estar pensando.

Miguel segurou meus braços e me encostou num muro em frente ao prédio, juntando seu corpo ao meu, me abraçando e me beijando com

muita vontade. Eu não queria largá-lo, mas o afastei de mim temendo que algum dos nossos amigos aparecesse e visse que estávamos nos agarrando como dois adolescentes desesperados. Entrei no táxi rapidamente e ele entrou logo em seguida, dando instruções ao motorista e segurando minha mão com naturalidade e carinho, como se fôssemos um casal novamente.

A saudade era tanta e eu estava tão extasiada por tudo que havia acontecido que mal consegui abrir a boca para falar com Miguel e, pela primeira vez, desde que me mudei para aquele apartamento, aquela cama pequena e barulhenta se tornou o lugar mais prazeroso do mundo. Não nos desgradamos durante toda a noite, e numa espécie de pacto silencioso nenhum dos dois quis quebrar o clima de reencontro com assuntos sérios durante a noite.

- Anda, Lina, coloque sua roupa e vamos para casa. – sentenciou Miguel assim que amanheceu, enquanto fechava o zíper da calça.

Eu, que permanecia deitada, sentei, escondendo com o lençol o corpo nu: - Eu não vou, Miguel. – respondi com seriedade.

Miguel puxou com força o ar para dentro dos pulmões e em seguida o soltou com rapidez enquanto contraía a face apertando os olhos com uma careta. Ele parecia ter realmente ficado chateado com a minha resposta (o que não era minha intenção), mas ele não podia estar achando que eu me levantaria, arrumaria a mala e simplesmente me mudaria para a casa dele.

- Miguel...

Ele finalmente abriu os olhos e se sentou na beirada da cama com o rosto evidenciando a decepção: - Lina, eu sei o quanto errei com você... – suspirou – Agi como um idiota quando alimentei o clima de paquera com a Gabriela... eu nem sei te explicar porque fiz aquilo, hábito

talvez... – gaguejou - Depois de tudo que você me falou percebi que te deixei numa posição constrangedora. Me perdoa, Lina, eu estou aprendendo...

Senti meu coração espremido ao vê-lo ali, diante de mim tão desarmado, tão sincero, mas ainda assim, tão inconsequente: - Eu não duvido de você – afirmei sorrindo com um dos cantos da boca – não duvido que seja sincero quando diz que sente minha falta, que nunca quis me magoar e posso ser mais louca que você, mas acredito que você quer de verdade que eu me mude para sua casa...

Miguel ajustou a postura, antes curvada e olhou contrariado para mim: - Eu não quero que você apenas se mude para minha casa, eu quero casar com você.

Meu estômago congelou e juro que queria ter dito “eu também”, mas o que fiz foi me livrar do lençol e sem me importar por estar tão exposta me levantei nua e comecei a tirar a roupa que ele havia acabado de colocar. Espremidos dentro do box do meu minúsculo banheiro resolvi me abrir com ele: - Você sabe que eu senti sua falta. Não sabe?

Miguel pegou a esponja cheia de sabonete e passou no meu rosto enquanto respondia sorrindo: - Sei.

- Eu amei sua proposta... – continuei enquanto passava as mãos molhadas pelo rosto para me livrar da espuma – Só não vamos nos precipitar. Que tal continuarmos de onde paramos?

- Onde paramos?

- Finais de semana na sua casa... – pisquei os olhos e sorri – e também alguns dias de semana...

Ele sorriu com os lábios fechados, demonstrando não ter ficado satisfeito com a minha contraproposta, porém, num gesto maduro não

insistiu no assunto, apenas me abraçou muito forte e deu um beijo carinhoso na testa.

Capítulo 17

- Lina, você é a maior vaca da face da terra! – xingou Diana assim que abri a porta do escritório, mas com um sorriso largo e olhar carinhoso – Você me deu a maior rasteira! Vai se casar antes de mim!

Respirei aliviada e gargalhei: - Você sabe que eu não sou tão desmiolada assim! – afirmei sorrindo e fazendo uma careta.

- Não sei mesmo, Li... Você anda tão surpreendente!

- Eu não. Eu continuo a mesma de sempre. – arregalei os olhos e sorri com os lábios fechados - As coisas que estão acontecendo na minha vida é que estão totalmente fora do meu controle. Diana fixou os olhos num ponto da parede como se estivesse refletindo e em seguida olhou para mim, sorriu e acenou com a cabeça: - Tem razão, coisas muito loucas estão acontecendo com você este ano... - Anda, Diana, me conta tudo o que aconteceu depois que eu e Miguel deixamos o apartamento. – pedi ansiosa.

- Nossa, o Mário tá tão puto com o Miguel! – afirmou Diana segurando a gargalhada.

- Por quê? – perguntei com os olhos arregalados e segurando o riso contagiada por Diana.

- O Miguel simplesmente ofuscou o discurso do Mário com aquele pedido de casamento mais emocionante do mundo.

Ainda de pé, segurando a maçaneta da porta respirei fundo e perguntei: - E o pessoal ficou muito chocado com a atitude impulsiva do

Miguel? – fechei a porta e me sentei numa cadeira, puxando outra para que Diana se sentasse de frente para mim.

- Foi muito louco, Li! A surpresa foi tanta que eu não conseguia parar de rir. A Martinha e a Joana começaram a recolher as louças, só para poderem se enfiar na cozinha para fofocar...

- E o que mais? – perguntei rindo de tanta tensão.

- O Mário começou a reclamar da falta de senso de oportunidade do Miguel... E aí foi uma gargalhada geral quando meu pai, só para amenizar o clima, gritou o Pedro pedindo o número do telefone do tal cara que vende móveis.

Pus as mãos na boca na tentativa de conter a gargalhada e continuei especulando: - E os pais do Miguel? – indaguei nervosa.

- Assim como todos, exceto o Mário, que ficou resmungando, tentaram se portar com naturalidade. – Diana bateu com a palma das mãos na coxa e completou: - Até a Sheila continuou com aquela cara de preguiça, sem demonstrar nenhuma reação.

Levantei os ombros e fechei os olhos piscando com força: - Di, acho que voltei com o Miguel!

- Eu te daria uma surra agora mesmo se você me dissesse que não se acertou com ele! Mas e quanto ao pedido de casamento?

Fiz beicinho, fechei os olhos por um segundo e suspirei: - Não vou mentir, foi lindo, eu quero o Miguel para caramba, mas não dá para sair fazendo loucuras do tipo casar, então propus a ele que continuássemos de onde paramos, sem atropelar a ordem natural das coisas...

- Ele aceitou?

- Ele não me respondeu exatamente um sim, mas acho que entendeu... Miguel não ficou exatamente feliz com a minha resposta.

- E você ficou feliz com a sua resposta? – perguntou Diana com aquele jeito meio amiga-psicóloga-detetive que não se contentaria com respostas vagas.

- Não.

- Não!!! – surpresa exclamou ela demoradamente.

- Não, Diana. – respondi sendo o mais sincera possível – Eu queria mesmo era ter arrumado minhas malas, entregado meus documentos, dito sim e estar lá no apartamento dele agora mesmo ajeitando minhas coisas.

Ainda boquiaberta respirou fundo: - E o que está te impedindo?

- Eu. Eu e somente eu estou me impedindo. – afirmei desanimada – Fico ponderando, tentando agir com prudência, tentando não me decepcionar, não decepcioná-lo, não decepcionar ninguém e sinto que posso estar jogando fora a oportunidade de viver uma história linda com ele. – suspirei já com a garganta fechada – E se ele nunca mais me pedir novamente?

- Então amiga, levante agora desta cadeira, vá até o escritório dele e seja honesta com o Miguel. Ele é o sonho de toda mulher e se abriu sem medo na frente de todo mundo só para que você entendesse o quanto é importante para ele. Não deixe o tempo passar!

Com o coração acelerado abracei Diana com toda força e gratidão pela força que estava me dando, coloquei a bolsa no ombro, peguei a chave do carro e sorri: - Volto antes do meio dia. Pode contar tudo para as meninas quando chegarem...

Saí, mas antes de abrir a porta do carro voltei ao escritório e assim que abri a porta Diana me olhou com desaprovação e desabafou: - Puta merda, Lina! Perdeu a coragem?

- Não, não é nada disso, só quero te perguntar uma coisinha...

Ela me olhou furiosa: - O que foi agora?

- Você não vai ficar chateada se eu for morar com o Miguel antes de você se casar com o Mário, vai? Se for...

- Ah, Lina! Some da minha frente e vai logo encontrar o Miguel! – depois de me dar a bronca, abriu novamente o sorriso e me disse com sarcasmo – Só fala para o teu namorado para ele parar de ofuscar os discursos do meu!

Eu sorri de volta e pisquei o olho em sua direção.

Entrei meio ressabiada no escritório de Miguel, torcendo para não encontrar o Mário ou Sheila que presenciaram nossa loucura na noite do jantar. Para minha sorte só Selma (a secretária) estava na recepção. Simpática como sempre, se levantou da cadeira, atravessou sua mesa e me deu um caloroso abraço, enquanto mesmo sem me perguntar o motivo da visita foi falando que Miguel estava sozinho no escritório e que já me anunciaria (tanta naturalidade só me fez ter certeza de que todos ali já sabiam de tudo).

Miguel abriu a porta com um sorriso enorme, foi até meu encontro, beijou levemente meus lábios e segurou minha mão para que o acompanhasse. Antes de fechar novamente a porta de sua sala orientou a secretária que não passasse nenhuma ligação, pois ele entraria numa reunião importantíssima que precisaria de sua total atenção. Em seguida sorriu e piscou o olho na direção dela, que balançou a cabeça em afirmativa e sorriu de volta, demonstrando ter entendido muito bem a brincadeira.

Ele me indicou que sentasse no sofá e se sentou numa poltrona à minha frente: - Fiquei tão feliz de saber que você estava aqui que nem

perguntei se veio por bons ou maus motivos... – sorriu evidenciando as covinhas lindas no seu rosto.

Sorri de volta e abri a bolsa retirando da bolsa duas caixas quadradas, do tamanho da palma da minha mão: - Vim porque a Diana me incentivou a ser honesta com você e acho que ela está certa: tenho que parar de ser medrosa!

Ele desfez o sorriso e ficou me encarando com curiosidade. Retirei a bolsa do ombro e a acomodei ao meu lado no sofá, continuei segurando as duas caixas, uma sobre a outra com firmeza e respirei fundo enquanto ajustava a minha postura: - Miguel, eu não quero casar... – raspei a garganta com nervosismo – Bom, não agora, não com pressa... Na verdade eu sempre quis me casar, mas não quero que seja de forma apressada, impensada... que aconteça de um jeito que algum dia um de nós dois possa vir a questionar a falta de bom senso em termos agido com precipitação. Você me entende?

Ele, com a expressão séria apenas assentiu, balançando a cabeça brevemente. Então continuei: - Você tem noção de que se eu aceitasse sua proposta você me teria em sua casa TODOS os dias? – disse sorrindo e enfatizando a palavra todos. - Foi exatamente por isso que te fiz a proposta. – respondeu ainda sério.

- Pois então, agora sou eu que quero corrigir a proposta que te fiz de continuarmos de onde paramos.

Ele sorriu com malícia como se estivesse começando a me entender: - Você quer negociar?

- Sim! – respondi cerrando os olhos.
- E qual é sua proposta? – divertiu-se.
- Quero morar com você. – sentenciei de forma curta, sem rodeios.

Miguel levantou rapidamente e colocou uma das mãos em meu pescoço, roçando seus dedos nos meus cabelos enquanto me beijava. O outro braço me apertava forte, forçando para que eu me deitasse no sofá, jogando seu corpo em cima do meu.

Depois de alguns minutos resmunguei sorrindo enquanto tentava ajeitar minha roupa no corpo - Somos loucos!

Ele riu enquanto de pé ajeitava sua roupa, fechando os botões da camisa e colocando a barra para dentro da calça: - Passo na sua casa hoje para gente começar a mudança. Tudo bem? – foi a primeira coisa que falou depois da minha proposta.

Passei as mãos pelos cabelos e respondi tentando parecer ter a mesma naturalidade e calma que ele aparentava - Quero fazer isso sozinha! Você fica chateado? Ele gargalhou: - Fico aliviado. Odeio mudanças.

Antes de me despedir peguei as duas caixas que estavam enfiadas no vão do sofá (antes de ir ao encontro de Miguel, passei numa joalheria renomadíssima, Diamonds, e comprei um presente para celebrar nossa união). Queria algo único, mas como a decisão foi repentina comprei o que me pareceu especial: - Tome. Esta caixa é sua! - disse estendendo uma das mãos.

Miguel pegou a caixa e a abriu. Em seguida sentou-se novamente e pegou uma pulseira de couro trançado, bem fina com uma pequena parte revestida em ouro branco, escrito “love”. Ele a segurou com cuidado, examinando-a cuidadosamente: - É perfeita, Lina.

Comprei uma para mim também. Pensei que poderia ser o símbolo do nosso compromisso.

Ele estendeu o braço para que eu a colocasse nele e logo depois abriu minha caixa e colocou a minha com delicadeza em meu pulso, beijando-

a com carinho: - Acho que desde a primeira vez que te vi desejei que você ficasse comigo, morasse comigo... – desabafou com doçura.

- Enquanto vinha para cá fiquei pensando se existe mesmo destino... É estranho eu não ter conseguido mobiliar aquele apartamento... – refleti me preparando para voltar para o meu escritório.

Miguel segurou minha mão e me encarou parecendo refletir: - E eu que já estava totalmente conformado com a minha... – pensei que fosse dizer algo do tipo “solteirice”, mas não completou o pensamento, apenas iniciou outra frase - De repente, me pego maluco por uma mulher... – em seguida sorriu mais uma vez e perguntou atencioso - Não quer mesmo que eu vá para sua casa hoje à noite te ajudar com a mudança?

Olhei em seus olhos e falei com sarcasmo: - E você quer?

Ele balançou a cabeça em negativa sorrindo: - Não quero, mas faço o sacrifício.

- Não precisa. Só vou levar o essencial: roupas, sapatos e alguns objetos pessoais...

- Então à partir de amanhã moramos na mesma casa? – perguntou com o rosto transparecendo felicidade e me abraçou forte tirando meus pés do chão.

Sorri e me despedi com um leve beijo em sua boca.

- Como comemoraremos nossa união? – Miguel me perguntou, enquanto caminhávamos pela recepção em direção ao elevador.

Arregalei os olhos e balancei a mão com rapidez de um lado para o outro: - Não, não, não! Nada de comemoração! – sentenciei rindo – O Mário nos odiaria para sempre!

Miguel encostou uma das mãos na parede, escorando-se levemente, curvou um pouco para ficar na minha altura e falou quase sussurrando: - O Mário hoje tá uma fera comigo, me deu umas respostas atravessadas e

eu não estava entendendo nada...— falou rapidamente fechando a boca em seguida para segurar a gargalhada.

Capítulo 18

NÃO CONSEGUI ENCAIXOTAR TODAS AS MINHAS COISAS NUM ÚNICO DIA, MAS no meio da semana já estava tudo pronto. Miguel me buscou no escritório e juntos levamos minha pequena mudança (pequena mesmo, mas ainda assim grande para o meu carro) para o seu apartamento. Não foi preciso descarregar o carro mais do que três vezes. Depois de deixarmos as caixas espalhadas na entrada da sala, me joguei no sofá e Miguel voltou da cozinha com duas garrafas de cerveja, bateu de leve sua garrafa contra a minha, sentou-se ao meu lado e com o semblante compenetrado e os olhos com um brilho de satisfação afirmou: - Lina, esta casa a partir de agora é nossa! Sinta-se à vontade para fazer a mudança que desejar, e se você quiser a gente redecora tudo do seu jeito! – afirmou com carinho enquanto escorregava até o tapete da sala encostando suas costas nuas nas minhas pernas.

Tampeei o rosto com as palmas das mãos e suspirei sorrindo: - Não sei quem é o mais maluco: você por ter me pedido em casamento ou eu por ter me mudado para cá! – Levantei as sobrancelhas, arregalei os olhos e bebi um grande gole da cerveja no gargalo.

- Eu te quero tanto, Lina... – respirou fundo com o semblante sério.

Sorri com cumplicidade: - Bom, agora é só começar ajeitar logo minhas coisas. Logo, digo, amanhã. - bufei de cansaço – Quero que sua sala volte ao estado normal de perfeição entocada o mais rápido possível. - brinquei piscando o olho.

Miguel engoliu mais um pouco da cerveja e colocou a garrafa no tapete, em seguida começou a fazer carinho em minhas pernas, passando as mãos levemente, começando do tornozelo em direção aos joelhos: - Nossa casa...

Eu o detive impedindo que suas mãos avançassem em direção às minhas coxas e perdêssemos o foco da nossa conversa sobre a arrumação. Miguel sorriu com os lábios fechados e voltou a pegar sua garrafa: - Eu vou pedir à Claudia que faça uma limpa no meu armário e deixe espaço para você guardar suas coisas. Se não couber tudo teremos que chamar um arquiteto para nos ajudar numa reforma do quarto. - afirmou pensativo - Talvez possamos quebrar a parede do quarto ao lado do nosso e ficaremos com um cômodo bem maior...

Escorreguei pelo sofá e me sentei de frente para ele no tapete: - Miguel, eu queria poder colocar minhas coisas no quarto de hóspedes... - comentei mordendo o lábio inferior, preocupada com sua reação.

- Nem pensar, que ideia mais sem sentido! - desabafou contrariado.
- Eu não queria mexer com reforma agora. Não vamos atropelar ainda mais as coisas. – sorri com os olhos e brinquei - E sei que minhas roupas não caberão no seu armário, embora ele seja enorme, pois eu já o vi aberto algumas vezes... - afirmei revirando os olhos - Nossa, você tem roupas demais!

Miguel expirou fundo e apertou os olhos demonstrando não estar satisfeito: - Tudo bem. Não quero que o seu primeiro dia aqui termine com uma discussão sobre espaço no guarda-roupa. - sorriu fingindo rendição e completou - Então amanhã peço a Cláudia para ajeitar minhas coisas no quarto de hóspedes e ponto final nesta conversa, Lina.

Fechei meu semblante demonstrando irritação: - Miguel, estou confusa: Devo mesmo me comportar como se esta casa fosse minha?

- Esta casa é sua! - exclamou surpreso!
- Então tenho direito de colocar minhas coisas aonde eu bem entender? - perguntei com sarcasmo.
- Sim... - resmungou num muxoxo - Você é impossível!

Segurei suas mãos, beijando seus dedos com carinho: - Eu adoro aquele quarto, o armário é enorme, tem uma mesa grande e uma estante bacana para eu guardar meu material de trabalho. Será o meu escritório aqui no apartamento.

Miguel entrelaçou nossos dedos com carinho e começou a beijar suavemente meu rosto, como se estivesse colocando um ponto final definitivo naquela conversa. Meu celular tocou e tive que me desvencilhar do seu abraço para atender o telefone. Já de pé e com o aparelho na mão senti um nó dolorido no estômago ao ver a foto de Fábio na tela. Mesmo tendo dito que entraria em contato com ele para ter notícias sobre o encontro com Laura, com tanta coisa boa e inesperada acontecendo na minha vida, não cumpri a promessa. Fui pega totalmente desprevenida por aquele telefonema (Fábio não sabia da minha reconciliação e mudança para a casa de Miguel, na verdade ele nem sabia que nós tínhamos terminado. E ainda não tinha contado para Miguel sobre o encontro com Fábio, pois não queria estragar nossos bons momentos juntos falando sobre o ex). Eu não pretendia omitir ou mentir para Miguel, mas decidi deixar a verdade para uma outra hora, então tentei parecer natural e sorrindo (mesmo me sentindo péssima), disse que era minha irmã (outra que ainda não sabia de nada) e fui para a varanda, fechando a porta de vidro para evitar que Miguel escutasse alguma coisa e interpretasse de maneira errada.

- Oi, Fábio – atendi sem emoção.

- Oi, Lina. Tudo bem? - cumprimentou com a voz dócil - Estou atrapalhando?

- Estou na casa do Miguel, mas pode falar. - Não quero atrapalhar seu encontro. - resmungou com a voz decepcionada - Não era nada demais, só queria ouvir sua voz... Conversar com você me acalma...

- Mas aconteceu alguma coisa? Você está bem? Tudo bem com o bebê e com a pi... (quase num ato falho ia dizer picolé de chuchu, mas corrigi a tempo) a Laura?

- Sim, tudo bem com ela e comigo. Eu te ligo numa outra hora e a gente conversa melhor... - despediu-se desanimado.

Não posso negar que não me fazia nada bem a tristeza de Fábio, mesmo que tenha me feito sofrer muito e não fosse humanamente errado não me importar com os problemas dele, eu não conseguia deixar de me sentir solidária, pois sabia o quanto doía não poder desabafar com alguém com quem se conviveu por quase toda uma vida. Mas eu me sentia no direito de priorizar, e naquele momento minha prioridade era Miguel, por isso não me opus a deixar a conversa para outro dia. Voltei para a sala e Miguel já não estava mais lá. Subi as escadas e vi que estava tomando banho, então desci novamente e comecei a empurrar as caixas para um canto, tentando criar um espaço na entrada do apartamento.

Enquanto ajeitava minhas coisas fiquei pensando se deveria contar naquela noite mesmo sobre o encontro com Fábio ou se era melhor esperar outra oportunidade. Minhas dúvidas desapareceram completamente quando Miguel desceu as escadas, lindo, limpo, cheirando a sabonete e vestindo apenas uma bermuda. Decidi com muita convicção que não perderia nem um minuto com assuntos inconvenientes. Não resisti ao vê-lo ali, perto de mim, meu novamente, e fui correndo

abraçá-lo. Ele me recebeu com um beijo forte, demonstrando não importar em empoeirar-se novamente...

Acordei no outro dia bem cedo, antes das sete da manhã e como Miguel não estava no quarto desci à sua procura na cozinha (ainda bem que vestida, embora com a cara amassada). A mesa estava posta, mas não era ele quem estava sentado numa das cadeiras, era uma mulher alta, de cabelos ondulados na altura dos ombros, usando roupas confortáveis e sorrindo para mim. Ela deve ter notado meu espanto, pois levantou-se rapidamente e estendeu a mão em minha direção: - Oi, sou a Cláudia. - anunciou com simpatia e sorriu completando - Sua surpresa não foi maior que a minha quando o Miguel me disse que a esposa dele estava dormindo! – brincou, provavelmente por ter percebido meu semblante confuso.

Meu coração afundou feliz por saber que ele me considerava sua esposa, mas também fiquei envergonhada e sorri timidamente estendo a mão para cumprimentá-la: - Sei que é estranho...

- Bota estranho nisso! - Cláudia afirmou gargalhando - Eu trabalho há anos aqui nesta casa e nem sabia que ele tinha namorada! Aliás... Ela cortou repentinamente sua conclusão e foi a minha vez de brincar: - Aliás, você sabia que ele tinha muitas...

Cláudia riu sem jeito e eu puxei a cadeira para que nos sentássemos para o café: - Você pode não saber de mim, mas eu sei de você e sei bem dos seus dotes culinários, pois a primeira vez que vim aqui Miguel me serviu uma torta... - afirmei respirando fundo e revirando os olhos desmonstrando o quanto havia apreciado o prato.

Cláudia abriu um sorriso de satisfação: - Você realmente é muito especial para o Miguel, pois ele nunca me pediu para preparar nada para

um encontro e nunca, nunca mesmo o imaginei se dizendo casado!

- Gostei de ouvir isso, embora também ainda seja estranho para mim... - confessei - Você chega cedo assim para trabalhar? – perguntei – Já estive aqui tantas vezes e nunca nos encontramos...

- Não, é que tenho uma consulta com o dentista hoje. Nunca nos vimos antes porque trabalho aqui no período da tarde, de manhã fico na casa do Mário. – explicou e completou – Mas acho que nos veremos com frequência à partir de agora, pois o Mário pediu para que eu inverta os horários, quer que eu fique no apartamento dele durante a tarde.

- E cadê o Miguel? - perguntei inocentemente.

- Cláudia deu uma gargalhada sonora: - Vocês dois são loucos mesmo! Decidiram morar juntos, mas pelo jeito ainda nem se conhecem bem! O Miguel levanta cedo, vai para o parque do Ibirapuera correr todos os dias, depois da corrida, acho que umas três vezes por semana ele ainda tem um professor de luta, mas não me lembro de que tipo de luta...

Fiquei constrangida com sua constatação, mas não pude me enfurecer, ela estava falando a verdade: - Poxa, eu nem mesmo havia ainda me perguntado onde ele conseguiu aquele corpo... - sentenciei pensativa – E ele nunca me deixou sozinha aqui antes.

- Agora você não é mais visita. – concluiu sorrindo.

Depois da surpresa inicial, nós tomamos o café e Cláudia me ajudou a subir as caixas para o quarto de hóspedes. Não a deixei curiosa, enquanto abria algumas caixas contei sobre a decisão de colocar minhas coisas naquele quarto e evitar confusão.

Depois do banho fui para o trabalho e assim que cheguei no escritório recebi uma ligação de Miguel me desejando bom dia e explicando o motivo de não ter me esperado acordar.

Humm, ouvir Miguel me desejando “bom dia”, todos os dias... Posso me acostumar fácil com esta rotina...

Capítulo 19

TUDO ACONTECEU DE FORMA TÃO REPENTINA, ENTRE REATAR E ME MUDAR para casa de Miguel não levei nada mais do que cinco dias e não tive tempo de contar a novidade para Celso e nem para Rosa. Então aproveitei meu horário de almoço e ao invés de me juntar às meninas na cozinha do escritório, peguei meu marmitex e fui para a sala de reuniões fazer algumas ligações importantes.

Primeiro liguei para Celso que ouviu tudo atentamente, e como não estávamos frente a frente não pude ver suas reações à medida que escutava a novidade, mas sua fala final me deixou tranquila. Ele não opinou, apenas demonstrou que me apoiaria: - Ah, querida Lina, seja muito feliz...

- Eu estou muito feliz, Celso. Não me lembro de ter sentido nada parecido com isso em toda minha vida. Fico com medo de acordar e descobrir que ainda moro naquele apartamento, ou pior ainda, que ainda moro com Fábio... - suspirei e fechei os olhos tentando afastar aqueles pensamentos da minha mente.

- Quanta mudança, menina! Ouvir você dizer que seria um pesadelo acordar e se dar conta de que ainda morava com seu ex é a confirmação de que esta sua história está realmente arquivada. - concluiu com a voz animada.

Combinamos que nos encontraríamos em breve para que pudéssemos comemorar minha união com Miguel. Depois que nos despedimos terminei com calma minha refeição e me certifiquei de que era um bom horário para ligar para Rosa, um horário em que as crianças estivessem

na escola e assim pudéssemos conversar com calma. Minha irmã tem uma loja de presentes embaixo de sua casa, o que é ótimo para sua família, pois ela pode se dividir entre a casa e a loja sem problemas. - Oi, Rosa, tudo bem? – liguei para o telefone fixo da loja.

- Tudo, Lina. E você, como está? Está recebendo direitinho sua parte no apartamento ou o Fábio ainda está te dando dor de cabeça?

- Como você é ansiosa! - brinquei - Primeiro quero notícias dos meninos e da tia Branca.

- Os meninos brigam e brincam juntos o dia todo, comem tudo que veem pela frente e pedem desde pirulito a helicóptero de caça... – ela suspirou com tristeza e completou – Já a tia Branca continua daquele jeito: um dia levanta melhor, no outro, pior... e assim vai... A idade avançada não ajuda, Lina...

- Tem alguma coisa que eu possa fazer para ajudar? – perguntei condoída e me sentindo culpada por não estar presente na rotina da minha pequena família.

Rosa suspirou: - Não. Nem a gente aqui consegue fazer muita coisa por ela... – em seguida mudou o tom de voz e falou animada - Mas agora você já pode me responder? – continuou no seu estilo sem cerimônia e nem rodeios.

- Posso, pessoa Zen! O Fábio está pagando tudo direitinho, mas sobre ele te mando um áudio mais tarde contando tudo em detalhes, pois se separou e será pai!

- Jesus amado! Que isso! Mande hoje mesmo! Não esqueça, por favor! - ela sentenciou ansiosa, mas em seguida mudou o tom da voz para mais solene - Mas e você? Como está lidando com todas essas notícias? Ah, Lina - suspirou com pesar -, você deve estar para baixo... Vem para cá no final de semana!

Meu coração estava cheio de carinho, pois embora nós duas não nos encontrássemos com a frequência que gostaríamos, nos amávamos e nos preocupávamos uma com a outra: - Eu não posso ir este final de semana porque tenho uma novidade que te fará cair da cadeira, caso esteja sentada! - anunciei com a voz alegre - Estou morando com o Miguel! – declarei de pronto.

- Miguel? - repetiu espantada - Aquele cara que você disse que é um gato, mas safado? O sócio do noivo da Diana?

- Ele mesmo. – respondi sorrindo.

- Lina, não tem nem dez dias que conversamos e você me disse que não estava mais saindo com ele! - declarou confusa e surpresa.

- Nós reatamos há uma semana ou quase isso e me mudei para o apartamento dele.

- É demais para minha cabeça tanta informação! – bufou.

Interrompi sua fala: - Rosa, eu sei que você é muito racional e se preocupa muito comigo, e juro que te agradeço por isso! - respirei fundo buscando ar para os meus pulmões – Acontece que resolvi me arriscar e quero que me entenda: não fui morar com o Miguel porque não sei ficar sozinha, não fiz isso para provocar ciúme no Fábio, não foi porque me sinto segura estando com alguém, não fiz isso por medo de nunca mais arrumar ninguém... – respirei fundo e concluí - Enfim, qualquer que sejam as suas hipóteses sobre o que me fez tomar esta atitude aparentemente extrema, quero que saiba a verdade: estou com ele porque estou muito apaixonada e acho que é recíproco.

- Tudo bem... – resmungou sem convicção - Não sou sua mãe mesmo... Sou apenas sua irmã mais velha!

Gargalhei espontaneamente: - Mais velha? Algo em torno de dois minutos?

Rosa caiu na gargalhada também: - Dois minutos que aparentemente fizeram toda diferença, pois eu tenho muito mais juízo que você!

- Quero que você conheça ele. - falei sério desta vez - Sei que você não pode vir para São Paulo, pois além da loja e dos meninos ainda tá dando uma força para Clara, ajudando a cuidar da tia Branca (Clara é nossa prima um ano mais velha que nós duas, é a única filha da tia Branca. Como as duas são nossas únicas parentes próximas ainda vivas temos uma ligação muito forte, tanto que consideramos Clara muito mais irmã que prima).

- Então dê um jeito de trazer Miguel aqui para conhecer sua família, sua desnaturada! – esbravejou.

- Farei isso o mais rápido possível, pois preciso da bênção da minha irmã mais velha para ficar tranquila. - brinquei com ironia.

- Fotos, hein! Quero fotos do Miguel e as fofocas sobre Fábio, tá!

- Sim senhora!

A conversa foi mais leve do que imaginei e Rosa pareceu ter aceitado bem minha decisão, então o próximo passo era levar Miguel para conhecer minha família.

Foi boa e estranha a primeira semana morando com Miguel. Foi bom, ou melhor, foi ótimo dormir com ele todos os dias, sentindo seu cheiro e aproveitando seus carinhos, foi estranho porque foi bem diferente dos dias que já havia passado em sua casa como hóspede. Depois da minha mudança definitiva ele não me fez companhia nem um único dia no café da manhã e também não chegou em casa antes de dez horas da noite. Mesmo me sentindo confusa e um pouco frustada com a aparente indiferença dele quanto à minha presença no apartamento e ao tipo de

relacionamento que estávamos iniciando, decidi esperar que as coisas se ajeitassem com o tempo, ao invés de confrontá-lo e dar a impressão de ser uma louca-carente em busca de atenção total. Era uma questão de tempo e paciência, eu já tinha vivido sob o mesmo teto com alguém, ele não. Na sexta-feira, no finalzinho da tarde, Miguel apareceu de surpresa no escritório. O constrangimento começou quando Martinha abriu a porta e toda sorridente gritou: - Seu marido chegou, Lina!

Um lado meu ficou enfurecido e envergonhado pela brincadeira de Martinha, o outro ficou extremamente aliviado por chegar à conclusão de que toda angústia que senti durante a semana, imaginando que ele precocemente estivesse arrependido da sua proposta, tinha sido insegurança por não conhecê-lo tão bem ainda, afinal, ele estava ali, lindo, sorridente e muito sexy.

Ele entrou e foi abraçando cada uma das meninas, em seguida puxou uma cadeira e me beijou de leve e estalado. Diana, Martinha e Joana também arrastaram suas cadeiras ficando próximas a nós dois.

- O que é isso? Uma reunião de última hora? – indaguei realmente confusa por estar sendo cercada.
- Não é nada disso. O Miguel pediu para que ajudássemos a dar uma notícia para você... – respondeu Joana cerrando os lábios para não rir.
- Que notícia? – olhei um a um em busca de explicações.

Miguel ajeitou-se na cadeira e segurou uma de minhas mãos: - Lina, eu juro – sentenciou rindo – que tentei de todas as formas possíveis convencê-la...

- Convencer quem?
- Convencer minha mãe.
- Sua mãe não aceitou minha mudança para sua casa! – exclamei chateada e com o coração apertado pela rejeição.

Diana com a feição séria continuou: - É isso mesmo, Lina. Então o Miguel nos pediu ajuda para convencer você a sair do apartamento! – em seguida estalou a língua no maxilar, balançou a cabeça em negativa e suspirou impaciente – Porra, Lina, o Miguel precisa de aprovação de alguém para ficar com você?!

- Então me contem logo o que está acontecendo! – exclamei irritada.
- É o seguinte, minha mãe quer porque quer que comemoremos nossa união e decidiu fazer um churrasco na casa dela.

Sorri e balancei a cabeça em negativa: - Era este o motivo de tanto alvoroço? – perguntei aliviada.

- Você não se importa? – perguntou ressabiado.
- Bom, desde que seja algo pequeno, familiar... Por mim, tudo bem. – entortei a boca para um dos cantos do rosto – Só não sei como convencer a Rosa a vir para cá...
- Nós ligamos para a Rosa – disse Martinha desanimada –, mas ela disse que não pode vir porque sua tia que está no hospital e ela está ajudando a Clara.

Estalei a língua no céu da boca e fiz uma careta decepcionada: - Puxa, sem ela e o resto do meu pessoal...

Miguel segurou minha mão com carinho: - Lina, eu conversei com a tua irmã e ela disse que lamentava muito não poder estar aqui amanhã e que só se conformaria se eu promettesse que te levaria num outro final de semana para Botucatu e comemorássemos lá novamente. – ele sorriu e arregalou os olhos – Óbvio que topei.

- Tá... – resmunguei ainda chateada – Não será nada além de um churrasco informal para a família e para os amigos mais íntimos? Não terei surpresas? – perguntei em busca de confirmação.

- Será exatamente do jeito que você quer! – Miguel afirmou sorrindo e apertou os olhos em minha direção – Inclusive para me certificar de que você estará muito feliz, convidei seu amigo maluco (brincou referindo-se a Celso) e o filho dele.

Abri um enorme sorriso e beijei sua boca de leve: - Você é demais! Procurou minha família e meus amigos! Adorei!

- Eu e Diana estamos indo agora mesmo para casa dos pais de Miguel para ajudá-los nos preparativos. – afirmou Joana.

- Como assim? Então nós vamos também! – anunciei, referindo-me também a Miguel.

Ele balançou a cabeça e sorriu: - Aí é que vem a parte mais ridícula desta história: minha mãe não pode saber que você sabe, pois quer fazer uma surpresa.

Gargalhei espontânea: - Sério isso? Melhor para mim que não vou ter trabalho nenhum, enquanto minhas amigas farão serão por minha causa! – brinquei sarcástica.

Diana se limitou-se a fazer uma careta e Joana, nada educada, levantou o dedo do meio em minha direção.

- O Miguel é quem quis estragar a surpresa com medo de você não aprovar a ideia da mãe dele! – entregou Martinha.

A notícia da comemoração só varreu para mais longe a minha desconfiança de que havia algo errado entre nós dois.

Capítulo 20

A ÁREA DE LAZER DA CASA DOS PAIS DE MIGUEL ESTAVA SIMPLEMENTE maravilhosa. Foi realmente impressionante ver como em um único dia, Mariane, a mãe dele, conseguiu realizar um trabalho impecável. Havia mesas quadradas de ferro, com tampo de vidro e cadeiras brancas espalhadas por todo jardim, que estava decorado com enormes vasos de girassóis espalhados pelos cantos. Uma mesa retangular estava encostada em uma das paredes, toda coberta com pétalas de rosas brancas e lindos arranjos de flores campestres, muito coloridos, que seriam substituídos no início da noite pelo bolo tradicional de três andares, redondo e com cobertura de glacê branco e também pelos docinhos. Elegante é a definição mais adequada.

Ao perceber meu olhar de admiração percorrendo o ambiente Miguel sorriu: - Não sei se lembra, mas eu já te disse que minha mãe é decoradora. – depois ergueu uma das sobrancelhas e afirmou orgulhoso - E o mais importante: é uma mãe coruja que está felicíssima com a surpresa de ver o filho mais velho enfim sossegado, como ela mesma diz.

Quando estávamos em casa nos arrumando para o churrasco percebi que Miguel estava um pouco além do que eu definiria como casual para um encontro familiar. Como ele vestia camisa de linho branca, com mangas dobradas até a altura dos cotovelos e bermuda cáqui, decidi usar um vestido longo de crochê bege claro, com ombros à mostra e mangas no estilo “ciganinha”, que havia comprado no dia que fui com Joana ao shopping. Fiquei realmente feliz por ter abdicado do estilo confortável de sempre, pois todos que já estavam na casa dos pais de Miguel estavam vestidos como se realmente fôssemos oficializar formalmente nossa união.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Só não fomos os primeiros a chegar porque um casal de tios do Miguel já estava lá desde o café da manhã, segundo me informou Mariane. Mas a maioria dos convidados chegou pouco depois de mim, alguns em grandes grupos, como o pessoal do meu escritório e do escritório dele. Não foi surpresa a presença de Sheila, assim como também não foi um prazer revê-la chegar junto com sua fiel escudeira, Gabriela (que eu não havia visto mais desde o episódio da echarpe).

Era visível minha felicidade, mas no fundo não estava totalmente à vontade, afinal do pouco da família de Miguel que foi convidada não conhecia praticamente ninguém, e até mesmo com seus pais, o irmão e a cunhada eu ainda não tinha muita intimidade. Então era como estar casando com um estranho, embora esse estranho fosse a pessoa que mais me fazia feliz no mundo. Lamentei internamente a falta que minha família estava fazendo naquele momento, mesmo com todos os meus melhores amigos, incluindo Celso e Pierre, sem eles a felicidade não era completa.

Vez ou outra eu tirava fotos com a câmera do meu celular e mandava para Rosa e Clara para que pudessem acompanhar um pouco da festa, mesmo que de longe. Num destes momentos de entusiasmo para registrar tudo que se passava, tive a “genial” ideia de subir até o quarto de Miguel e tirar umas fotos na sacada, tentando obter uma visão panorâmica do jardim. No início, enquanto ninguém estava percebendo, consegui imagens espontâneas, depois que se deram conta de que estavam sendo observados começaram, principalmente meus amigos, a fazer todos os tipos de caretas e poses ridículas, o que me fez, ainda que gargalhando muito, desistir de terminar meu trabalho.

Ainda com um sorriso no rosto saí da varanda e entrei novamente no quarto de Miguel. Meu semblante imediatamente se fechou ao dar de cara com a Sheila sentada na beirada da cama, me encarando com aquele olhar cafona de superioridade. Senti um calafrio ruim na espinha, mas para não demonstrar o

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

desconforto forcei um sorriso de canto e me senti na obrigação de falar alguma besteira qualquer só para não passar muda por ela: - Oi... – resmunguei forçando um olhar simpático - Veio descansar um pouco?

Ela quase esboçou um traço de sorriso, mas cerrou os olhos em seguida: - Lina, naquele jantar em que você viu a Gabriela com a echarpe quase me simpatizei por você. Cheguei a pensar que poderia não ser tão boba quanto aparenta. – afirmou com o sorriso irônico.

Uma onda de fúria percorreu meu peito e se alojou na minha garganta pressionando com força minha glote, mesmo assim respondi com sarcasmo: - Ah, que pena que te decepcionei. Queria tanto ser sua amiga! - ela continuou com o sorriso falso no rosto, mas continuei firme: - Bom, mas entre ser sua amiga ou ter Miguel ao meu lado... deixa eu pensar... – fiz uma pequena pausa batendo o indicador em minha bochecha – ... acho que prefiro o Miguel! – respondi e fui saindo do quarto.

Sheila voltou a falar e parei novamente para ouvi-la: - Você prefere o Miguel, só não tenho muita certeza de que a recíproca é verdadeira.

Enfurecida, me virei de frente para ela, mas não consegui manter o sorriso: - Ah, vai me dizer que ele te pediu em casamento há pouco tempo e você disse não?! – suspirei profundo e fiz cara de surpresa - Ou melhor, vai me contar que vocês dois ainda são amantes?!

- Não. Não somos mais amantes. – continuou ela com desdém e sarcasmo – Eu fui a primeira namorada do Miguel, ainda na época da faculdade (senti como se tivesse levado um soco no estômago ao receber a informação, então fechei a porta e me recostei nela para ouvir tudo o que Sheila tinha a me dizer). Acontece que naquele tempo eu não estava preparada para ter um relacionamento sério e acabei me envolvendo com outro cara. Miguel ficou sabendo e nós terminamos. – ela respirou profundo e continuou - Pensei que ele fosse ficar com raiva e que nunca

mais olharia na minha cara, mas não, ele sempre ficou perto de mim, estudava comigo, fazíamos todos os trabalhos da faculdade juntos. – mais uma vez interrompeu a própria fala e revirou os olhos – Bom, e com o imbecil do Mário... Enfim, nos formamos e o pai do Mário se aposentou deixando o escritório para ele, e como sabe da própria incapacidade ofereceu sociedade para o Miguel...

- Onde você quer chegar me contando tudo isso?

Ela continuou sem me responder: - Miguel logo tratou de me contratar e passamos os dois a administrar o escritório, enquanto o Mário leva boa parte da grana e trabalha em um ou outro casinho bobo.

- Sheila, você percebeu que esta festa é minha e do Miguel. Não percebeu? – perguntei debochadamente, cerrando os olhos – E não é muito educado que eu fique de conversa fiada com uma convidada só, ainda mais quando se trata da convidada que não faria falta nenhuma se não tivesse aparecido. – concluí.

Ela não pareceu ter ficado abalada com a minha sinceridade e continuou falando: - Eu e Miguel nunca chegamos a reatar, mas nunca nos separamos efetivamente. Acontece que no início deste ano, ou melhor, um pouco antes daquela palhaçada de festa de noivado do Mário com a sua amiga Diana, eu e ele tivemos uma conversa onde expus que queria que encerrasse a sociedade com Mário e montasse um escritório comigo. Miguel é um bobo que acha que deve favores ao Mário e fica nos fazendo trabalhar o dobro para sustentar o amiguinho fanfarrão e atrapalhado...

- Juro que não estou conseguindo entender nada! – desabafei, deixando os ombros caírem.

- Nessa mesma conversa fui bem honesta com ele, propus que ficássemos juntos de vez, sociedade no trabalho e na vida.

- E por estarmos aqui hoje podemos concluir que ele negou as duas propostas. – rebati erguendo as sobrancelhas.
- Não exatamente. Depois de tantos anos, desde o nosso rompimento na faculdade, foi nessa conversa que percebi, pela primeira vez, que ele ainda guardava uma mágoa muito grande. Miguel me disse que se casaria com qualquer mulher deste mundo, menos comigo, e que faria qualquer coisa para me provar que nunca me perdoaria pela traição. – Sheila respirou fundo, mas manteve o ar de superioridade. Eu escorreguei minhas costas na porta e sentei no chão, curiosa para ouvir o final daquela história – Então, por brincadeira, propus que se casasse e assim me provasse que ficou todos estes anos comigo só por diversão, e ele me respondeu simplesmente “ainda este ano”... E aqui estamos. – sentenciou arregalando os olhos - Para provocá-lo ainda mais adverti que não poderia se casar com a primeira boboca, novinha, com a cabeça vazia, tipo a Gabriela. Tinha que ser com uma mulher experiente e que mesmo ciente do seu histórico amoroso, sabendo do seu caso com a colega de trabalho e de todos os outros casos, ainda assim, acreditasse em sua redenção.
- Isso tudo é tão ridículo! – afirmei, fazendo careta e balançando a cabeça de um lado para o outro.
- Mas numa coisa Miguel tinha toda razão: ele me disse que assim que eu o visse comprometido verdadeiramente com outra pessoa iria finalmente sentir o quanto doía uma rejeição...
- E o que você ganhou com tudo isso? Se for tudo verdade, você se deu muito mal... - Acho que não. O casamento de vocês não vai durar, e aí ele terá que dar o braço a torcer e aceitar minha proposta. – concluiu e levantou os ombros demonstrando que tinha convicção de que seu plano daria certo.

Gargalhei histericamente, balancei a cabeça e respondi com cinismo: - Me poupe, Sheila. Que história mais ridícula! Adultos não fazem isso...

Ela riu e completou com uma afirmação que fez meu estômago revirar: - Fazem sim... Pessoas adultas e aparentemente equilibradas levam um pé na bunda depois de traídas, caem na lábia de um sedutor, mesmo sabendo de seu histórico amoroso nada confiável, e o pior, se mudam para a casa de um homem com quem não tiveram mais do que algumas noites de sexo! – disparou balançando a cabeça e se levantou.

Antes que ela saísse perguntei: - Por que você está me contando isso tudo?

Ficamos frente a frente e ela me encarou com frieza: - Porque eu não desisti de ser sócia e esposa do Miguel.

- Mesmo sabendo de seu histórico amoroso nada confiável? – rebati.
- Lina, pense bem: Por que o Miguel nunca arrumou outra namorada? Por que o Miguel nunca me abandonou?

- Por que Miguel nunca te pediu em casamento? – continuei.
- Miguel nunca me esqueceu, mas ficou preso ao orgulho e para me mostrar que estou errada armou este circo e nem sequer se preocupou em como você se sentiria...

Meu semblante se desfez. Eu não sabia se deveria acreditar naquela história, que por mais absurda que parecesse, poderia ter algo de verdadeiro.

Antes de sair do quarto Sheila me deu um último golpe: - Lina, não seja ingênua, você está na casa dele há uma semana e ele já está fazendo de tudo para evitar te encontrar por lá...

Respirei fundo e em silêncio virei de costas para ela e abri a porta. Caminhamos lado a lado pelo corredor e o mesmo aconteceu ao

descermos as escadas. Quando estávamos nos aproximando da área onde estava acontecendo a festa não consegui segurar uma última pergunta: - Você acha que o Miguel seria tão ingênuo de pensar que você não me contaria tudo isso?

Sheila sorriu e sussurrou próximo ao meu ouvido: - Ele me disse que você não iria acreditar em mim...

Meu estômago estava afundado e minha mente dava voltas pensando se poderia mesmo ser verdade aquela história que mais parecia enredo de novela mexicana, mas me mantive firme e voltei à festa sorrindo. Miguel estava sentado numa das mesas, conversando animadamente com alguns parentes. Eu o encarei por um instante e mentalmente supliquei para que tudo que ouvi fosse apenas desespero de uma mulher que se viu abandonada pelo homem que acreditou que teria eternamente como amante. Ainda parada na porta que separava a cozinha do jardim, dei uma olhada geral pensando em como demonstrar a mesma animação de antes daquela conversa, pois eu não estava disposta a dar a Sheila o prazer de me ver discutir com Miguel e não queria que nem ele e nenhum de meus amigos percebesse que havia algo me incomodando.

Respirei fundo e ao dar o primeiro passo fui interrompida por Pierre que se colocou na minha frente e com um sorriso desconfiado estendeu a mão para que eu pegasse um copo de água: - O que foi, Lina? Parece abatida... – afirmou.

Ajeitei minha postura e sorri: - Nada disso, estou ótima! Bem, talvez ficando velha para ficar dançando como se fosse uma garotinha num concurso de dança...

- Você tem que aproveitar até o último minuto: é a sua festa de casamento! – respondeu fazendo uns passinhos de dança, em seguida me estendeu a mão – Vamos nos juntar aos outros na pista de dança!

Mesmo não estando mais animada aceitei a oferta e passei meu braço em volta do dele. Na pista comecei a dançar e sorrir como se estivesse tudo certo, mas meu peito foi se inchando de desespero, então parei sob olhar atento de Pierre: - O que foi, Lina? Não é só cansaço! – afirmou segurando meu braço.

- Pierre, você acha que o ser humano é capaz de tudo? – perguntei com seriedade.

Ele franziu a testa e apertou os olhos tentando entender aquele questionamento inusitado: - Sim, eu acho. – respondeu de supetão, respirando fundo em seguida.

- Posso te pedir um favor? – perguntei o encarando com seriedade. Ele assentiu com a cabeça e manteve o semblante fechado à espera do pedido: - Não comente com ninguém, nem mesmo com seu pai, que fiz esta pergunta tola para você...

Ele sorriu de canto e piscou o olho num sinal de afirmativa. Então desfiz o semblante preocupado, abri o sorriso e forcei os olhos: - Mas não se preocupe, não estou pensando em fazer nenhuma loucura!

Miguel chegou me abraçando por trás e beijando meu pescoço. Não me esquivei, mas não retribuí: - Tá ficando tarde, Miguel. Vamos embora? Ele segurou minha mão e foi me conduzindo até uma mesa vazia onde nos sentamos um de frente para o outro: - Vamos sim. Tô louco para ficar a sós com a minha namorada e quase esposa. – afirmou sorrindo – Vou pedir minha mãe para começar a servir o bolo e depois saímos. O que acha?

Sorri concordando e antes que ele se levantasse segurei seu rosto com minhas mãos pressionando carinhosamente suas bochechas e comecei a beijá-lo com intensidade. Miguel retribuiu com entusiasmo e com o rosto transparecendo desejo afirmou: - Vamos embora agora!

Nos levantamos e estávamos prontos para sair sem alardes, mas Diana percebeu e gritou demonstrando já estar bêbada: - Gente, olha a Lina e o Miguel tentando fugir!

Miguel girou lentamente enquanto falava alto para que todos ouvissem: - Tentando não, nós estamos fugindo. Mas muito obrigado pela presença de todos e muito obrigado, principalmente, aos meus pais que prepararam tudo com muito carinho.

Eu apenas acenei sorrindo e fui até os pais de Miguel abraçá-los com gratidão. Enquanto me despedia de Mariane meu olhar se encontrou com o de Sheila, que sentada numa mesa logo atrás de nós, ainda sorriu com frieza para mim. Desviei o olhar e fui seguindo Miguel que sorria, alheio a tudo que eu havia descoberto.

Mesmo com a garganta inchada pela tristeza que apertava meu peito, decidi não falar com ele sobre a conversa com Sheila, pois tinha certeza que na segunda-feira, quando os dois se encontrassem novamente no escritório, ela mesma se encarregaria de contar. Então prevendo toda a avalanche que enfrentaria após uma nova separação, preferi me calar naquela noite.

Capítulo 21

NÃO SEI SE SENTIA MAIS NOJO, RAIVA, PENA DE MIM MESMA OU TUDO JUNTO. Levantei no domingo com uma ressaca moral tão forte que fiquei com a sensação de boca seca, aliada à dor de cabeça e uma vergonha enorme por ter dormido com Miguel na noite anterior, mesmo depois de ter ficado sabendo daquela história ridícula. Demorei bastante para sair da cama pensando em como encará-lo. Caso Sheila já tivesse revelado para ele que eu sabia de tudo desde o dia anterior, ele deveria estar me achando a mulher mais idiota do mundo (eu estava).

O menos vergonhoso naquele momento seria que me levantasse e cabeça erguida cobrasse uma explicação de Miguel sobre toda história. No melhor cenário, ele se espantaria com tanta asneira e me convenceria de que tudo foi uma armação da ex-amante ressentida. Ainda assim não sei se conseguiria acreditar, pois ela plantou em mim a semente da desconfiança (e todos sabemos que esta é uma erva daninha poderosíssima). Mas confesso que não estava preparada para a outra possibilidade, a dele confirmar a história de Sheila e me pedir para ir embora. Eu estava apaixonada de verdade, sem força para confrontá-lo, totalmente despreparada para encarar todo mundo e confessar que meu casamento tinha sido uma brincadeira de mal gosto entre dois amantes e que novamente eu havia sido enganada e abandonada.

Mesmo aflita para descobrir a verdade decidi permanecer no apartamento, tentando representar meu papel da melhor forma possível, até que a verdade (qual fosse) aparecesse. Eu estava disposta a tentar agir naturalmente e de forma discreta começar a procurar um novo lugar para morar. Dentro de mim eu alimentava a esperança de que a convivência diária com Miguel e seu

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

cinismo me dessem elementos necessários para dia-a-dia transformar o que sentia por ele em raiva e depois da separação transformar a raiva em indiferença e assim recomeçar minha vida do ponto em que eu e Fábio nos separamos, como se nada de relevante tivesse acontecido comigo depois disso.

Foi nesta confusão de pensamentos que tomei um banho gelado, tipo de banho que mais odeio, mas que era o que eu estava merecendo como punição pela covardia. Abri a porta do banheiro e lá estava Miguel, lindo, perfeito (mesmo com os cabelos bagunçados e a cara um pouco amassada), de pé, encostado no parapeito da janela e sorrindo abertamente, se com cinismo ou ternura, eu já não sabia mais identificar.

- Bom dia – balbuciei sem conseguir levantar os lábios por mais que meio segundo e fui saindo enrolada na toalha em direção ao outro quarto onde estavam minhas roupas.

Miguel não demorou muito a entrar no quarto em que eu estava e foi caminhando em minha direção, parecendo cheio de desejo, beijando meu pescoço e tentando me abraçar. Eu estava apenas de calcinha e sutiã e num gesto defensivo o repeli, sorrindo forçado, tentando aparentar normalidade: - O que foi? Ainda cansada? – perguntou enquanto passava os dedos com carinho pelo meu rosto.

- Não, acho que estou com fome... – resmunguei enfiando-me num vestido e saindo do quarto.

Mesa posta e não consegui sequer engolir um único biscoito, fiquei mastigando e ele se embolava em minha língua, sem que a garganta o deixasse passar. Então bebi um gole grande de café e senti o biscoito descer com dificuldade.

Miguel me tirou do transe: - Lina... Lina...

Eu estava olhando fixamente para o desenho de uma flor vermelha na toalha de mesa, então pisquei forte e demorado, respirei fundo, simulei um sorriso e o encarei tentando achar algum sinal de que aquele homem ali na minha frente era o mesmo que Sheila havia me descrito, cheio de orgulho e egoísmo.

- Lina, você está bem? Tá estranha... com o pensamento longe... – sorriu confuso.

- Não, não... Tudo bem. – novamente forcei um sorriso – Não é nada demais, só lembrei que preciso sair...

- Sair? – perguntou ainda mais confuso.

- Vou ao shopping. Preciso comprar uma calça jeans. – foi a desculpa que saiu da minha boca enquanto me levantava.

Miguel segurou minha mão com firmeza e me encarou de baixo para cima respirando profundo: - Aconteceu alguma coisa. – afirmou convicto.

- Não. – respondi um tanto rude, desvencilhando minha mão da dele – Não aconteceu nada, só me lembrei que preciso comprar uma calça jeans (lá se foi a parte de “agir com naturalidade”).

Ele se levantou e desta vez me encarou por cima, com o semblante desconfiado: - Você não é o tipo de pessoa que se dá ao trabalho de sair de casa num domingo porque se lembrou de que precisa comprar uma calça jeans. – constatou com serenidade.

- A gente acha que se conhece, Miguel, mas a verdade é que sabemos muito pouco um do outro. – sentenciei levantando os ombros – Eu não sei que tipo de pessoa você é e nem você sabe o tipo de pessoa que eu sou... – respondi e virei as costas para ele, torcendo para que não retrucasse e me deixasse sair sem fazer mais perguntas.

Miguel segurou meu braço com delicadeza, beijou meu rosto e sussurrou próximo ao meu pescoço: - Posso te fazer companhia?

Cretino! Ele sabe que sou louca por ele!

- Não! – respirei fundo e abri um sorriso - Obrigada pela oferta, mas sei como vocês, homens, ficam estressados com a indecisão feminina na hora das compras.... – despistei.

Ele sorriu, soltou meu braço, balançou a cabeça de um lado para o outro e afirmou com o semblante aparentando inocência: - Então, tá! Vai lá comprar uma calça jeans, maluquinha! – respirou fundo e beijou minha boca – Acho que é por você ser assim, tão surpreendentemente você, que sou tão apaixonado!

Senti como se um bolo tivesse entalado na minha garganta, então engoli em seco e sorri com tristeza esperando que ele não percebesse nada: - Não demoro.

Não foi totalmente uma mentira o que falei, desnorteada, acabei entrando mesmo num shopping próximo à casa de Miguel. Eu precisava muito desabafar com alguém, mas não queria que fosse nenhuma pessoa que esteve na festa do dia anterior, seria humilhante demais revelar um fracasso tão grande em menos de vinte quatro horas. Decidi também poupar minha irmã e minha prima, pois elas já tinham muito com o que se preocupar cuidando de tia Branca. Parei num café, e enquanto tomava goles pequenos do conteúdo forte da xícara, liguei num rompante maluco para o Fábio, que me atendeu logo no primeiro toque. Ao ouvir a voz dele automaticamente me senti arrependida por procurá-lo, mesmo assim segui em frente por puro descontrole.

- Li? – perguntou demonstrando surpresa.

- Fábio, estou atrapalhando alguma coisa? – perguntei com o tom de voz nada animado.

- Não. Estou em casa, sozinho... – respondeu solícito.

- Eu preciso conversar com alguém. A gente pode se encontrar? – perguntei, questionando-me mentalmente sobre a minha sanidade mental ao fazer a pergunta.

- Claro, Lina. O que aconteceu? – demonstrou-se preocupado.

Eu disse que contaria quando nos encontrássemos. Fábio disse que iria até o shopping onde eu estava. Aceitei a oferta e fiquei sentada no mesmo lugar, atônita, esperando sua chegada.

Eu ainda estava me culpando por procurá-lo, imaginando que suas reações poderiam ser as mesmas da época em que morávamos juntos, agindo com impaciência e impáfia, então decidi pagar a conta e mandar uma mensagem para ele, inventando uma desculpa qualquer por ter feito a ligação. Porém Fábio chegou tão rápido que tive a sensação de que não tinha se passado nem dez minutos que havíamos nos falado por telefone: - Oi, querida! – cumprimentou abraçando forte e me dando um beijo demorado e carinhoso na bochecha.

O gesto inesperado me desarmou, então indiquei que se sentasse, e mesmo com o rosto coberto de tristeza sorri para ele: - Este mundo é estranho... logo você aqui comigo, pronto para me ouvir... – suspirei com desânimo – Não me lembro de ter te visto me olhar com tanta atenção, pelo menos nos últimos dez anos que passamos juntos... – constatei sem a intenção de criticá-lo.

Ele passou as mãos nervosamente pelo rosto e respirou doído: - Se você soubesse o quanto eu me arrependo da pessoa que fui...

- Eu não te chamei aqui para que confesse sua culpa, nós dois traçamos o caminho que nos trouxe até aqui... – concluí levantando os

ombros.

Fábio sorriu de canto e segurou minhas mãos: - Lina, pode me falar o que está acontecendo...

- Eu me mudei para o apartamento do Miguel semana passada, no dia que você me ligou... – inspirei fundo e soltei o ar com força - Ontem foi nossa “festa de casamento”. – revelei enquanto algumas poucas e espaçadas lágrimas escorriam sobre o rosto.

Fábio estava paralisado, encarando-me com tristeza enquanto parecia tentar absorver minhas palavras. Depois de um tempo me calei e comecei a secar as lágrimas com os guardanapos de papel que estavam na mesa: - Você se casou? – perguntou visivelmente abatido – Lina, por que você está chorando? Por que você está aqui?

Bebi um pouco de água e contei toda história para ele, toda mesmo, desde o dia do meu primeiro encontro com Miguel na festa de noivado de Diana até minha conversa com Sheila.

Fábio não me interrompia, mas respirava fundo e vez ou outra fechava as mãos como se quisesse socar a mesa, demonstrando impaciência e raiva. Quando terminei Fábio secou as lágrimas que ainda restavam no meu rosto e sentenciou decidido: - Vamos lá no apartamento do babaca pegar suas coisas agora e hoje mesmo você volta para a nossa casa.

Eu me ajeitei na cadeira: - Eu não vou sair de lá! – afirmei – Não hoje. Quero ouvir o que ele me dirá amanhã quando ficar sabendo pela amante que eu já sei de tudo... – levantei os ombros e ponderei com tristeza – Talvez eles estejam agorinha mesmo conversando...

- Lina, não faça isso! Para quê se machucar ainda mais?
- Eu quero ouvir da boca dele...

Fábio esfregou os olhos com as mãos e bufou: - Isso tudo que tá acontecendo é culpa minha! – sentenciou com raiva olhando para o teto

– Como pude ter tido coragem de ferrar com a nossa vida deste jeito?! Lina, eu sei que você assumiu o namoro com aquele cara para me provar que estava bem e que não ficaria sozinha...

Eu o interrompi: - Não, Fábio.

- Não? – indagou confuso.

- Eu não fiz nada do que fiz para te provar alguma coisa. Eu me apaixonei de verdade. Nunca senti nada parecido com o que sinto por ele! – bufei e balancei a cabeça de um lado para o outro - E estou aqui me odiando muito por estar rezando para que ele não me coloque para fora de sua vida...

Fábio pareceu ter perdido as forças e seu rosto empalideceu: - Você está apaixonada, Lina? – perguntou com a voz trêmula.

Não respondi, não era necessário. Ajeitei minhas costas no encosto da cadeira, passei as mãos pelos cabelos, respirei fundo e sorri: - Fábio, concorde você ou não eu já tomei minha decisão: vou voltar para aquela casa e esperar para ver o que acontece. Só te peço que não conte para ninguém, pois, por enquanto, quero segredo sobre este assunto. Posso confiar em você?

- Isto é a maior loucura! Eu não vou conseguir ficar tranquilo sabendo que você está morando sob o mesmo teto que aquele imbecil! – então ele me olhou e parece ter percebido que eu não reconsideraria minha decisão, respirou fundo e depois completou com um tom ameno e carinhoso - Mas vou fazer sua vontade e ficar quieto. Quero que saiba que não há a mínima possibilidade de não te procurar todos os dias para ter notícias. – disse me abraçando com força, em seguida colou sua testa na minha – Volte para casa, por favor? Eu juro que respeitarei seu tempo e só voltaremos a ficar juntos quando você estiver pronta! – sorriu

envergonhado - Quando eu conseguir te provar que a gente pode dar certo novamente!

Eu apenas me afastei.

Cheguei em casa e Miguel não estava lá, não havia sequer um bilhete avisando sobre o seu paradeiro. Ressentida e atordoada, preferi não tentar entrar em contato com ele, fiquei o resto do dia enfurnada dentro do quarto de hóspedes. Na última vez que me lembro ter olhado no relógio eram quase onze da noite, já não aguentando mais sentir o estômago formigar de tristeza e tensão, acabei tomando um calmante forte, do mesmo tipo que havia tomado muitas vezes depois da separação com Fábio e adormeci naquele quarto mesmo, sem nem ao menos trocar de roupa.

Capítulo 22

PASSAR O DIA ANGUSTIADA, CHEGAR NO APARTAMENTO DECIDIDA A JUNTAR minhas coisas e partir, sentir palpitação e garganta inchada ao pegar a primeira peça de roupa para colocar na mala, desistir de ir embora e chorar escondida passou a ser minha rotina naquela casa.

Miguel nunca tocou no assunto sobre a proposta da Sheila, mas a cada dia que se passava eu tinha mais certeza de que ela havia contado sobre a nossa conversa no dia do churrasco, pois ele deixou de lado o papel do cara atencioso e apaixonado e passou a quase sempre ignorar minha presença.

Eu comecei a acreditar que ele estava apenas esperando que partisse de mim o rompimento, assim se eximiria da culpa de ter me enganado, como se eu fosse a mulher instável que não conseguiu superar os traumas do primeiro relacionamento e também porque conseguiria provar para sua amante que ele havia cumprido sua parte na “aposta”.

Era bem humilhante seu método para demonstrar o quanto eu estava sendo ridícula em insistir em ficar: ele saía bem cedo durante os dias de semana e retornava tarde para casa, nos finais de semana não me dava explicação sobre as suas saídas demoradas durante o dia. Nós só agíamos como casal quando encontrávamos com os amigos ou aos domingos durante o tradicional almoço com sua família. De vez em quando, nas raras vezes que ficávamos sozinhos, me batia uma vontade de falar tudo e acabar logo com todo aquele sofrimento, mas um nó fechava minha garganta, impedindo que a voz saísse e quando isto acontecia, ao encará-lo, chegava a acreditar na possibilidade de estar vendo nos olhos dele uma espécie de tristeza silenciosa.

Eu sentia que assim como ele, também estava esticando com todas as forças a corda que nos prendia e ficava só esperando que um dos dois a soltasse. Era questão de tempo e tudo que eu queria era isso, tempo para ter coragem ou perder as forças de vez... De uma maneira ou de outra a gente acabaria se separando, então não havia motivos para precipitar. Até cheguei a pensar que tinha me acostumado com a infelicidade de conviver com o fantasma do homem que tinha conhecido, mas não, ainda restava em mim algum fio de amor próprio, pois algumas atitudes dele começaram a me fazer soltar a corda aos poucos. A primeira aconteceu num sábado, três semanas após o início da nossa guerra fria, no dia em que combinamos um jantar com Diana e Mário na casa deles. Como o costume mandei uma mensagem de texto para Miguel durante o dia confirmando o compromisso e acertando um horário. Para mim estava tudo certo, pois recebi um frio “tá” como resposta. Marcamos às nove horas, mas nove e meia Miguel ainda não havia dado nenhuma notícia sobre seu paradeiro e nenhuma desculpa quanto ao seu atraso. Então, extremamente irritada pela espera, subi até meu quarto para pegar minha bolsa e ir me encontrar com meus amigos, desacompanhada mesmo (decidi que durante o caminho eu pensaria em uma desculpa para a ausência de Miguel). Estava descendo as escadas quando ouvi o barulho da chave girando no ferrolho da porta, sem intenção de esconder a raiva, fiquei de pé, encostada na parede, com a bolsa pendurada no ombro, demonstrando que estava pronta para sair.

- Desculpe o atraso. – sentenciou Miguel de forma fria enquanto retirava a camisa e a jogava em cima do sofá – Vou tomar um banho rápido e partimos. – anunciou me encarando.

Ele passou por mim, com rapidez e a cabeça baixa e subiu para seu quarto. Com as mãos trêmulas de raiva, joguei com brutalidade a bolsa num dos sofás e comecei a caminhar de um lado para o outro da sala tentando fazer a minha respiração voltar ao normal.

Meu celular tocou e num impulso atendi sem olhar para a tela, certa de que seria Diana querendo explicações sobre o nosso atraso: - Oiiiiiii – disse irritada.

- Lina? Desculpe. Liguei em hora errada? – perguntou Fábio com o tom receoso.

- Não, Fábio. – respondi soltando o ar. Eu não me dava ao trabalho de atendê-lo quando me ligava num momento complicado ou quando simplesmente estava sem vontade de conversar, pois ele estava mesmo cumprindo a promessa de me ligar todos os dias para saber como eu estava e para tentar me convencer a sair da casa de Miguel.

- Tudo bem? – perguntou ressabiado.

- Sim, tudo. – respondi impaciente – Achei que era a Diana.

- Lina – respirou profundo -, ainda não se decidiu?

Suspirei e soltei o ar com força, ao virar para trás vi Miguel parado no último degrau da escada me observando de forma indecifrável.

- Depois a gente se fala. – terminei a ligação certa de que Fábio sabia sobre a presença de Miguel.

- Era uma amiga... – resmunguei de forma arrastada, mas com o coração apertado por mentir. Miguel simplesmente cerrou os lábios e levantou as sobrancelhas: - Vamos. – anunciou com frieza. Mas como era assim que vinha me tratando nos últimos tempos deduzi que não tinha percebido nada.

Numa coisa eu e Miguel estávamos em sintonia: fingir que estávamos bem e felizes juntos. Foi assim no jantar na casa de Mário, nós dois agimos com tanta falsa alegria e companheirismo que chegamos até a ficar de mãos dadas quando Diana nos convidou para sermos os únicos padrinhos do casamento, pois decidiram oficializar a união apenas no civil e bastaria uma testemunha de cada lado. Depois de muito bate-papo

e fingido entrosamento entre nós dois, voltamos em silêncio para a casa, sem ao menos nos permitirmos que nossos olhares se cruzassem por uma única vez.

Assim que chegamos no apartamento fui direto para a cozinha para evitar o constrangimento de subir as escadas ao lado de Miguel e entrar cada um em um quarto. Fiquei um tempo sentada numa cadeira, com os cotovelos apoiados na mesa, remexendo freneticamente no celular. Só depois que me certifiquei de que não havia mais barulho, o que indicava que Miguel já estava deitado, é que resolvi ir para o quarto. Apaguei a luz da cozinha e saí vagarosamente, mas mesmo na penumbra, percebi que Miguel estava sentado no sofá. A surpresa fez minha espinha sentir uma pontada fria, eu não estava preparada, não naquele momento, para uma possível revelação da parte dele e era isso que a presença dele ali me dizia. Ao me ver Miguel levantou rapidamente e se aproximou de mim, empurrando meu corpo contra a parede e colando nossos corpos. Eu o abraçava e beijava com a sensação ruim de que aquela era a nossa última vez juntos e dada a força da respiração dele e os suspiros abafados senti que talvez ele estivesse pensando o mesmo. Naquela noite dormimos abraçados com força, como se tivéssemos que ter aquele último contato antes da conversa definitiva.

Acontece que a conversa definitiva não aconteceu no domingo, pois o irmão de Miguel bateu à nossa porta bem cedo, levando os dois filhos à tira colo e nos intimando para que fôssemos com ele e sua família a um restaurante às margens do cantareira e passássemos juntos um domingo em família.

O dia estava lindo, a conversa agradável, eu e Miguel nos comportamos novamente como um casal normal e feliz. Todo aquele clima amistoso mais me entristecia, pois eu sabia que momentos como

aqueles estavam chegando ao fim. Para mim pesava muito também me sentir tão bem junto à família dele e saber que teria que me afastar.

Nova semana, velhos problemas: nada de comunicação, minha conversa com Miguel se resumia a resmungos monossilábicos e também não estava sendo nada fácil manter a aparência de felicidade para todo mundo. Com minhas amigas eu evitava falar sobre Miguel e nossa vida conjugal, com Rosa e Clara conversava apenas sobre o estado de saúde de minha tia e inventava alguma desculpa para terminar as ligações quando perguntavam sobre o casamento, Celso e Pierre, eu simplesmente os evitava. Mas no meio da semana recebi dois telefonemas importantes: Celso me convidando para o coquetel de lançamento do livro na sexta-feira (esta notícia realmente me deixou feliz) e a outra de Fábio querendo que nos encontrássemos (este convite eu não recusaria, pois precisava muito estar com alguém que eu pudesse falar abertamente).

No dia que recebi a ligação de Celso não fiz como nas outras noites, fiquei à espera de Miguel para saber se ele poderia me acompanhar no evento. Assim que chegou percebi que se surpreendeu ao me ver na sala e não escondida no quarto de hóspedes, mas agiu com a mesma neutralidade de sempre. Falei sobre o lançamento, ele não se recusou em me acompanhar e combinamos de nos encontrar na porta da livraria onde seria a noite de autógrafos, às oito da noite de sexta. Acertamos os detalhes como se não morássemos sob o mesmo teto e o que mais me doeu foi constatar que não havia mais nenhum estranhamento aos nossos atos, pois subimos lado a lado na escada e cada um se dirigiu para um quarto sem sequer um “boa noite”.

Na quinta-feira, depois do trabalho, me encontrei com Fábio num barzinho perto do apartamento de Miguel. Nos sentamos no fundo, mas não me preocupei muito que ele pudesse me ver e buscar explicações, pois ele nunca chegava cedo em casa, e nas poucas vezes que o propus que nos fôssemos lá o ouvi dizer que a comida era tão ruim quanto o atendimento.

- Lina - suspirou Fábio enquanto enchia nossos copos de cerveja –, andei pensando muito em você e pelo que acabou de me contar, as coisas entre você e o idiota estão chegando a um nível insuportável! – ele passou as mãos pelos cabelos e sorriu – E por mais que eu queira que volte a morar comigo, sei que não está preparada para isso... – respirou fundo e completou - Então quero que saiba que em primeiro lugar peço perdão por ter mentido! – afirmou entortando os lábios levemente para baixo.

Engoli doído a última frase: - Porra! Qual é a novidade da vez? – desabafei com irritação.

Ele continuou com a feição cheia de remorso e declarou: - Menti quando disse que não tinha o dinheiro para pagar sua parte no apartamento. Eu tenho!

Não aguentei e gargalhei: - E você estava achando que me enganou? Eu sempre soube que você tinha o dinheiro.

Fábio trocou o semblante arrependido por surpresa: - Você já sabia? E por que não reivindicou que eu pagasse de uma vez só ou em menos tempo?

- Eu não estava com pressa... – respondi levantando os ombros.
- Pois eu estou. – afirmou – Vou depositar o dinheiro que falta na sua conta e sei que você também tem dinheiro guardado. À partir da semana

que vem, todos os dias no horário de almoço nós podemos nos encontrar e começar a procurar um apartamento para você.

Fiz uma careta amigável e sorri: - Sei que só está pensando no meu bem, mas me dê um tempo para decidir o que fazer...

- Lina, eu não sei até onde você acha que consegue esticar esta corda? – indagou com indignação.

Não perdi tempo tentando explicar sobre a minha atitude indefensável, apenas pedi que mantivesse segredo e que me desse mais um tempo para tomar a decisão definitiva. Ainda nos demoramos um tempo no bar conversando sobre a situação dele e Laura. Fábio me contou que ligava para ela quase todos os dias e que uma vez por semana eles se encontravam. A situação não estava nada fácil, pois ela insistia numa reconciliação, enquanto ele jurava que não sentia mais nada por ela. Para surpresa de Fábio e apenas ratificando para mim mesma que não sentia mais nada por ele o aconselhei a pensar bem se não haveria mesmo a possibilidade de voltarem a ficar juntos, pois com certeza isso facilitaria muito a vida dos dois, mas ele chegou a fazer feição de nojo e afirmou que não conseguia nem mesmo ficar por mais que meia hora na presença dela.

Enfim, mais uma reviravolta: meu ex-marido, persona non grata em minha vida até meses atrás, tornou-se meu confidente mais próximo.

Capítulo 23

FIQUEI NA PORTA DA LIVRARIA COM MÁRIO E DIANA ME FAZENDO COMPANHIA por mais de vinte minutos à espera de Miguel, os outros casais consegui convencer que entrassem. Antes desistir da espera enviei uma mensagem de texto para ele, perguntando se havia acontecido alguma coisa ou se apenas tinha se esquecido do compromisso. Vi que visualizou no momento em que enviei, mas não me respondeu. Menti mais uma vez para meus amigos, dizendo que Miguel estava preso numa reunião familiar, que pedia desculpas, mas achava que não conseguiria chegar a tempo. E para dar mais veracidade à mentira sorri e imitei o jeito como ele se referia a Celso: Miguel pediu para que todos comprem o livro, mas nunca leiam nada daquele “maluco”.

Já dentro da livraria, antes de mesmo de cumprimentar Celso ou Pierre, fui direto para o banheiro buscando ficar sozinha por um momento. Respirando fundo, forcei que o ar abrisse passagem em minha garganta e assim nenhuma lágrima caísse, enquanto passava as mãos com força entre os seios para tentar aliviar a dor que estava sentindo. Constatar que ele visualizou a mensagem e a desprezou foi a comprovação de que estava me dando a última chance de sair da vida dele sem passar pela humilhação de ter que escutar a verdade.

Tudo que antes era dúvida ficou claro em minha mente: ele não transava comigo porque sentia um desejo louco, mas para que eu me sentisse mais usada. Ele não tentou se explicar sobre a tal “aposta”, pois não precisava de nenhuma espécie de compreensão ou perdão. Tudo que ele fez foi me afastar ao máximo para que eu tomasse a decisão de partir, mas o que eu fiz foi

insistir em me fazer presente, forçando que chegássemos àquela situação limite.

Saí do banheiro e fui logo bebendo de uma vez só o vinho branco que havia pegado na bandeja de um garçom e antes de voltar para meus amigos devolvi rapidamente o copo vazio à bandeja e peguei outro cheio.

- Lina, não fica assim... O Miguel só está atrasado... Coisa feia ficar fazendo drama à toa! – repreendeu-me Diana ao pé do ouvido.

Eu sorri dissimuladamente e a puxei para um canto: - Preste atenção! – sentenciei sem nenhum traço de humor o que a fez arregalar os olhos – O que eu vou te dizer fica aqui entre nós duas! Só nós duas. Está me entendendo?

Diana balançou a cabeça confirmando, arregalou os olhos assustada e eu perguntei sem conseguir minimizar o tom de seriedade: - Você vai dormir no apartamento do Mário hoje?

- Sim. – respondeu quase sem respirar.

- Então me empreste a chave do seu, pois vou para lá. – Ela abriu a boca, acredito eu, que para fazer uma pergunta, mas eu a detive – Não conte para o Mário. Amanhã de manhã te espero na sua casa e lá te explico tudo que está acontecendo. Agora nós duas vamos voltar – aponte para o grupinho de nossos amigos – e se alguém questionar o motivo de estarmos conversando sozinhas diga apenas que eu queria saber se deveria explicar ao Celso sobre o motivo de Miguel não ter me acompanhado.

- Lina! – sussurrou ela com a voz receosa – Eu não vou conseguir. Olhe para mim! – afirmou mostrando sua mão trêmula.

Meu coração se afundou ao ver minha amiga tão preocupada, então sorri e segurei firme sua mão enquanto falava com a voz mais afetuosa: -

Vai sim, Di! Por favor, por mim. Não está acontecendo nada que com sua ajuda eu não consiga resolver! – afirmei com o sorriso aberto.

- Mesmo? – indagou sorrindo, mas ainda tensa.
- Mesmo! Agora vamos!

Fiz o que pude para que ninguém mais percebesse que não estava bem e, principalmente, para celebrar com meu amigo a alegria de ter seu livro lançado. Depois de conseguirmos nossos exemplares autografados fui jantar com o pessoal, mais tarde fui para a casa de Diana sem me preocupar em avisar Miguel, que confirmou seu total desprezo ao não buscar por notícias minhas.

Diana apareceu cedo no apartamento e ficou absolutamente chocada com tudo que lhe contei, só não falei sobre a parte em que Sheila desfez de Mário, afirmando que era um bobalhão inútil. - Não pode ser verdade, Lina! – sentenciava Diana furiosa – Vou agora mesmo procurar Miguel e ele vai ter que se explicar direitinho!

Não foi fácil fazer com que ela se acalmasse, mas depois de conseguir removê-la da ideia de socar Sheila, arrancar os olhos de Miguel, quebrar os carros dos dois, exigir que Mário desfizesse a sociedade e demitisse Sheila consegui, finalmente, expor meu plano. Não se tratava de nenhum plano de vingança, era mais uma medida de sobrevivência:

- Di - dizia eu calmamente para que ela não retornasse ao estado de fúria –, primeiro preciso que você me jure que não irá falar sobre isso com ninguém...
- Por quê? Eu e você deveríamos contar para todo mundo e desmascarar aqueles dois! – esbravejava.
- Porque eu não quero que esta humilhação seja tema de conversas alheias. Caramba, Diana, eu me separei e fui logo morar com um outro homem... Agi como uma adolescente apaixonada e imatura! Eu não

quero ficar sob o julgamento e muito menos sob a pena dos outros. Por favor, me entenda...

- E os dois vão ficar impunes?

Levantei os ombros: - Tenho certeza de que quanto mais eu mexer nesta história, mais magoada sairei...

- Eu nunca mais vou conseguir olhar na cara do Miguel... – concluiu raivosa.

- Sei que não vai consegui tratá-lo com o mesmo carinho, e no fundo ele saberá o motivo, mas quero que o Mário pense que sua raiva é apenas solidariedade pela minha separação.

- E como vai explicar a separação?

- Não vou. Apenas direi que não deu certo.

Diana suspirou, levantou-se do sofá e andou de um lado para o outro. Eu pedi que ela se sentasse novamente: - Você praticamente já se mudou para a casa de Mário, não é?

Ela confirmou que sim com a cabeça e completei meu pensamento: - Quero alugar seu apartamento por um tempo. Ele já está mobiliado e é perto do nosso escritório... Não é por muito tempo, pois pretendo comprar um para mim o mais rápido possível. O que acha?

Diana me abraçou forte: - Claro. Fique o tempo que quiser e não precisa me pagar.

- Se você não aceitar minhas condições – sentenciei com seriedade –, começo hoje mesmo a procurar um outro lugar!

Ela balançou a cabeça de um lado para o outro e com o semblante contrariado e triste respondeu: - Tá, faça como quiser.

Cheguei ao apartamento de Miguel bem no finalzinho da tarde, pois antes precisei chorar tudo que consegui, numa tentativa de secar por um tempo minhas lágrimas e não desabar na frente dele. Quando entrei acho que ele ouviu o barulho na porta e saiu do seu escritório. Segui sob seu olhar que parecia raivoso e perdido ao mesmo tempo. Joguei as chaves em cima da bancada da sala e sentei num dos bancos, passando as mãos na barriga, tentando diminuir a dor que sentia no estômago. Ele não falou nada, apenas se aproximou da bancada e manteve-se de pé.

Suspirei profundo e constatei que minha ideia de chorar a tarde toda não fez o menor efeito, pois assim que abri a boca para falar meus olhos me traíram e se encheram de lágrimas, enquanto minhas palavras saíram abafadas: - Não dá mais.

Miguel respirou fundo e socou forte o tampo de madeira da bancada, em seguida virou de costas para mim e foi para varanda.

Imaginei tudo, menos que ele não se dignasse a me responder e muito menos se desculpar pela atitude cafajeste. Meu peito naquele momento parecia explodir de tanta dor, então subi soluçando pelas escadas e fui até o quarto de hóspedes jogar algumas coisas dentro de minha mala.

A porta estava aberta, mas Miguel bateu de leve para anunciar sua presença. Olhei em sua direção, limpando o rosto com as palmas das mãos e o vi encostar no batente da porta. Como continuou em silêncio resolvi dar uma breve explicação: - Estou pegando algumas coisas minhas, mas durante a semana combino com a Cláudia de passar aqui na parte da manhã e buscar o resto.

- Lina, quero te fazer uma proposta. – anunciou com o semblante totalmente desfeito. Em seguida desencostou-se da porta e sentou na cama.

- Proposta? – indaguei com estranhamento, mas mantive-me de pé jogando roupas de forma aleatória dentro da mala.

Miguel se levantou e segurou com leveza meu pulso me impedindo de continuar o que estava fazendo. Eu me desvencilhei bruscamente e levantei minha cabeça tentando encará-lo: - Fala, Miguel, que proposta? – perguntei respirando fundo.

Ele se afastou e apoiou suas costas numa das paredes: - Lina, semana que vem já é dezembro... – afirmou suspirando mais uma vez e passando as mãos com nervosismo pelo rosto. Sua voz triste e um tanto vacilante contrariava toda a postura de indiferença com que vinha me tratando nas últimas semanas - Quero que fique aqui até o primeiro dia de janeiro.

Surpreendida por aquele pedido maluco sentei na beirada da cama e escorei a cabeça nas mãos. Depois de alguns instantes voltei a encará-lo: - O quê? Que loucura é esta?

Miguel voltou à postura cheia de impáfia: - Dezembro é um mês cheio de festinhas e confraternizações e ainda tem almoço e jantar de Natal e a noite de ano novo... Enfim, não quero ter que ficar me explicando para todo mundo. – bufou e completou - Não estou nem um pouco interessado em escutar opiniões e conselhos. Quero apenas atravessar estas datas sem maiores chateações.

Eu ri ironicamente: - E por que eu deveria fazer isso por você?

- Seria um problema a menos para você também. – devolveu com a mesma ironia.

- Isso é loucura! – levantei uma das sobrancelhas e completei - Como foi loucura ter me mudado para cá. - Se você aceitar te envio uma lista com as datas dos eventos que gostaria que você me acompanhasse. – ele entortou um pouco os lábios cerrados - E se quiser pode fazer o mesmo.

Não resisti e usei de sarcasmo: - Você não foi capaz de cumprir o seu compromisso de ontem...

- Não cometerei mais esta falta. – respondeu sem se dar ao trabalho de me explicar o que havia acontecido na noite anterior.

Esfreguei o rosto nervosamente e fechei os olhos por um tempo tentando absorver aquela proposta, mas não consegui chegar a nenhuma conclusão, então abri os olhos e respondi depois de um longo respiro: - Tudo bem, eu aceito. Você me envia um e-mail com datas e locais que gostaria que eu o acompanhasse e eu apareço. Em troca quero que faça o mesmo por mim.

Era uma proposta conveniente para os dois? Sim! Aceitei por este motivo? Não. Concordei porque simplesmente era uma possibilidade de estar com ele, mesmo que fingindo fazer por obrigação, mesmo aceitando que ele fingiria estar gostando.

- Lina, por favor, fique aqui até a data que combinamos. – Pediu num tom mais humilde.

- Aqui? – perguntei realmente em dúvida.

- Você já viu que meus parentes costumam aparecer sem aviso prévio...

- Miguel, eu não sei se vou conseguir fazer isso...

- Vai sim, você tem conseguido me evitar tão bem desde que se mudou para cá. – rebateu cerrando os olhos com mágoa.

Capítulo 24

E RA A PRIMEIRA VEZ DESDE A MINHA SEPARAÇÃO DE FÁBIO QUE EU, ELE E Diana dividíamos novamente o mesmo ambiente de forma cordial. Eu os convidei para um almoço na segunda-feira, pois queria contar para os dois, de uma vez só, sobre a minha decisão de aceitar a proposta de Miguel.

- O que que você tá dizendo, Lina? – esbravejou Fábio com o rosto vermelho de raiva – Porra! Ainda não foi suficiente tudo que o cara te fez?! Você ainda vai morar lá?! Não é possível... – sentenciou por fim, respirando fundo e bebendo água com fúria.

Diana me encarava com o semblante atordoados tentando entender minha atitude: - Olha, eu pensei que nunca mais fosse concordar com nada que o Fábio dissesse, mas desta vez não tem como ficar do seu lado: isso é loucura!

Deixei que os dois desabafassem, e com razão tentassem me fazer mudar de ideia, no lugar deles também agiria da mesma forma. Não perdi tempo tentando explicar minha decisão, eu não conseguiria nem se tivesse tentado, pois aceitei sem nenhuma razão coerente, aceitei porque não tinha ainda força suficiente para ficar longe de Miguel e não queria confessar isso para nenhum dos dois.

- Eu sei que parece loucura o que estou fazendo... – falei sorrindo com doçura e demonstrando saber que eles tinham a razão, não eu – Mas é por tão pouco tempo. Fábio, a gente aproveita este tempo para procurar um apartamento para mim... – anunciei tentando alegrá-lo.

Fábio, totalmente contrariado, permaneceu monossílabico durante o resto do almoço. Diana também não estava tentando disfarçar sua decepção. Então mesmo sabendo que naquele momento eu não era uma das pessoas preferidas deles pedi que mantivessem meu segredo bem guardado.

No caminho do escritório Diana quebrou o silêncio: - Li, não faça isso... Ainda dá tempo de você dizer a ele que desistiu e mandá-lo à merda! Vai para a minha casa, fique por lá o tempo que quiser... – pedia em tom de súplica.

Segurei o braço de Diana impedindo que continuasse a caminhada: - Di, são apenas trinta dias... – sentenciei arregalando os olhos e tentando a todo custo demonstrar que não era uma loucura o que estava prestes a fazer.

- Para quê isso? – perguntou, visivelmente chateada.
- Eu podia te dizer que não quero neste momento expor mais uma vez minha derrota, e não seria mentira, mas não é só isso...
- Não crie esperança de reconciliação!
- Pretendo criar esperança de odiar o Miguel. – respondi entortando os lábios para um dos cantos.

Caramba! Como eu sou idiota! Idiota de verdade, do tipo mais idiota que faz as maiores idiotices! Como fui aceitar uma proposta ridícula desta: agora fico eu andando por este apartamento pé ante pé, como se fosse uma intrusa ou uma visita que sabe que está incomodando... fico aqui como uma ratazana assustada e ao menor ruído corro para me esconder no meu buraco, digo quarto, digo meu, mas na verdade é dele...

Eu estava descendo as escadas em direção à cozinha para preparar um sanduíche, mesmo não sendo ainda nem oito da noite, logo, um horário quase impossível que Miguel estivesse em casa, mas a culpa e vergonha que sentia por estar morando naquele apartamento não me deixavam. Eu era uma fortaleza na hora de enfrentar e defender minhas opiniões na frente das duas únicas pessoas para quem eu tinha contado o que se passava (Fábio e Diana), e agia como uma menininha frágil e indefesa na frente de Miguel, pois, além de não ter conseguido revelar que já sabia de seu acordo com Sheila, ainda havia aceitado continuar vivendo ao seu lado, mesmo me sentindo indesejada.

Enquanto preparava o sanduíche, fiquei refletindo sobre a minha situação e resolvi mudar de postura: já que não conseguia deixar Miguel, não me faria mais de invisível, não mais evitaria nossos encontros, muito ao contrário, estaria sempre à vista naquele apartamento. Ele pediu mais um mês, eu daria mais um mês de Lina. Não pretendia irritá-lo ou tentar conquistá-lo, mas não mais me esconderia. Se caso ele não suportasse mesmo estar no mesmo ambiente que eu neste período, com certeza uma overdose de eu, o faria deixar o cinismo de lado e me dispensar de vez. Se ele e Sheila estipularam um prazo que definiria o vencedor que os dois batalhassem entre eles, eu não mais seria uma morta-viva, seria, simplesmente, uma hóspede.

Certa da minha decisão, preparei a comida com calma e capricho, depois, sem pressa, um suco verde. Ajeitei a mesa e sentei calmamente para tentar saborear com prazer e agir com naturalidade. Ouvi o barulho da chave no ferrolho da porta e meu coração automaticamente acelerou, mas mantive-me firme, peguei uma faca e dividi o pão ao meio. Miguel se assustou ao se deparar comigo na cozinha: - Lina, desculpe... – resmungou parecendo atordoado pelo encontro inesperado – Achei que você tivesse esquecido a luz acesa.

Sorri enquanto me levantava para pegar outro prato: - Está com fome? – perguntei colocando metade do sanduíche no outro prato – Se quiser tem o suficiente para nós dois.

Ele ficou me olhando fixo por alguns instantes, com os olhos sorrindo: - Sim, estou morrendo de fome. – afirmou enquanto pendurava o casaco no encosto da cadeira, depois lavou as mãos e sentou-se ao meu lado.

Eu servi o suco e mesmo suando frio por estar na presença dele fazendo algo trivial forcei meu pensamento para buscar uma forma de comer sem me sujar com todo o molho de iogurte natural que havia colocado no recheio. Miguel parecia também ter firmado seu pensamento em algum lugar muito distante daquela cozinha, pois comeu em silêncio e só depois de colocar seu prato e copo na pia resmungou com um sorriso forçado um “obrigado” e “estava ótimo”. Eu apenas sorri e fiquei por lá mais um tempo. Aquela reação fria e inesperada de ter aceitado minha companhia para comer me fez ratificar a conclusão de que seriam trinta dias, nossos últimos trinta dias juntos e que era preciso aproveitar bem este tempo e assimilar com positividade que a indiferença de Miguel era tudo que eu precisava para sair daquela relação sem remorsos ou esperanças.

No outro dia ainda pela manhã, enquanto estava corrigindo um discurso de formatura recebi um e-mail de Miguel e como já sabia exatamente do que se tratava não fiquei muito ansiosa para ler o conteúdo.

Bom dia, Lina. Segue abaixo as datas e eventos que espero poder contar com sua companhia:

- 10/12 (quarta-feira): jantar na casa dos meus pais para o sorteio do tradicional amigo-oculto realizado na véspera do natal;

- 12/12 (sexta-feira): confraternização no escritório;

- 22/12 (sexta-feira): confraternização com nossos amigos;

- 24/12 (quinta-feira): ceia natalina na casa dos meus pais;
- 25/12 (sexta-feira): almoço na casa da minha tia Carmen (com o restante da família);
- 31/01 (quinta-feira): reveillon no hotel Green Palace (além dos nossos amigos minha família também comparecerá).

Obs.: Nosso acordo se encerra no dia 01/01 e você finalment, estará livre de mim e desta farsa de casamento.

Por favor, me envie o mais rápido possível seus compromissos para que eu possa organizar minha agenda.

Aguardo resposta,

Miguel

Realmente Miguel conseguia produzir em mim sentimentos absurdamente conflitantes e pungentes, tudo relacionado era tão extremo que chegava a causar efeitos não só psicológicos como também corporais. Quando eu me pegava pensando nele, lembrando dos bons momentos e do desejo de tê-lo novamente comigo, minha pele chegava a arrepiar e meu estômago se contorcia de arrepios frios, mas quando sentia raiva, o que ocorreu no momento em que li o e-mail, senti o sangue ferver instantaneamente e ao dar uma rápida olhada através da câmera fotográfica do celular vi que meu rosto estava completamente vermelho e minhas mãos estavam tremendo como se tivesse perdido as forças.

Putá merda! Quem ele pensa que é????? Como eu odeio este cara! Ele é tão, tão, tão cruel!! O desgraçado fez uma agenda me incluindo na festinha do escritório para provar para aquela bruxa da Sheila que conseguiu me convencer a ficar! E isso nem é o pior: ele simplesmente me incluiu na ceia da noite do dia 24 e no almoço familiar do dia 25 como se eu não tivesse ninguém com quem comemorar o natal! Foi o

mesmo que esfregar na minha cara que sou uma mulher totalmente solitária!

Levantei rapidamente da cadeira o que provocou espanto nas meninas:
- Que foi, Lina? Está vermelha! – perguntou Joana levantando-se rapidamente, colocando de ímpeto a palma da mão em minha testa para verificar se eu estava com febre.

Ainda bem que Diana não estava no escritório naquela hora, pois ela sim, com certeza, logo entenderia o que havia de errado comigo. Sorri para Joana e espalmei a mão em direção a Martinha em sinal de que não era necessário que se levantasse: - Dor de barriga, meninas... – disfarcei passando as mãos em movimentos circulares pela barriga – Nada demais. Comi muito mais do que deveria ontem...

- Quer que eu vá até a farmácia e compre algum remédio para você? – indagou Martinha.

- Não, não, obrigada. Eu mesma vou, porque quero explicar meus sintomas... – despistei novamente.

Joana e Martinha se entreolharam com sorrisos sarcásticos e Martinha completou: - Será que está grávida, Li?

Respirei fundo e soltei o ar pesado pelo nariz, em seguida coloquei minha bolsa no ombro: - Bobas...

Acho que a minha cara furiosa as assustou, pois desfizeram rapidamente o semblante animado e ficaram me observando sair pisando duro.

Ri de mim mesma quando percebi que estava realmente entrando numa farmácia. Que loucura... Porque eu estou me submetendo a tudo isso? Talvez se eu conversar com Celso as coisas fiquem mais claras em minha mente e com a ajuda dele eu consiga fazer exatamente o que minha razão está constantemente gritando dentro da minha cabeça.

Lina, por que tanto sofrimento? Tenha coragem de colocar um ponto final de vez neste falso relacionamento! Procure Miguel e se abra! Diga que já sabe de tudo, que você já sabe que ele sabe que você sabe, que ele já te fez sentir mal o bastante e que mais trinta dias de fingimentos só irão te fazer mais mal... Diga a ele o quanto o odeia e despreza, que nunca mais, nem em encontros sociais quer vê-lo e que deseja do fundo do coração que ele e Sheila se casem e sejam as duas pessoas mais infelizes do mundo! E se por acaso ele te perguntar porque você não tomou esta atitude decente assim que soube de tudo diga... diga... diga... (meu coração se afundou ao pensar na resposta)... não diga nada!

Depois de ter ficado extremamente irritada com o e-mail de Miguel decidi não voltar para o trabalho e fui me encontrar com Celso e Pierre para um almoço. Acabei não falando nada para eles, mas não forcei muito para demonstrar que estava tudo bem no meu casamento. Quando me perguntaram se Miguel faria parte no jantar no restaurante italiano dos amigos de Celso, um encontro de despedida de Pierre que resolvera antecipar sua volta para a França e passar o Natal com a mãe, apenas levantei os ombros e resmunguei um “não sei”.

Depois de me despedir de Celso, Pierre foi caminhando comigo até o carro: - Você quer se abrir? – perguntou com delicadeza e doçura passando carinhosamente a mão sobre meus braços.

- Não estou preparada. – respondi fechando os olhos com força e respirando fundo – Mas só te adianto que está tudo uma merda... – suspirei novamente.

Ele riu, surpreso com a minha espontaneidade e eu acabei imitando seu gesto. Em seguida Pierre cerrou os olhos me encarando e concluiu: - Algo me diz que as coisas não estão bem desde a festa do seu casamento...

- Pierre, fique aqui no Brasil até o carnaval... Vou precisar tanto da companhia de um amigo divertido, que me anime a ir para noites alucinantes! – brinquei.

Pierre fechou o semblante e me abraçou forte, numa demonstração clara de que havia entendido o motivo de toda a minha tristeza: - Eu não posso ficar tanto tempo, mas você pode se programar e passar um tempo comigo em Paris. Você já foi a Paris?

Balancei a cabeça em negativa e ele passou com cuidado a mão pelos meus cabelos: - Mande tudo à merda e comece de novo...

Eu sorri: - Você tem razão!

Não sei se acontece com todo mundo, mas eu tenho surtos de coragem. Não são muitos, porém quando surgem, trazem à tona uma Lina com quem gostaria de conviver com mais frequência, como a Lina que saiu de casa após a separação, a Lina que agarrou Miguel demonstrando que também o queria (sei que seria bem mais fácil se tivesse seguido as orientações da minha parte racional, assim não estaria passando por tanto sofrimento, mas não posso negar que aquele dia foi um dos melhores de toda a minha vida) ou até mesmo a Lina que consegue ser sarcástica com algum vendedor mal educado. E depois da conversa rápida e até mesmo superficial com Pierre me senti um pouco mais forte e resolvi aproveitar, antes que a coragem fosse embora novamente.

- Pierre, acho que já passou da hora de tomar uma atitude! – exclamei enchendo os pulmões de ar e expirando com força pelo nariz – Tenho que resolver uma pendência urgente e assim que tudo estiver em ordem eu te ligo e a gente conversa.

Já ia me inclinando para dar um beijo de despedida no rosto dele quando meu celular tocou. Era uma ligação do Rodrigo, marido da Rosa,

e como quase nunca nos falávamos (o que acontecia apenas porque minha irmã me dava notícias dele e acredito que vice-versa, pois eu sempre adorei sua companhia tranquila e divertida) meu coração pulsou acelerado com a possibilidade de uma má notícia.

- Rodrigo, aconteceu alguma coisa? – perguntei aflita enquanto segurava a mão de Pierre.

- Sim, Lina, a tia Branca faleceu.

Respirei triste e por mais estranho que possa parecer, alivada. Tia Branca era nossa única parente mais velha com quem tínhamos contato estreito, sem ela ficamos órfãs de mãe mais uma vez. Mas ela estava há tanto tempo sofrendo com uma doença seguida por outra e acredito que não estava mais conseguindo aproveitar minimamente sua vida.

Depois de engolir em seco a notícia, respondi com rapidez: - Estou saindo de São Paulo agora.

- Lina... – disse ele com a voz abatida – Venha com cuidado. Sei que a Rosa, a Clara, enfim, todos nós precisamos de sua companhia hoje. Mas sem pressa na estrada, viu?

Nos despedimos e com um aperto no coração contei para Pierre o que estava acontecendo. Mesmo tentando de mil formas convencê-lo a desistir da ideia de ir comigo para Botucatu, ele manteve-se irredutível e se apressou sentando no banco do motorista. Parei de recusar sua companhia, então depois de nos ajeitarmos no carro vi que ele contou de forma resumida o que aconteceu para o pai, enquanto eu apenas liguei diretamente para o celular da Diana. Até pensei procurar Miguel, mas minutos antes estava disposta a dizer para ele que havia desistido de aceitar sua proposta de continuarmos fingindo ser um casal feliz por mais um mês, então achei que não seria necessário incomodá-lo com

meus problemas. Quando chegasse na minha cidade mandaria uma mensagem para ele e para outras pessoas avisando sobre o velório.

Eu estava ansiosa, louca para encontrar minha família, ajudá-los e ampará-los, mas quanto mais nervosa, mais empecilhos: primeiro um trânsito infernal na saída de São Paulo e assim que conseguimos pegar a autoestrada um dos pneus traseiros furou e tivemos que parar no acostamento para trocá-lo. Depois destes dois percalços, agradei mil vezes a Pierre por ter imposto sua companhia nesta viagem que inicialmente ficaria em torno de duas horas e meia, no máximo três, e que durou quatro horas e meia até a entrada da minha cidade natal.

Cheguei na casa de Rosa e uma vizinha estava lá pronta para dar informações. Ela nos avisou que todos já estavam no cemitério participando do velório de tia Branca. Indaguei apreensiva sobre os meninos e Sônia, a tal vizinha que eu não conhecia por ter se mudado para a região há menos de um ano, me informou que o tio deles havia levado as crianças para passear. A informação me tranquilizou, pois sabia que Rosa e Rodrigo não gostariam que os meninos participassem de uma cerimônia tão triste e eu sabia o quanto adoravam os irmãos de Rodrigo, então provavelmente estavam se divertindo com um dos tios.

Cheguei no cemitério e estava relativamente cheio. Logo na entrada vi algumas pessoas mais velhas, provavelmente amigos da titia. Entrei e meu coração se espremeu ao ver Clara sentada numa das cadeiras ao lado do caixão, sem nenhuma lágrima escorrendo, mas com o semblante triste, desesperançoso. Eu a entendi tão bem, pois também já havia passado pela dolorosa perda que ela estava vivendo naquele momento. Um mundo sem mãe é tão vazio, é tão desamparado que, apenas quando, infelizmente, passamos por esta experiência é que sentimos exatamente

a dor do buraco que fica para sempre dentro do coração. Então mesmo vendo Rosa e o marido cercado por algumas pessoas resolvi ir depressa ao encontro de minha prima, que me abraçou com tanta urgência e carinho que quis naquele momento ter o dom de transferir sua dor para mim.

Pierre me acompanhou e depois que eu e Clara nos soltamos o apresentei brevemente. Ele, com toda sua delicadeza, me ofereceu a mão para que me levantasse e fosse conversar com minha irmã e ainda anunciou ao pé do ouvido que ficaria ao lado de minha prima o tempo que fosse necessário. Não recusei a oferta, pois notei que de modo automático ela segurou uma das mãos dele, que ocupou imediatamente meu lugar.

- Rosa, o que eu posso fazer? – sorri com tristeza enquanto nos abraçávamos com força.

- Nada, Lina, o Rodrigo já cuidou da parte burocrática, a Vanda (uma outra vizinha) está constantemente repondo o café, então – suspirou – o que nos resta é isso, enterrar o corpo e cuidar para que Clara fique bem.

Assenti com a cabeça e ficamos assim, as três lado a lado e Pierre numa das pontas, segurando a mão de Clara, como se fosse um membro da família, recebendo conosco as condolências.

Depois do enterro fomos todos para casa da Rosa e assim que entrei ouvi os passos apressados dos meninos descendo as escadas. Alheios ao acontecimento gritavam meu nome com euforia. Levantei-me feliz e fui até a beirada da escada para recebê-los de braços abertos e com muitos beijos de saudade. As crianças têm este dom de preencher com alegria até os cantinhos mais tristes, e ao olhá-los nos olhos e sentir suas peles tão macias e quentes soube de imediato que eles trariam conforto à vida de minha prima que, assim como eu, não tinha filhos. Eu sabia o quanto

o amor entre ela e eles era recíproco e naquele momento, com meus sobrinhos em meus braços, cheguei a me detestar por todas as escolhas erradas que havia feito na minha vida até ali: desde deixar a cidade natal e assim não ter convivido com eles o quanto gostaria, até os dois “casamentos” errados que não me deixaram sequer o filho que eu tanto desejava.

Assim que os soltei Júlio, o mais velho se apressou: - Nossa, o tio é muito é legal! Ele me ensinou a dar pedaladas! – afirmou enquanto imitava o movimento sem a bola, enquanto Juan, o mais novo, ria e tentava imitar o irmão.

Eu, que observava a cena com um sorriso no rosto, perguntei de forma espontânea: - Qual dos tios? – cerrei os olhos em tom de deboche – Seu pai e os irmãos dele são uns pernas de pau! – brinquei ao me lembrar que quando éramos adolescentes eu e Rosa íamos ao campinho no final da rua vê-los na tradicional pelada e o que eu disse era uma mentira, pois mesmo não entendendo muita coisa de futebol sabia muito bem que a família do Rodrigo sempre se gabou de ter os melhores jogadores do bairro.

- Não, tia – respondeu Júlio com impaciência –, tô falando do tio Miguel.

Na hora que escutei o nome Miguel imediatamente minhas pernas bambearam, minhas mãos começaram a suar frio e meu coração disparou. Engoli a saliva acumulada em minha boca e olhei para o alto da escada para confirmar minha suposição.

Miguel estava de pé no piso superior, com uma das mãos apoiada no corrimão. Estava, como sempre e naquele momento para mim, mais que nunca, lindo, apenas com a calça do terno e a camisa social azul-marinho com os três primeiros botões abertos e a barra para fora da

calça. O cabelo estava desganhado, denunciando que realmente havia participado de alguma atividade física, e mais surpreendente ainda que sua presença, era o sorriso desarmado que lançou em minha direção, exaltando suas covinhas. Fazia tempo que eu não via aquela feição leve, me encarando com doçura, o que tornou inevitável meu sorriso aberto de retribuição. Estava buscando fôlego para subir o primeiro degrau em direção a ele quando, de súbito, fechou o semblante e pude perceber seu suspiro fundo, olhei para trás seguindo seu olhar que se desviara do meu e todas as esperanças de uma trégua se foram.

- Lina, como você está? – apressou-se Fábio em minha direção, ignorando totalmente a presença de Miguel.

Enruguei o rosto indicando dúvida: - O que que você tá fazendo aqui? Quem te avisou? – perguntei sem conseguir disfarçar meu incômodo.

- A Diana me ligou avisando e eu tentei falar com você a tarde toda, mas seu celular está desligado. – explicou-se com os olhos cheios de culpa.

Dei uma rápida olhada para cima e Miguel não estava mais no corredor. Imaginei que talvez estivesse no quarto dos meninos, tentando entender e não criar um clima ruim por Fábio ter aparecido na casa de minha irmã. Apertei os olhos e falei entre os dentes: - Fábio, você sabe que não devia ter vindo aqui!

- Por que não? Você nem está casada de verdade com aquele babaca! – retrucou.

Coloquei o indicador junto aos meus lábios indicando que se calasse: - Não ouse falar nada disso com ninguém! Não destrua o pouco que sobrou da minha consideração por você!

Fábio arregalou os olhos assustados e segurou minha mão: - Lina, eu só vim para te fazer companhia...

Soltei minha mão da dele, respirei fundo e respondi com impaciência:
- Tá, tá bom... Mas acontece que Miguel nem sabe que eu e você voltamos a nos falar...

Fábio ergueu a sobrancelha e perguntou com ironia: - E isso ainda importa para você?

Não deveria, mas para mim importava sim. Eu não queria que ele concluísse de forma equivocada que nós dois éramos iguais, pessoas que usam outras sem se importar em quanto dano isto causará ao próximo. E o fato de ter ajudado minha família, mesmo que não fizesse sentido algum, me fez perder momentaneamente a coragem para confrontá-lo.

Fui subindo as escadas sem responder Fábio e antes de bater à porta do quarto anunciando minha entrada fiquei por alguns instantes encostada na parede refletindo sobre como agir: - Miguel, posso entrar? – perguntei depois de duas leves batidas e abri a porta.

Ele estava sentado numa das camas e me encarou com o costumeiro olhar dos últimos tempos, um olhar sem brilho, sem emoção, como se estivesse diante de mim por pura obrigação: - Oi – resmungou esboçando um meio sorriso forçado.

Eu me sentei ao seu lado: - Foi a Diana quem te contou? – perguntei com a voz mansa e o encarando com gratidão.

Miguel assentiu com a cabeça e mesmo louca para me agarrar a ele e pedir que me abraçasse com força e ficasse comigo aquela noite, apenas sussurrei “obrigada”. Ele então se levantou, passou as mãos pelo cabelo e me respondeu com sarcasmo: - Não precisa agradecer. Faz parte do nosso trato.

Doeu no fundo do peito ouvi-lo dizer aquilo e daquela forma fria. Mesmo num momento tão difícil e delicado da perda de uma tia tão importante na minha vida ele preferiu não me poupar. Miguel não

precisava deixar claro mais uma vez que tudo entre nós estava definitivamente acabado. Eu ainda gostava dele, ainda o queria, mas já tinha aceitado que não era recíproco. Não era hora para embate, então engoli suas palavras e continuei falando: - A Diana também avisou o Fábio. Estou te falando porque... sei lá... você pode estar estranhando a presença dele aqui... – expliquei-me entre gaguejos.

Miguel me olhou de um modo fuzilante e perguntou num tom rude: - E o que devo fazer agora? Passo a noite aqui ou é melhor que eu vá embora?

- Você pode ficar? – perguntei com humildade.
- Claro. – respondeu secamente.
- Miguel, eu não quero te forçar a passar a noite aqui... Ninguém estranhará se eu inventar uma desculpa... disser que você tem uma reunião inadiável, bem cedo amanhã...
- Você quer que eu fique ou não? É simples assim, Lina.

Eu me levantei e fiquei diante dele mordendo nervosamente o lábio inferior pensando no que responder. Tudo que mais desejava era sua companhia naquela noite. Então suspirei e concluí: - Quero. É só uma noite. Acho que não vai te atrapalhar tanto assim... – respondi – Espere só um minutinho que vou buscar uma toalha para você tomar um banho, porque eu sei o quanto aqueles dois (disse referindo-se aos meus sobrinhos) conseguem dar uma canseira.

Ele sorriu com má vontade mais uma vez. Fui até o outro quarto, busquei toalha limpa e uma camisa de malha do meu cunhado. Miguel entrou para o banho e eu descí. Havia muita coisa a ser feita: eu ainda não tinha conversado com minha irmã, nem dado a devida atenção para Clara. Ainda tinha que pensar em o que fazer com Fábio, agradecer muito a Pierre e tentar convencê-lo a passar a noite conosco, pois não

queria que ele voltasse para São Paulo depois de ter dirigido até Botucatu.

- Rosa, vamos preparar um café para todo mundo. – falei ao entrar no quarto dela, enquanto ela estava saindo do banho.

- Vamos sim. Os meninos foram dormir na casa da avó. – anunciou secando os cabelos com a toalha – Mas foi um custo convencê-los, porque estão achando esta casa cheia divertidíssima e queriam brincar com o tio Miguel... – sorriu com o canto da boca e não me poupou de fazer seu comentário – E que tio Miguel, hein Lina? Caramba, ele é mais lindo ainda pessoalmente e um amor de pessoa.

- Ele é mesmo. – respondi sem ânimo nenhum para contrariá-la sobre sua segunda afirmação e também porque não era o momento adequado para contar sobre a separação.

Rosa jogou a toalha sobre a cama, pegou um pente em cima da cômoda e enquanto penteava o cabelo fez uma careta e perguntou: - E o que que o idiota do Fábio está fazendo aqui?

- Me fazendo passar raiva. – respondi furiosa – Vou agora mesmo conversar com ele. Sei que ele tinha só boas intenções, mas poderia ter me ligado para saber se era necessário aparecer...

Desci e fui primeiro procurar por Pierre que estava no sofá da sala conversando com Clara. Meu carinho por ele só aumentou, além de ser lindo, gente boa como o pai, ainda era atencioso, pois ficou todo tempo ao lado da minha prima, dando o apoio que eu mesma não tinha conseguido ainda.

- Pierre, você não está pensando em voltar para São Paulo hoje? – perguntei sentando-me ao lado de Clara e segurando as mãos dela com carinho.

- Não. – respondeu com a feição boa de alguém que não estava nada incomodado com a situação – Conversei com a Clara e ela me ofereceu para ficar na casa dela.

Eu sorri e com o semblante condoído passei os dedos carinhosamente pelo rosto dela: - Obrigada, minha linda. Acho que vou para lá também com o Miguel e você dorme aqui hoje com a Rosa. Será menos doloroso para você... – concluí.

- Não, Li, quero dormir em casa mesmo e com vocês por lá me sentirei melhor... – respondeu com o sorriso triste.

- Bom, você é quem sabe... – disse me levantando – Agora deixa eu procurar o Fábio e ver o que fazer. – completei sorrindo e levantando os ombros.

Fábio estava sentado no último degrau da escada de entrada para a casa. Fui até ele e me sentei ao seu lado: - Eu sei que você ficou preocupado comigo. Desculpe, fui rude demais com você. Mas se coloque no meu lugar, imagine se estivesse com a Laura e eu aparecesse sem aviso...

Ele sorriu: - Eu te amo, Lina.

Meu coração afundou, mas desta vez por um sentimento que nunca imaginei que caberia na minha história com ele: pena.

- Fábio... – suspirei.

- Não precisa falar nada agora, Lina. Vou esperar estes trinta dias que ainda manterá este casamento de aparências e depois vou fazer de tudo para te reconquistar. A gente já deu certo uma vez, a gente vai dar certo de novo. – afirmou sorrindo, piscou o olho em minha direção e se levantou.

- Para onde você vai? – perguntei.

- Vou dormir num hotel qualquer e amanhã volto para São Paulo.

- Ótimo! Assim não fico preocupada.
- Fábio se curvou e beijou minha testa: - Mande notícias, tá?
- Sorri e confirmei com a cabeça.

Todos já estavam sentados em volta da mesa na sala de jantar, fui até a cozinha, lavei as mãos e me sentei ao lado de Miguel. A conversa estava bem desanimada e espaçada, uma coisa ou outra sobre a falta que sentiríamos da tia e também sobre algumas tarefas burocráticas que ainda teríamos que resolver.

Miguel cheirava tão bem e se mostrava tão solícito que era impossível não me derreter por dentro. Eu o olhava pelo canto de olho e algumas vezes percebi seu olhar em minha direção, mas assim como eu, ele também desviava assim que nossos olhares se encontravam. Para desviar meu pensamento e também amenizar o clima, acabei falando sem pensar: - Clara, tive uma ideia! Você é professora de Português, mas vive reclamando que não gosta de dar aula. Todo mundo sabe que seu prazer é fazer os bolos maravilhosos que faz para vender, então, porque não aluga sua casa, vai para São Paulo e fica trabalhando comigo enquanto faz uma clientela para seus bolos! – abri um sorriso enorme – Nossa, a gente pode até morar juntas!

Todos na mesa me lançaram olhares de estranhamento, exceto Miguel que me lançou um olhar fulminante, e foi então que percebi a besteira que tinha acabado de falar.

- Morar com você e o Miguel? Que loucura é esta, Lina? – perguntou Rosa.

Sorri sem graça e tentei consertar: - Por um tempo só... até ela achar um lugar legal...

- Lina, mais ideias brilhantes como essa e a gente vai acabar rindo, mesmo neste dia tão triste. – Rosa balançou a cabeça em desaprovação e riu do que supôs ser uma bobagem.

No fundo não era uma asneira o que eu havia proposto, seria bom para nós duas. Eu só havia exposto na hora errada, mas traria o assunto à tona novamente no mês seguinte quando tudo estivesse esclarecido.

Eu e Miguel fomos dormir no quarto da tia Branca, que era o único quarto com cama de casal e Pierre ficou com o sofá da sala. Era muito desconfortável dividir o quarto com um marido de aparências, que mal conseguia completar uma frase quando se dirigia a mim. Troquei de roupa e comecei a arrumar a cama enquanto ele estava sentado numa poltrona no canto do quarto, mexendo no notebook.

- Que horas você volta para São Paulo amanhã? – perguntei sentada na beirada da cama.

- Cedo, bem cedo. – respondeu sem desviar o olhar do computador.

- Obrigada mais uma vez. – agradei. Ele sorriu com desânimo e não voltou a me olhar.

Miguel devia estar muito cansado, pois assim que se deitou pareceu adormecer rapidamente e, num gesto automático, me puxou para junto dele, aninhando-me em seus braços. Sussurrei por seu nome duas vezes e como não obtive resposta me senti à vontade para aproveitar novamente a sensação de estar com ele.

De manhã acordei com Miguel agachado junto a cama me chamando baixinho, tentando evitar que eu me assustasse: - Lina, Lina... – sussurrava passando a mão pelo meu braço.

Parecia que estava num sonho bom. Acordei atordoada e levantei sentando na beirada da cama, esfregando a mão com força no rosto: - Você já vai? – perguntei – São quantas horas?

- Ainda é cedo, volte a dormir. Só queria que soubesse que Pierre decidiu voltar para São Paulo comigo. – anunciou ainda agachado e com o rosto leve, sem expressão de contrariedade.

- Espera um pouco... – pedi - Vou preparar um café para vocês. Faço bem rapidinho...

Ele ficou de pé e respondeu: - Não, Lina, volte a dormir. Já tomamos café com sua prima...

- Mais um motivo para me levantar! – disse afobada enquanto ia jogando as roupas de cama em cima da poltrona para ajeitar tudo em seguida.

- Bom, eu já vou indo. Como ainda é cedo devo me livrar do trânsito pesado na entrada de São Paulo.

Eu parei o que estava fazendo e o encarei sem saber muito bem como agir (abraçar e agradecer, estender a mão e agradecer, apenas agradecer). Segui a última opção: - Obrigada, Miguel. Ele sorriu com os lábios grudados: - Quer que eu volte hoje à noite? – perguntou sem malícia, sem parecer se referir ao nosso trato, apenas como um bom e atencioso companheiro.

- Não precisa, obrigada. – respondi contradizendo toda minha vontade e acrescentei – Vou ficar por aqui até domingo. Por sorte meu notebook estava no carro, então vou tentar trabalhar e não acumular tanto serviço para semana que vem...

- Tá. Tudo bem. – respondeu sem esboçar nenhuma reação.

Eu e Clara acompanhamos Pierre e Miguel até o carro e seguindo o protocolo do casal feliz nos abraçamos e demos um rápido selinho na

boca. Durante o abraço, ao pé do ouvido, avisei a ele que assim que retornasse a São Paulo entraria em contato, para que não se deparasse com a surpresa chata de encontrar novamente instalada em seu apartamento (claro que minha fala foi só até “entraria em contato”).

Em menos de um mês eu perderia Miguel e todo o bônus familiar que vinha com ele, foi esta a triste constatação que tive quando desliguei o telefone, depois de meia hora de conversa com a mãe dele. Antes dela, minha futura-ex-cunhada já havia me ligado, na sequência o irmão dele e o pai. Todos se mostraram muito disponíveis e lamentaram por não estarem ao meu lado no dia anterior, por não terem sido avisados. Pedi desculpas a todos, que pareciam ter ensaiado o mesmo discurso colocando a culpa em Miguel pela falta. Tive ainda que demovê-los da ideia de se juntarem a mim na missa de sétimo dia, pois eu mesma já estaria de volta a São Paulo no dia.

No final da tarde, depois de ter passado o dia grudada com minha irmã e minha prima, perguntei se seria muito inconveniente da minha parte se buscasse os meninos na escola e os convidasse para montar a árvore de Natal comigo. Nenhuma das duas pareceram incomodadas, e pela intimidade que temos saberia até mesmo pelo tom da respiração se não tivessem aprovado a ideia. Era uma chance a mais de passar um tempo bom com os “meus meninos”. Então foi o que fiz, e entre gritarias (repreendidas entre sorrisos por mim) a cada novo enfeite descoberto nas caixas e muita euforia por estarem se preparando para a chegada do Papai Noel (diziam com deboche de quem já sabia que não existia tal figura folclórica) ficamos montando a enorme árvore de Natal, herança da minha avó materna. Rodrigo, Rosa e até mesmo Clara participaram de forma esporádica da montagem.

De tempos em tempos eu tinha que dar uma parada na brincadeira com os meninos para atender o telefone. As meninas do escritório, Celso, Mário... todos à procura de informação sobre como minha prima estava reagindo à perda da mãe. Claro, bons amigos que são, se ofereciam a me ajudar de toda e qualquer forma. Miguel não me ligou durante o dia, mas isto já era o esperado, ele fez muito mais no dia anterior do que eu pudesse esperar nos meus melhores sonhos, portanto estava conformada com seu silêncio. Depois de ter falado com todos me lembrei de Pierre, ele não havia entrado em contato e eu, na ânsia de tornar o dia de Clara menos doloroso, me esqueci de ligar para saber se havia chegado bem. Aproveitei que Rosa estava ajeitando os meninos para o jantar e fui para fora de casa, sentei no primeiro degrau da escada, longe do barulho das crianças, para poder conversar mais calmamente com Pierre.

- Olá, Lina? Tudo bem. – perguntou com seu tom de voz calmo e amistoso.
- Sim, Pierre, tudo. – respondi – Chegou bem?
- Muito bem. Eu e Miguel conversamos bastante, então o tempo passou rápido. – comentou naturalmente.

Minha vontade era começar um verdadeiro interrogatório, mas se assim fizesse Pierre teria a chance de me perguntar o que eu achava que ele já desconfiava desde o meu casamento, então preferi engolir todas as minhas questões (mesmo com o estômago revirando de curiosidade) para que “o feitiço não virasse contra o feiticeiro” e eu me tornasse a interrogada.

- Pierre, estou ligando para agradecer por todo apoio que deu a mim e à minha família. – disse com total sinceridade – Volto para São Paulo, mais tardar no domingo, e ligo para você. Tudo bem?

- Não, Lina. – sentenciou como se eu tivesse perdido uma parte da conversa – Amanhã de manhã estarei aí. Só não fui hoje com o Miguel porque ele estava com pressa e não quis me esperar.

Meu coração acelerou, mas não tive tempo nem de gaguejar pedindo que ele repetisse a última frase para que eu me certificasse de que havia entendido, pois antes que eu abrisse a boca novamente vi Miguel ainda com as roupas de trabalho surgindo em frente à escada. Perdi totalmente a linha de raciocínio tamanha foi a felicidade ao vê-lo chegar. - Pierre, então tá, até amanhã... – enquanto me despedia de Pierre Miguel subiu rapidamente os degraus e parou de frente para mim. Já de pé, segurei o braço dele mostrando que já estava terminando a ligação, mas acho que o oxigênio voltou ao meu cérebro e indaguei: - Como assim você está voltando para cá? Nada disso, você já fez muito. Eu estou ótima, não precisa se preocupar comigo... – fui dizendo até ser interrompida por ele.

- Lina, eu combinei com a Clara de ajudá-la a resolver umas pendências. Aliás, eu e Miguel... e também prometi que faria companhia a ela até o final de semana.

- Você e Clara combinaram? – indaguei surpresa, enrugando a testa e ao olhar para Miguel vi que ele estava com os olhos divertidos como se soubesse de alguma coisa que eu não sabia...

- Sim, combinamos hoje através de mensagens...

Mesmo sem estar entendendo muito bem acatei a decisão: - Então tá... até amanhã e boa viagem.

Terminei a ligação e toda boba, fiquei sem saber o que dizer a Miguel. Por dentro meu peito parecia querer explodir de tanta felicidade, por fora segurava o sorriso que teimava em querer aparecer: - O Pierre acabou de me contar que você estava a caminho, pois combinou de tratar sobre alguns documentos com a Clara... – afirmei tentando arrancar de sua

feição se havia voltado apenas pelo compromisso assumido com minha prima.

Miguel passou uma das mãos pelos cabelos enquanto a outra estava segurando a alça de uma pequena mochila: - É... foi por isso que vim.

O que mais me incomodava em mim mesma era sempre manter a esperança de reatar com um homem que não fazia suspense, nem rodeios sobre suas decisões. Miguel era direto e fazia questão que eu entendesse que não estava mais interessado em mim. Enfim, eu detestava me sentir aquele tipo de pessoa que fantasia uma situação que não existia... O que eu tinha que aceitar era que não conseguia decifrar nada nas reações de Miguel. Eu não podia ficar alimentando meus devaneios e vivendo como se estivesse constantemente tirando pétalas das flores: Miguel me quer, Miguel não me quer... Parecia que estava presa a uma história que já tinha terminado e ainda assim eu tentava mudar o final. “Fábio ama Lina, que amava Fábio, mas agora ama Miguel que sente rancor, mas ainda ama Sheila que decidiu amar Miguel e com isso Lina foi deixada de lado por Miguel e agora não consegue sentir mais nada por Fábio e beirando os quarenta, cada vez mais acabada e esquelética não vai arranjar ninguém para preencher o vazio e, provavelmente, criará dez ou doze gatos para lhe fazer companhia...” Pobre, Lina...pobre eu.

Pisquei os olhos trazendo meus pensamentos de volta à realidade e respondi com um sorriso ameno: - Sei que a Clara vai te agradecer mil vezes, mas ainda acharei pouco... – suspirei profundo e completei – Então, muito obrigada por ter voltado.

Nós entramos em casa e se não fosse triste a situação que estávamos passando, eu adoraria que aquela cena, em circunstâncias mais felizes, se tornasse uma constante em minha vida: Miguel e meu cunhado sentados

na mesa da sala de jantar, tomando café e conversando com naturalidade, os meninos jogando vídeo-game na sala, eu, Clara e minha irmã sentadas no sofá jogando conversa fora (no meu caso e de Rosa numa tentativa de desanuviar a mente de Clara).

- Clara, o Pierre vem para cá amanhã. Você sabia disso? – perguntei, querendo descobrir como combinaram tudo sem que eu percebesse.

- Sim, ele se ofereceu para me fazer companhia...

- E é lindo de doer... – completou Rosa.

Eu apenas sorri e olhei de canto de olho para minha irmã.

- Não é nada do que vocês estão pensando... – respondeu Clara tentando parecer irritada, mas com os olhos brilhando...

- Tá bom... – brinquei – Eu pensaria mil coisas se um homem lindo como aquele quisesse me fazer companhia, mas nunca me permitiria pensar em coisas ótimas para se fazer com ele.

- Você tem o homem, seu homem lindo... mas ele é tão sério – sentenciou Rosa pensativa - Parece que está chateado com alguma coisa ou ele é sempre assim? – perguntou com inocência.

Eu também sentia Miguel triste, mas achava justo que coubesse a ele a parcela de sofrimento por enfim se dar conta de que nunca conseguiria transformar em desprezo o amor que sempre sentiu por Sheila.

- Não acho que está triste – menti e despistei –, acho que está estressado com o acúmulo de trabalho agora no final do ano...

O constrangimento surgiu novamente ao fecharmos a porta do quarto. Como ajeitar a cama e falar: “Venha se deitar”? Eu me lembrava e ainda sentia a sensação de ter dormido nos braços de Miguel, só não sabia

como ele se sentiu ao despertar de manhã e se dar conta de que havíamos dormido com os corpos grudados.

Miguel novamente sentou-se na poltrona e ligou o computador, mas ao contrário da noite anterior abaixou a tela e ficou me encarando, fazendo com que eu me sentisse totalmente desconfortável, como se estivesse nua, exposta. Eu estava vestida, mas estava longe de estar atraente, camiseta rosa (horrorosa) de cotton com estampa de oncinha, que tinha pegado aleatoriamente na gaveta de minha irmã e uma bermuda jeans com lycra justa um dedo acima dos joelhos.

- Sabe de uma coisa, eu não achei você e sua irmã parecidas. Ou melhor, achei-as parecidas, mas nem de longe cópias... – concluiu Miguel com o semblante pensativo, mas sem traços de humor.

Eu esbocei um sorriso, sentei de frente para ele na beirada da cama e respondi na tentativa de estabelecer um clima mais ameno entre nós: - Eu não tenho contribuído muito para isso... A Rosa continua com os cabelos enormes, que a minha mãe tanto amava, e mesmo depois de dois filhos continua com o corpo bem bacana. – Levantei os ombros e continuei – Ela sempre foi mais... – coloquei as mãos em forma de concha junto aos seios e depois fiz o mesmo no bumbum, indicando que ela sempre teve mais curvas.

Miguel continuou me analisando e concluiu com o rosto demonstrando uma mistura de desânimo e reprovação: - Você emagreceu muito desde que nos conhecemos e seu cabelo cresceu... – afirmou e botou fim à conversa levantando a tela do computador e voltando a digitar.

Levantei, peguei o pijama e fui até o banheiro me trocar. Enquanto escovava dentes fiquei pensando no motivo dele ter me dito aquilo. Não que fosse mentira, parecia que Laura (ex-mulher de Fábio) havia lido

meus pensamentos sobre ela e me jogado uma praga fazendo com que eu ficasse igual, ou sei lá, pior, pois eu estava magra do tipo seca e eu não sei como isto aconteceu, pois para mim eu estava me alimentando normalmente, porém não era o que meu corpo estava demonstrando. Quanto ao cabelo eu tinha mesmo parado de cortar, pensei em mudar um pouco o corte, renovar, mas acabei desleixando e ele estava dois dedos acima do ombro e totalmente disforme.

Saí do banheiro e me deitei. Miguel continuou trabalhando com o computador. Ao acordar na manhã seguinte pude comprovar que ele se deu conta de que havíamos dormido juntos na outra noite, e que para não repetir o erro dormiu desconfortavelmente no chão, que forrou com um lençol e apenas um travesseiro amparando a cabeça. Vê-lo ali me fez sentir raiva, como se quisesse me provar o quanto se sentia arrependido de ter dormido comigo na outra noite.

Deixei o quarto sem fazer barulho e cheguei a tempo de tomar café com Pierre e Clara. Eles ficaram esperando por Miguel, eu fui para casa de Rosa para não ter que encontrá-lo. A rotina na casa de minha irmã estava voltando ao normal. Durante a parte da manhã ficava com ela e os meninos, de tarde quando eles iam para escola e Rosa para a loja e eu trabalhava um pouco, fazendo minhas correções.

Capítulo 25

DURANTE O TEMPO QUE FIQUEI EM BOTUCATU NÃO TIVE NOTÍCIAS DE Miguel e nem ânimo de responder o e-mail com o cronograma das festas. Ele não pareceu ter se incomodado com o meu afastamento, pois também não me procurou. Minha irmã é quem começou a estranhar minha visita prolongada. Vez ou outra, tentava me arrancar o motivo de não ter voltado para casa, afirmando que mesmo adorando a minha companhia não via mais sentido que eu deixasse meu marido sozinho por tanto tempo.

Decidi que era hora dela saber a verdade, e numa quinta-feira nós duas fomos sozinhas a uma pizzaria, com a desculpa para o resto da família que queríamos fofocar a sós.

- Lina, vai... anda... pode ir me contando tudo... – sentenciou com os olhos apertados e colocando os antebraços sobre a mesa – Você está recém-casada, com o homem dos MEUS sonhos – sorriu e piscou os olhos – e não arreda o pé desta cidade. O que está acontecendo?

Entortei os lábios para baixo e suspirei: - Estou recém-separada.

Rosa paralisou por um momento, prendendo a respiração, em seguida soltou um suspiro forte, piscou os olhos com força, engoliu a saliva, soltou um palavrão e falou tentando acalmar a si mesma: - Por favor, conte-me tudo. Juro – disse colocando os indicadores em forma de X e beijando-os – que não vou te interromper e vou tentar não dar nenhuma opinião até ouvir toda a história.

Não a poupei de nada, nem um mínimo detalhe. Ela por sua vez cumpriu o prometido e escutou tudo, apenas soltando um ou outro

palavrão entre uma revelação e outra. Ao final, para minha surpresa, assumiu uma postura muito mais compreensiva que nervosa: - Li, por que não se abriu antes? Caramba! Somos mais que irmãs, somos amigas!

Interrompi sua fala passando as mãos nervosamente sobre o rosto: - O que que eu faço agora? – perguntei apavorada.

- Tá pensando em ficar lá na casa da Clara para sempre? – perguntou sorrindo, tentando me deixar mais relaxada.

Sorri e brinquei: - Só até o dia primeiro de janeiro. Não é tanto tempo assim... – levantei os ombros forçando um sorriso.

- Fugir é uma forma bem covarde de terminar de vez esta relação. Não acha?

- Amanhã será o coquetel de encerramento do ano no escritório de Miguel. – contei em busca de uma opinião – Devo ir?

Rosa me encarou, juntando os lábios como se estivesse pensando sobre a pergunta: - Hum... não sei... você pode ver o que não quer, escutar o que não precisa...

- Pois é, mas eu estou com vontade de aparecer por lá. Quero ver como ele e Sheila se comportarão na minha presença. Acho que por essa nenhum dos dois está esperando... – levantei a sobrancelha e completei com desdém - E a propósito, foi ele mesmo quem me convidou...

- Simplesmente para fazer raiva na ex-ex! – afirmou Rosa.

- Rosa, eu não sei se terei coragem suficiente para aparecer no escritório dele, mas te trouxe aqui para te contar tudo e dizer que estou de partida. Decidi que não adianta ficar me escondendo, tenho que resolver logo esta situação para poder dar um jeito na minha vida.

- Tudo bem, querida. – respondeu com aparente tristeza - Depois da passagem de ano vou fazer de tudo para Clara ir com você para São

Paulo e te ajudar com a mudança para o apartamento de Diana, assim vocês farão companhia uma para outra... – Rosa sorriu – Agora entendi aquela história de Clara ir morar com você...

Cheguei ao coquetel de final de ano do escritório de Miguel por volta das sete e meia. As mesas da recepção estavam unidas para acomodar os petiscos e tinham cadeiras espalhadas por toda sala, que não era muito grande. Parecia o que era, um evento bem informal, uma despedida de final de ano entre amigos de trabalho. O lugar não estava cheio, apenas os funcionários e alguns acompanhantes. O clima estava bem descontraído, mesmo com os homens de terno e as mulheres com as roupas sociais do dia-a-dia de trabalho, a postura era outra, grupinhos em conversas animadas e praticamente todos com taças de vinho nas mãos.

Eu estava tensa, pois não tinha ideia de como Miguel reagiria a minha presença, nem mesmo Diana sabia da minha decisão. Segui o conselho da minha irmã e me arrumei para o combate, com maquiagem talvez conseguisse esconder um pouco o abatimento e a tristeza. Usei um vestido de seda longo, azul-marinho, com alças finíssimas que se cruzavam nas costas. Neste caso me beneficieei da magreza acidental que estava, pois o vestido tinha um corte reto, que evidenciaria qualquer curva. Cortei o cabelo curtinho novamente e neste dia fiz uma escova que o deixou bem ajeitado.

Assim que apareci na porta Diana e Mário foram ao meu encontro, ele solícito quanto à morte de minha tia e ela, surpresa pela a minha aparição. Então antes que eu pudesse entrar Diana segurou meus braços e disse ao futuro marido que gostaria de falar a sós comigo por um ou

dois minutos e usou como desculpa o fato de que não me via pessoalmente há um bom tempo.

Entramos no elevador e ela apertou o botão para que descêssemos um andar: - Achei que esta história tinha acabado, Lina. – afirmou contrariada assim que saímos do elevador.

Eu sorri e expliquei: - Acabou sim, Di. Eu vim aqui porque não quero sair de forma sorrateira da casa de Miguel... – disse sentindo o coração disparar – Estou com a chave da sua casa aqui na bolsa, então você já sabe que a partir de hoje me mudo temporariamente para lá. – terminei a frase tentando fazer a feição mais animada possível.

- Tá. – respondeu desanimada e soltando o ar com força pelas narinas – Você vai ficar bem?

- Muito provavelmente não. – respondi mordendo os lábios com força para que a dor distraísse a tristeza – Mas já não estou bem mesmo... – afirmei levantando os ombros – E acho que estar mal é definitivamente o último passo antes de ficar bem novamente.

Diana riu com cumplicidade: - É esse o ciclo!

De volta ao salão dei uma olhada geral e vi Miguel saindo da sala dele acompanhado por Gabriela, e por ter ficado aparentemente sem reação ao me ver desconfiei que Mário não havia o informado sobre minha presença. Tomei a iniciativa do encontro e fui andando em direção a ele, parando com um com outro que me cumprimentavam com palavras de condolência pela morte de tia Branca.

Beijei de leve o rosto de Gabriela que correspondeu com simpatia e em seguida nos deixou a sós: - Oi – sorri.

Miguel não respondeu, ficou me encarando fazendo com que eu perdesse toda a coragem de estar ali.

- Melhor eu ir? – perguntei aflita por alguma resposta.

Ele me puxou para dentro de sua sala e a fechou. Ficamos de pé um em frente ao outro, calados até que ele quebrou o silêncio: - Desculpe a reação, ou falta dela. – sorriu curto – Não esperava você aqui... Pensei que nosso acordo não estivesse mais valendo.

- Não está. – respondi respirando fundo – Não faz sentido prolongarmos isso... Não sei como você vai agir, mas eu vou abrir o jogo para todos os meus amigos... – respirei fundo e continuei – Quer dizer, não vou entrar em detalhes, só vou dizer que acabou...

- E se te perguntarem o motivo? – indagou com o olhar abatido.

Levantei os ombros, balancei a cabeça de um lado para o outro e entortei os lábios para um canto: - Vou dizer que acabou e pronto.

- Você pode fazer isso amanhã? – indagou com a voz embargada.

- Você quer que eu fique e participe da confraternização? – atordoada, enruguei a testa e devolvi com outra pergunta.

- Sim, quero.

- Por quê?

- Assim como você, estou me dando o direito de não ter que falar com ninguém hoje sobre nós dois. – respondeu com o sorriso triste.

- Tudo bem. – concordei para lhe poupar de ter que ficar explicando porque a mulher tinha ido embora tão repentinamente. Era minha retribuição pelos dias que me fez companhia em Botucatu.

Voltamos ao encontro dos demais e Miguel não saiu do meu lado (uma atitude que só tornava minha decisão mais dolorosa). Nós não nos encostamos e nem conversamos diretamente, mas agimos como um casal. Só quando Sheila se aproximou de nós e Miguel me puxou para outro canto é que entendi o motivo de não ter me deixado sozinha, ele não queria que ela tivesse a chance de ficar a sós comigo. Como a mim

também não interessava escutar mais nada dela, não me importei, nem questioneei sua atitude.

Mário fez mais um de seus tradicionais discursos, mas dado ao meu péssimo humor nem graça consegui achar. Assim que terminou sua fala pediu que Miguel, como sócio, também se pronunciasse. Com o semblante fechado Miguel foi caminhando até Mário que estava próximo à mesa e, sem ânimo algum, parecendo forçar um sorriso apenas desejou feliz natal a todos.

Nós dois deixamos a festa logo em seguida e o acompanhei até a garagem. Meu carro estava estacionado na rua, mas eu precisava de mais um momento a sós com ele para combinarmos como buscaria minhas coisas em sua casa. Só nos olhamos nos olhos quando paramos em frente ao carro dele: - Só vim até aqui com você para combinar a melhor forma de pegar minhas coisas na sua casa...

- Faça como quiser. – respondeu abrindo a porta do carro para entrar.
- Tudo bem. – respondi num resmungo - Como havia dito no outro dia, vou combinar com a Cláudia e acho que em dois dias consigo retirar tudo.

Subi um andar e saí em direção ao meu carro. Quando estava prestes a abrir a porta Miguel estacionou o carro atrás do meu, saiu de forma brusca e parou na minha frente, a menos de um palmo de distância. Eu o encarei em busca de explicação para aquela atitude, ele segurou minha cabeça com as duas mãos e juntou sua testa na minha. Minha respiração ficou ofegante, meu coração acelerado e perdi todas as forças.

Com nossas testas coladas, percebi suas mãos levemente trêmulas e senti sua respiração forte: - Eu sei de tudo, Lina! – desabafou.

Foi como uma facada no peito. Ele, enfim, tinha decidido ser sincero comigo. Sem saber como reagir simplesmente o vi virar de costas para

PERIGOSAS

mim, entrar no carro e partir.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 26

FALTAVA MENOS DE UMA SEMANA PARA O NATAL E EU NÃO VIA A HORA DE entregar os últimos trabalhos de final de ano e tirar férias prolongadas na casa da minha irmã. Decidi alugar o apartamento de Diana, pois assim poderia procurar com calma um apartamento para mim. Como o combinado com Miguel não expus a verdade sobre o nosso rompimento para ninguém, dizia apenas que nos precipitamos ao decidirmos morar juntos sem nos conhecermos de verdade. Ninguém parecia acreditar que foi somente esse o motivo do término, mas também não insistiam no assunto, parecia que mesmo fazendo um esforço enorme para demonstrar que estava bem, não estava conseguindo ser totalmente convincente.

Neste período Fábio voltou a me procurar, mas sem insitência, e eu mantive minha rotina de só falar com ele quando sentia vontade, sempre deixando muito claro que não havia a menor chance de ficarmos juntos novamente.

Desde o rompimento definitivo com Miguel uma coisa ainda me incomodava muito, eu não me sentia nada bem em ter entrado e saído da família dele como se fosse uma louca, principalmente ter me separado em tão pouco tempo deixando uma possível falsa impressão de uma pessoa ingrata, que foi tão bem acolhida e saiu como se não se importasse com ninguém. Então depois de tirar e colocar o telefone no gancho por diversas vezes, tomei coragem e liguei para a mãe dele.

- Mariane, tudo bem? – perguntei constrangida.
- Oi, Lina. Tudo bem. E você, como está? – devolveu a pergunta.

- Estou bem. – afirmei sem conseguir demonstrar muita veracidade – Estou te ligando para me desculpar e também para agradecer. Eu e Miguel agimos como dois adolescentes imaturos desde que nos conhecemos... – arranhei a garganta e completei - Nós resolvemos morar juntos sem pesar as consequências e deu no que deu... Começamos errado, não daria certo... Era só uma questão de tempo... Mas quanto a você e toda sua família só tenho a agradecer. – suspirei e completei com sinceridade - Fazia muito tempo que não me sentia tão bem como me senti na companhia de todos vocês, era como se tivesse revivendo os momentos felizes que tive com meus pais. – desabafei.

- - Lina, não acho que foram imaturos, mas não tenho ideia do que fez vocês romperem tão bruscamente. Apenas sei que meu filho está arrasado e isto me deixa com o coração partido, mas ele me disse que não tem volta... Então só o que todos nós esperamos é que vocês se recuperem o mais rápido possível e recomecem suas vidas levando apenas o melhor desta experiência.

Escutei tudo com o coração espremido e deixando as lágrimas escorrerem fartamente pelo rosto: “recomeçar e não tem mais volta” foram as palavras que ficaram martelando na minha cabeça depois de encerrarmos a ligação. Eu tinha que recomeçar. Com certeza iria recomeçar. Só não sabia como esquecer Miguel para poder seguir em frente.

Eu sabia que ele também estava triste, foi perceptível em todas as vezes que estivemos juntos nos últimos tempos, mas cada um de nós teria que aceitar suas derrotas: ele de não conseguir se desligar da paixão que sentia por Sheila desde a época da faculdade, e eu de ter sido fraca e baixado a guarda para o primeiro cara que apareceu na minha vida logo após a separação.

PERIGOSAS

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Capítulo 27

- Lina!!!! Férias! Hoje é nosso último dia de trabalho!!!! – exclamou Martinha com euforia, em seguida fechou o semblante e perguntou com apreensão – Você se lembra do compromisso de hoje a noite?

- Sim! A milésima confraternização na casa do Mário. – respondi com sarcasmo, tentando não demonstrar nenhum abatimento.

- Você vai? – perguntou Joana.

- Claro que vou. – respondi assentindo com a cabeça enquanto sorria – Não pretendo fugir de eventuais encontros com Miguel...

- Isso mesmo, Lina, bola pra frente! – afirmou Martinha.

Enquanto confirmava minha presença não pude deixar de sorrir com tristeza ao concluir que terminaria o ano praticamente como havia começado: separada, tendo que enfrentar minha vontade de sumir e comparecer à uma festa. Triste ironia...

Cheguei na casa de Mário junto com Martinha, Joana e os maridos. Para minha sorte Miguel ainda não estava lá, o que me deu mais tempo para me acalmar. Eu tinha me preparado para ficar o máximo de tempo possível, para demonstrar a todos que estava atravessando bem a fase pós-separação e que não fugiria de eventuais encontros com Miguel. Depois de mais de duas horas e nada de Miguel senti um certo alívio ao pensar que talvez nem aparecesse e me poupasse do constrangimento de

vê-lo na companhia de Sheila, mas esta tranquilidade não durou muito, pois ele, como eu mais temia, chegou acompanhado por ela.

Percebi que todos se esforçaram para manter o ambiente num clima descontraído, eu mesma tentava disfarçar ao máximo a raiva e a decepção. Miguel e Sheila chegaram como um casal, mas não se portaram de forma indelicada, ficaram juntos, sem trocas explícitas de carinho. Eu e ele só nos encaramos uma única vez quando nos cumprimentamos durante a sua chegada. Evitei participar dos mesmos grupos de conversas que o casal e acho até que consegui manter o semblante sereno. Só fui embora depois deles, para evitar que pensassem que eu estava desconfortável. Depois que se foram aproveitei para comunicar aos meus amigos que passaria as festas de final de ano com minha família e retornaria a São Paulo na segunda semana de janeiro, mas que não fugiria às minhas responsabilidades do escritório e levaria minhas correções para Botucatu (sempre no início de ano apareciam muitas apostilas escolares para serem corrigidas).

Estava prevendo que aquele seria um dos piores natalis de toda minha vida, eu não estava conseguindo superar o término com Miguel e ainda pairava no nosso ambiente familiar o clima de tristeza pela morte da tia Branca.

Eu e Clara, num pacto silencioso, nos enfiámos de cabeça nos preparativos para a ceia de natal. Nós nos ocupávamos com os meninos, as compras de presente, a elaboração do cardápio e a preparação de alguns itens do jantar, que seria na casa dos pais de Rodrigo, juntando nossas famílias. A verdade é que embora nós duas estivéssemos juntas praticamente dia e noite, evitávamos assuntos dolorosos, eu não falava sobre a tia e ela não perguntava sobre Miguel.

Na véspera de natal, eu estava ajudando Clara a fazer um bolo que ela tinha inventado com ingredientes que os meninos sugeriram: bolo de chocolate com recheio de frutas vermelhas e brigadeiro branco. Aproveitei o clima descontraído para saber se ainda mantinha contato com Pierre, se tinha o procurado para se despedir antes da volta dele para França.

Clara franziu a testa como se não estivesse entendendo bem a pergunta: - Como assim, Lina?

- Não é nada demais, Clara, apenas pensei que seria legal de sua parte ligar para se despedir, afinal ele foi muito atencioso com você. – concluí naturalmente.

- Ele chega esta noite. – respondeu-me com firmeza.

- Aqui? – arregalei os olhos e enfatizei a pergunta.

- Ele e o pai. Você não está sabendo de nada? – devolveu o semblante espantado.

- Não! Como assim? – perguntei confusa - Conversei rapidamente com ele há dois ou três dias e mandei uma mensagem desejando bom retorno... e... sei lá... tanta coisa na minha cabeça que até vi que tinha uma ligação perdida e um e-mail dele, mas não abri...

- Liguei para ele para me despedir, assim como você disse, para agradecer-lo por tudo... – ela foi ficando vermelha à medida que me contava.

E mesmo forçando não consegui segurar a risada: - Tá bom. Agora me explique como um telefonema de despedida conseguiu adiar a viagem de Pierre.

- Bom – raspou a garganta –, eu disse que sentiria saudade...

- E...

- Ele disse que eu só sentiria saudade se quisesse...

Arregalei os olhos e continuei com o sorriso aberto: - E você pediu para ele ficar e ele aceitou. É isso?

Clara balançou a cabeça afirmativamente e continuei: - E o café dele?

- A mãe dele não se importou em gerenciar por mais uns dias... – concluiu com as bobchechas vermelhas de felicidade envergonhada.

Parei de raspar o chocolate em lascas, dei a volta na mesa e a abracei com força, totalmente surpresa, porém muito feliz: - Meu Deus, Clarinha... Você e o Pierre juntos! Nem nos meus melhores sonhos! Nossa, estou tão feliz! Vocês são tão lindos, terão filhos tão lindos...

Clara me largou de repente sorrindo: - Calma, sua louca! Só estamos nos conhecendo... Não estou de casamento marcado e nem penso nisso... Sou tão mais velha que ele...

- Nossa, Clara, e ele é possivelmente o francês mais lindo da terra! – exclamei em tom de brincadeira.

Ela sorriu travessa: - Ele é o francês mais lindo da terra!

Não resisti e corri para ligar para Pierre. Assim que me atendeu fui me desculpando por não ter entrado em contato. Ele, tranquilo como sempre, não demonstrou ter se importado com a minha falta e ainda se mostrou muito compreensivo, dizendo que sabia que eu estava passando por um momento conturbado. Sem conseguir manter o segredo que Celso havia pedido a ele e Clara, acabou me revelando que o pai passaria o natal conosco.

Capítulo 28

NÃO FOSSE A VONTADE LOUCA DE TER ALGUMA NOTÍCIA DE MIGUEL E A lembrança tão viva de tia Branca que sempre esteve presente em todas as nossas reuniões familiares, com certeza eu teria aproveitado muito a festa, foi bom estar na companhia dos meus amigos e da minha família. O natal não foi tão ruim quanto eu imaginara, pois foi a primeira vez em anos que pude aproveitar a confraternização natalina do meu jeito, sem a pressão de Fábio para que eu não me excedesse em nada, nem mesmo nas conversas, e assim dormisse cedo para viajar de volta para São Paulo e almoçar com a família dele (não que eu não gostasse de sua família, só não gostava de não poder aproveitar como queria, sempre alerta para evitar possíveis discussões).

A noite estava agradável, o céu estrelado, uma lua linda, brilhando, iluminando mais ainda nossa pequena reunião familiar, realizada na área externa da casa dos pais de Rodrigo. As paredes estavam enfeitadas com luzes brancas, havia uma enorme mesa, lindamente decorada com uma toalha vermelha, estampada com motivos natalinos. Muita comida boa e ótimos vinhos, principalmente os que Pierre e César levaram. Mas o nó na garganta não se desfazia. Eu conversava normalmente, ria tentando demonstrar naturalidade, mas estava ali despedaçada e me pegava pensando vez ou outra em como estaria Miguel, se havia levado Sheila para passar a noite com sua família, se em algum momento, um breve instante que fosse havia se lembrado de mim, se algum dia chegou a pensar que em nós dois.

Estava num destes devaneios, de pé, servindo-me de mais uma taça de vinho quando Celso se aproximou e colocou o braço sobre meus ombros,

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

tirando-me do transe: - Até hoje não conversamos sobre tudo que aconteceu... – disse retirando a garrafa de vinho da minha mão, nos servindo e em seguida me puxando com carinho para nos sentarmos no sofá da sala.

- Esta vida é realmente estranha! – concluí batendo minha taça na dele – Um cliente que virou amigo, o filho do cliente que está querendo virar parente! – brinquei abrindo um enorme sorriso e arregalando os olhos.

Celso gargalhou: - E está mesmo! Pierre me disse que foi assim – e estalou os dedos indicando a rapidez com que tudo estava acontecendo –, ele viu Clara e sentiu imediatamente uma conexão e pronto, já não queria mais voltar para casa enquanto não sentisse que sua prima estivesse bem e não partiria enquanto ela não acreditasse que ele voltaria...

- E ele voltará? – perguntei com sinceridade.
- Sim. Ele vai para a França depois da passagem do ano e retorna ao Brasil o mais rápido possível, para que os dois decidam o que fazer. – ele interrompeu sua própria fala e apertou os olhos me encarando – Você não acredita que possa dar certo?
- Eu quero muito que dê, só ando meio desiludida, principalmente com relacionamentos que começam de forma avassaladora... – arregalei os olhos e entortei os lábios para o lado.
- O que aconteceu, Lina? – indagou Celso com o semblante tão fechado, sério como eu nunca tinha visto.

Sorri tentando fazê-lo acreditar que eu estava bem melhor do que aparentava: - Eu descobri que Miguel não gostava tanto assim de mim. Que na verdade gostava bem pouco. Que sempre foi apaixonado pela colega de trabalho e foi preciso que ela sentisse que o estava perdendo para aceitar que deveriam mesmo ficar juntos... – minha garganta se

fechou novamente, então para evitar criar um clima de dramalhão virei todo o conteúdo do copo de vinho, fiz uma careta engraçada de quem quase se engasgou e sorri – Foi isso.

- Contando assim eu não consigo formular nem uma única hipótese coerente... – sentenciou batendo com uma das mãos em meu joelho.

- Mas não vou te contar mais nada! – afirmei e fui levantando, estendendo a mão para que ele me seguisse e nos juntássemos novamente aos outros – Não agora. Não hoje. Talvez um dia, quando estiver realmente casada, segurando um bebê em meus braços e eu possa falar sobre tudo que aconteceu sem sentir como se tivesse levado um tiro no peito.

- Tudo bem, eu te entendo... – Celso me deteve antes de voltarmos para junto do restante do pessoal – Eu vou me encontrar com a mãe de Pierre depois de amanhã, mas estarei à sua disposição. Me procure a hora que for...

Sorri e o abracei: - Não aguento mais dramas. Meus dramas. Celso, eu comecei e estou terminando este ano do mesmo jeito: triste por ter sido traída. – balancei a cabeça em negativa e respirei fundo – Quero começar o próximo ano de um jeito diferente! – suspirei e completei – Mas uma mudança já aconteceu, estou menos boba, menos crente em tudo!

- Eu estarei sempre com você. – reafirmou enquanto beijava minhas mãos – Acredite nisso!

Depois da ceia de Natal me despedi de todos e não fui para a casa de Clara como nas noites anteriores, não queria estragar a possível noite romântica entre ela e Pierre, fui para a casa de minha irmã e me ajeitei no quarto das crianças, que iriam passar a noite na casa dos avós. Liguei

a televisão e tentei me concentrar num destes filmes bobos, típicos da época, com Papai Noel distribuindo presentes pelas ruas cobertas de neve em Nova York. Como não consegui prestar atenção decidi checar minhas redes sociais, tentando distrair enquanto o sono não aparecia. Havia muitas mensagens no meu grupo de amigas, algumas de Fábio e, para minha total surpresa, uma mensagem de Miguel. Meu coração pulsou errado por um momento e precisei respirar fundo em busca de coragem para abrir a mensagem, pois estava com um medo enorme de ter recebido uma mensagem padrão, daquelas que se envia para todos os contatos de uma única vez. “Feliz natal”

Simplesmente isso, sem nenhuma carinha feliz, nem qualquer outro complemento que me desse uma pista sobre como ele estava se sentindo. Temendo que responder desse a ele a pista que não tive, preferi desligar o celular para não cair em tentação e não criar nenhuma expectativa em cima daquela frase.

Não houve mais mensagens de Miguel e embora eu implorasse aos céus para que ele entrasse em contato mais uma vez, sabia que a melhor maneira de esquecê-lo e começar o novo ano sem os dramas do anterior, seria não ter nenhum tipo de notícia por um tempo. Como ainda estava em Botucatu não tive outra alternativa a não ser ir ao baile da virada de ano no clube mais “chique” da cidade (título dado pelo próprio clube). Usando o mesmo vestido de lese branco do dia que fui pela primeira vez à casa dos pais de Miguel cheguei à festa, como diria na minha adolescência, segurando vela para Clara e Pierre, Rosa e Rodrigo e os outros dois irmãos dele que também estavam acompanhados.

Ao dar uma olhada na enorme mesa redonda, rodeada de casais, bufei e deixei meus ombros caírem antes de gritar ao pé do ouvido de Rosa: -

Vou buscar uma bebida forte lá no bar!

- Vai ser legal, Li! – afirmou com um sorriso um tanto compadecido da minha solidão.

- Vai ser legal! Tenho certeza! – provoquei, revirando os olhos e sorrindo enquanto me levantava.

O que posso contar sobre a festa: clube com mesas e cadeiras de plástico azul, balões brancos decorando o salão, cerveja e sidra servidos em copos de plástico, salgadinhos fritos, frios sendo disputados numa grande mesa, música muito alta, passando por quase todos os gêneros, desde enredo de escola de samba até funk.

Talvez eu não tivesse mesmo sorte no amor, mas com relação aos amigos eu estava plenamente satisfeita. Ninguém me deixou de lado nem por um minuto, mesmo eu não conseguindo manter a mesma animação deles. Meu corpo estava lá, minha cabeça em São Paulo. Eu queria alguma notícia de Miguel, saber se ele foi com Sheila à festa que tinha planejado ir comigo. Quanto mais eu bebia, mais vontade sentia de ligar para alguma das meninas em busca de informações. Foi difícil me livrar de Clara e Rosa, pois até para ir ao banheiro se revezavam me fazendo companhia. Então não tive outra escolha senão mentir: disse para minha irmã que acreditava ter visto um cara que namorei na época da escola e que não o vi acompanhado nenhuma vez e decidi que tentaria puxar assunto e talvez, com sorte, não passasse a noite sozinha. Fiquei até com remorso quando minha irmã abriu um sorriso lindo e encorajador e me incentivou a ir atrás do tal cara, embora ela não se lembrasse de nenhum namoradinho meu com o nome que eu tinha dito. Segurando firme o celular numa das mãos fui para a varanda lateral do clube e liguei para Diana, que demorou tanto para atender que quase me fez desistir de ter notícias.

- Oi, Lina! Tudo bem? Estava procurando um lugar menos barulhento. – explicou-se ainda falando num tom mais alto que o normal.

- Oi, Di! Tudo bem por aí? – perguntei tentando não soar desesperada.

- Tudo ótimo! A festa está linda, só falta você... – disse com carinho – Todo mundo aqui está lamentando sua ausência.

- Diana, o Miguel está aí também? – perguntei sem rodeios. Ela pareceu ter estalado a língua no céu da boca antes de responder: - Tá.

- Sozinho? – continuei.

- Para quê você quer saber, Lina? – respirou fundo e completou – Esta história entre vocês é passado!

- Ele está com a Sheila, não é?! – indaguei em tom de afirmação.

- Tá. – respondeu de forma curta, mostrando-se contrariada. Engoli em seco e respondi com a voz embargada: - Esquece que te perguntei isso. Diga para todos, menos para ele, claro, que estou com saudade e que assim que voltar para São Paulo exijo um jantar de ano novo! – tentei parecer animada.

- Te amo, Li!

- Eu também.

Desligamos e voltei para dentro do clube, esperei os fogos de artifício anunciarem a chegada do novo ano e fui terminar a noite em casa.

Capítulo 29

VOLTEI PARA SÃO PAULO NO DIA CINCO DE JANEIRO E FUI DIRETO PARA O escritório me encontrar com as meninas, pois queria fazer uma surpresa e participar da reunião que decidiria o cronograma de férias.

- Bom dia, gatas, lindas e queridas! – exclamei com um sorriso grande no rosto ao abrir a porta. Elas se levantaram, correram até a entrada e me envolveram num apertado abraço coletivo. A reunião ainda não tinha começado e só depois das xícaras cheias de café quente e fresco começamos a ajeitar o cronograma: Diana se casaria no dia dez, então tiraria mais dez dias de folga para a lua-de-mel. Em seguida Martinha tiraria uma semana para viajar com a família, depois era a vez de Joana. Dividimos o trabalho e decidimos encerrar o expediente por ali mesmo. Era hora de colocarmos os assuntos em dia. Contei sobre o romance inesperado entre Clara e Pierre e também sobre a insistência de Fábio por uma reconciliação. Martinha e Joana detalharam seus planos de férias, e por fim o assunto mais importante: o casamento de Diana. Ela estava ansiosa e visivelmente emocionada e, como o esperado, surtando com pequenos detalhes. Como madrinha me coloquei mais uma vez à disposição para resolver qualquer pendência e a tranquilizei mostrando uma foto do vestido que tinha mandado fazer em Botocatu e que já estava pronto e devidamente guardado dentro do meu guarda-roupa.

Enquanto caminhávamos juntas até a garagem, resolvi perguntar se ela ainda estava disposta a manter como únicos padrinhos eu e Miguel: - Claro, meu amor! – respondeu com os olhos arregalados e o sorriso aberto.

- Será que vai funcionar, Diana? – perguntei ressabiada.

Diana olhou para o lado pensativa e mordeu os lábios: - Eu entendi seu receio, Lina...

Tombei a cabeça para o lado, entortei os lábios e falei com sinceridade: - Por mim não tem problema nenhum. É o seu casamento! É a sua felicidade que me importa de verdade! – suspirei – Só não quero que Miguel se sinta obrigado a deixar a namorada de lado para entrar com a ex...

- Não acredito que o Miguel vá desistir de ser padrinho do melhor amigo por causa da Sheila... – ponderou pensativa.

- Talvez o melhor, se você quiser, é mudar um pouquinho seus planos e ter dois casais como padrinhos: Miguel e Sheila, eu e Rodrigo, por exemplo.

Diana fez uma careta de insatisfação e bufou: - Não gostei da ideia. Detestei! Não quero Sheila como madrinha! Eca! – afirmou fazendo careta.

- Tá. Você é a noiva. Uma noiva beeeem chata, mas é você quem manda! – brinquei – Vou ligar para Miguel para acertarmos os detalhes. – concluí.

- Faça isso, Lina! – assentiu aliviada.

Cheguei em casa decidida a conversar com ele, mas faltou coragem para ligar, então deixei a tentativa para o outro dia.

A coragem que me faltou na noite anterior me veio logo pela manhã. Sentada no sofá da sala, repousei a xícara de café quente na mesinha de centro, abaixei o volume da televisão, respirei fundo, mentalizei o que falar caso Miguel me atendesse e liguei.

Quase desisti depois do terceiro toque, mas achei que se desligasse sem alguma insistência poderia parecer que o assunto não era importante. Eu já estava tensa o bastante imaginando ele e Sheila, deitados na cama, sendo acordados por um telefonema meu, ou pior, ele suspirando aborrecido ao ver meu nome na tela do celular, ou até mesmo revirando os olhos e pensando em como me dizer para deixá-lo definitivamente em paz! Em meio ao emaranhado de imagens negativas que se formavam em minha mente ele atendeu o telefone e eu simplesmente esqueci de tudo que havia ensaiado dizer:

- Miguel, tudo bem? É a Lina. Você pode falar agora? Estou te atrapalhando? Melhor ligar mais tarde? – gaguejei todas as perguntas de uma só vez.

Ai Deus, me faça ficar muda, por favor! Tomara que ele não esteja ouvindo o tambor que está tocando dentro de mim! Socorro! Quero morrer!

- Lina! – respondeu ofegante – Não está me atrapalhando, estava correndo no parque, como faço todas as manhãs. Aconteceu alguma coisa? – perguntou com a naturalidade de um contador ao apresentar o valor da restituição do imposto de renda.

- Não aconteceu nada demais. – respirei fundo, sem fazer barulho, fechei os olhos e por fim consegui falar sem parecer tão idiota – Miguel, estou ligando para saber sobre o casamento da Diana e do Mário... Faltam apenas quatro dias e gostaria de saber se tudo bem para você...

Ele me interrompeu com o tom sério: - Se você está se referindo ao fato de entrarmos juntos, sem problemas. – respondeu enfático - Mário e Diana são importantes demais para mim e espero que não se sinta constrangida por ter que estar ao meu lado.

- Não. – respondi secamente – Se não há problemas para você, por mim tudo bem. – respirei fundo e completei - Então tá, nos encontramos por lá...

Miguel suspirou forte: - Posso te buscar, se você quiser...

Que lindo! Eu, ele e Sheila no mesmo carro...

- Obrigada, mas minha família estará aqui e iremos juntos. – concluí e me despedi rapidamente, buscando fôlego e sentindo o coração acelerado como se estivesse batendo errado dentro do peito, louco para sair.

Capítulo 30

O APARTAMENTO DE DIANA ERA UM QUARTO E SALA BEM ESPAÇOSO, COZINHA relativamente grande se comparada a de outros apartamentos do mesmo tipo, e eu considerava um luxo que o quarto tivesse suíte e houvesse ainda um banheiro social. Para mim o espaço era mais que suficiente, mas no dia do casamento dela aquele lugar parecia um cubículo. Minha família, mesmo não sendo muito grande, se espremia no revezamento dos banheiros e à procura de espaço para se arrumar. Depois de muita confusão e palpites consegui ficar pronta: vestido longo de musseline azul turquesa, maquiagem clara, sobressaindo apenas o batom vinho escuro, cabelos com gel, num penteado elegante que os deixaram todo alinhado para trás, brincos pequenos de pérolas brancas e anel em ouro amarelo com uma enorme pedra marfim.

Eu e Clara fomos para o clube onde seria realizada a cerimônia no meu carro e no estacionamento percebi que Miguel já estava no local, pois coincidentemente estacionei na vaga ao lado do carro dele. Rodrigo, Rosa e os meninos chegaram logo em seguida e seguimos todos juntos. Miguel estava sozinho do lado de fora do clube e ao nos ver não demonstrou nenhuma espécie de embaraço. Com seu habitual ar de segurança caminhou em nossa direção, cumprimentando todos com simpatia, em especial meus sobrinhos com abraços fortes, e para eles abriu o lindo sorriso, prometendo que após a cerimônia os levariam para conhecer sua família, principalmente seus sobrinhos. Mesmo sabendo de tudo o que ele me fez sofrer, Rosa o tratou com cordialidade, como eu havia pedido.

Fui a última a chegar até ele e por mais absurdo e inapropriado que fosse Miguel me encarou da mesma forma que fez quando nos vimos pela primeira

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

vez, na festa de noivado de Diana e Mário. Aquele olhar trouxe à tona em mim a mágoa que sentia dele. Cretino! Ele sabe que mexe comigo! Ele tem certeza de que se não tivesse tão “sutilmente” mostrado que me queria fora da vida dele eu estaria lá até hoje, instalada na casa dele, me sentindo a mulher mais feliz e sortuda do mundo...

Sorri com os lábios fechados e não parei para cumprimentá-lo formalmente, apenas sorri e segui em frente. Entrei no salão e fui direto até a família dele para cumprimentá-los. Todos foram muito educados e pareciam realmente felizes em me ver. Depois segui a sequência de cumprimentos: minhas amigas e todos os outros conhecidos. Em seguida fui até a cerimonialista para que me instrísse sobre como proceder até o púlpito. Ela estava do lado de fora conversando com Mário, enquanto ajeitava os sobrinhos de Miguel que seriam pajem e dama de honra. Claro que eu sabia que a noite não seria fácil para mim, então eu já vinha a semana toda me preparando para suportar ver a felicidade do casal que, enfim, havia assumido o romance para todos. O primeiro constrangimento aconteceu do lado de fora, Sheila estava ajeitando a gravata de Miguel e ao perceber minha presença sorriu com má vontade e foi retribuída no mesmo tom. Miguel num gesto repentino, retirou as mãos dela de sua gravata e deu um passo para trás, tentando talvez me poupar de vê-los com tanta intimidade em tão pouco tempo depois de nossa separação.

Apenas os olhei de relance e segui com passos firmes em direção ao noivo, mas fui interrompida por alguém segurando levemente meu braço: - Lina! Caramba, você está linda! - era Fábio que também não estava nada mal num terno cinza e camisa social verde.

Eu o abracei cordialmente e o levei ao encontro de meus parentes: - Não sabia que você vinha...

Ele sorriu: - Eu não perderia você por nada!

Revirei os olhos e o deixei se acomodar ao lado de Clara e Rodrigo e voltei desanimada para o lado de fora à espera de instruções da cerimonialista. Mário à frente de braços dados com a mãe, logo atrás o pai de Mário de braços dados com a mãe de Diana, os sobrinhos de Miguel e, então, era a nossa hora. Sheila deu um leve beijo nos lábios de Miguel, me fuzilou com os olhos e entrou. A moça que estava nos ajeitando chegou sorrindo e anunciou: - Vocês dois entram de braços dados ou de mãos dadas, como acharem melhor. – instruiu alheia à confusão de sentimentos que se misturavam dentro de mim naquele momento.

Nós dois nos encaramos por um segundo e não precisei dizer nada, Miguel segurou minha mão com firmeza. Não era para sentir, mas foi bom. Foi tão bom que tudo que queria naquele momento era que Mário tivesse usado de todo seu exagero e o caminho até a mesa do cerimonial tivesse no mínimo um quilômetro.

Miguel parecia tão distraído observando o amigo que esbanjava uma espécie de nervosismo fofo à espera da amada (Mário balançava o corpo, fechava e abria os olhos, respirava fundo e sorria em direção aos convidados) que esqueceu de soltar minha mão, e eu, acreditando que todos estivessem distraídos como ele, continuei desfrutando do prazer de sentir sua pele. Quando olhei em direção à fileira onde estava minha família, soltei de imediato a mão dele, pois através dos olhos de Rosa pude ler seus pensamentos, algo do tipo: “Deixa de ser palhaça! Esse cara te enganou, te dispensou, assumiu o romance com a amante e você fica aí com esta cara de apaixonada!”. Então sorri sem graça para ela e olhei para Miguel que me encarava com o semblante frio, quase raivoso, como se eu o tivesse ofendido de alguma forma. Por sorte, naquele momento em que eu me sentia exposta a todos os tipos de olhares e críticas a marcha nupcial começou a tocar anunciando a chegada da noiva.

Diana entrou num deslumbrante, não, não, deslumbrante é pouco, num embasbacante vestido de renda prateado no estilo princesa, justo até a cintura, com mangas justas em renda transparente até os cotovelos e a saia rodada com uma enorme cauda. O cabelo solto, enfeitado com uma tiara de três tiras lisas prateadas e um buquê de rosas brancas.

Foi automático: ela entrou, meu peito se espremeu e eu chorei. Miguel trocou o semblante austero por um ar condoído ao perceber meus olhos marejados, e talvez por isso tenha tentado segurar minha mão novamente, mas em hipótese nenhuma eu queria que ele acreditasse que o motivo das lágrimas fosse tristeza, aquelas realmente não eram, então balancei levemente a cabeça recusando sua oferta.

Como a união foi celebrada apenas por um juiz de paz não foi nada demorada, nem mesmo os votos de Mário se estenderam, e acredito que todo o ritual não demorou mais do que meia hora. Mas eu e Miguel ainda passamos por mais uma hora de constrangimento, pois tivemos que participar da sessão de fotos. Liberados desta etapa, nem chegamos a nos despedir e cada um seguiu em direção à sua mesa no salão que já estava animadíssimo.

Não tive muita escolha e sentei na cadeira vaga ao lado de Fábio. Eu sabia que a intenção dele era muito diferente da minha, ele estava tentando reconstruir uma relação, eu estava tentando estabelecer uma amizade. Fábio continuava o mesmo cara lindo da época da faculdade, tinha ganhado uma ou outra linha de expressão nos cantos dos olhos, mas nada além disso. Mantinha o mesmo sorriso branco, o mesmo jeitão charmoso e o mesmo corpo esbelto, mas eu não conseguia enxergar nada além de alguém que fez parte da minha vida, que durante um tempo bem grande eu acreditei ser a minha vida, mas que não mexia em mais nada dentro de mim. Eu não sentia mais paixão, não tinha desejo, e, infelizmente, se continuasse a insistência não haveria nem mais a possibilidade de amizade.

Miguel como o prometido foi até a minha mesa buscar meus sobrinhos para se juntar aos dele. Cordialmente ainda se demorou um tempo, de pé mesmo, conversando com minha prima. Fábio, abusando da nossa tentativa de reaproximação e claramente querendo demarcar terreno não se conteve e parecendo temer que eu e Miguel tivéssemos algum tipo de contato segurou minha mão e me pediu que o acompanhasse até um lugar mais calmo, pois tinha algo “muito importante” para me contar. Claro que percebi sua intenção de me afastar, mas não tinha razão para não escutá-lo, e mesmo achando que não seria nada urgente, o segui.

Chegamos à parte aberta do clube, nos debruçamos no balaústre que dava visão para a piscina e ele anunciou sorrindo: - É menino.

Eu sorri sabendo o que significava aquela declaração, então o abracei realmente feliz (para meu próprio espanto): - Parabéns! Seus pais devem estar radiantes – afirmei.

- Sim, estão. Aliás, mais ou menos. – expirou com força o ar pelas narinas – Estão felizes porque finalmente terão um neto e putos comigo por ter me separado de você e depois me separado da mãe do meu filho... – sorriu entortando os lábios em seguida – Resumindo fiz um monte de besteira, agora vou ter um filho, e nunca fui o tipo de cara que se imaginou pai, e estou solteiro, fato que nunca cogitei desde que nos conhecemos...

Eu o encarei ajeitando meu corpo de forma ereta e ele se ajeitou também, apoiando o quadril no balaústre: - Fábio, acho que você não deve ficar alimentando expectativas quanto a nós...

- Nem você quanto ao Miguel... – completou enfático.
- Você não sabe o que se passa dentro de mim, Fábio. Você acha que sabe, mas só eu sei...

Ele passou as mãos nervosamente pelo rosto: - Porra, Lina, eu vejo como você olha para ele.

- Se te faz mal, não olhe para mim. Eu sei que errei muito quando fui desabafar logo com você. Me desculpe. – suspirei pesarosa – Não estamos prontos para sermos melhores amigos... – concluí – Sei que você quer sua vida de antes, mas você tem que entender que não sou aquela Lina de antes. Não há a possibilidade de voltar no tempo.

- Eu não quero a outra Lina, quero esta Lina. – insistiu.

- Quando você me disse que tudo entre a gente tinha acabado morri por dentro, mas aceitei. Eu sofri muito, mas deixei você viver sua história. Então agora o que eu te peço é o seguinte: deixe eu resolver minha vida, curar sozinha as minhas feridas... Eu te ofereço minha amizade, quando se fizer muito necessária, só isso.

Fábio pareceu finalmente ter entendido, seu semblante se fechou em tristeza e me abraçou forte sussurrando em meu ouvido: - Não se afaste de mim, por favor.

Eu beijei sua face com carinho: - Não me afastarei, contanto que você jure que está entendendo minha posição.

Fábio sorriu: - Eu juro. E também vou curar minhas feridas.

- Foi um ano intenso! – sentenciei suspirando, arregalando os olhos e sorrindo em seguida, tentando descontraír um pouco.

Fábio abriu um enorme sorriso, bufou e soltou um palavrão.

Voltamos ao salão e comecei a beber. O que me restava era tentar aproveitar a festa, dançar até as pernas doerem, tomar um porre libertador e a qualquer possibilidade de Miguel e Sheila no meu campo de visão ficar de costas para evitar mais sofrimentos desnecessários.

Ou eu estava muito bêbada e todos à minha volta também ou estava muito bêbada e por isso achava que todos estavam na mesma sintonia.

Não me lembro muito bem, mas acho que foi na vigésima volta na roda que fizemos em volta de Diana que comecei a ficar muito tonta (e meu anjo da guarda devia estar fazendo hora extra, pois não sei como não passei o vexame de me estabacar no chão). Então num lampejo de lucidez consegui caminhar, já de chinelos, até o bar e pedir uma garrafa de água. Quando me reconectei com a realidade percebi que estava recostada no meu carro (nem imagino como cheguei nele), colocando um pouco de água nas mãos e jogando na nuca. Levantei o pescoço, abri e fechei os olhos com força para confirmar não estar tendo nenhuma espécie de alucinação e vi Miguel parado a menos de dois palmos de distância de mim. Olhei em volta para achar alguma coisa que justificasse sua presença ali naquele momento e percebi que estava encostada no carro dele, não no meu.

De um jeito meio torto ajeitei minha postura, tentei aparentar normalidade, encarei-o e resmunguei: - Me desculpe, acho que parei no carro errado...

Ele não sorriu e ainda com as mãos nos bolsos da calça perguntou com seriedade: - Você está bem?

Balancei a cabeça positivamente e ensaiei dar o primeiro passo, quando num rompate ele segurou um de meus braços, me encostou novamente no carro e me beijou na boca. Um beijo longo, cheio de saudade (dos dois lados, ao que parecia) e muita urgência. Minha mente fazia um esforço enorme para entender o que se passava, mas minha vontade de aproveitar aquela sensação de alívio era muito maior. Quando eu estava quase criando coragem para abraçá-lo, ele parou. Simplesmente interrompeu com o mesmo rompante o beijo que havia iniciado, segurou meus braços para que eu não tentasse nenhuma reaproximação e só depois de ter certeza que eu ficaria no mesmo lugar me soltou, e parecendo desconsolado com a própria atitude, bufou

nervosamente, passou as mãos pelos cabelos e sussurrou: - Ela não merece isso...

Eu sabia que ele estava se referindo a Sheila, e ao ouvir aquilo uma onda de fúria percorreu meu corpo. Respirei fundo, engoli a saliva que estava na minha boca e então dominada pela raiva e encorajada pela embriaguez não fiquei calada: - Seu porco! Por acaso eu mereço?! – esbravejei e saí apressada para que ele não conseguisse ver meus olhos cheios de lágrimas.

Voltei ao salão, peguei minha bolsa e adverti a todos da minha família que não voltassem de carro para casa. Fábio percebeu que algo havia acontecido e se ofereceu para me acompanhar. Eu estava tão furiosa e transtornada com o a barbaridade que ouvi da boca de Miguel que resolvi aceitar sua companhia. Saí de mãos dadas com Fábio, que segurava minhas sandálias na outra mão. Decidimos deixar o carro no estacionamento e pegar um táxi. Para fechar a noite com chave de ouro vi Miguel e Sheila entrando no táxi que estava logo atrás do meu.

Capítulo 31

CLARA NÃO VOLTOU PARA BOTUCATU COM O RESTANTE DA FAMÍLIA, ELA decidiu ficar um tempo comigo em São Paulo, pois estava de férias e também porque eu insistia que me fizesse companhia por mais tempo. Nos dias em que ela não tinha nada mais interessante para fazer na cidade eu a levava para o escritório e deixava que me ajudasse em algumas correções, só para que se distraísse. Já durante a noite nós duas fazíamos programas bem ecléticos: exposições culturais, rodízio de pizza, cinema, teatro, barzinhos da moda, botecos velhos... enfim, de tudo um pouco para que aproveitasse o tempo na cidade.

A última vez que vi Miguel foi no dia do casamento de Diana, depois disso não tive mais notícias, o que não me impedia de tê-lo em meus pensamentos todos os dias e de, mesmo me detestando por isso, relembrar o beijo que demos naquela noite, tentando encontrar alguma lógica nas atitudes que teve. Eu não conseguia entender o que o levou a me beijar e qual o motivo verdadeiro de ter se arrependido do ato. Ele poderia ter se sentido desleal à nova namorada, poderia também ter se arrependido por ter me beijado por impulso, ou podia ser as duas hipóteses juntas, ele se arrependeu de ter me beijado e assim ter sido desleal com Sheila. Mas a hipótese que mais me convinha era de que Miguel não era um homem confiável quando se tratava de relacionamentos amorosos.

Diana passou a lua-de-mel em Fernando de Noronha e quando retornou, embora eu estivesse morrendo de saudade, sabia que meu sossego teria fim.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Ela e Mário não deixariam passar a oportunidade de reunir os amigos para comemorar o sucesso da festa de casamento ou talvez a inauguração do apartamento completamente reformado ou de abrir os presentes atrasados ou comemorar o mês de janeiro e o calor... Eu tinha certeza de que inventariam um motivo qualquer para celebrar, e lá estaria eu novamente, expectadora da felicidade do casal Miguel e Sheila.

Mário entrou com Diana no escritório, os dois felizes, bronzeados e descansados e depois de abraços e beijinhos se serviram de café e Diana já começou: - Sábado, hein?! Todas! Inclusive você Clarinha! – abriu o sorriso e completou - Jantar de boas-vindas que nós estamos oferecendo a nós mesmos! - gargalhou felicíssima sob o sorriso cúmplice do marido.

Respirei fundo e sorri: - O - ba! – exclamei silabicamente e para evitar qualquer consideração a respeito da presença de Miguel já completei – E a sobremesa vai ficar por minha conta e da Clara, pois ela tem me engordado, ou melhor, ensinado a fazer cada bolo... – suspirei e fechei os olhos demonstrando prazer.

- Que tal bolo de frutas recheado de sorvete de creme? – sugeri Clara.

- Existe isso, gente?! – Mário arregalou os olhos demonstrando felicidade e surpresa.

Todas rimos e concordamos que deveria ser a melhor sobremesa do mundo.

Depois que Mário se foi Diana arrastou sua cadeira até minha mesa e constatou entre sussurros: - Mais um encontro com Miguel... Tudo bem para você?

- Não sei... não é legal, você sabe que não é... – ergui as sobrancelhas e levantei os ombros - Ele lá... acompanhado por outra, mostrando a todos que talvez nunca tenham se separado... – constatei num tom

arrastado – Mas não quero e não vou deixar de aproveitar a companhia dos meus amigos por conta de um ex.

- Lina, eu preciso te fazer uma pergunta... – Diana entortou os lábios para um dos cantos demonstrando desconforto - Fico até meio sem graça, porque não acho que você esconderia de mim algo deste tipo, mas é que...

- Porra, Diana! – exclamei num sussurro indignado – O que foi?

- Você e o Fábio reataram? Ou estão se encontrando de vez em quando? Tentando uma reconciliação, talvez... – indagou parecendo ela mesma não estar acreditando na própria pergunta.

- Não! – esbravejei mais alto do que gostaria e em seguida voltei a sussurrar – Que loucura é essa?! Eu já te falei centenas de vezes que não sinto nada mais por ele... E outra, você acha que eu conseguiria esconder isso de você?!

- Pois é... foi o que eu falei para o Mário... – respondeu, entortando os lábios para baixo.

- E de onde surgiu esta história? – perguntei espantada e curiosa.

- Lina, ontem o Miguel foi nos buscar no aeroporto e, lógico, você conhece o Mário, estava todo empolgado falando sobre o jantar que ele veio programando durante toda viagem de volta. – ela se aproximou ainda mais perto de mim – Então conversa vai, conversa vem e o Mário perguntou se ele iria levar a Sheila, porque é um jantarzinho bem íntimo, você, as meninas, os maridos, a Clara e o Miguel...

- E onde o Fábio se encaixa nisso? – apressei-me impaciente.

- O Miguel respondeu furioso: “Reserve o lugar da Sheila e agora que está tudo às claras reserve um lugar para o idiota do marido da

Lina”. - Que loucura! De onde ele tirou esta ideia? – perguntei sentindo um formigamento no estômago.

- Foi exatamente isso que perguntei e ele me respondeu com um olhar fulminante: “Não me diga que não sabe da reconciliação? No seu casamento eles assumiram de vez que estão juntos novamente.”

- Eu? – gargalhei de nervoso.

Nós duas ficamos em silêncio por alguns instantes tentando descobrir como Miguel chegou àquela conclusão, até que num lampejo uma cena veio à minha mente: - Só pode ser porque Fábio não desgrudou de mim durante a festa e depois Miguel nos viu pegando o táxi juntos... Mas foi só companhia! – expliquei indignada.

- Então foi isso! – Diana balançou a cabeça e cerrou os olhos concordando com a minha constatação.

Respirei fundo e fiz uma careta: - Idiota! Já não basta tudo que fez e ainda quer sair como o traído desta história... Me poupe! – revirei os olhos e bufei chateada.

Diana colocou o dedo indicador na boca aberta simulando vômito: - Nojo dele e dela (referiu-se a Miguel e Sheila) e arrastou novamente a cadeira para voltar ao trabalho.

Bingo! Pensei sem comentar nada: Tá explicado o beijo! Miguel estava medindo forças com Fábio.

Capítulo 32

MÁRIO NÃO MENTIU, O JANTAR FOI REALMENTE PARA POUCAS PESSOAS, SÓ mesmo os amigos íntimos que tinha citado na conversa que tivemos no escritório. Assim que cheguei no apartamento dei uma breve olhada na mesa de jantar que já estava arrumada, fiz uma conta rápida e percebi que havia dois lugares a mais que os convidados que estavam lá, os de Miguel e Sheila, deduzi. A presença de Miguel já seria motivo suficiente para não me deixar à vontade, mas só de imaginar ele e Sheila juntos fazia com que a tristeza me apertasse o peito, como se eu já soubesse que não haveria ar suficiente para nós três no mesmo ambiente, foi sufocante o nervosismo que senti à espera do casal.

Mário estava ansioso para mostrar as fotos do casamento e da viagem de lua-de-mel e por isso passou um bom tempo tentando entrar em contato com Miguel e Sheila, como não estava conseguindo resposta começou a exhibir as imagens na televisão, um pouco chateado pela ausência do amigo. Pensei que seria chato ficar olhando foto por foto da viagem alheia (ainda mais com a minha mente inquieta, tentando achar uma forma de agir com naturalidade caso Miguel e a namorada resolvessem aparecer), mas com Mário narrando os acontecimentos com o habitual exagero e se irritando com Diana que avançava algumas fotos para tornar o processo menos cansativo acabou sendo extremamente engraçado. Era um tal de “Di, meu amor, volta naquela, por favor”... “Nem pensar, Mário! E nada de histórias longas” e se ele começava a se estender numa narração, só de raiva ela pulava cinco fotos de uma vez.

Parecia mesmo que Miguel havia dado o bolo no casal, pois depois de vermos as fotos ainda ficamos um bom tempo tomando vinho e conversando. Já eram quase onze da noite quando o jantar foi servido: torta de frango, salada caesar e arroz branco. O cheiro daquela torta, que eu sabia muito bem que tinha sido preparada por Cláudia, levou, infelizmente, meus pensamentos para o dia do meu primeiro encontro com Miguel, então uma saudade doída e rancorosa se instalou dentro de mim, que já não via a hora de ir embora e poder ficar sozinha com meus pensamentos.

Estávamos todos sentado em volta da mesa e Pedro servia mais uma rodada de vinho quando a campainha tocou e Mário se apressou em atender. Esta torta e Miguel no mesmo ambiente... Será difícil fingir que não estou sentindo nada! Ele chegou sozinho, afobado, se desculpando pelo atraso enquanto abraçava com força o amigo. Um a um nos levantamos para cumprimentá-lo, quando chegou minha vez estendi cordialmente a mão. Miguel, num gesto desarmado, pareceu ter sido também surpreendido pelo prato principal e ao pegar minha mão, olhou por um um segundo a mais para a torta e sorriu em minha direção, com uma espécie de tristeza no olhar.

Nos sentamos um de frente ao outro, mas percebi que assim como eu, ele também estava tentando evitar contato visual. Todos conversavam descontraidamente sobre as férias, o tempo, o clima, a alta dos preços, o trânsito, os itinerários... só nós dois permanecíamos na conversa, mais concordando educadamente que participando de verdade.

Para mim aquele jantar estava parecendo infindável, eu mal conseguia comer ou falar. E quando acabou o primeiro tempo, já estava preparada para mais uma rodada de desconforto, pois era a vez da sobremesa: o bolo de frutas com recheio de sorvete de creme. Eu estava tão nervosa que não conseguia nem sentir o gosto, porém sabia que a conversa girava entre elogios e surpresa ao descobrirem que eu tinha ajudado Clara no preparo da receita. Percebi que Miguel comia com prazer e chegou até a sorrir para mim

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

quando Diana contou a todos que estava com medo de perder a sócia que não parava de fazer doces depois da chegada da prima.

- Lina, você até deu uma engordadinha... – constatou Pedro, o marido de Martinha.

Pode ser que uma declaração desse tipo não fosse bem recebida por outras mulheres, mas para mim, que nos últimos dois meses estava realmente esquelética, soou como um elogio muito bem vindo: - Não sei como vou fazer quando a Clarinha voltar para Botucatu... Com ela se hospedando lá em casa eu não paro de comer. – afirmei rindo.

Miguel suspirou baixo, me encarou e não se importou por estarmos cercados de pessoas que conheciam muito bem nossa história: - Você está linda. Sempre está. – afirmou com o olhar sério.

- E por que a Sheila não veio? – perguntou Diana a Miguel com os olhos furiosos em sua direção, demonstrando o quanto foi inconveniente sua declaração.

- Não sei. – respondeu secamente, parecendo não ter se sentido nem um pouco intimidado.

Tentando evitar um clima desconfortável, seguida por todos os outros, levantei e comecei a recolher as louças e amontoá-las na pia. Mário e Diana nos proibiram de qualquer tentativa de ajeitar um pouco a cozinha e nos obrigaram a voltar para a sala e tomarmos mais uma taça de vinho. Miguel se desculpou, recusou a oferta e foi se despendindo, explicando que estava cansado e que estava dirigindo, por isso não poderia beber.

Levantei para que nos despedíssemos e ele não se contentou com um aperto de mão, puxou-me com firmeza e sem brutalidade para junto dele, beijou meu rosto e sussurrou em meu ouvido: - Me desculpe pelo que eu fiz e pelo que eu disse no dia do casamento.

Um calafrio percorreu todo meu corpo e minha glote se fechou com tanta rapidez que chegou a doer minha garganta. Ele se afastou de mim, abraçou Mário e saiu desculpando-se novamente por não poder ficar. Todos já estavam acomodados, exceto Mário e eu, que ainda estávamos de pé. Minha cabeça parecia dar voltas pensando em como Miguel pôde fazer tudo que fez comigo no último ano e, aparentemente, se arrepender apenas pelo último beijo. Meu semblante devia estar nublado como meus pensamentos, pois ninguém retrucou quando impedi que Mário fechasse a porta e anunciei que estava indo atrás de Miguel para resolver um problema.

O elevador demorou a chegar e tive que correr pela recepção e pela rua para chegar até o carro dele, que pareceu ter ficado confuso com a minha atitude e saiu com rapidez do carro: - O que foi, Lina?

Eu espremi os olhos, respirei fundo e perguntei o que há muito não me deixava respirar livremente: - Se você sabia de tudo, por que me pediu para ficar?

Miguel me encarou, passou as mãos nervosamente pelo rosto, socou levemente o teto do carro e respondeu com os olhos parecendo cheios de mágoa: - Quer saber mesmo a verdade, Lina?

- É o que eu sempre quis. – rebati.

Miguel, respirou fundo, segurou meu braço e me levou até a calçada. Eu me encostei no seu carro à espera de uma resposta, enquanto o via andar de um lado para outro. De repente ele se aproximou e me cercou colocando os dois braços abertos em volta do meu corpo, apoiando as mãos no capô: - Eu precisava de um tempo para tentar suportar a ideia de ficar sem você...

Todas as minhas forças se foram naquele momento. Eu fiquei atônita o encarando sem saber o que dizer. Aquilo não fazia sentido para mim.

Miguel respirava ofegante, mas sem se mover, os braços continuavam me cercando até que consegui me mexer e o afastei, retirando com calma os braços dele de perto de mim: - Como você teve coragem de me enganar daquele jeito? Tudo por causa do seu orgulho ferido?! – desabafei forçando os lábios a não se curvarem para baixo, mas sem conseguir evitar os olhos marejados pela mágoa e pela tristeza – Um trato ridículo com a sua amante?! E agora? Vai trair seu melhor amigo também e abrir sociedade com ela? – acusei com a voz tomada pelo ressentimento.

Sua feição demonstrava espanto e confusão com as minhas declarações: - Sobre o que você está falando, Lina? – perguntou atordoado.

Uma raiva enorme tomou conta de mim, minhas narinas se abriram e minhas mãos começaram a tremer: - Pergunte para Sheila. Ela não me contou só sobre a parte suja que me coube nesta disputa de egos entre vocês. Ela também fez questão de me falar sobre a futura sociedade de vocês num novo escritório.

Maior ainda foi meu espanto ao ver que Miguel não se deu sequer ao trabalho de tentar me explicar alguma coisa, apenas me olhou atordoado e resmungou: - Lina, eu preciso ir. – e entrou no carro me deixando plantada, absolutamente abandonada naquela calçada.

Eu subi para buscar minha bolsa e Clara já estava de pé à minha espera. Despedi rapidamente de todos, fazendo o maior esforço possível para aparentar normalidade. Clara sabia o motivo da minha separação, como ficamos bastante tempo sozinhas naqueles dias consegui ter tempo para me abrir com ela, então não me espantei quando entramos no táxi e ela perguntou com carinho: - Li, que tal se nós duas nos desviássemos da rota hoje?

- Acho mesmo que não devo voltar para casa agora. – respondi sorrindo com desconforto.

- Vamos para uma noitada bem louca! Que tal? – sugeriu forçando parecer animada, sorrindo, arregalando os olhos e erguendo a sobrancelha.

- Ah, não, tô muito por fora das noitadas loucas desta cidade... – entortei a boca para um canto – Acho que nunca estive por dentro pra falar a verdade...

- Moço – disse ela chegando o corpo para frente para falar mais próxima ao motorista –, mudamos de ideia, nos deixe no bar mais badalado aqui desta região.

O motorista nos olhou através do retrovisor e sorriu: - Tudo bem, eu conheço tudo por aqui e vou deixar vocês num bar bem legal.

Eu interrompi: - Nos deixe num lugar legal, mas sem música alta, nem cheio demais... Um lugar para uma quarentona na fossa.

Ele sorriu, piscou o olho para nós e não demorou muito para nos deixar em frente a uma espécie de pub descolado. Entramos meio cautelosas, olhando para os lados, fazendo um reconhecimento do local. Um bar bem escuro, com pouca decoração, paredes cinza e mesas e cadeiras pretas. Nós seguimos em frente e nos sentamos em banquetas altas no balcão principal.

- E aí? Quer tomar um super porre ou apenas se distrair? – perguntou Clara levantando a comanda para que fôssemos atendidas.

- Só uma bebida... Nada de ressaca e mais arrependimento amanhã. – concluí.

- O que que tá acontecendo entre você e o Miguel? – perguntou de forma direta assim que o barman colocou os copos de caipirinha na nossa frente.

- O que você sabe é o que eu sei também... – balancei a cabeça de um lado para o outro e levantei os ombros – Não sei nada além do que te contei.

- Vocês se gostam. Tá na cara! – afirmou mexendo a bebida com um canudinho.

- Você acha mesmo que ele sente alguma por mim?

Clara sorriu: - Tenho certeza!

- Então por que ele se afastou de mim? Por que ele tá com a Sheila? – perguntei de forma retórica – Sabe por quê? Porque não gosta de mim... acho até que queria gostar, assim não se sentiria tão humilhado por não conseguir se afastar da mulher que o traiu e sempre fez o que quis da vida deles...

- Se é assim, se é tão furada esta história, porque você não tenta dar uma nova chance para o Fábio?

- Puta merda! – esbravejei - O Fábio vai ser pai! No fundo eu tenho que agradecer o pé na bunda que ele me deu! – desabafei sorrindo - Mesmo estando péssima, mesmo só tendo feito merda, inclusive ter me mudado de mala e cuia para a casa de um cara mais cafajeste que o próprio Fábio, pelo menos eu tô sentindo o gosto bom da liberdade! – suspirei e continuei - Não posso culpar só o Fábio pela minha postura submissa, mas era tanta vontade de evitar discussões, briguinhas, que eu acabei deixando minhas vontades de lado... – bebi um gole grande e fiz uma careta em seguida – Eu não quero voltar a vida que tinha antes! Acho que nem se quisesse, conseguiria!

- E o que pretende fazer, Li? Por que uma coisa é certa, você e o Miguel vão sempre se esbarrar...

- Eu sei... mas uma hora vai parar de doer... – respondi com tristeza não disfarçada.

Clara segurou minha mão e sorriu: - Topa outra rodada de caipirinha?

- Topo! Mas com uma condição: quero saber tudo, mas tudo mesmo sobre o que está acontecendo entre você e o gato do Pierre. – levantei a comanda – Mais duas caipirinhas!

Clara contou, toda sorridente, que ele havia proposto que ela passasse um mês com ele em Paris. Ele disse que a levaria para conhecer a região e que adoraria que ela fizesse seus bolos e colocasse no café.

- Poxa, não vejo porque recusar! – afirmei sorrindo – Você pode muito bem tirar licença nas escolas que trabalha, viajar, curtir a França ao lado daquele gato! – revirei os olhos e suspirei.

- Tô muito a fim! – respondeu com um enorme sorriso.

- Então a partir de segunda eu começo a te ajudar a resolver tudo para que possa viajar o mais rápido possível!

Encorajada por mim e pelas caipirinhas Clara mandou ali mesmo uma mensagem com uma resposta positiva para Pierre.

Cheguei em casa, tomei um banho, um comprimido para dor de cabeça e forcei minha mente a pensar apenas na felicidade de minha prima, mas os pensamentos desobedientes insistiam em voltar até Miguel e a tudo de estranho que tinha acontecido naquela mesma noite.

Acordei no domingo cedo e a mala de Clara estava arrumada na sala. Apressei-me nervosa até a cozinha e ela estava sentada, com o semblante tranquilo, tomando café: - Me explica suas coisas na sala? – perguntei fingindo nervosismo.

- Vou seguir seu conselho! – disparou cerrando os olhos - Daqui a pouco pego o ônibus para Botucatu e vou resolver tudo: pedir licença, ajeitar a casa e depois – suspirou sorrindo – ir ao encontro do “francês mais lindo do mundo”, como você mesma diz.

Meu peito se encheu de alegria e comecei a beijar e abraçar minha prima: - Então vamos logo! – exclamei animada – Troco de roupa num minuto e te levo na rodoviária.

Na volta para casa eu já não estava mais tão animada assim: Ai, caramba, domingo sozinha... Eu devia ter pedido para Clara aguentar até amanhã! Quando eu vou me acostumar a conviver comigo mesma? Quando eu vou me acostumar a conviver somente comigo mesma aos domingos? Eu definitivamente me detesto aos domingos!

Cheguei em casa e fui lavar a louça, dar uma ajeitada na casa e depois disso gastei alguns minutos pensando sobre o menu do almoço: macarrão instantâneo sabor galinha, sabor galinha caipira, sabor carne ou me daria ao luxo de experimentar o sabor camarão. Abandonei as embalagens em cima da mesa e fui para o quarto fazer o que sabia de melhor nos meus momentos de solidão: ficar deitada na cama, com a tv ligada e o pensamento longe, buscando um rumo para a minha vida que mais parecia uma repetição do ano anterior, porém, num apartamento mobiliado. Adormeci e só acordei porque o celular começou a tocar. Corri até a cozinha onde havia o deixado e vi o rosto de Miguel na tela: - Oi, Miguel – atendi atordoada.

- Oi Lina. Você está muito ocupada agora? – perguntou com cautela.
- Não.
- Posso passar aí na sua casa para gente tomar um café juntos? Queria te explicar sobre ontem. – expirou profundo e completou - Saí de forma repentina... Eu estava louca por uma explicação, então não me fiz de difícil: - Tudo bem, eu te espero na portaria. – respondi sem rodeios.
- Vinte minutos?
- Daqui a uma hora. – respondi tentando não dar bandeira do meu desespero.

- Certo.

Não sei se fome por ter pulado o almoço ou ansiedade por finalmente ter a chance de escutar a versão de Miguel fez com que meu estômago começasse a doer. Comi um enorme pedaço de broa e tomei uma xícara gigante de café, em seguida corri para o chuveiro e depois de um bom banho tentei me arrumar da melhor forma possível. O dia estava atípico para janeiro: não tinha sol, nem estava quente. Era um depressivo domingo nublado. Então nada de grandes produções, calça jeans, sapatilha e uma bata de algodão branca, com bordado de flores coloridas na altura dos ombros. Miguel chegou antes do combinado e por isso não tive tempo de passar maquiagem. Não era o que eu queria, mas desci de cara limpa. Eu não tinha ideia sobre como me explicaria tudo, mas ao vê-lo parado do lado de fora do prédio de camisa de malha preta, calça jeans, tênis e óculos estilo aviador supliquei aos céus que me pedisse para voltar. A barba estava grande novamente, escondendo as covinhas, o que considerei ótimo para que eu conseguisse me concentrar melhor na conversa que teríamos.

Ele sorriu de um jeito sem graça ao me ver cruzar a porta da recepção e abriu a porta do carro para que eu entrasse. Resmunguei um “oi” que ele respondeu da mesma forma e fomos em silêncio, como quase sempre acontecia conosco quando tínhamos algo a resolver. Ele parou numa cafeteria não muito perto da minha casa.

Nos sentamos do lado de fora, Miguel pediu dois cafés puros, retirou o óculos, colocou sobre a mesa e perguntou: - Tudo bem eu ter feito o pedido inicial?

- Claro. – respondi desarmada.

Assim que os pedidos chegaram, como se tivéssemos combinado, colocamos o açúcar ao mesmo tempo, mexemos o líquido com a pequena colherzinha e nos encaramos quase rindo pela sincronia.

Miguel resolveu tomar logo um pouco do café, enquanto eu soprava levemente a fumaça com a xícara perto da boca.

- Lina, ontem você me contou sobre a conversa com a Sheila e eu fiquei tão louco para tentar entender direito o que tinha acontecido que acho que nem me despedi de você. – ele suspirou e forçou um sorriso – Me perdoe pela falta de educação... – ele suspirou - É que fui correndo para a casa dela.

Putá merda! A conversa vai começar daí: fui correndo para a casa da Sheila... Que Deus me dê forças!

Miguel passou as mãos pelo rosto, colocou os antebraços na mesa e abriu um sorriso enorme que me deixou ainda mais confusa: - Lina, para começar quero te explicar o seguinte: nunca houve acordo, aposta... sei lá o quê! Bom, não do jeito que a Sheila fantasiou e repassou para você.

- O que houve então? - perguntei surpresa.
- Ela não mentiu. Realmente existiu a tal conversa sobre ela me propor sociedade num escritório e... – ele pareceu ter ficado envergonhado e completou com um sorriso no canto dos lábios – de ficarmos juntos, como casal... – ele suspirou fundo e me encarou desfazendo o sorriso – Mas nunca, Lina, eu decidiria os rumos da minha vida daquele jeito infantil. Que loucura você ter acreditado naquela história! Que loucura ela ter acreditado também!
- Eu não estou entendendo, Miguel...
- Um dia, não me lembro exatamente quando, acho que no início do ano passado, a Sheila voltou com a velha ladainha que vez e outra ela insiste em me falar: que queria que eu desfizesse a sociedade com o Mário... E daquela vez ela resolveu acrescentar uma outra loucura: que deveríamos nos casar... Eu te digo que é loucura porque até pouco tempo

atrás eu tinha certeza de que ela nunca gostou de mim, nem de ninguém, para ser sincero... - Mas ela me disse que te propôs...

- Uma espécie de aposta? – completou - Que eu então deveria provar para ela que conseguiria me casar com alguém que mesmo sabendo da minha... – ele juntou os lábios e olhou para o lado parecendo buscar a palavra certa - ... instabilidade emocional... – e balançou a cabeça rindo da própria fala – Quanta idiotice! Eu só fui me lembrar disso ontem, quando ela me contou tudo.

- Mas ela me disse que já havia dito a você que me contaria tudo e que você desdenhou dizendo que eu era inocente o bastante para continuar acreditando em você...

- A Sheila me disse que contaria a você sobre a ideia de nos casarmos e eu apenas respondi que isso não significaria nada para você... – ele me olhou com tristeza – Bom, eu achava que não significaria nada, afinal nós estávamos juntos, Lina...

- Você e ela namoraram na faculdade, ela te traiu e ainda terminou com você... Mesmo assim você ficou ao lado dela o tempo todo, nunca se envolveu mais seriamente com ninguém, vocês trabalham juntos, vocês estão juntos novamente... – concluí a última frase engolindo com força a saliva para que pudesse terminar – Tudo que ela me contou soava ridículo, muito ridículo, mas fazia sentido, ou melhor, ainda faz... - É o seguinte, – respirou profundo – eu nunca me afastei da Sheila porque, de verdade, nunca me incomodou nem a traição, nem que tivéssemos terminado por isso. A Sheila sempre foi o tipo de mulher esnobe, super egocêntrica e eu até achava engraçado que ela se recusasse a acreditar que eu não gostava dela, que eu nunca a amei!

- Mas nunca a deixou...

- Conversa... – sorriu – Ela me pediu emprego! – Miguel levantou os ombros – A Sheila é muito competente, não nego.

- Mas o relacionamento de vocês nunca foi estritamente profissional...

- Você não tem ideia de como eu me sentia o homem mais sortudo do mundo por ter uma amante que me conhecia tão bem, mas que tanto eu quanto ela não tínhamos nenhum apego ao tipo de relacionamento considerado padrão... – Miguel arranhou a garganta nervosamente, me encarou e expirou com tristeza – Eu me apaixonei por você. Foi naquele dia que te vi na festa de noivado do Mário. Foi estranho... Você entrou e eu fiquei sem saber como agir. Fiquei de longe te observando e quando tentei a primeira aproximação você nem me deu muito assunto. Daí fui atrás de você quando percebi que estava indo embora. Com qualquer outra mulher eu teria paciência e uma hora ou outra eu arranjaría um jeito de entrar em contato, mas eu te queria comigo naquela noite mesmo... Foi difícil lidar com a ansiedade, com a vontade, com o desejo...

Ergui as sobrancelhas e sorri com desânimo: - Bom, não dá para acreditar que foi tão forte assim e que a Sheila fantasiou uma situação, afinal vocês estão juntos, contradizendo tudo que está me dizendo...

- Eu te pedi para ficar, eu até cheguei a criar uma história ridícula para tentar te persuadir a ficar comigo. Você não quis. Sofri demais e estou tentando colocar minha vida nos trilhos depois de tudo que aconteceu ano passado... – Miguel viu que o atendente se aproximava e pediu uma água, eu balancei a cabeça em negativa, pois nada passaria pela minha garganta naquele momento.

- E agora você descobriu que gosta dela? – indaguei ressentida, embora não quisesse que ele percebesse.

- Agora descobri que ela gosta realmente de mim, muito mais do que eu supunha, muito mais do que sempre achei que ela pudesse vir a gostar de alguém.

- Bom, de qualquer jeito ela conseguiu parte do que queria. E agora, vai desfazer a sociedade com Mário?

Miguel pegou a garrafa na mesa, despejou a água no copo e bebeu quase tudo num grande gole: - Não há a mínima possibilidade de desfazer a sociedade com Mário. – afirmou com seriedade – O escritório foi uma herança do pai dele e muitos clientes também são. Eu sou muito grato por Mário ter confiado em mim para ser seu sócio.

- E tudo que a Sheila me contou sobre ele ser apenas figura decorativa...

- Implicância dela. Ele realmente não gosta de casos pesados, gosta mais dos casinhos chatos, burocráticos... Lina, eu não teria um terço da clientela que tenho se não o tivesse como sócio, ele é simplesmente apaixonante. Você sabe disso! Ele tem um poder de persuasão que nos ajuda muito. – concluiu.

Uma das piores verdades que poderia ter escutado, escutei aquela noite: ele e Sheila estavam realmente juntos, graças a mim, eles estavam namorando de verdade. Eu sabia que ele tinha já tinha feito muito tendo me procurado para esclarecer tudo e sabia que o certo seria apenas agradecer pela consideração e me despedir, mas eu precisava tirar todas as minhas dúvidas, para tentar zerar aquela história e começar de novo, como ele estava fazendo. Era provável que nós dois nunca mais tivéssemos a oportunidade de ter uma conversa sozinhos, então aproveitei o momento e perguntei: - Se não houve nada além de mal entendidos, me explique mais uma coisa, por que você me abandonou naquele apartamento assim que me mudei para lá?

Miguel fez uma leve careta e ajustou o corpo: - No começo foi apenas falta de comunicação mesmo, a gente não teve tempo de sentar e organizar uma agenda em comum... – depois ele suspirou fundo – depois... depois... – suspirou forte novamente – Olha, eu não quero jogar em você nenhuma culpa pelas coisas terem dado errado entre a gente, então acho melhor a gente deixar isso para lá...

- Eu preciso saber! – afirmei com calma.
- Tá. Não acho que vai nos levar a lugar nenhum esticar esta conversa, mas vou falar... – resmungou contrariado – Depois comecei a sair mais cedo e chegar mais tarde que o normal, porque percebi que você não se sentia bem, que fazia de tudo para evitar que nos encontrássemos... – ele suspirou profundo e completou - Você evitava até mesmo dividir a cama comigo. – concluiu com os olhos cheios de tristeza. Em seguida, pediu a uma das atendentes que passava por perto para que fechasse a conta – Bom, acho que agora podemos seguir em frente. – suspirou e sorriu – Nós ainda vamos nos encontrar muito, principalmente porque o Mário adora reunir os amigos e vai ser bom poder te olhar de frente e saber que você sabe a verdade.

Nós andamos em silêncio novamente até o carro, quando Miguel abriu a porta para que eu entrasse anunciei que preferia voltar caminhando para casa. Para ele disse que seria bom caminhar e poder ir assimilando tudo que tinha escutado, para mim mesma admiti a verdade, eu não estava preparada para ser amiga de Miguel e muito menos, naquele momento, fingir que estava tudo bem, que eu tinha aceitado que não deu certo e ponto, como ele estava fazendo.

Miguel tomou minha negativa como uma forma de demonstrar que ainda estava chateada com ele e me pediu para aceitar a carona como uma prova de paz. Entrei no carro e por mais que buscasse algum assunto neutro para quebrar o clima de tensão eu não conseguia falar,

minha garganta estava doendo tamanho era o esforço que fazia para aparentar normalidade.

Assim que parou em frente ao meu prédio pus a mão em seu braço: - Não precisa abrir a porta para mim...

- Lina, estamos bem. Não estamos? – perguntou virando o corpo levemente para o meu lado.

Mesmo com a voz embargada tentei responder: - Tudo que você me disse não foi motivo suficiente para que a gente não desse certo...

- Eu sei. – disse ele com seriedade e completou – Eu te disse que sabia de tudo. – sentenciou sem perder a calma.

Uma pontada atingiu meu peito com força ao me lembrar que realmente havia me dito que sabia de tudo no dia em que deixei a casa dele. Mas ele tinha acabado de me explicar que não sabia da minha conversa com Sheila e naquele dia eu pensei que era sobre isso que Miguel estava falando. Mas ao concordar comigo que toda aquela confusão não seria capaz de nos separar, ele estava admitindo que tinha mais...

- O que mais você sabe, Miguel? – perguntei com o semblante confuso – O que de tão importante aconteceu para você desistir de mim?

- Você sabe, Lina. Mas eu não quero falar sobre isso... – ele expirou pesado pelas narinas e tombou a cabeça para trás encostando-a no descanso do banco – No fundo eu sou o único culpado por tudo ter acontecido do jeito que aconteceu: você não me disse uma, você me disse centenas de vezes que não estava preparada para um novo relacionamento... Eu mesmo vi o quanto você estava magoada, incorfomada com a separação... aquele apartamento sem mobília... uma prova de que você só estava esperando que seu ex se arrependesse da burrada que tinha feito e te pedisse para voltar...

- Miguel, onde você quer chegar com isso? – indaguei atordoada.

• - Eu forcei a barra para você ficar comigo, depois forcei novamente para que se mudasse para o meu apartamento. Não satisfeito ainda aceitei que minha mãe fizesse aquela palhaçada de festa para comemorar o que eu quis nomear como casamento...

Eu não sabia o que fazer, eu não sabia porque Miguel estava se culpando daquele jeito, então num gesto impensado me joguei em cima dele tentando o abraçar. Ele estava realmente magoado, pois mesmo sem usar de força ou brutalidade me afastou e eu voltei a sentar no banco do carona.

- Lina... – ele sorriu – Não precisa me consolar, eu já entendi.

• Entendeu o quê? Me explique o que tá acontecendo! O que você sabia?

• Eu sabia que você tinha voltado a se encontrar com seu ex-marido. Eu percebia quando ele te ligava e você disfarçava dizendo que era outra pessoa, eu vi que você se afastou de mim, procurou ficar até em outro quarto quando voltaram a se encontrar... – Miguel suspirou doído e vi que seus olhos estavam marejados – Porra, Lina, eu vi vocês juntos no shopping um dia depois do nosso casamento...

Senti meu estômago embrulhar. Minha respiração ficou ofegante e eu estava tão nervosa e atordoada por ele ter interpretado tudo o que viu de um jeito tão errado que não sabia nem por onde começar a desfazer o equívoco: - Miguel... olha só... me escuta... não é nada do jeito que você está pensando...

- Lina, eu não te segui até o shopping porque queria te espionar...

• Isso não importa! – interrompi.

• Para mim importa. – respondeu com frieza – Eu te segui porque você estava estranha e eu queria estar por perto caso precisasse de mim.

Foi o pior dia da minha vida, sabia?

- No dia do nosso casamento a Sheila me contou sobre a aposta... – tentei justificar.

- E você foi logo procurar o ex? Foi correndo para os braços dele enquanto tudo teria se resolvido se você tivesse simplesmente conversado comigo! – desabafou.

- Eu estava com medo de que você confirmasse tudo e terminasse comigo...

Ele cerrou os olhos e franziu as sobrancelhas: - E por isso achou melhor procurar o cara que te sacaneou...

- Miguel, eu não sei porque fiz aquilo. Eu tava magoada, perdida, precisava falar com alguém e naquela hora eu queria que fosse alguém que estivesse fora das nossas vidas, não alguém que estivesse comemorando conosco o nosso casamento. – respirei fundo tentando não chorar – E estava morrendo de medo de você me deixar...

- Não parou por aí, Lina, vocês se encontraram repetidas vezes... Você teve a coragem de ficar com ele naquele restaurante próximo ao apartamento. Eu vi. – e seus olhos eram só mágoa – Por isso eu não apareci no lançamento do livro, não tive coragem de te encarar... Mas eu estava lá por perto, eu te vi me esperando do lado de fora... – ele suspirou – E foi foda ficar te observando de longe... mas como eu suspeitava você só estava precisando de uma desculpa para terminar de vez comigo, e foi o que você fez, aproveitou minha falta para cair fora...

- Não foi isso! Eu pensei que você não me quisesse mais, mas estava sem coragem de terminar depois de ter insistido para que ficássemos juntos... – expliquei limpando as lágrimas e balançando a cabeça de um lado para o outro.

Miguel passou as mãos pelo rosto e sentenciou: - Acabou. Chega. Eu não quero mais falar sobre isso, eu não quero mais pensar sobre isso...

- Eu não estou com o Fábio, Miguel! – exclamei – Você precisa acreditar, ele não significa nada mais para mim! Você nos viu pegando um táxi juntos no casamento...

Ele me interrompeu e completou: - Um táxi no casamento, a presença no enterro da sua tia, os telefonemas e encontros às escondidas...

- Eu não te traí, Miguel!
- Traiu sim. Ter se encontrado secretamente com ele foi uma das piores formas de traição, mesmo que não tenha ocorrido nada físico...

Sua última fala foi o nocaute que derrubou qualquer tentativa minha de me explicar. Ele estava certo, eu traí, sem querer, mas traí. Não foi culpa dele que o nosso casamento tivesse sido um fracasso. A culpa foi minha.

Miguel segurou firme o volante com as duas mãos: - Lina, falei mais do que gostaria de ter falado. Não era para fazer você se sentir culpada. A minha intenção foi só tentar te mostrar que não sou o monstro que você imagina...

- Miguel, me beija? – Não sei de onde surgiu a coragem para fazer o pedido maluco, mas eu estava tão desesperada para senti-lo perto de mim novamente que a frase saiu assim, sem filtro, cheia de sentimento e sem reserva.

Ele me encarou pensativo, sério e respondeu: - Não, Lina, acabou. Estou namorando e é questão de tempo até que você se acerte novamente com seu ex. Prefiro me poupar desta vez.

Acho que nunca me senti tão humilhada na vida. Eu não esperava a rejeição, até porque não esperava ter coragem de escancarar o que sentia por ele daquela forma. Sem condição de encará-lo depois daquela

negativa, abri a porta do carro e fui embora sem me despedir. Sei que ele ficou me observando entrar no prédio, pois só quando atravessei a porta é que ouvi o barulho do motor do carro sendo ligado.

Capítulo 33

FIQUEI ACORDADA PRATICAMENTE A MADRUGADA TODA, SEM CONSEGUIR parar de pensar na conversa franca e reveladora que havia tido com Miguel. Nunca havia passado pela minha cabeça a possibilidade dele ter dito que sabia de tudo referindo-se ao suposto caso que eu estaria tendo com Fábio. Não passou pela minha cabeça, pois para mim era inaceitável a ideia de reconciliação com meu ex. Por um lado Miguel estava certo, o que fiz não considero traição, mas considero deslealdade. Eu deveria ter contado para ele que Fábio tinha me procurado e que num momento de vergonha e desespero acabei me abrindo com ele, pois era o que ele tinha feito ao me procurar para falar da sua separação.

Miguel se sentiu humilhado da mesma forma que eu me senti quando vi a echarpe laranja no pescoço de Gabriela (a tal ex-casinho que se tornou estagiária). Nós dois erramos por termos preferido o silêncio, achando que se não discutíssemos conseguiríamos ao menos viver sob o mesmo teto. O que tanto para mim, quanto para ele pareceu uma forma menos dolorosa que o rompimento. Mas o fato é que mesmo que não tenha dito, Miguel sentia sim algo além de desejo por Sheila, pois bastou que eu saísse de cena para que ele a colocasse no meu lugar, e sua recusa ao meu toque me deixou com a certeza de que ele estava pronto para reconstruir sua história com Sheila e um vazio estranho ficou dentro de mim. Naquele momento eu preferi errar por excesso e não por omissão, então ainda tomada pela emoção da nossa conversa peguei meu celular e mandei uma mensagem para ele.

Miguel,

Só quero que saiba que quando me propôs que ficasse na sua casa por mais um mês aceitei pelo mesmo motivo que te levou a me fazer a oferta, eu também não estava conseguindo te deixar...

Desculpe por hoje, prometo que nunca mais vai acontecer: eu nunca mais vou implorar por seu toque.

Lina Sobral

Em seguida liguei para o Fábio, sem nem mesmo me preocupar se estaria o incomodando, pois o relógio marcava quase quatro horas da manhã.

- Lina – exclamou Fábio, indicando que eu o havia surpreendido – Aconteceu alguma coisa? Onde você tá?
- Estou em casa e estou bem. – respondi secamente.
- O que foi então? – indagou parecendo preocupado, sem nenhum traço de hostilidade na voz.
- Fábio, eu te disse que poderíamos ser amigos, mas não podemos.
- Calma, Lina...
- Só escute, por favor: você me largou e eu segui em frente sem tentar me fazer presente na sua vida, mas você, num novo capricho, resolveu que não queria mais a mulher que está esperando um filho teu e voltou a me procurar... – suspirei – Não tá certo. Fábio, nossa história acabou. Você tem uma nova história e agora é com a Laura. Foi um erro ter me aberto com você e está errado a gente ficar mantendo este laço. Fomos casados, isso não quer dizer que tenhamos que ser amigos pelo resto da vida...
- Não faz isso, Li... – sussurrou, com a voz embargada, parecendo evitar o choro.
- Eu não quero que você fique mal. Me desculpe, mas eu preciso refazer a minha vida... Então se não for caso de vida ou morte, não me

procure mais. Estarei torcendo por você e sei que será um ótimo pai, estando ou não casado com a Laura, mas não quero participar disso! Acabou!

- Eu te amo, Lina. – desabafou apreensivo.
- Desculpe pelo que vou te dizer: mas isto é um problema que terá que resolver sozinho. Manter qualquer laço afetivo com você está apenas te impedindo de seguir em frente... Eu não vou voltar... Por favor, não fique esperando...

Desliguei o telefone, mas não consegui dormir, acho que culpa da adrenalina por ter tido coragem de fazer o que deveria ter feito há muito tempo e assim ter me poupado de tanto sofrimento.

Capítulo 34

NO OUTRO DIA, LOGO APÓS O FIM DO EXPEDIENTE, PEDI ÀS MENINAS QUE adiassem seus planos para a tarde de sábado e me acompanhassem num chope, pois eu precisava conversar com todas elas uma vez só.

- Meninas, tomei algumas decisões seríssimas sobre a minha vida. – anunciei assim que nos sentamos num bar perto do escritório – Só não contei antes porque estava esperando uma oportunidade fora do trabalho e quando estivéssemos sozinhas.

Elas ficaram me encarando com rostos ansiosos e curiosos. Martinha para quebrar o clima de suspense ainda brincou: - Lina, você é a melhor novela que eu já assisti.

Dei uma risada sincera, em seguida respirei fundo e comecei a contar: – Semana passada me encontrei com Miguel e esclarecemos tudo! – suspirei - Acho que ele se sentiu na obrigação de me procurar, pois sabe que nos encontraremos de vez em quando nestas reuniões que você e o Mário adoram promover. – disse olhando e sorrindo diretamente para Diana – E Di, eu adoro comparecer, então façam muitas e não se sintam mal pela gente (disse referindo-se a mim e Miguel). Eu e ele nos comprometemos a agir com toda civilidade do mundo. – concluí sorrindo.

- Como assim se acertaram? O que vocês conversaram? – perguntou Martinha com a mesma curiosidade que estava estampada nos rosto das outras duas.

- Resumindo, ele me disse com todas as letras que está tentando fazer dar certo o seu namoro com a Sheila, que gostou de mim e tal, mas que quer tentar ser feliz com ela... – falei tentando sorrir, mas sem conseguir disfarçar muito bem a tristeza que ainda estava instalada no meu peito.

- Li... – bufou Diana com tristeza – Que merda! Eu odeio o Miguel! Juro! – suspirou mais uma vez – Se ele não fosse como um irmão para o Mário eu nunca mais o convidaria para nada! Mas vou fazer de tudo para evitar futuros encontros entre vocês...

Sorri e afirmei: – Não faça! Eu quero que sigam suas vidas como sempre. Ele terá que se adaptar à minha presença, assim como eu terei que me adaptar a dele. – fechei meu semblante demonstrando que era sério o que falaria – Só quero pedir uma coisa a vocês três: eu não quero saber nada sobre a vida do Miguel. Não quero notícias se casou, se teve trigêmeos, se ganhou na loteria... Nada, nada mesmo! Até o início do ano passado eu nem sabia direito que ele existia... Então quero voltar para aquele ponto de total alienação sobre o que se passa no escritório do Mário. Tudo bem? – perguntei num tom imperativo.

Elas apenas acenaram positivamente.

- Você disse que tinha tomado decisões, no plural! Quais foram as outras? – perguntou Joana querendo me libertar daquele assunto doloroso.

- Liguei para o Fábio e terminei tudo entre a gente: acabei de vez com qualquer esperança sobre reatarmos e pedi que se afastasse por completo. Não quero ligaões, amizade e desabafos também! Quero que ele recomece sem mim e quero muito recomeçar sem ele! – concluí decidida.

As meninas finalmente sorriram com alívio e levantaram as tulipas com cerveja para que brindássemos a esta decisão: - Um viva para Lina!

– Puxou Martinha o coro.

Bebi um gole, abri o sorriso, levantei as sobrancelhas e adverti: - Calma, meninas, ainda tenho mais novidades...

- Deus! Que mulher decidida! Conte tudo! – animou-se Joana – Você está me fazendo sentir uma ameoba que só o que decidi para o novo ano foi começar a caminhar três vezes por semana...

Todas rimos e completei: - Me inscrevi num site de relacionamentos! - tive que dar uma pausa na minha fala tamanha foi a euforia que ficaram – Deixe eu acabar de contar, porra! – bradei gargalhando.

- Tá bom! Tá bom! Meninas, calem a boca porque não quero perder nenhum um detalhe desta história! – esbravejou Diana com o rosto iluminado de tanta felicidade.

Passei a mão pelo rosto, bebi um gole da cerveja, suspirei e continuei contando: - Só não sei se vai dar muito certo...

- Ah, Lina, nem tentou já está cheia de pessimismo... – irritou-se Martinha.

- Deixa eu falar! – arregalei os olhos – Não sei se algum cara vai se interessar... porque... – engoli a saliva – ...tenho conversado todos os dias através do skype com o Celso e ele está me dando o maior suporte, me escutando, me aconselhando...

- Anda, Lina! – suplicou Diana aflita – Dando apoio para quê?

- Qual é o meu maior sonho? – perguntei sorrindo.

Todas falaram em uníssono: - ter um filho!

Assenti com a cabeça e sorri: - Isso mesmo! Por isso resolvi entrar com um pedido de adoção.

As três ficaram paralisadas me encarando com espanto: - É isso mesmo! Vou tentar adotar uma criança! – suspirei – Sei que não é fácil

darem a guarda para uma mãe solteira, mas vou tentar com todas as minhas forças!

Vi os olhos de minhas amigas cheios de lágrimas, não consegui segurar e chorei também. Nos abraçamos por um bom tempo, o que deve ter causado estranheza no garçom já que não estávamos nem na segunda garrafa de cerveja. Então para aliviar o clima completei: - É por isso que acho que será meio impossível arranjar um namorado. Que louco irá querer um compromisso com uma mulher não tão mais jovem e que ainda estará sobrecarregada com a função de ser mãe?

- Nossa, Lina, tô tão emocionada! Quero ser a madrinha! – anunciou Diana.

- Nem pensar, Diana! Desta vez ou eu ou a Joana teremos o papel de destaque. – esbravejou Martinha.

A discussão à cerca de quem seria a madrinha do meu possível filho se estendeu até que Diana pediu silêncio e me olhou pensativa: - Lina, vou pedir ao Mário para te ajudar com a papelada...

Suspirei e entortei o rosto para o lado mostrando que não me senti muito à vontade com a ideia: - Então, Diana, queria te pedir que falasse com o Mário para manter em segredo. Não quero que todo mundo fique sabendo e fique criando expectativas, entendeu? E outra, não quero o escritório dele envolvido nesta minha história...

Diana levantou os ombros e juntou as sobrancelhas parecendo não ter gostado muito da minha decisão: - Puxa, Lina, queria tanto poder ser mais útil...

- O Celso já me indicou um advogado e eu vou começar a separar a papelada. – suspirei com euforia - Não quero ficar muito ansiosa, então, meninas, não me pressionem, não fiquem me cobrando novidades. Eu prometo que vou informando tudo a cada novo passo. Tudo bem?

- Antes do Celso? – perguntou Joana enciumada e revirando os olhos.
- A gente só está aqui discutindo quem tem a chance de ser madrinha porque o Celso não é mulher... – prosseguiu Martinha no mesmo tom de aparente ciúme de Joana.
- Ai, minhas lindas e ciumentas, torçam por mim! – pedi erguendo a tulipa para um novo brinde.

Capítulo 35

CLARA RETORNOU PARA SÃO PAULO NO DOMINGO E COMO JÁ TINHA resolvido praticamente tudo para sua viagem para a França aproveitamos o tempo juntas para matar a saudade antecipada.

Desta vez Celso estava curtindo seus três meses de férias em Paris mesmo, ajudando sua amada Juliete a cuidar do café. Segundo o pai, Pierre mal aparecia no trabalho, gastava a maior parte do seu tempo ajeitando tudo e conversando com minha prima para que decidissem como ficariam juntos. Durante nossas conversas, Celso procurava me tranquilizar garantindo que seu filho estava tão ou mais apaixonado que Clara e que só sentia em Pierre o desejo de ficar com minha prima de vez.

- Poxa, vou sentir sua falta... – resmunguei enquanto nos arrumávamos para um jantar de despedida que organizei para ela. Organizei não, reservei uma mesa num restaurante de comida brasileira, para que ela já começasse a se despedir da nossa culinária. Uma reuniãozinha bem pequena, as meninas do escritório e os maridos.

No jantar, além de ficarmos querendo detalhes e mais detalhes sobre o romance de Clara, também fui alvo de um interrogatório sobre a adoção. Todos estavam surpresos e felizes com a minha decisão, mas a única novidade que tinha era a de que uma assistente social havia marcado uma reunião para me explicar como dar entrada na papelada da adoção e também me tirar as dúvidas iniciais.

O jantar seguiu tranquilo e animado, nada fora do normal, porém durante as despedidas me surpreendi com a atitude de Mário me

chamando num canto para que pudesse falar comigo a sós. Digo que me surpreendi porque, mesmo amando o jeito atencioso, carinhoso e apaixonado que sempre tratou minha amiga, e mesmo sendo sempre divertido e brincalhão com os demais, nunca o vi dispensando seu tempo preocupado em tentar resolver problemas alheios. Ele faz mais o tipo atrapalhado que abraça forte, fica rodeando, mas que não leva muito jeito para embates sérios.

- Lina, tudo bem? – perguntou sorrindo sem graça enquanto olhava para os lados se certificando que estávamos sozinhos.

Cerrei os olhos com divertimento e respondi tentando entender a pergunta: - Tudo. Por quê?

- A Diana me advertiu que não falasse nada sobre o Miguel com você, que evitasse até mesmo pronunciar o nome dele nas conversas em que você estivesse, mas...

Eu o interrompi: - Querido, não há uma guerra entre mim e ele, só quero me poupar. Estou tentando recomeçar e acho que é melhor me afastar um pouco, ou muito! – sorri com doçura para deixar claro que não estava o repreendendo – Mas fique tranquilo, pois tenho certeza de que saberemos nos comportar muito bem quando estivermos no mesmo ambiente. - Eu não duvido disso, Lina, mas é que tenho achado o Miguel tão estranho... tão triste...

Eu ri, balancei a cabeça em negativa e levantei os ombros: - Ah, Mário, eu não tenho como ajudar... é melhor você conversar isso com... – desisti de completar, pois não queria nem mesmo pronunciar o nome Sheila – Esquece... – suspirei – Por que você não conversa com ele?

- Lina, acho que ele sente sua falta...
- Não, Mário! Por favor, não faça isso...

Ele abriu a boca para falar, mas Diana surgiu e o interrompeu: - O que vocês dois estão tramando aí escondidos dos outros? – perguntou sorrindo com divertimento. Aquele sorriso no rosto de minha amiga só demonstrou que realmente Mário estava agindo por conta própria.

Pensei rápido e despistei: - Estou aqui contando para o Mário que amanhã vou me encontrar com um cara que conheci no site de relacionamentos que me cadastrei! – sorri e esfreguei as mãos. Mário me olhou surpreso e pisquei rapidamente o olho para que ele confirmasse minha história: - Vamos nos encontrar naquele barzinho perto da casa de vocês.

Diana exclamou animada: - O “Pagão”?

Arregalei os olhos, sorri e confirmei com a cabeça.

- Mário! – exclamou eufórica - Que tal amanhã a gente passar por lá? A gente senta em outra mesa, Lina... É só para garantir a sua segurança. – afirmou tentando me convencer de que era realmente com a minha segurança e não com a sua própria curiosidade que estava preocupada.

- Nem pensar! – esbravejei.

Os outros se aproximaram e Diana espalhou a notícia. Tive que implorar para que jurassem que não apareceriam no bar. Eles riram bastante e acabaram prometendo, mas eu não estava muito convencida que não iriam aprontar nada.

Ao me despedir de Mário, abracei-o com afeto e sussurrei em seu ouvido: - Esquece esta história, tá?!

- Mário balançou a cabeça para um lado e seu semblante contrariado demonstrou que ele estava realmente preocupado com o amigo.

Na manhã seguinte fui com Clara até o aeroporto e não saí de lá enquanto o avião não decolou. Enquanto esperava sua partida fiquei pensando em como a vida às vezes tem planos muito maiores do que

supomos. Minha aproximação com Celso, por causa da primeira separação, parecia, naquele momento, um plano muito maior do que arranjar um novo amigo, talvez fosse o destino movendo suas engrenagens juntar Pierre e Clara... Achei um pouco cruel demais eu ter me ferrado tanto para que os dois se conhecessem... Mas fazer o quê? Azar o meu! – ponderei.

Meu coração ainda estava doído, não teria como esquecer Miguel em tão pouco tempo, porém não achava certo me lembrar dele durante todos os segundos do meu dia. Era tanta saudade que eu estava rezando para me empolgar um pouquinho com o tal cara do encontro. Pelas conversas através do skype não vi nada que me chamasse a atenção, mas ele parecia ser legal. Assim como eu, Silvio também estava separado, tinha uma filha de 15 anos e era professor de matemática. Eu não o achei atraente, mas não culpei sua aparência e sim minha fixação pela imagem de Miguel (seria difícil arranjar alguém que me atraísse fisicamente depois que elevei meu padrão à estratosfera).

Assim que cheguei ao trabalho as garotas começaram a me importunar sobre o encontro, queriam detalhes e mais detalhes, além, é claro, de se mostrarem bastante preocupadas com o modelo que escolheria para o meu primeiro encontro, então só me deixaram trabalhar em paz quando tive a ótima ideia de que assim que escolhesse o que vestir mandaria uma foto para que opinassem.

Volta e meia, durante o expediente, elas, por me conhecerem tão bem (e mesmo sem tocar no nome Miguel sabiam que eu ainda não havia conseguido esquecê-lo) ficavam tentando me animar, e eu para não decepcioná-las fingia (e elas sabiam) que estava empolgada para conhecer o meu pretendente. Mas ao contrário de todas as minhas preces, quanto mais se aproximava a hora do encontro, mais infeliz e mais louca de vontade de cancelar tudo eu ficava.

Em casa enquanto me arrumava ficava trabalhando meus pensamentos, tentando me convencer de que era além de certo ter um encontro, seria também a forma prática de colocar o meu plano de começar o ano me desapegando do passado. Depois de tudo devidamente aprovado pelas meninas, vestido azul marinho de algodão, comprimento um dedo acima dos joelhos, alcinhas finas, todo soltinho e estampa de florzinhas brancas, sandália de plataforma com cordinha amarrada no tornozelo e um pouco de maquiagem, fui ao encontro do professor.

Ele já estava sentado numa mesa do lado de fora do bar e se levantou sorrindo educadamente enquanto eu me aproximava. Retribuí o sorriso, dei um leve beijo no rosto e sentei de frente para ele. Foi estranho: estava tensa por estar sentada na frente de um cara com quem tinha conversado poucas vezes através de uma câmera e envergonhada por saber que nós dois tínhamos consciência de que estávamos ali não para começar uma amizade. A gente sabia exatamente o motivo de termos marcado o encontro e ter pulado a fase da paquera me deixava desmotivada.

- Você bebe, Lina? – perguntou enquanto levantava o braço para que o garçom nos atendesse.

Confirmei com a cabeça e pedi o mesmo que ele: caipirinha. – não fiz nenhum comentário, mas estava precisando de uma bebida mais forte para relaxar.

Silvio é um homem de estatura mediana, talvez um ou dois centímetros a mais que eu, que tenho um metro e sessenta e seis. Não é feio, nem bonito. A verdade é que sua aparência não me dizia nada: branco, do tipo que não pode sair sem protetor solar, cabelos castanhos claros, olhos pequenos, escondidos atrás de um óculos retangular e um sorriso comum. Mas a falta de atrativos físicos não chegaria a me

incomodar se o papo tivesse sido agradável. Porém depois de passados apenas uns cinco minutos que estávamos tentando engatar um papo mais descontraído ele jogou um balde de água fria na minha esperança de achar qualquer coisa que me fizesse desistir da vontade de sair correndo. Sem o menor tato, cortou nosso assunto e afirmou colocando os cotovelos na mesa: - Lina, não gosto de enganar ninguém! (Ok. – pensei – Não gosto de ser enganada! Então vamos lá!). - ele continuou com um ar de superioridade que mais me soou enfadonho – Você acabou de se separar, eu também. Caímos sem para-quedas na vida de solteiros novamente e eu ainda não estou pronto para relacionamentos sérios (puxa, já ia te entregar as alianças que estão dentro da minha bolsa). Minha filha é adolescente e sei que morrerá de ciúme quando souber que saí com alguém...

Antes que continuasse aquele blá,blá,blá o interrompi: - Vá direto ao ponto, por favor.

Ele arranhou a garganta (eca) e sorriu: - Não somos mais crianças e não vamos mentir dizendo que sexo não nos faz falta...

Meu semblante se desfez e deixei que os ombros caíssem. Eu estava pronta para um palavrão libertador e aconselhar a ser menos imbecil, pois assim talvez conseguisse que alguém lhe fizesse este favor, porém como um imã, meu olhar foi sugado ao homem que estava sentando na mesa à minha frente, Miguel. Ele estava sozinho, me encarando e tomando um chope. Nossos olhares se cruzaram e abaixei automaticamente assim que acenou com a cabeça.

Então mudei meus planos: guardei o palavrão e troquei por um sorriso: Ah, sim, entendo... – e completei tentando fazer a cara mais animada possível – Sílvia, mas fico meio constrangida... não sei se me

entende... – explicava gesticulando – mas podemos deixar a parte do sexo para o segundo encontro?

Aquele desprezível homem fez uma careta na tentativa de ser sensual e abriu um sorriso nojento: - Claro, Lina... Vocês mulheres são tão inseguras... prorrogando para um segundo encontro, hein? – finalizou piscando um olho.

Que nojo! Vontade de vomitar! Eu sabia que não seria fácil me interessar por outra pessoa, mas não sabia que seria tão fácil detestar...

Sílvio sugeriu mais uma rodada de caipirinhas, mas me desculpei dizendo que era fraca para bebidas e preferia deixar “a loucura” para nosso próximo encontro. Pagamos a conta e pedi que ele me acompanhasse até um táxi (só fiz o pedido para que Miguel não me visse saindo desacompanhada. Já era vergonha demais estar sendo observada pelo homem que havia me dispensado e que sabia que eu estava tendo um encontro promovido por um site de relacionamentos, pois eu sabia que não era coincidência o fato de estarmos no mesmo bar).

Passei por Miguel sem me despedir, mas depois de poucos passos pedi que Sílvio me esperasse, expliquei que percebi que não havia cumprimentado um conhecido e que não gostaria de ser mal interpretada. Voltei até a mesa de Miguel que me olhou sem parecer surpreso com o meu retorno: - O que você está fazendo aqui? – perguntei com o semblante sério.

Ele ergueu a tulipa de cerveja e respondeu sem demonstrar nenhum sentimento. Fiquei mais irritada com o que me pareceu uma provocação: - O Mário te contou sobre o meu encontro e você veio se divertir às minhas custas!

Ele respirou fundo e me respondeu sem humor: - O Mário me contou sobre o seu encontro e eu vim sofrer às suas custas.

- Porra, Miguel, você não cansa de ser babaca? Você está bem com a sua namoradinha de uma vida inteira. Vê se me deixa em paz! - Eu não estou com ninguém, Lina. – rebateu ainda sem demonstrar nada.

- Entendi. – respondi com ironia – Deu errado mais uma vez e agora você quer seu step de novo? – saí sem esperar sua resposta, mas ele me chamou, e com medo de que Silvio escutasse alguma coisa e descobrisse mais sobre minha vida do que gostaria dei meia volta e retornei até a mesa.

- Eu te amo. – afirmou assim de supetão – Meu coração quase explodiu e cheguei a ficar sem fôlego, então escutei e simplesmente dei as costas e fui ao encontro de Silvio. Nos despedimos com um beijo no rosto e entrei no táxi forçando entusiasmo quando ele anunciou que me ligaria brevemente para marcarmos um novo encontro mais íntimo (Imbecil!).

Foi difícil digerir aquela declaração de Miguel, havia sonhado e desejado tanto que ele me desse um pequeno sinal de que gostava um pouco de mim. Se ele tivesse me dado um mísero sinal eu teria ficado no meu apartamento e teria feito de tudo para que nosso relacionamento desse certo. Mas enquanto estive com ele tudo que fez foi me afastar e assim que tomei coragem de deixá-lo a primeira coisa que fez foi assumir um romance, e não com uma mulher qualquer, com Sheila, a amante, que fez de tudo para sabotar nossos planos. De tudo que mais me arrependi foi ter pedido aquele beijo. Depois de tudo que passei, vi e ouvi, ainda entreguei meu coração de bandeja para ele mais uma vez. Provavelmente, Sheila, com toda sua instabilidade sentimental, viu que tinha o amante aos seus pés sempre que quisesse e se entendiou com o relacionamento sério. Miguel ciente da idiota útil que fui, fez como Fábio e se arrependeu de ter abandonado a mulher capacho, e como o outro, decidiu não deixar o tempo passar!

No outro dia ao chegar no trabalho contei para as meninas sobre o desastroso encontro e elas, assim como eu, ora riam da paspalhice do meu ex-pretendente, ora o xingavam com genuína raiva. O clima ficou mais tenso quando contei a parte de Miguel ter aparecido no bar.

- Puta merda! Eu mato o Mário! Ele não tinha direito de contar para o Miguel onde você estava! – esbravejou Diana furiosa de um jeito que nunca imaginei que pudesse ver minha amiga ao se referir do marido.

- Calma, Diana... – tentei acalmá-la demonstrando que não estava chateada com Mário, embora estivesse eu mesma querendo arrancar-lhe os olhos – Tenho certeza de que ele só tinha boas intenções... – juntei os lábios, escondendo-os e em seguida completei – Só peça a ele que não fale mais nada da minha vida para o Miguel. Quero de verdade me afastar totalmente dele, pelo menos até que as coisas se acalmem dentro de mim.

- Diana me encarou por um segundo como se quisesse me dizer alguma coisa, chegou até a tomar fôlego simulando que iria abrir a boca, mas parou de repente e simplesmente respondeu um “tá. Pode ficar tranquila.”

- O que foi? Você quer me contar alguma coisa? – perguntei com seriedade – A hora é agora! – adverti.

Ela olhou para Martinha e Joana que pareciam não estarem cientes do que a incomodava, depois respirou fundo, entortou os lábios para um lado e se abriu: - Desculpe, Lina, mas acho que o Mário só abriu o bico para o Miguel... – ela mesma se interrompeu – Olha só, sei que você não quer que eu conte nada sobre Miguel, mas só vou te falar isso para que você entenda a falta que Mário cometeu com você... – ela respirou fundo, passou as mãos pelos cabelos e começou a contar - Sabe depois

do dia que você se encontrou com o Miguel? - Balancei a cabeça positivamente e ela continuou – Então... No outro dia Mário me contou que Miguel chegou com cara de poucos amigos ao escritório e se trancou com Sheila em sua sala e depois disso... – respirou e arregalou os olhos para contar – só o que se ouviu foi gritaria saindo lá de dentro. Mário disse que parecia que a Sheila estava tendo um surto de raiva, pois só se ouvia a voz dela e que quando deixou a sala de Miguel saiu pisando duro e xingando todos que estavam do lado de fora...

- Meu Deus! – espantou-se Martinha – O que aconteceu lá dentro?
- O Mário me contou que esperou um pouco e depois foi conversar com o amigo que lhe confessou que tinha tomado uma atitude extrema, pois além de terminar o relacionamento com Sheila, também a estava desligando do escritório. Ele disse que tinha conseguido uma vaga para ela no escritório de um amigo, mas que estava insustentável a convivência dos dois.

Eu não sabia o que falar, pois estava simplesmente atônita, literalmente de boca aberta com o que Diana havia me contado. Miguel havia decidido acabar de vez com todos os laços que o unia a Sheila. Eu estava impressionada, pois até passava pela minha cabeça a hipótese de que o relacionamento deles poderia não dar certo, mas no campo profissional nunca pensei em rompimento, ela era seu braço direito. Depois de recuperar o fôlego o que consegui falar foi um “Caramba!”

- Caramba não, Lina. Caramba é muito pouco para esta informação, Porra é mais enfático! – sentenciou Joana com os olhos arregalados e as sobrancelhas arqueadas.
- E não foi só isso não. – continuou - Na mesma manhã chamou a Gabriela para uma conversa e assim como fez com Sheila a demitiu. – finalizou.

- E você só conta isso hoje? – exclamou Martinha irritada com a atitude de Diana.

Com o semblante arrependido Diana não contestou, apenas desculpou-se e tentou explicar: - Poxa, a Lina pediu para não falarmos sobre Miguel, e para evitar que vocês caíssem em tentação e não cumprissem a vontade dela resolvi ficar quieta...

- A Diana só agiu como eu pedi, e sei que fez isso por não querer despertar em mim a esperança de reconciliação. - afirmei num tom calmo, mostrando a elas que eu tinha entendido muito bem a intenção de minha amiga.

Eu sabia o que Diana temia: que eu sofresse mais ainda me agarrando à ideia de que Miguel tinha mudado. Talvez tivesse. Bom, não vou ser injusta, ele tomou uma atitude corajosa ao deixar o passado seguir seu rumo, mas isso não me garantia absolutamente nada, pois o que ele me mostrou ao longo do ano que se passou foi que era um homem muito decidido, mas só quando se tratava de seu próprio bem estar. Eu queria mais, merecia mais, queria ter alguém, mas não era a prioridade, minha prioridade era um filho, era poder doar todo carinho, respeito e dedicação que são inerentes à minha personalidade a alguém que estivesse pronto a receber tudo isso. Eu sabia que não seria fácil, mas decidi entrar numa luta que me tornaria uma pessoa mais completa e feliz. Não que eu acredite que uma pessoa só se complete quando tem filho, cada um se completa exatamente com o que lhe traz paz e felicidade, mas este sempre foi meu grande desejo, ser mãe, e eu havia deixado de lado por muito tempo.

Capítulo 36

NA SEMANA SEGUINTE TIVE MEU PRIMEIRO ENCONTRO COM MIRELA, UMA assistente social de uma das casas de adoção de São Paulo. Logo que nos encontramos me simpatizei com sua aparência frágil, voz doce e cara de meninha, mas que já estava chegando aos trinta anos. Ela me recebeu com muita simpatia, aparentando estar bastante solidária à minha causa. Nesta primeira reunião tivemos uma conversa informal, onde basicamente fiquei sabendo a fundo sobre as dificuldades que uma mulher solteira enfrenta no processo de adoção. Contei que não tinha parentes na cidade e ela se mostrou muito apreensiva em saber que eu trabalhava o dia inteiro e não teria ninguém para me ajudar na tarefa.

Saí de lá tentando manter o pensamento positivo, mas ciente de que teria que arranjar forças extras para não vacilar frente aos obstáculos que a cada novo encontro me seriam expostos. Mirela me instruiu que pesquisasse quais lares de adoção da cidade estavam mais abertos a avaliar o pedido de uma mulher solteira e também que pensasse se teria definido algum perfil para a criança.

Minha cabeça ficou a mil, ponderando todos os pontos, refletindo se ter um filho era mesmo um sonho viável, principalmente sendo uma mulher solteira e sem parentes por perto. Fora toda tensão para o próximo encontro com a assistente, não me ajudava em nada os momentos de devaneios em que me pegava, constantemente, imaginando como tudo seria mais fácil se meu casamento com Miguel tivesse dado certo. Mas tudo entre a gente aconteceu de forma atropelada que eu nem ao menos sabia se ele pensava em ter filhos.

Não só os assuntos ligados à adoção preencheram minha semana, infelizmente recebi também dezenas de mensagens vulgares de Silvio, e como não respondê-lo não estava sendo suficiente para que entendesse que não estava a fim de um novo encontro, respondi à última mensagem mentindo que o meu ex-marido também havia me feito a mesma proposta de nos encontrarmos apenas para sexo e que preferi aceitar a proposta de um homem com quem tinha intimidade. O idiota era tão paspalho que apenas lamentou e me desejou boa sorte, sem parecer ter se dado conta de como havia sido grosso e inconveniente.

A notícia que mais me deixou feliz neste período foi a que tive numa conversa pelo skype com Clara, que me disse mal ter sentido a diferença no fuso-horário tamanha era euforia por estar na França e por estar muito bem acompanhada. Pierre estava sendo um perfeito anfitrião, levando minha prima para conhecer os pontos turísticos de Paris, e como ela confessou, estavam fazendo tudo sem pressa nenhuma, pois ele tinha certeza de que teriam a vida toda juntos para explorar cada canto da cidade. Ela também me contou que estava adorando trabalhar na cozinha do café de Pierre e seus bolos e tortas estavam sendo muito bem aceitos pela clientela. Por fim me contou que estava se dando muito bem com Juliete e César, que ele sempre falava com entusiasmo sobre mim, lamentando-se frequentemente por não ter tirado férias e acompanhado minha prima na viagem.

Já a notícia que, inicialmente, me deixou apreensiva foi a de que o irmão de Pedro, marido de Martinha, estava inaugurando um bar no estilo pub inglês, com palco para shows e cerveja artesanal e que éramos presenças obrigatórias no evento. Eu não estava disposta a deixar de conviver com meus amigos ou não participar dos momentos de farra só para não encontrar com Miguel. Meu maior problema era que mesmo sabendo que não era certo, eu tinha vontade

de estar perto dele novamente e não sabia se estava preparada para enfrentar, corajosamente, o Miguel lindo, sedutor, que disse me amar e que estava solteiro. Eu estava mesmo decidida a levar adiante meu desejo de adotar uma criança e precisava ter uma vida em paz e organizada para receber uma criança em minha casa, e isso provavelmente não aconteceria se deixasse Miguel entrar na minha vida novamente.

Sábado, por volta das onze da noite estava entrando no “Rock and beer”, o tal pub. Meus amigos estavam lindos, animados e... acompanhados. Assim que fiquei a sós por um momento com Diana, ela me revelou que Mário não tinha comentado sobre a inauguração com Miguel, então eu poderia relaxar e aproveitar sem medo de encontros inesperados.

Nos sentamos no segundo andar, em volta de uma mesa redonda de madeira rústica e começamos a noitada experimentando as cervejas artesanais apresentadas no cardápio (e não eram poucas as opções, algo em torno de vinte tipos diferentes). No piso térreo uma banda de rock, com uma vocalista ruiva, de no máximo uns vinte cinco anos, cheia de tatuagens por todo o corpo, intercalava o estilo pesado da sua banda com músicas conhecidas de bandas internacionais. Depois de bastante tempo de conversa em volta da mesa, Diana nos chamou para a pista de dança. Eu estava começando a sentir o efeito do álcool e fui a primeira a levantar, puxando Joana pelos braços. Ninguém se opôs, e mesmo com a pista bastante cheia conseguimos nos amontoar num canto próximo ao balcão do bar. As luzes piscavam freneticamente no ambiente escuro e o som era ensurdecedor, mas estava me divertindo por estar fazendo algo bem fora da minha rotina. Numa das minhas giradas descompassadas pensei ter visto Miguel. Parei por um segundo, respirei fundo e me virei de costas para confirmar ter sido uma alucinação, mas não era. Com olhar fixo em mim e o semblante indecifrável, parecendo

que os músculos de seu rosto estavam congelados, um dos braços apoiado no balcão, a mão do braço oposto segurando uma garrafa de cerveja, era ele mesmo quem estava lá. Meu coração disparou, junto com minha boca que secou instantaneamente. Diana seguiu meu olhar e em seguida a vi olhar para Mário furiosa. Ele apenas levantou os ombros demonstrando não ter parte no que estava acontecendo.

Segurei o braço de Diana e gritei próximo ao seu ouvido: - Fica fria! Não brigue com o Mário... Vou até lá saber o que ele está fazendo aqui. – larguei seu braço e fui ao encontro de Miguel que não tirou os olhos de mim por nem um segundo. Assim que me aproximei gritei: - Vamos lá fora... – ele não me respondeu, apenas me seguiu.

Sáímos do bar e tivemos que andar alguns metros para nos afastarmos das pessoas que se aglomeravam do lado de fora fumando e esperando a vez de entrar: - O que você veio fazer aqui, Miguel? – perguntei contrariada.

- Você sabe. – respondeu-me secamente.

Suspirei pesado: - Se for pelo que estou pensando não perca seu tempo. – afirmei decidida.

- Eu te amo. – declarou novamente fazendo meu coração afundar.
- Agora Miguel? – indaguei cerrando os olhos com tristeza.
- Eu sempre amei, Lina. – afirmou e deu um passo em minha direção.

Balancei a cabeça em negativa, suspirei mais uma vez e passei a língua nos lábios tentando amenizar a secura: - Eu esperei tanto para ouvir isso... E agora que estou quase me recuperando do ano passado... agora que estou tentando viver como uma adulta capaz e independente você vem e despeja isso em mim. – desabafei - O que você quer? – esbravejei ressentida – Que eu caia em seus braços, permita que você entre novamente em minha vida e saia atropelando meus planos? – suspirei mais uma vez e desabafei gesticulando com raiva – Você não

pode ser tão manipulador só para satisfazer seus desejos. Agora você decidiu que quer mesmo a Lina. Só agora terminou de vez com a Sheila e resolveu apagar as amantes dos contatos! Caramba, Miguel, eu estava lá! Eu estava totalmente lá!

Ele mais uma vez deu um passo à frente tentando se aproximar e mais uma vez me afastei: - Lina, eu só descobri de verdade que você me amava quando se jogou em cima de mim no carro e me pediu um beijo. Fui um idiota! Me desculpe, mas eu pensava que você ainda era apaixonada pelo seu ex...

- Fui morar na sua casa poucos meses depois de ter terminado um casamento de dezesseis anos. Você entendeu como medo da solidão? Pois não era. – afirmei ressentida.

- E este amor acabou? – perguntou com a voz embargada e os olhos marejados.

- Isso não é o que importa agora. – respondi e com o semblante sério completei – Miguel, quero muito que me escute, e se realmente tem toda esta consideração por mim vai atender ao meu pedido... – ele ficou me encarando com apreensão e continuei – Eu tomei algumas decisões muito importantes para a minha vida e preciso de estabilidade emocional para conseguir o que eu quero. Então se você quer mesmo me ver feliz, não insista! Você já insistiu outras vezes e viu no que deu...

- Eu quero uma chance, Lina. Só preciso de mais uma chance para consertar tudo.

- Eu te dei uma chance quando você me fez de idiota com a Gabriela, te dei uma chance quando aceitei morar com você, te dei várias chances quando fizemos sexo, mesmo não dormindo mais no mesmo quarto. – respirei fundo e continuei enumerando - Eu te dei uma outra chance quando adormeci em seus braços na noite que dormimos na casa de

Clara. Eu te dei mais uma chance quando me pediu para passar mais um mês com você e outra quando fui até o seu escritório na confraternização do final do ano e outra chance quando aceitei seu beijo no casamento da Diana e quando te pedi perdão por não ter te contado sobre o Fábio e ... – suspirei – te dei a última chance quando me humilhei pedindo que me beijasse...

- A gente vai dar certo desta vez. Prometo! – afirmou com seriedade.
- Se eu te der uma chance agora, estarei jogando fora a chance de realizar um sonho, um grande sonho... – desabafei, colocando um ponto final na nossa história louca.

Era um filho ou um romance! Eu queria entregar meu coração para alguém que precisasse dele, não alguém que simplesmente quisesse.

- Eu não posso fazer parte deste sonho?

Não respondi. Foi a primeira vez que vi Miguel chorando, as lágrimas escorriam em seu rosto, mas eu não podia me submeter a um novo capricho: - Agora sou eu quem está te pedindo, me deixa recomeçar a minha vida... – afirmei com o semblante provavelmente desfigurado pela angústia, em seguida virei de costas para ele, sem esperar sua resposta e voltei para dentro do bar.

Foi a decisão mais dolorosa da minha vida, mas era preciso encarar o fato de que mesmo gostando tanto de Miguel eu teria que me afastar dele para conseguir ajeitar minha vida. Se eu tivesse aceitado voltar para ele, poderia acontecer dele simplesmente revelar que nunca pensou em ter filhos, e eu apaixonada, provavelmente abandonaria meus planos, e provavelmente me arrependeria depois. Poderia acontecer dele aceitar participar da adoção, mas não era um desejo construído por um casal maduro e sim por um homem apaixonado e aí haveria a possibilidade dele se arrepender de ter agido por impulso, e o sofrimento seria

dobrado, pois haveria mais uma pessoa fazendo parte desta história. Não era hora de arriscar novamente. Tentamos muitas vezes, todas falharam.

Capítulo 37

S AÍ MAIS CEDO DO TRABALHO E FUI ME ENCONTRAR NOVAMENTE COM Mirela, a assistente social. Ela não estava cuidando formalmente de nada para mim, apenas se dispôs a conversar comigo e me orientar um pouco sobre os procedimentos para a adoção. Havia em mim muita vontade, mas de prático mesmo não sabia nada.

Fiquei cerca de meia hora esperando ela encerrar uma reunião e durante este tempinho pude observar algumas crianças brincando no parquinho da instituição. Eu olhava para elas e meu coração se apertava, pois comecei a imaginar como devia ser o dia-a-dia delas naquele lugar. Não que me parecessem, infelizes, sujas, com fome ou maltratadas, mas eu ficava pensando em como dividiam tudo, até mesmo as migalhas de atenção que tinham... Sem uma mãe por perto para mimá-las quando caíam, sem poder correr para o quarto dos pais quando sentissem medo, sem escolherem os próprios presentes, as roupas... sem a felicidade de se juntar aos mais velhos para doar o que as roupas que não serviam mais, os brinquedos que não mais os interessavam... O mundo deveria ser um lugar melhor, um lugar menos egoísta, crianças deveriam ser imunes à dor e à solidão... Eram aqueles pequenos ali na minha frente que tinham que se contentar em viver uma vida de boa vontade esporádica da sociedade. Uma dor forte atingiu meu estômago quando pensei que eu mesma nada fazia por eles, dois ou três brinquedos no Natal, uma doação de uns poucos reais todo mês, porém nada que chegasse nem perto do que eu gastava num vestido novo ou numa bebedeira qualquer. Tantos domingos eu havia passado sofrendo em casa por me sentir solitária, amargurando por causa da minha caótica vida

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

sentimental... Eu deveria ter usado minha energia com aquelas pessoas e não com sofrimentos, que ali, me pareceram pequenos, embora ainda ocupassem uma parte grande dentro de mim.

Mirela chegou sorridente ao meu lado e segurou meus braços com carinho:
- Estou liberada. Vamos conversar um pouquinho?

Sorri tentando disfarçar os remorsos que pairavam no meu pensamento e respondi enquanto caminhávamos até sua sala: - Sim, vamos conversar. – respirei fundo.

Assim que me sentei de frente para ela no lado oposto da sua mesa ela nos serviu água, ajeitou seus antebraços sobre a mesa e me encarou com profundidade, como se quisesse ler a minha mente: - E então Lina, está mesmo disposta a adotar? Você refletiu com seriedade e clareza sobre o efeito devastador que um filho causa na vida de uma mãe? – ela sorriu, respirou e completou – E finalmente, você acredita que terá condições de efetivamente educar e dedicar um tempo grande do seu dia a uma criança?

Respirei fundo e respondi com toda sinceridade que havia em mim: - Mirela, eu não fiz outra coisa desde o nosso último encontro a não ser pensar. Pensar nos prós, nos contras que não são poucos, confesso...

Ela riu: - Muito bom ouvir isso de você, porque isto me mostra que está sendo realista.

- Não tenho condições de criar sozinha um bebê, pois como sabe não tenho parentes por perto e nem mesmo um companheiro com quem possa dividir as tarefas...

O semblante feliz dela se desfez: - Entendo...

- Mas tenho plena convicção de que sou muito capaz de cuidar de uma criança um pouco maior, talvez de cinco, seis, sete anos... – afirmei arqueando uma das sobrancelhas.

- Então você está me dizendo que está aberta à possibilidade de ter com você uma criança um pouco mais velha? Isto é ótimo! – exclamou, animadamente.

- Sim. Uma criança com quem eu possa conversar com todo carinho e explicar que preciso trabalhar durante o dia para garantir nosso sustento, que a deixarei numa escola bacana durante um período do dia, mas que assim que estivermos juntas farei tudo que for possível para estarmos bem e felizes!

- Está mesmo disposta a ser mãe solteira? Você não tem mesmo ninguém? Não vive nenhum tipo de relacionamento instável que possa vir a atrapalhar seus planos?

- Não! – respondi decidida – Eu não tenho ninguém.

- Você quer uma criança para preencher seu tempo e talvez o espaço algum espaço vazio em sua vida?

- Não! – respondi enfaticamente enquanto balançava a cabeça de um lado para o outro – Quero um filho porque aqui dentro de mim – coloquei as duas mãos espalmadas entre os seios – há muito amor. Há uma vontade enorme de fazer alguém feliz, de fazer o bem para alguém, de dedicar minha vida à formação de outro ser, e tenho certeza de que isso me fará ser a melhor mãe possível.

Mirela nos serviu mais água e anunciou com um sorriso enorme: - Então vamos brindar, querida, pois pelo que ouvi você está apta a entrar com um pedido de adoção na vara da infância e juventude.

Não consegui segurar a gargalhada: - Você acha mesmo que é possível?

- Lina, não será um processo fácil, nem rápido. – advertiu-me com seriedade – Você assistirá palestras, passará por avaliações de todos os tipos, além de toda parte burocrática que é bem cansativa, pois

precisamos nos certificar que nossas crianças estão indo para um lar acolhedor e estável. – depois abriu o sorriso e levantou as sobrancelhas – Mas se tudo der certo, quando você estiver com seu filho (meu coração até doeu ao ouvi-la dizer “seu filho”) você nem se lembrará de toda esta trabalhadeira.

Nos abraçamos forte ao nos despedirmos e Mirela me instruiu que protocolasse meu pedido de adoção na vara da infância e juventude o mais breve possível para que pudesse começar a assistir às palestras.

Saí de lá com o coração cheio de esperança, imaginando que meu sonho poderia vir a se tornar realidade. Pena que neste sonho eu não poderia incluir Miguel, ele era um homem tão intenso, tão vibrante, tão disposto a aproveitar seu tempo, tão sem medo de se expor, e isso era exatamente o oposto do que eu estava precisando. Minha vontade foi de entrar no meu carro e correr até a casa dele. Contar tudo, me jogar em seus braços, dizer que o amava e que tinha certeza que poderíamos sermos felizes juntos, mas eu tive que engolir esta vontade, pois não tinha a certeza de que poderíamos realmente sermos felizes juntos... Então me contentei em ligar para minha irmã e colocá-la a par das novidades.

- Nossa, Lina, você realmente conseguiu me surpreender: uma criança mais velha? – indagou Diana.

- Tenho que ser racional, meninas, lógico que gostaria de conviver com uma criança recém-nascida e assim poder vivenciar todas as suas fases, todo seu desenvolvimento, mas não dá: não tenho com quem dividir os cuidados, e uma criança muito nova precisa de toda atenção...

- Muito corajosa sua atitude! Eu te ajudarei sempre, pode ter certeza! – afirmou Martinha, segurando minhas mãos com força.

- Todas nós a ajudaremos, Li! – completou Joana.
- Então vamos ao trabalho, porque preciso de ganhar dinheiro! Os filhos de vocês são bem carinhos! – brinquei.
- Nem me fale... – Joana revirou os olhos.
- Espere aí, Lina, só um minutinho – pediu Diana –, preciso me explicar sobre o Miguel.

Eu me sentei novamente na cadeira da cozinha e Joana e Martinha fizeram o mesmo, não contive a risada: - Suas futriqueiras!

- Ah, Lina, a gente tá doida para saber o que ele queria com você... – respondeu Martinha fazendo cara de piedade.

• Ele fez o que eu sonhei que fizesse até o mês passado: ele se declarou. Mas antes que se empolguem ou me julguem quero explicar uma coisa a vocês: sempre abri mão das minhas vontades por causa dos meus relacionamentos. Miguel é lindo, é apaixonante e eu o amo, não vou negar, mas vocês sabem que fiz vista grossa para a realidade e apostei tudo num casamento louco, com um homem que eu sabia que era uma bomba relógio, prestes a me explodir! – sorri – E ele me explodiu para fora da vida dele e agora quer que eu volte como se nada tivesse acontecido... E sabem o que provavelmente aconteceria se eu cedesse novamente? Teria que adiar ou até mesmo deixar de lado novamente o meu sonho de ser mãe. – respirei fundo e completei – Não quero arriscar!

As meninas me olharam com cumplicidade demonstrando terem entendido e estarem de acordo com a minha decisão. Diana, então, respirou fundo, cerrou os lábios e começou a falar: - Desculpe, Lina, eu coloquei o Mário contra a parede e ele acabou confessando que além de ter contado para Miguel, o Pedro conseguiu um convite para ele...

- O Pedro? – arregalei os olhos surpresa com a revelação.

- Os nossos maridos cismaram que deveriam ajudar Miguel a reconquistá-la. – sentenciou Martinha contrariada.
- Eu não estou zangada com eles, nem com vocês, só expliquem a minha decisão e, por favor – falei enfaticamente –, peçam que não fiquem contando detalhes da minha vida para ele... Eu e Miguel precisamos nos distanciar de verdade para que possamos deixar nossa história no passado.

Capítulo 38

DEPOIS DE REUNIR TODOS OS DOCUMENTOS NECESSÁRIOS PARA DAR entrada no pedido de adoção, um advogado indicado por Mirela fez uma petição para dar início ao meu processo de inscrição, mas fui informada que só depois que tivesse meu pedido aprovado teria meu nome incluído nos cadastros locais e nacional de pretendentes à adoção. Como o mês de janeiro estava no fim e o carnaval seria bem no início de fevereiro tive que ter uma dose extra de paciência, pois o próximo passo, participação em palestras, só se iniciaria, com sorte, em março.

Ao protocolar meu pedido cheguei a cogitar a possibilidade de começar a fazer visitas regulares ao orfanato que Mirela trabalhava, mas depois de uma conversa com Celso fui convencida que neste início do processo seria melhor que eu mantivesse uma certa distância das crianças do orfanato para que não houvesse a possibilidade de começar a fantasiar ou me apegar a alguma delas. Não gostei, mas entendi e resolvi seguir seu conselho.

Em mais uma conversa com Clara e Pierre fiquei sabendo que ela retornaria em breve ao Brasil para pedir demissão das escolas e colocar sua casa para alugar. Logo em seguida retornaria à França e se casaria no civil, apenas com a presença dos parentes dele. Não porque não fizesse questão da minha presença, de Rosa e sua família, mas porque estavam com pressa para legalizar a união. Celso aproveitou para me dar a ótima notícia (pelo menos para mim) que retornaria ao Brasil logo após o casamento do filho.

O carnaval estava se aproximando e eu estava dividida entre viajar para Trindade e passar o carnaval com Rosa e companhia ou ficar em São Paulo

mesmo, mas me comprometendo a participar dos quatro dias de churrasco na casa de Martinha. Diana e Mário iriam passar dias calmos no sítio da família dele, e Joana aproveitaria para visitar a mãe em Ubatuba. Sem confraternizações carnavalescas? Claro que não. Mário reservou a área de lazer do seu prédio para fazer um churrasco pré-carnaval, na quinta-feira antes do recesso. Diana havia me informado que Miguel iria com toda sua família, por isso não dei certeza sobre minha presença.

- Festa é para divertir e não para ficar constrangida, por isso não sei se vou... – afirmei com sinceridade. Diana não gostou nada da minha resposta e se entendeu minha posição fez questão de demonstrar o contrário.

Na tal quinta-feira tiramos o dia de folga e eu tinha sido informada que o churrasco começaria cedo, por volta do meio dia, mas ainda não havia decidido se participaria ou não. A única decisão que já tinha tomado era de que ficaria os quatro dias em São Paulo, sem me comprometer em participar de todos os churrascos na casa de Martinha.

- Lina, podemos passar aí e te dar uma carona? – perguntou Joana ao telefone.
- Não, obrigada. – respondi com a voz preguiçosa – Ainda não estou pronta...
- Para viver? – retrucou Joana visivelmente irritada.
- Talvez... – devolvi com naturalidade.
- Você já vai ficar enfurnada neste apartamento os quatro dias de carnaval, tenho certeza. – afirmou contrariada – Pretende abrir mão da companhia dos amigos por causa do Miguel?

Revirei os olhos insatisfeita com o drama e com a alfinetada, suspirei e respondi: - Chega de pressão. Eu vou. Mas sem essa de ficarem me ligando de minuto a minuto! – repreendi – Vou tomar banho, me arrumar com calma e depois apareço por lá.

- Tá bom. – respondeu feliz mudando instantaneamente o tom da voz – Esperamos você. Ninguém entendia o que se passava dentro de mim, eu também não havia tentado explicar para ninguém. O fato era que eu não estava sendo caprichosa, rancorosa ou infantil em não querer frequentar os mesmos ambientes que Miguel, pelo menos por um tempo. Eu queria e precisava me afastar dele, pois não tinha conseguido esquecê-lo. Eu não conseguia nem mesmo segurar a respiração doída quando me lembrava de tê-lo pedido para se afastar, logo depois de ter se declarado para mim. Eu precisava me segurar e tentar ser racional.

Pensei que Miguel talvez também estivesse passando pelo mesmo dilema que eu: rever ou não rever, pois assim que cheguei no churrasco, e não cheguei cedo, percebi que nem ele, nem sua família estava lá (confesso que foi um alívio decepcionante). Não tive coragem de perguntar nada para Diana, mas fiquei sabendo entre uma conversa e outra que os pais dele resolveram viajar naquele dia para evitar os tradicionais congestionamentos nas vésperas de feriados na saída da cidade.

Fiquei um bom tempo por lá, mas como não sabia se Miguel apareceria, preferi não beber álcool, pois queria estar sóbria para evitar qualquer falha, desabafo ou atitudes intempestivas. Quando vi que o relógio já marcava quase nove da noite me dei por vencida e satisfeita. Talvez se tivesse bebendo teria mais ânimo para ficar, mas já estava ficando cansada, e como todo sóbrio no meio de bêbados, achando tudo uma grande palhaçada. Me despedi de todos e confirmei sem convicção que se Pedro e Martinha estivessem com disposição para mais um

churrasco no dia seguinte, eu compareceria e também me juntaria à maratona carnavalesca.

Enquanto andava pelo corredor que dava acesso à portaria fui procurando a chave do carro dentro da bolsa, me despedi rapidamente do porteiro que apertou o botão que destravava a porta de ferro de acesso. Atravessei a porta totalmente distraída, remexendo na bolsa, e levei um susto enorme (daquele tipo que o corpo estremece perceptivelmente) ao perceber que havia alguém, um homem encostado na parede, bem próximo a mim. Logo imaginei o pior, que pudesse se tratar de um ladrão que estava apenas à espera de que o portão fosse destravado para se aproveitar e entrar no prédio. O meu coração estava disparado e minha garganta seca pelo medo, então, sem saber exatamente o que fazer dei uma rápida olhada para o lado e respirei forte em busca de ar. Foi quando constatei que o homem era Miguel.

- O que você tá fazendo aqui?! – perguntei em tom de desabafo – Meu Deus! Que susto!

Ele deu um meio sorriso (claramente para me confortar, sem nenhum traço de que achou graça em me assustar, mesmo que sem intenção): - Desculpe, eu não pensei que poderia assustar alguém...

- Não, tudo bem... – respondi sem graça, forçando um sorriso – Eu que estava distraída procurando a chave... – parei minha fala e suspirei juntando as sobrancelhas – Não vai entrar?

Ele olhou para o lado oposto onde eu estava, respirou fundo, passou as mãos pelo rosto e se desencostou da parede ajeitando o corpo: - Não sei. Estava aqui pensando se deveria entrar ou se era melhor eu ir embora para não atrapalhar...

Nossa, como era difícil estar tão perto dele e tentar manter a pose de que estava tudo bem e que eu tinha superado num passe de mágica tudo

que vivemos juntos. Meu estômago se contorcia em arrepios, tamanha era a minha vontade de abraçá-lo. Ali tive a certeza de que nunca havia sentido tanta coisa forte por alguém, nunca tinha sentido tanta saudade, tanto desespero... Então na tentativa de me restabelecer olhei com ternura para ele e me despedi.

Eu tentava caminhar rápido em direção ao carro, mas faltava ar em meus pulmões e minhas pernas estavam bambas. Desacelerei os passos para sentir um vento bom, uma brisa refrescante passar por mim e, no mesmo instante, Miguel me chamou. Olhei para trás e ele se aproximou com o semblante desfeito: - Só um abraço? – respirou fundo – Não quero nada além de um abraço, por favor...

Perdi o pouco das forças que me restavam e acho que por isso parei de lutar contra mim mesma. Quando voltei para a terra me dei conta de que estava atracada ao corpo dele, e que nos beijávamos com força. Eu precisava estar com ele mais uma vez, eu precisava da falsa segurança que ele me dava. Deixei o carro onde estava e num surto imprudência total aceitei seu convite para ir para sua casa. Quando entramos no elevador meu coração disparou novamente com a mistura de lembranças ruins e boas que tinha daquele lugar. Prefери ficar quieta, e Miguel, por me conhecer muito mais do que eu supunha, apertou com força minha mão, como se dissesse com aquele gesto “está tudo bem”, sem precisar usar as palavras.

Ele abriu a porta do apartamento e por mais louco que fosse, senti como se estivesse em casa novamente. Uma sensação boa me invadiu: estava em paz, na minha casa, com o homem que amava. Tudo que começamos na rua da casa do Mário, recomeçamos no apartamento. Miguel não ousou cortar o clima me oferecendo alguma coisa ou propondo uma conversa, apenas não soltou nem por um segundo minha mão enquanto subíamos a escada para o quarto.

Eu nunca tinha pensado sobre o assunto, mas lá, naquele quarto, senti que estava disposta, viva de novo e percebi o quanto sentir saudade cansa. Talvez seja um dos sentimentos mais estafantes, porque além de ter o coração constantemente apertado, a respiração doída e a sensação de ter, mas não conseguir se desligar do passado fez meu corpo ficar exausto e talvez por ter ficado tão relaxada dormi e tive um sono profundo, feliz por estar agarrada a Miguel.

Quando acordei ele ainda estava ao meu lado, deitado de bruços, observando meu sono. Nos encaramos e ele sorriu. Foi um sorriso tão calmo, como há tempos eu não via, por isso não resisti e retribuí da mesma forma. Mas não demorou muito para a tal racionalidade aparecer. Ela chegou e minha tranquilidade se foi por completo. Quando olhei novamente para Miguel me dei conta da besteira que fiz em ceder ao meu desejo. Foi como se estivesse jogando aquele jogo de dados de criança e tivesse parado na casa “você não pensou nas consequências, volte dez casas”.

Porra, Lina! Será que você merece a dádiva de poder cuidar de uma criança? Se você não consegue fingir para si mesma que é uma pessoa estável, como vai provar para uma assistente social? E se descobrirem que você se separou, casou novamente, separou e agora está na cama do ex? Qual é a chance de confiarem em você?

Miguel, eu preciso ir. – anunciei enquanto me levantava da cama.

Ele me olhou com algo entre raiva e ódio. Claro que meu coração doeu, eu sabia muito bem que estava o magoando profundamente e que ele deveria estar achando que eu estava fazendo uma espécie de vingancinha: - Tudo bem. – respondeu secamente.

Meus olhos se encheram de lágrimas e eu estava tentando vestir a roupa o mais rápido possível. Miguel se antecipou a mim, colocou

apenas uma bermuda e saiu do quarto. Aproveitei que estava só para sentar um pouco e pensar no que falar para ele, como explicar minha reação. Simplesmente dizer “Miguel, entrei com um pedido de adoção e por isso não posso e não quero complicações sentimentais...” Mas eu já sabia qual seria a resposta: “Lina, é fácil, a gente se casa e adotamos juntos uma criança”. Mas um filho era um sonho meu, só meu. Nunca, em nenhuma conversa que tivemos Miguel me relatou o desejo de ser pai. Então ele aceitaria a ideia apenas para que eu aceitasse ficar com ele, e apenas por esta razão, sem o desejo sincero, sem ponderar todos os aspectos ele estaria embarcando numa história que pudesse vir a se arrepender, pois nem a todos cabem a vontade de cuidar de crianças que não são suas, que não têm seu sangue... Não acho errado, é como na famosa frase do “Tu te tornas eternamente...”

Desci as escadas e como esperado ele estava na sala, sentado no sofá. Fui até ele e preferi ficar de pé para evitar um novo contato físico: - Miguel, sei que está me odiando agora... desculpe, eu fui muito estúpida... eu não deveria ter vindo... – suspirei novamente tentando evitar o choro – eu tenho planos, ou melhor tenho um sonho, e preciso estar sozinha para realizá-lo, porque é algo que cabe só a mim...

Miguel me interrompeu: - Não perca seu tempo me explicando nada... – e seu olhar foi fulminante de encontro ao meu – Só me dou ao direito de dizer a você o mesmo que me disse um tempo atrás: Não vou nunca mais implorar que me toque!

Engoli em seco aquela frase e deixei o apartamento arrasada.

Porra, eu não vou aguentar ficar seis dias sozinha nesta cidade, remoendo este encontro desastroso! Preciso urgentemente de abrigo!

Peguei um táxi em direção à casa de Mário para buscar meu carro e no caminho resolvi ligar para Rosa. Ela ficou feliz por saber que eu estava

de partida para Trindade, que havia resolvido passar o carnaval com ela e as crianças: - Lina, você vem dirigindo? – perguntou apreensiva.

- Acho que é o jeito... coloco no GPS e vou... – respondi com tranquilidade – Mas pode deixar que vou sem pressa, parando de vez em quando para descansar. - ponderei - E nem é tanto tempo assim, quatro, cinco horas no máximo...

- No carnaval, Lina? – perguntou com sarcasmo – No mínimo umas seis horas...

Expliquei que não queria ficar sozinha e que havia feito revisão no carro há menos de duas semanas, então estava tudo certo para a viagem. Rosa concordou, mas me fez prometer que ligaria a cada parada.

Passei em casa, joguei algumas roupas dentro da mala e peguei a estrada. Era música alta e choro, choro e arrependimento. Acho que minha cabeça trabalhou tanto, mas tanto, que nem senti o tempo passar. Realmente gastei seis horas ou um pouco mais no trajeto, não por causa do trânsito, que estava relativamente tranquilo, mas porque fiz as tais paradas para descansar e comer.

De todas as resoluções que tinha tomado desde o início do ano, a de passar o carnaval com minha família foi a mais prazerosa até aquele momento. A casa era linda, o clima perfeito, meus sobrinhos felizes, minha irmã animada, meu cunhado, como sempre, extremamente gentil, animado e brincalhão. Então resolvi não falar sobre o encontro com Miguel, sei que se fizesse isso nublaria o tempo dentro daquela casa e acabaria com o clima descontraído.

Capítulo 39

O FERIADÃO ACABOU, RETORNEI A SÃO PAULO E A DOR DENTRO DO PEITO VOLTOU com tudo depois do pequeno descanso em Trindade. Mas houve o lado bom de ter voltado, pois entrei em contato com a vara da infância e juventude e eles me disseram que em breve receberia a agenda das palestras que teria que assistir. Eu estava com muita esperança de que pudesse conseguir ser incluída em alguma reunião ainda no mês de fevereiro.

Sempre achei estranho o modo como meus mecanismos de defesa funcionavam: algo me magoava profundamente e eu, automaticamente, me apegava a alguma coisa que me proporcionasse o mínimo conforto mental. Quando senti que meu casamento com Fábio estava começando a esfriar (algo em torno de três ou quatro anos antes dele me pedir a separação) depusitei grande parte da minha energia cuidando de um jardim vertical que construí na parede da minha sacada. Lembro de levantar mais cedo para ter tempo de regar com calma minhas flores, no trabalho me distraía pensando em melhorias para o jardim e quando chegava em casa corria para conversar um pouco com as plantas antes que Fábio chegasse em casa e começasse a implicar com a minha maluquice. Eu e Fábio mal conversamos durante o processo de separação, mas quando estava retirando minhas coisas do apartamento me lembro de ter conseguido passar por cima de toda raiva e ressentimento e pedir a ele que cuidasse das minhas plantas, pois não teria como levá-las comigo. Aí, morando sozinha, passei a me dedicar em arrumar os arquivos e livros no escritório. Foi uma organização lenta e criteriosa. Tudo tão bem pensado e palnejado, afastando, mesmo que por pouco tempo, meus pensamentos do momento difícil que passava.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Para minha surpresa e decepção na fase Miguel o mesmo não estava acontecendo. Não conseguia me apegar a nenhum passatempo, nem durante o casamento mal sucedido e nem depois da separação. Tudo estava sendo tão intenso, tanto o convívio quanto o rompimento, que não me sobrava forças para tentar me distrair.

Já estava quase me conformando em conviver com aquela dorzinha chata da perda, forçando minha mente a se conscientizar de que um dia aquilo, como todos os outros ciclos também se encerraria. Mas, mais uma vez fui pega de surpresa pela minha mente e um novo hobby surgiu em minha vida através do olfato. Foi no dia que cheguei de viagem, enquanto desfazia minha mala no quarto senti um cheiro delicioso de mel açucarado entrando pela porta da sacada que dava para a rua. Desci até a calçada e não precisei me esforçar para descobrir que uma pequena lojas de doces havia sido inaugurada numa das lojas do prédio, provavelmente no período em que eu estava fora da cidade. Foi neste momento que passei a afogar minhas mágoas no delicioso pão de mel, o dono do aroma delicioso que chegou até o meu quarto. Naquele mesmo dia, ainda sem saber o que me esperava, comprei um pãozinho e voltei para o apartamento para deliciar pedaço a pedaço daquela maravilha. Depois disso descobri que havia voltado ao meu padrão de fuga dos problemas, pois me entreguei sem pesar àquela tentação açucarada. Pão de mel passou a ser meu segundo elemento indispensável para sobreviver, e acredito que passei a ser o primeiro elemento necessário à sobrevivência da lojinha de doces. Eu levava pão de mel para o café da manhã no escritório, reservava um para depois do almoço e saía do trabalho torcendo para que ainda desse tempo de comprar mais um, fresquinho, saindo da última fornada para devorar antes de dormir. Minha suspeita de que o tal doce seria minha nova mania se confirmou quando saí para trabalhar numa quinta-feira e fiquei esperando até que a primeira fornada saísse. Se alguns usam o álcool para

afogar as mágoas, eu estava abusando do açúcar para tentar adoçar as minhas...

Na última semana de fevereiro Clara retornou ao Brasil para resolver algumas pendências, assinar a exoneração do cargo de professora em uma escola estadual que trabalhava, assinar a demissão da escola particular, colocar sua casa para alugar e levar o resto de suas roupas e mais alguns objetos pessoais. Fui buscá-la no aeroporto e tão apressada estava para voltar logo ao encontro do amado que não aceitou passar nem uma única noite comigo em São Paulo, queria resolver tudo em no máximo uma semana.

- Caramba, Clara, você está ainda mais linda com tanta felicidade estampada no rosto! – afirmei enquanto a abraçava apertado. E não estava mentindo sobre sua aparência, minha prima sempre foi bonita: alta, cabelos ondulados castanho, e como eu, olhos amarelos, quase verdes. Mas estava sempre escondida atrás de roupas extremamente básicas e do semblante sisudo na maioria das vezes. Ela precisava de um ânimo, de chacoalhar sua vida com algo inesperado e Pierre foi este inesperado. Ele a enxergou de verdade, mesmo debaixo daquela casca triste e trouxe à tona a verdadeira e exuberante Clara.

- Lina, meu amor, não fique brava comigo... – disse sorrindo enquanto nos soltávamos aos poucos do abraço – Mas eu quero voltar logo para a França. Semana que vem no máximo!

- Jura? – perguntei surpresa.

Clara sorriu e balançou a cabeça para cima e para baixo: - Eu e Pierre ainda não decidimos a data do casamento... Pensamos melhor e chegamos à conclusão de que não será legal se você, a Rosa, o Rodrigo e os meninos não estiverem conosco para comemorar.

- Jura? – indaguei novamente, mas desta vez com um sorriso enorme no rosto.

- Juro! – sorriu.

- Vou para Paris em breve então! – suspirei.

- Pode ir se preparando porque vai sim!

- Oba! – abraceia-a novamente – Você não está sendo desnaturada como fui. Eu resolvi me casar sem a presença da família... – sentenciei curvando os lábios para baixo – Vai ver que é por isso que não deu certo... – suspirei com divertimento - Você e a Rosa devem ter me jogado alguma praga! – brinquei cerrando os olhos em sua direção e concluí com falsa amargura – E eu ainda te arrumei um belo de um francês!

Ela gargalhou: - Só se nós duas tivermos jogado uma praga para você engordar... Você está mais cheinha, não? – perguntou me analisando de baixo para cima.

- Só você e minhas roupas que notaram isso! – brinquei abrindo o sorriso e apertando os olhos – Pão de mel, Clara. O pão de mel de uma loja no prédio é o culpado... – abri um sorriso enorme mostrando os dentes e arregalando os olhos – E não precisa ficar com vontade, trouxe alguns comigo no carro e você leva para ir comendo durante a viagem.

- Tá bom... – deu um meio sorriso e balançou a cabeça em desaprovação divertida – Enquanto alugo um carro, você vai até o seu e busca o tal pão de mel...

- Beleza. – respondi me virando para buscar o pacote.

- Lina, espere! – Clara me chamou novamente – Faça um favor para mim...

- Claro.

- Dê carona a um amigo meu, por favor. Vou pedir a ele que já guarde a mala no seu carro.

Estranhei o pedido, pois ela não havia me falado nada sobre um novo amigo e não acreditava que seria louca de me pedir para dar carona a um simples conhecido de voo, mas como estava bastante mudada apenas a encarei demonstrando minha estranheza.

Clara sorriu e apontou para frente: - É aquele ali.

Meu coração disparou de felicidade ao ver Celso parado um pouco afastado de nós duas, com uma mala velha e surrada, de alças, jogada no chão ao seu lado. Fui correndo até ele que já me esperava de braços abertos: - Você? Aqui? Não acredito! – suspirei aliviada enquanto deixava que me abraçasse com força.

- Os dois (disse referindo-se a Clara e Pierre) não vão mais casar às pressas, então estava passando da hora de voltar ao trabalho! – afirmou sorrindo.

- Que bom que voltou! – suspirei aliviada.

Ele pegou a mala e com o jeito brincalhão de sempre segurou minha mão com a mão livre: - Você, meus pacientes e minhas contas me fizeram voltar...

Guardamos as malas no carro, voltamos para nos despedir de Clara, e óbvio, que o convidei para tomar um café comigo na doceria e assim poder conhecer o famoso pão de mel. Celso me contou um pouco sobre o tempo que passou ao lado de Juliete e me disse que sentiu que as coisas entre eles estavam mudando novamente, pois, segundo ele, não sabia se a velhice estava chegando ou a possibilidade da família aumentar depois da chegada de Clara, depois a possibilidade de um possível netinho ou netinha fez com que sua eterna namorada o

surpreendesse com um pedido para que se mudasse de vez para França e, mais surpreendente ainda, para que se mudasse para a casa dela.

- Casamento coletivo, aposto! – afirmei enquanto bebíamos o café.

Ele sorriu divertido: - Eu e Juliete não seríamos tão inconvenientes de roubar a cena dos dois belos jovens...

- Acho que eles amariam...

• Não sei... mas não pretendo me casar – fechou o semblante e em seguida gargalhou – Agora é a vez de fazer aquela francesinha louca provar do seu próprio veneno!

Pensei um pouco antes de perguntá-lo, pois não queria parecer intrometida, mas desde que fui à casa dele pela primeira vez tinha ficado uma dúvida em mim: - Celso, e os seus pacientes? – perguntei preparando o terreno para a próxima pergunta.

• Bom - respondeu pensativo –, se eu decidir mesmo pela mudança definitiva passarei meus pacientes, se quiserem, claro, para um grande e competente amigo meu... Um cara tão bom que eu mesmo, se fosse meu paciente, iria preferir a troca... – brincou sorrindo.

Eu apertei os olhos e fiz uma careta divertida demonstrando contrariedade: - Tenho certeza de que nenhum deles vai gostar da ideia. – e continuei pelas arestas – E pretende abrir um consultório por lá?

• Não, não... talvez dedique meu tempo a escrever outro livro. – respondeu ainda pensativo.

Não aguentei e fui direto ao ponto: - Me ensina a não ter tanto apego ao trabalho e ainda assim ganhar dinheiro?

Celso gargalhou alto e divertido: - Lina, você faz os meus dias serem muito mais divertidos...

Tentei me explicar melhor: - Poxa, três meses de férias por ano. Cada ano em um país diferente, poucos pacientes para poder ter tempo ocioso

e tempo para escrever, você me disse uma vez... – fui enumerando com os dedos – ... e aquele mega lindo chique e poderoso apartamento...

- Por que você nunca me perguntou de onde vinha meu dinheiro? Somos tão amigos, em breve parentes... – continuou parecendo achar engraçado.

Arregalei os olhos: - É normal fazer este tipo de pergunta?

- Meu pai era fazendeiro no interior do Mato Grosso. Rico, rico mesmo. Eu não tenho irmãos, ele morreu fiquei com tudo, ou melhor, vendi tudo. – sorriu para mim – E não sou burro não, Lina, tenho muitos investimentos e fico de olho. – puxou com o indicador a parte da olheira para baixo – Ninguém me passa a perna não!

- Uau! – suspirei e depois desabafei em tom de brincadeira – Minha prima é uma sortuda: vai casar com o maravilhoso francês, filho de um ricaço! – bufei – O Pierre podia ter se interessado por mim! Caramba!

- Não ia adiantar nada! – suspirou ele – Seu coração já tem dono...

- Ah não, não quero falar nada sobre mim hoje! – esbravejei.

- Tudo bem, eu te entendo... A gente vai conversando durante a semana. Quando estiver disposta a desabafar estarei pronto para te ouvir...

Não adiantou nada toda a minha ansiedade em fevereiro, pois a convocação para participar das palestras para adoção só chegou no final de março. Assim que recebi o e-mail com a data, local e horário da primeira reunião liguei para Mirela para contar que, enfim, havia sido convocada. Ela, simpática e atenciosa como sempre, me disse que no dia seguinte iria ao fórum perto do lar onde trabalhava para resolver alguns problemas burocráticos e que gostaria muito que eu conhecesse um

advogado amigo dela. Na hora senti as pernas bambearem: - Por acaso ele se chama Miguel? – perguntei ressabiada.

- Não. Por quê? – devolveu a pergunta com curiosidade – Você tem algum amigo advogado que se chama Miguel?

Não queria mentir para ela, estava tudo caminhando tão bem e até aquele momento eu só omiti sobre parte da minha vida amorosa... Omiti precisamente sobre apenas um ano da minha vida.

- Não, o marido da minha sócia é advogado e o sócio dele se chama Miguel e... (Deus! Tô me enrolando mais ainda! Boca aberta!)... e fiquei sabendo que ele também quer adotar uma criança.... (Agora já foi) – suspirei arrependida pela mentira, mas precisava ter certeza de que não era com ele que ocorreria o encontro.

- Bom, é Alessandro o nome dele. – respondeu por fim.

- E por que você acha que seria bom que me encontrasse com ele? – perguntei aflita, pensando que talvez por tentar ser mãe solteira teria que ter apoio judicial.

- Porque ele adotou recente e pode te contar um pouco sobre como foi seu processo. – suspirou fundo – Embora você tenha que ter consciência de que cada caso é um caso. Ok?

- Sim, claro. – respondi – Passe o endereço e o horário e estarei lá.

- Ótimo, Lina, até amanhã.

Capítulo 40

NO DIA SEGUINTE TRABALHEI DIRETO, SEM INTERVALO PARA ALMOÇO, beliscando biscoitos doces e tomando café até as duas da tarde. Tive que trabalhar direto para sair mais cedo, um pouco depois das três, para me encontrar com Mirela às quatro, sem atraso.

Estava no trânsito quando senti minha pressão abaixar, o corpo foi ficando mole, culpa da falta de sal no organismo (é o que minha mãe sempre me dizia quando sentia este tipo de tontura). Eu não queria me atrasar para o encontro, mas me vi obrigada a estacionar o carro e parar num restaurante qualquer e almoçar, pois era comida, farta e pesada que meu corpo pedia. Minha boca salivava só de imaginar um prato com bife grande e quentinho, arroz soltinho, feijão, batatas fritas e salada de tomate e alface. E não era só isso: queria suco de laranja fresco e gelado, com muito gelo e uma pitada de sal, do mesmo jeito que minha avó materna fazia. Entrei no primeiro bar-lanchonete-restaurante que oferecia o nosso tradicional PF (prato feito), fiz o pedido e enquanto esperava pela comida liguei para Mirela, que me tranquilizou dizendo que também se atrasaria e que Alessandro estava ainda em reunião.

O prato enorme foi colocado à minha frente e fiquei tão feliz que abri um sorriso enorme de gratidão para o atendente. Ele chegou a brincar comigo dizendo que fazia tempo que ninguém ficava tão feliz em vê-lo. Sorri novamente, mas não perdi tempo com respostas, fui atacando o prato com vontade, cada garfada mais saborosa que a anterior. E o suco? Como descrever o melhor suco de laranja do mundo? Eu bebia, mexia o conteúdo com o canudo e chupava o gelo e recomeçava o processo de comer e beber

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

em seguida. Não devia estar sendo uma cena muito bonita para algum expectador desavisado, mas não me importei, pois concluí que não era possível que alguém estivesse perdendo tempo me observando.

Estava errada. Abri os olhos depois de um delicioso gole e quase engasguei com a visão à minha frente. Sim, São Paulo é comprovadamente a maior cidade da América Latina para o mundo todo, mas para mim, nos últimos tempos, parecia ser do tamanho do meu bairro em Botucatu, pois vez ou outra eu encontrava algum conhecido sem aviso prévio. E desta vez Fábio, Laura e a enorme barriga dela estavam parados de pé em frente a minha mesa.

- Oi... – cumprimentei sem graça, pegando rapidamente o guardanapo de papel e esfregando sobre os lábios.

Fábio, diferente do que supus, abriu um enorme sorriso: - Lina, há quantos dias não come? – indagou brincando.

- Não deve ter tanto tempo não, Fábio, pois ela está com o rosto bem redondinho... – alfinetou Laura, com o semblante sisudo e a cara de nojo.

Antes de respondê-los meus olhos fixaram por um segundo em suas mãos entrelaçadas e soube, então, sem precisar de perguntar nada que haviam se reconciliado. Não sei se por não sentir mais nada por Fábio, não sei se por estar gastando minhas energias apenas em comida e na ansiedade sobre a adoção ou talvez pela gravidez ter feito muito bem à Laura, não estava mais a achando uma mulher horrorosa, com aparência semelhante aos das bruxas de filme de terror. Não estava a achando linda, mas sua aparência não me causou nenhuma estranheza.

- Não almocei hoje. Só isso... – respondi sorrindo – E... com vocês e o bebê... tudo bem? – perguntei repousando os talheres na beirada do prato, sorrindo amigavelmente, mas sem me levantar.

Fábio continuou sorrindo: - Estamos bem. – suspirou forte e ergueu as mãos unidas antes de completar – Estamos juntos.

Olhei para ela e em seguida para ele e sorri com sinceridade: - Espero que sejam muito felizes e que tenham um filho lindo e saudável.

Laura forçou um sorriso e Fábio me encarou com ternura: - Então tá... a gente se esbarra por aí...

Balancei a cabeça positivamente e sorri com a boca fechada. Eles se viraram e deixaram a lanchonete. Não tive tempo nem de pensar sobre o encontro, Fábio retornou apressado e sorridente, deu a volta na mesa, se agachou, segurou minhas mãos e as beijou, suspirando forte e me encarando em seguida: - Você sabe que eu te amo muito, não sabe? Eu ainda não tenho bem certeza de qual tipo de amor sinto por você... Eu tô formando uma família... – respirou fundo novamente e sorriu com uma espécie de saudosismo no olhar. Eu andava tão sentimental depois do término com Miguel e dos estudos sobre a adoção que acabei deixando que meus olhos marejassem enquanto ele falava – Mas você vai sempre ser uma pessoa muito especial para mim...

Sorri e apertei de leve as mãos dele: - Eu sei. Você também.

- Então não me tira da sua vida não! – pediu apertando os olhos – Quero ser seu amigo, quero que veja meu filho crescer...

Eu o abracei, suspirei fundo e respondi: - Claro que não vou te afastar. Aquele tempo separados foi ótimo, viu? Você desfez a confusão e voltou para Laura e agora formarão uma família bem linda. – afirmei – Mas a gente vai se falando...

Ele me abraçou novamente: - Te amo, Li. Você tá linda! Agora deixa eu correr antes que ela fique com raiva. Mulher grávida é tão sentimental...

Cheguei ao fórum quase uma hora depois do horário marcado, com a barriga cheia, pesada e pensando se chegaria a tempo de pegar a doceria aberta para comprar...

Ai... ai... tomara que essa fome de pão de mel seja por causa do Miguel e não do filho, porque se for por causa dele tenho fé que um dia vai passar, mas se for por causa do filho que pretendo ter tenho que me preparar para conviver com um novo corpo, talvez um corpo com 200 quilos!

- Lina! – chamou Mirela acenando para que eu fosse ao seu encontro. Acenei de volta e me apressei até ela: - Me desculpe pelo atraso...

- Não se preocupe, o Alessandro também chegou agora. – respondeu virando-se para procurá-lo – Ali está ele...

Como não o conhecia e havia um monte de homens de terno e gravata apenas a segui: - Alessandro, esta é a Lina...

Ele se virou sorrindo e o homem ao lado dele também se virou, mas sem o sorriso do amigo no rosto...

- Miguel! – afirmei surpresa.

- Ah, você já conhece o Miguel... – disse Alessandro me estendendo a mão.

- Este é o Miguel que também quer adotar uma criança! – sentenciou Mirela com um enorme sorriso aberto.

Tive duas vontades: sair correndo dali e tapar a boca de Mirela com a minha mão. Eu olhava para Miguel sem saber o que dizer. Ele também me encarava, sem nenhum traço de humor, parecendo furioso, provavelmente por estar sentindo traído por receber aquela informação daquela forma.

Mirela percebeu o clima tenso e se desculpou: - Miguel, era segredo seu desejo de adotar uma criança? Me perdoe...

- Você está pensando em adotar, Miguel? – perguntou Alessandro sorrindo – Por que não me contou, cara? Logo você que me ajudou tanto...

Caramba! Que merda que eu fiz! O que Miguel deve estar pensando que eu falei sobre ele? Ah, meu Deus! Socorro!!!!!!

Miguel, enfim sorriu. Um sorriso forçado: - É... quem sabe? A ideia é... – ele suspirou, estendeu a mão e foi se despedindo de nós três sem completar a frase – Bom, tenho que ir... Amanhã a gente conversa, Alessandro...

- Puxa, Lina, te deixei numa situação ruim com o sócio do seu amigo... – disse Mirela constrangida.

- Não, não é nada demais. – disfarcei sorrindo enquanto acompanhava com os olhos os passos apressados de Miguel – Mirela, Alessandro, vou ter que deixar esta conversa para uma próxima vez... – saí sem esperar por resposta e fui correndo, quer dizer tentando, atrás de Miguel. Não foi fácil achá-lo em meio a tantos homens vestindo o mesmo estilo de roupa, mas o encontrei do lado de fora, na calçada: - Miguel, Miguel... – chamava-o em um tom mais alto.

Ele se virou e me olhou com o semblante sério enquanto eu me aproximava. Quando cheguei bem perto, me olhou de cima a baixo, e para tentar amenizar o clima sorri e tentei descontraí: - Já sei... engordei, né?

- O que foi, Lina? Quer me contar alguma coisa? – foi a resposta seca e cortante que me deu. Engoli em seco. Eu sabia que merecia aquele tom depois de tanta confusão: - Desculpe, Miguel... – dizia enquanto balançava a cabeça de um lado para o outro – É que a Mirela me chamou aqui para encontrar com um advogado e eu, louca, falei seu nome e ela quis saber sobre você e fiquei com medo de falar a verdade...

Você sabe, né? – ia despejando as frases para cima dele, tentando parecer menos louca – E me prejudicar...

- Prejudicar numa adoção? – perguntou mantendo o semblante ofendido – É isso?

Respirei fundo e doído: - Isso. – respondi.

- É por isso que se afastou de mim? – continuou.

Apenas balancei a cabeça confirmando e tentei forçar um meio sorriso.

Ele também tentou sorrir e seu olhar já não era mais de fúria, era algo mais parecido com tristeza: - Você estava com medo de se envolver novamente comigo e eu ferrasse novamente tudo?

Suspirei, engoli a saliva acumulada e expirei com força: - Isso também... que você ou eu mesma ferrasse tudo e colocasse meu plano em risco. – suspirei – Quero muito um filho, Miguel... e a verdade é que fiquei com medo de você aceitar a minha ideia e depois se arrepender...

Miguel passou o indicador com carinho pelo meu rosto: - Eu entendi... – ele também suspirou – Agora deixa eu ir...

- Miguel, quanto à confusão sobre insinuar que você também quer adotar...

Ele me olhou mais uma vez e sorriu: - Não esquenta... – virou as costas e foi embora.

Meu coração afundou e uma vontade enorme de chorar invadiu meu peito e eu sabia muito bem o motivo: Miguel não ficou furioso, ofendido, nem nada disso, ele foi indiferente. E não há sinal maior de que um sentimento não existe mais que a indiferença. Então naquele momento enterrei de vez qualquer esperança de que pudesse haver uma mínima chance de um dia ficarmos juntos.

Dois encontros inesperados no mesmo dia! Realmente eu devo estar ficando muito perceptível...

Não tive ânimo de voltar para procurar Alessandro e Mirela, nem sequer voltei para me despedir, achei meu carro e fui para a casa. Estava tão triste, sem forças e desiludida que nem vontade tive de passar na loja de doces. Subi direto para o apartamento e vencida pelo dia agitado, adormeci antes das sete horas da noite e só acordei no outro dia. Depois de uma noite ininterrupta de sono pesado acordei no outro dia muito cansada e precisei de mais meia hora enrolando na cama para conseguir me levantar. Durante o banho decidi que passaria no trabalho de Mirela para me desculpar por ter sido tão mal educada e atrapalhada com um homem que estava dispôs tão gentilmente de seu tempo para conversar comigo. Liguei para o celular de Diana e disse que teria um novo encontro com Mirela e que depois contaria as novidades sobre a adoção. Não me preocupava nada o fato de estar chegando tarde e muitas vezes saindo cedo do trabalho, pois para nós o importante era que cada uma cumprisse seus prazos e me sobrava muito tempo durante os finais de semana para botar tudo em ordem. Às vezes eu deixava de propósito que as coisas se arrastassem para que eu não tivesse muito tempo ocioso quando estivesse sozinha em casa.

Mirela me recebeu com um sorriso acanhado: - Acho que te deixei numa saia justa. Não é mesmo, Lina?

- Não, Mirela! Você não falou nada demais. – sorri abertamente para que acreditasse que não tinha culpa nenhuma pela contrariedade que Miguel demonstrou no nosso encontro – Eu é que menti para você e quero que me diga o quanto a breve história que vou te contar sobre o meu ano passado pode me atrapalhar no processo de adoção.

Ela me encarou demonstrando surpresa e nos serviu café. Bebi um gole e, mesmo envergonhada, contei de forma resumida minha história

com Miguel. Mirela riu, arregalou os olhos e não se conteve: - Ah, Lina, agora entendi aquela cena de ontem...

Revirei os olhos e suspirei: - Muito drama...

Mirela respirou fundo e deixou o tom de brincadeira de lado: - Lina, participe das palestras e seja honesta quando te questionarem sobre sua vida. Tenha bastante paciência e muita, mas muita esperança... Eu vejo e sinto o quanto você quer ser mãe... – suspirou sorrindo - E que atire a primeira pedra quem nunca teve um relacionamento mal sucedido! – brincou me tranquilizando.

- É isso aí! O que passou, passou! - afirmei cheia de certeza da boca para fora – Peça mil desculpas em meu nome para seu amigo Alessandro e, por favor, marque um novo encontro assim que possível.

- Farei isso!

Eu precisava de uma confirmação, então perguntei mais uma vez: - Devo mesmo contar a verdade?

Mirela balançou a cabeça para o lado e respondeu com seriedade: - Se o relacionamento de vocês acabou mesmo, conte a verdade. Você se separou e acabou se envolvendo com outro homem. Não deu certo e agora você está focada em ser mãe. Não é isso?

- É isso. – respondi balançando a cabeça em afirmação.

Assim que cheguei no escritório Martinha comentou sem tom de crítica, mais como uma boa amiga preocupada: - Lina, você anda tão estranha...

Joguei a bolsa sobre a mesa, sentei na cadeira da minha mesa e perguntei curiosa: - Estranha como?

- Não sei como explicar... – mordeu o lábio inferior e sorriu – Deve ser ansiedade, pois está tão comilona! A cozinha parece um criadouro de pão de mel! – brincou gargalhando.

Levantei feliz: - Nossa, é mesmo, me esqueci que tinha deixado alguns aqui...

Martinha balançou a cabeça em reprovação e Joana perguntou mudando de assunto: - E o site de namoro? Não apareceu mais nenhum pretendente, Lina? Fiz uma careta entortando a boca para o lado: - Cancelei meu cadastro!

- Quando? – esbravejou Diana.
- Depois daquele desastre... – respondi me referindo ao encontro com o professor de matemática sincero.
- Vai ficar curtindo fossa por causa do Miguel até quando? – perguntou Diana apertando o botão da guerra.

Martinha e Joana me olharam temerosas, preocupadas com o que a crítica disfarçada de pergunta poderia provocar. Mas eu me sentia tão cansada e com fome que apenas mostrei o dedo médio na direção de Diana.

Entrei na cozinha e peguei um pão de mel, mas surpreendentemente fiquei sem vontade de comer. Já estava o colocando novamente dentro do saco quando Diana entrou fazendo cara de criança arrependida: - Desculpe, Lina.

Sorri com má vontade e a resposta veio: - Vá a merda, Diana. – Saí da cozinha sem dar chance para um novo embate.

Diana foi atrás de mim e resmunguei: - Di, me deixa em paz! Sei que sou a confusão, uma atriz mexicana no escritório, a sem noção, a complicada, a responsável por tudo de estranho que tem acontecido por aqui... Eu sei dos meus defeitos, mas não quero ouvi-los em voz alta! Não hoje! – suspirei – Não vou marcar encontro com nenhum desconhecido. Não agora. Vou continuar dando chateação quando marcarem encontros em que possa trombar com Miguel, pois ainda não

o superei. Aliás - respirei novamente forte, encarando uma por uma –, ontem encontrei com ele no fórum, na hora em que fui me encontrar com Mirela e ele acabou descobrindo que me candidatei à adoção. – respirei fundo - E ele foi super, mega compreensivo! Ele me escutou, disse que entendia a minha posição e se despediu como se eu fosse uma estranha qualquer contando um caso...

- Jesus! – desabafou Martinha surpresa pela revelação.
- Não, não, Lina, me desculpe mesmo! – disse Diana com carinho sentando-se ao meu lado – Eu sei que o ano passado foi difícil para você e que este ano você está tentando colocar sua vida em ordem. – Diana suspirou e completou - E ainda está lutando para realizar o sonho de ser mãe. É muita coisa, Li... – sorriu – Eu é que fico querendo te forçar a arranjar alguém... Como se precisasse estar namorando alguém para ser feliz!
- No meu caso, estar com alguém não é garantia nenhuma de felicidade. – respondi sorrindo.
- Será que eu posso acompanhá-la na reunião de adoção, Lina? – perguntou Joana.

Abri um grande sorriso, feliz por ter uma companhia, principalmente por ser a primeira: - Quero muito! Muito, muito! – suspirei – Mas tenho que verificar antes para saber se posso levar alguém comigo.

Drama do dia resolvido e voltamos ao trabalho. Eu e Diana sempre nos comportamos como irmãs, sempre acontecia briguinhas, discussões, caras feias e depois juras de amor. Minha querida amiga queria meu bem e achava que para esquecer Miguel eu deveria conhecer outras pessoas. No início do ano também pensei assim, mas decidi descadastrar do site de relacionamento, porque cheguei à conclusão de que precisava mesmo

era ficar sozinha, aprendendo a conviver bem comigo mesma e assim me tornar uma mulher forte e segura, pronta para cuidar de uma criança.

As coisas não estavam caminhando como eu queria. Pensei que conseguiria me desligar de Miguel, mas ter sido tratada por ele com aquela delicada indiferença doeu fundo. Eu me afastei dele e pedi que se afastasse de mim, mas o que meu coração maluco, cheio de batidas tortas desejava mesmo era que, no mínimo, ele me esquecesse só depois que eu o tivesse esquecido, para mim isso seria no mínimo educado. Era questão de dar tempo ao tempo e ter espaço, mas eu não sentia melhoras em mim e isso me deixava bastante sensível. Eu queria estar autoconfiante, com o pensamento apenas no processo de adoção, mas volta e meia me pegava chorosa, desanimada, me sentindo incapaz. Resolvi procurar Celso e me abrir quanto ao que estava sentindo, pois eu estava com medo de estar entrando num processo de depressão. Ele garantiu que iria acompanhar o meu caso com muita dedicação, mas que embora houvesse sintomas parecidos com os de uma depressão eu não parecia estar desenvolvendo a doença.

Embora eu e Diana tivéssemos nos acertado o dia estava pesado para mim. Deixei o escritório junto com as meninas e voltei para a casa. Tomei um banho, tentei assistir um pouco de tv, mas estava me sentindo sufocada, sem lugar naquele apartamento. Então resolvi ligar para o consultório de Celso e ver se ele toparia jantar comigo, sem consultas, sem reclamações, queria apenas me distrair com um amigo compreensivo, engraçado, cheio de histórias interessante. Márcia, secretária dele, uma senhora espalhafatosa, com idade entre 60 e poucos anos, com roupas estampadas malucas e cabelos tingidos de louro platinado, que sempre andava impecavelmente maquiada me atendeu com aquela descontração calorosa: - Lina, minha filha, como você está?

- Bem. E a senhora?

- Linda e gostosa como sempre! – respondeu e soltou uma gargalhada em seguida.

Não resisti, gargalhei também: - O Celso ainda está atendendo?

- Está acabando a penúltima sessão do dia. – suspirou – Hoje vou ficar até que termine com o último cliente do dia, pois quero que ele me ensine... – estalou a língua no céu da boca - dê uma olhada no meu extrato bancário, tem umas coisas que só quando ele me explica é que entendo...

- Ah, sim! – exclamei mostrando ter compreendido - Dona Márcia peça para ele me esperar porque vou raptá-lo para jantar comigo e estendo o convite para a senhora...

- Ah, querida - disse com doçura –, tudo que quero hoje é um bom banho e cama. Deixa para outra ocasião.

- Promessa é dívida! – brinquei.

- Será paga! Tenha certeza!

Minha casa não era nada perto do consultório dele e mesmo não estando no horário de pico no trânsito só consegui chegar depois da última sessão. Encontrei Celso sentado ao lado de Dona Márcia, com o óculos de leitura caído no nariz e segurando o papel amarelo retangular que provavelmente devia ser o tal extrato. Cheguei cansada como se tivesse ido a pé, sorri para os dois, joguei com cuidado a embalagem com pães de mel em cima da mesa da recepção e me joguei no sofá de espera.

- O que foi, menina, tá cansada? – indagou Márcia estranhando minha reação.

- Muito!

- Precisa se exercitar, uma menina tão nova assim não pode ficar tão cansada... – repreendeu-me e sorriu em seguida pegando a embalagem e

examinando o conteúdo – O que é isso?

Nem precisei responder, pois Celso sorriu, balançou a cabeça com implicância e disparou: - Isso aí é o motivo das bochechas da Lina estarem aumentando...

Foi o suficiente para que as lágrimas começassem a cair num choro sentido. Celso e Dona Márcia se espantaram com a minha reação e se apressaram até o sofá. Celso sentou-se de um lado, segurando minha mão atordoado. Dona Márcia sentou-se do outro e tentava limpar com a palma da mão as lágrimas no meu rosto. Eu tentava, mas não conseguia parar, parecia uma criança louca.

- Lina, me perdoe, eu não quis te ofender, meu bem... Você é tão linda... só estava brincando... – dizia Celso totalmente desconsolado.

- Que falta de sensibilidade Celso! – esbravejou Dona Márcia.

Consegui recuperar o fôlego, mas mesmo assim não conseguia segurar o choro, então fui falando entre soluços: - Não é você, Celso... sou eu... eu me sinto uma ladra. Eu sou uma ladra! – sentenciava entre soluços e fungadas no nariz – Cara, eu detesto fazer isso... eu iria odiar que fizessem isso comigo...

- Do que você está falando, meu bem? – perguntou-me com carinho tentando me acalmar e também entender o motivo do ataque de choro.

- Poxa, Celso, as abelhas... – sentenciei entre fungos exagerados.

- Abelhas? – espantou-se Dona Márcia.

- Dona Márcia, a senhora vai me entender... – respirei fundo, ajeitei minha postura e tentei explicar - É muito triste saber que o prazer de uma pessoa, no caso o meu, é fruto do roubo do trabalho...

- Lina, o que você roubou, minha querida? – questionou Celso com apreensão e seriedade.

- Vou buscar um copo de água para essa menina... – anunciou Dona Márcia.

- Celso, eu simplesmente não consigo parar de comer pão de mel. E a pobre coitada da abelha lá... se organizando em sociedade... num trabalho duro e cansativo para fazer o mel para ela! – expliquei como se estivesse dissertando sobre uma tese – E o que eu faço? Incentivo um ladrão de mel qualquer a roubar o mel, pois eu compro o resultado do produto roubado!

Celso estava com os olhos arregalados e o semblante sério como se estivesse analisando as causas daquele meu comportamento: - Lina, você está tendo um surto...

- De gravidez! – respondeu Dona Márcia me entregando um copo de água e gargalhando em seguida.

Perdi as forças, o choro cessou e fiquei paralisada, muda, tentando entender o que ela havia dito.

- Não, Márcia, eu ia dizer estresse. – completou Celso – A Lina não pode estar grávida, pois ela se separou em novembro do ano passado, se estivesse grávida já estaria com um barrigão. – afirmou com autoridade, desdenhando do comentário de sua secretária.

Os dois me encararam e como continuei quieta Celso vacilou da afirmação anterior: - Não é isso, Lina?

Fechei os olhos por um breve momento, bebi um pouco de água e comecei a tentar me explicar: - Eu... na quinta-feira, antes do carnaval... Ai, meu Deus! – suspirei – Eu e Miguel ficamos juntos...

- Você e seu ex? – perguntou Dona Márcia.

Balancei a cabeça positivamente.

- Você está tomando remédio? – continuou.

- Não. – respondi num sussurro.

- Ele usou camisinha?
- Usou...
- Deve ter furado... – sentenciou por fim com a maior naturalidade.
- Celso, eu não contei para ninguém... porque foi uma recaída boba... – tentava explicar com o semblante arrependido e envergonhado.

Ele balançou a cabeça de um lado para o outro e sorriu: - Tudo normal com o ciclo menstrual?

Olhei para cima tentando checar as informações na minha mente: - Não sei... Acho que está atrasado, mas pensei que fosse culpa da ansiedade...

- Celso, vá até a farmácia e compre um teste para esta menina, assim a gente acaba logo com este suspense... – exclamou Dona Márcia impaciente.

Um turbilhão de sentimentos invadiu meu corpo. Eu não sabia o que fazer e não conseguia me conter: ria e chorava com a mesma emoção. Eu não tinha certeza, mas só a possibilidade já me deixava em êxtase, e ao mesmo tempo eu estava morrendo de medo de estar feliz em vão: - Não, não! – detive Celso quando ele se levantou – Deixa eu curtir mais um pouco... Amanhã de manhã eu faço o teste e marco um exame de sangue!

Ele me abraçou sorrindo, com os olhos marejados, e sem conseguir externar sua emoção, respirava fundo. Dona Márcia me deu um abraço apertado e sorriu enquanto enumerava a comprovação da gravidez pelos sintomas: - Cansaço, sensibilidade à flor da pele, este rosto inchado, estes peitos, que me desculpe, Lina, você nunca teve...

- E está atrasada... – completou Celso arqueando a sobrancelha esquerda.

- E fiz sexo! E ontem quase me afoguei num prato feito e suco de laranja... era uma vontade...

Celso sorriu: - E não podemos nos esquecer destas merdas de pães de mel que você cismou que são as melhores coisas do mundo!

Dona Márcia gargalhou: - Filha, você será uma destas grávidas cheias de desejos...

Sorri e me levantei: - Vou embora, gente! Desculpe Celso, não consigo mais pensar em jantar!

- Eu te levo, Lina! – ofereceu-se Celso.

- Nada disso! – recusei ainda com o sorriso aberto e dando um beijo estalado e feliz nos dois. Apenas os pedi que não comentassem nada com ninguém enquanto eu não tivesse um resultado definitivo.

Fui para casa rindo, chorando e rezando para que fosse verdade e eu estivesse realmente grávida. Passei numa farmácia e comprei cinco tipos diferentes de teste de gravidez e, assim que entrei no apartamento tirei as roupas, que realmente estavam apertadas e fiquei segurando as caixas e me permitindo não pensar em nada que pudesse estragar aquele momento feliz. Minha intenção era ficar acordada até o amanhecer para esperar o primeiro xixi da manhã para fazer o teste, mas um sono tão grande e avassalador dominou meu corpo de tal forma que nem consegui chegar até a minha cama.

De manhã, ao acordar, um medo absurdo de que a gravidez não se confirmasse me fez ficar andando pelo apartamento de um lado para outro, louca de vontade de fazer xixi e segurando as caixas com os testes de gravidez. Antes de entrar no banheiro ajoelhei na porta mesmo e rezei todas as orações que me lembrava. Levantei, entrei e fiz o que tinha que ser feito... minutos intermináveis à espera de cinco resultados e...: - Ahhhhhh – berrei de felicidade – Tô grávida!

Assim que consegui minimizar a tremedeira mandei uma mensagem de voz para Celso confirmando a gravidez. Ele telefonou logo em seguida e avisou que me buscaria depois do trabalho para jantarmos juntos. Eu estava muito agitada e eufórica, querendo contar para todo mundo a maravilhosa notícia, porém preferi guardar segredo até que Miguel ficasse sabendo, pois achava que o certo seria que ele fosse o primeiro a ter a notícia (Celso e Dona Márcia ficaram sabendo primeiro, mas foi um acaso).

Ainda pensando sobre o que fazer, liguei para o escritório e avisei às minhas amigas que não iria cumprir expediente, me expliquei dizendo que precisava resolver umas pendências urgentes, e quando Diana perguntou se era algo relacionado ao filho, respondi “sim”, embora ela não tivesse a mínima noção do que havia por trás da minha resposta.

Passei o dia fechada no apartamento, quietinha, curtindo a novidade. Antes das seis horas liguei para Celso avisando que não precisaria me buscar, pois tinha que resolver algumas coisas e me encontraria com ele no restaurante por volta das nove horas. Não falei sobre a minha decisão de passar na casa de Miguel para contar sobre a gravidez.

Decidi ir até a casa dele, sem nenhum tipo de aviso, pois não queria perder a coragem durante uma ligação e também não queria que algo tão importante fosse tratado de modo impessoal. Eu precisava estar de frente para ele e poder ver sua reação à notícia. Com tempo livre por não ter ido ao trabalho e cheia de felicidade e ânimo, decidi me arrumar bem melhor do que o estilo pulei dentro do guarda roupa que usava na maioria das vezes. Meu coração estava acelerado e é difícil descrever com exatidão tudo que sentia e pensava: eu não conseguia conter o sorriso, nem evitar tocar a barriga e encher os olhos de água pensando que ali cresceria uma criança. Minha garganta se fechava quando pensava no desafio dobrado que teria pela frente ao me deparar com a

realidade de ter dois filhos para cuidar, pois em nenhum momento passou pela minha cabeça a ideia de desistir da adoção.

Minhas mãos estavam úmidas só de imaginar as possíveis reações de Miguel, pois eu realmente não tinha a mínima noção de como se comportaria com a notícia, e sentia meu estômago dando voltas só de imaginar em como seria passar por tudo aquilo sozinha... Eu queria ser menos ansiosa, pois estava feliz e ainda assim sofrendo ao imaginar que teria que deixar meu bebê numa creche em período integral para poder continuar trabalhando normalmente...

Foi nesta montanha russa de sentimentos que segui dirigindo até a casa de Miguel. Desci do carro, ajeitei o vestido longo de algodão amarelo e pequenas florezinhas azuis, tirei um espelhinho de dentro da bolsa para dar uma verificada na maquiagem. Buscando coragem para entrar no prédio andei um pouco pela calçada, enquanto fechava as mãos com força tentando fazê-las pararem de tremer. De forma repentina, fugindo dos meus próprios medos, entrei no prédio, cumprimentei o porteiro que já me conhecia muito bem e pedi que me anunciasse. Ele assim o fez e Miguel autorizou minha entrada. Quando cheguei ao andar do seu apartamento ele estava parado junto à porta, ainda com roupas de trabalho, mas sem o paletó e a gravata. Mesmo com o semblante demonstrando surpresa, me cumprimentou tentando demonstrar naturalidade e foi até meu encontro, me dando leve beijo na bochecha e sorrindo amigável.

- Oi. Tudo bem? – perguntei um pouco constrangida.
- Tudo. – respondeu e sorriu enquanto abria a porta: - Entre. – instruiu com gentileza.

Balancei a cabeça, sorri e passei à sua frente enquanto ele segurava a maçaneta da porta. Já estava tomando fôlego para me virar e falar com

ele quando senti minhas pernas bambearem e minhas bochechas queimarem ao me dar conta de que ele não estava sozinho: um casal que nunca tinha visto antes estava sentado na bancada do barzinho da sala e no lado oposto estava Sheila. Parecia uma reuniãozinha entre casais, pois além de um prato de frios em cima da mesa, todos estavam segurando taças de vinho. Acho que me olharam com a mesma surpresa que olhei para eles, então, num momento de total constrangimento sorri e fui até o casal me apresentando como Lina, conhecida de Miguel e me obriguei a ir até o encontro de Sheila e dar-lhe um abraço. Ela, contrariando minhas expectativas não me encarou com cara feia, nem deu as tradicionais olhadas por cima, apenas retribuiu o abraço, arrastou um dos bancos e me ofereceu uma taça de vinho.

Sentei de forma impulsiva e me levantei em seguida: - Me desculpem... - olhei para Miguel que estava atônito, parado do lado oposto da bancada, de pé ao lado de seus amigos – Eu passei aqui porque queria falar uma coisa para o Miguel... mas... não é nada urgente... – comecei a andar em direção à porta – Te ligo amanhã para gente conversar... – revirei os olhos e sorri – devia ter ligado hoje...

Sheila quebrou o clima tenso que pairava: - Lina, não vá embora. Tome uma taça de vinho com a gente. – ofereceu com estranha gentileza.

- Fique, Lina. Vamos abrir outra garrafa de vinho agora... – disse de um jeito carinhoso, mas que me pareceu envergonhado.

Parei por um momento e sorri em direção aos convidados de Miguel: - Obrigada mesmo, mas eu marquei de jantar com um amigo meu, o Celso... – respirei e completei atrapalhada - Passei aqui para falar uma coisa com Miguel, mas falo outro dia... – repeti a fala anterior, me virei e fui saindo sem graça.

Miguel me acompanhou e quando ficamos sozinhos no corredor segurou meu braço com delicadeza: - Vamos entrar de novo... – sorriu cheio de carinho – Se quiser a gente conversa a sós no escritório...

Sorri com o mesmo carinho de volta e suspirei tentando amenizar o clima: - Ah, Miguel, lembra que eu já tinha te avisado sobre esta minha total falta de senso de oportunidade... – arregalei os olhos e balancei a cabeça em negativa – Era só eu ter ligado antes e evitaria passar por esta vergonha! Bem feito para mim... – concluí e entrei no elevador.

Miguel segurou a porta para que não fechasse antes que ele também entrasse: - Lina, se você veio até aqui para falar comigo é porque tem alguma coisa muito importante para me dizer... – refletiu olhando fixo em meus olhos.

Eu estava implorando aos meus hormônios que não me constrangessem ainda mais e parece que atenderam meu pedido, pois consegui não marejar os olhos: - Vamos fazer o seguinte – respirei fundo –, preciso mesmo falar com você, não vou mentir, mas não há urgência. Então faça o seguinte, veja a sua agenda e o que acha de jantarmos juntos semana que vem?

Miguel suspirou e segurou a porta do elevador para que eu saísse, em seguida me acompanhou até o carro. Como já era costume entre nós, caminhamos em silêncio e ele só se pronunciou novamente quando chegamos no carro: - Lina, eu ia mesmo te procurar esta semana... – ele suspirou fundo e encostou no carro – A verdade é que peguei o telefone um milhão de vezes para falar com você desde do dia que nos encontramos no fórum... – passou as mãos pelos cabelos e suspirou novamente – Sei lá... você me deixou sem fala... eu fiquei sem saber como agir...

- Como você me disse lá mesmo “isso não importa”... – sorri – Só te peço que não demore muito para que a gente possa conversar...

- Você tá bem? – perguntou.

- Tô sim. – respondi sorrindo.

- Eu te ligo amanhã. Sem falta. – afirmou.

Sorri sem ânimo, nos abraçamos rapidamente, mas com tempo suficiente para ficar com o cheiro maravilhoso do seu perfume grudado em minhas narinas (Por que não aproveito que estou cheia de doidices da gravidez e fico com alergia ao cheiro do Miguel?), dei a volta e entrei no carro.

Ele se afastou do carro e ficou me olhando enquanto eu entrava. Foi só dar a partida no motor que os hormônios acabaram com a trégua: comecei a chorar.

Puta merda! A Sheila tava lá... que vergonha! Será que o Miguel está fazendo o mesmo que o Fábio fez... Porra, ele estava esperando um motivo bem forte para tentar de novo com a Sheila... Ahhhhhhhh... Gente, vou ficar sozinha para resto da vida! Ahhhhh... Dois filhos, talvez um cachorro e ninguém para perguntar se topa! É isso que o destino me reserva! – Lamentava em voz alta.

Cheguei no restaurante e Celso já estava lá. Mesmo com o rosto inchado fui sorrindo ao seu encontro: - Acabei de chegar da casa do Miguel. – anunciei enquanto me sentava e antes mesmo de cumprimentá-lo.

Ele nem se deu ao trabalho de corrigir minha falta: - Ele está sabendo que será pai? Como reagiu? – perguntou com o rosto surpreso e feliz.

- Não. – fiz uma careta desanimada – Ainda não tá sabendo de nada, porque a idiota aqui foi lá sem avisar, e quando cheguei ele estava tomando vinho com um casal de amigos e – outra careta – Sheila.

Ele levantou os ombros: - Não comece com suposições, pode não ser nada. – tentou me acalmar – E que desculpa deu para a visita inesperada?

- Disse que precisava conversar com ele e pedi que me ligasse para marcarmos um jantar... – contei entortando a boca.

- Ele é o pai. Lina não esconda isso dele. Mesmo se estiver muito confusa ou magoada.

- Não farei isso, Celso! Nem passou pela minha cabeça a ideia de não revelar para ele. Só não contei lá porque não achei que era o momento... – sorri abertamente me divertindo – Imagine a cena: Miguel, Sheila e seus amigos, felizes, combinando um cruzeiro pelo mediterrâneo e eu entro e anuncio: - Você será pai! – suspirei em seguida e balancei a cabeça – Não. Seria muito inconveniente! Só espero que ele entre em contato logo, pois não vou conseguir esconder a notícia dos meus amigos e da minha família por muito tempo. Estou ansiosa para sair espalhando para o mundo todo!

- O que você espera do Miguel? – perguntou com seriedade.

- Não sei... – levantei os ombros – Mas não acho que ele não vá fazer nada que me magoe, embora eu ande tão sentimental que tudo parece me doer além do normal...

Celso sorriu sem desfazer a seriedade: - A gente nunca está preparado para tudo. Mas, Lina, é bom a gente pensar nas mais variadas possibilidades para deixar a mente alerta, isso é ser racional. - para descontraí-lo me perguntou: - Já está pensando em nomes?

Gargalhei: - Sem parar!

Como sempre a companhia de Celso me deixou mais animada, e ao devorar uma lasanha de queijo e brócolis cheguei a esquecer por algum tempo a trapalhada que fiz ao aparecer na casa de Miguel sem avisar.

No outro dia, sexta-feira, bem cedo mesmo, algo por volta das seis e meia da manhã fui acordada pelo barulho do telefone comprovando que Miguel devia ter mesmo estranhado minha inesperada aparição em seu apartamento.

- Miguel...
- Bom dia, Lina, desculpe te acordar tão cedo...
- Não acordou não... Já estava até tomando café. – menti para não preocupá-lo.

Deu para ouvir sua risada: - Duvido. – brincou – Lina, estou ligando tão cedo porque estou no aeroporto e daqui a pouquinho vou entrar no avião... Infelizmente terei que me encontrar com um cliente e só retornarei a São Paulo na segunda-feira. – justificou-se.

- Tudo bem... – respondi tentando esconder a decepção.
- Eu queria muito que a gente se encontrasse ainda hoje, mas surgiu este problema e não tenho como faltar... – suspirou desanimado - Bom, só queria que soubesse que sei que não deve ter sido fácil para aparecer lá em casa e peço que entenda que não é por falta de interesse em esclarecer algumas coisas que...
- Não se preocupe, Miguel, eu entendi. Então assim que tiver resolvido seus assuntos é só me ligar que a gente marca de se encontrar. Boa viagem. – finalizei demonstrando realmente ter entendido que não se tratava de desinteresse.

Como despertei antes do horário normal decidi não voltar para a cama, tomei banho e fui a um laboratório perto de casa fazer o exame de sangue para confirmar a gravidez. Cheguei cedo ao escritório, antes de todas as outras, preparei o café e aproveitei que estava sozinha para ligar

para minha irmã. Gostaria que Miguel fosse ao menos o terceiro a saber que seria pai, mas como avisou que passaria o final de semana fora sucumbi à ansiedade de revelar a boa notícia para algumas pessoas (Só para os mais íntimos! – adverti a mim mesma) e pediria que mantivessem a discrição para que eu tivesse a chance de conversar com Miguel e ele soubesse por mim que seria pai.

Rosa me atendeu com a má vontade que só as pessoas que se amam e se conhecem bem podem ter umas com as outras, já me xingando por não responder as mensagens e nem comentar os vídeos que ela mandava. Suspirei, revirei os olhos e mostrei a língua, rindo porque ela não tinha como ver minhas reações. Em seguida mandei que calasse a boca e me escutasse. - Ah, meu Deus, é novidade sobre adoção? – perguntou quando se deu conta de que havia algum motivo para que eu ligasse cedo.

- Não. Aliás, tenho uma novidade sobre a adoção, semana que vou à primeira palestra. – respondi - Mas tenho outra novidade e espero que não surte! – brinquei, fazendo suspense.

- Puta merda, Lina! - xingou num desabafo – Fala logo, porque de você, por mais que espere qualquer coisa, nunca estou realmente preparada.

- Então lá vai: - Estou grávida!

Depois da revelação foi só gritaria e choro dos dois lados, até que Rosa pareceu ter se dado conta de tudo que implicava a notícia. Com receio, curiosidade e estranhamento me perguntou de quem era o filho. Não pude me fazer de ofendida, pois não tinha contado para ninguém sobre a noite que passei com Miguel antes do carnaval. Então tive que me explicar e explicar que não havíamos reatado, nem estávamos nos encontrando às escondidas. Confessei que ele ainda não estava sabendo

de nada e que não tinha a mínima noção de como ele reagiria quando eu contasse. Aproveitei para confirmar que não havia desistido de adotar, embora não pudesse julgar as outras pessoas, porque cada caso é um caso, eu não me sentiria em paz com a minha consciência se abandonasse a ideia. A conversa se estendeu e acabei desabafando sobre como estava sentindo a estranha mistura dos sentimentos medo e felicidade, pois debaixo de tanta euforia eu sabia que não seria nada fácil cuidar sozinha de duas crianças. Era um caminho bem incerto que estava disposta a percorrer, mas mesmo sabendo que dias de tédio e calmaria possivelmente ficassem apenas na lembrança, estava muito certa de que seria muito feliz.

Rosa, antes de passar o telefone para Clara, que estava aos gritos ao lado dela, me confortou dizendo que estaria ao meu lado o tempo todo e me pediu para cogitar a ideia de voltar a morar em Botucatu, assim teria ajuda sempre que precisasse. Agradei o carinho e não descartei a ideia, na verdade esta era uma possibilidade que não havia pensado, mas que me deu um certo conforto, pois eu poderia trabalhar longe do escritório por algum tempo.

Clara pegou o telefone e pela troca de “carinhos” entre ela e Rosa percebi que não foi de forma amigável. Gargalhei por causa da confusão e depois novamente caí no choro junto com minha prima. Depois de um pouco de conversa ela me disse que partiria naquela noite mesmo e que gostaria que eu fosse até o aeroporto para me despedir. Protestei, pois gostaria de mais tempo com ela, mas revelei em seguida que sabia o quanto ela estava louca para rever Pierre.

Foi o tempo de encerrar a ligação e abrir a garrafa térmica para encher mais uma xícara de café e ver Martinha, Joana e Diana entrarem ao mesmo tempo no escritório. Eu sempre me impressionei com a nossa inesgotável fonte de assuntos e fofocas, pois mesmo nos encontrando

todos os dias da semana era sempre uma falação, que só cessava quando nos concentrávamos na correção dos textos.

- Bom dia, Lina! – cumprimentou Martinha animada como sempre – Chegou cedo, fez café, não veio ontem... Pode ir sentando e nos explicando tudinho!

- Seu rosto está inchado... – concluiu Diana me examinando – Você tava chorando?

Martinha engoliu o ar na mesma hora: - Oh, meu bem, desculpe, Lina. Cheguei falando como uma louca e nem olhei direito para você...

- Que isso, Marta! – brinquei para mostrar que não estava triste, como era meu novo costume desde o ano anterior – Estou super bem.

- Então porque você está com um curativo no braço? – perguntou Joana com o semblante sério.

Eu havia me esquecido de retirar o pequeno esparadrapo que estancou o sangue depois da coleta para o exame: - Ah, meninas, é o seguinte, hoje é sexta e quero jantar com vocês e os meninos!

- Mesmo? – surpreendeu-se Diana realmente feliz – Oba!

- Mas por quê? – continuou Joana especulativa.

- Não vou contar agora, mas já adianto que não estou doente, apenas fiz um exame hoje. Não arrumei um novo namorado e não houve progresso no processo de adoção. Também não é nada sobre o Fábio...

- E nem sobre Miguel – completou Diana –, pois ele viajou... Ou é?

- Ah, Li, por favor, adianta alguma coisa, vai... – implorou Martinha colocando as mãos unidas, espalmadas como numa prece.

- Não adianto nada! Hoje às nove... – fechei um dos olhos por um tempo refletindo – Quem sugere algum lugar?

- Na minha casa, óbvio! – afirmou Diana sorridente – O Mário ama receber os amigos e eu não vou desperdiçar a oportunidade de não ter que ficar pensando em como você vai se sentir, pois como disse anteriormente Miguel não está em São Paulo.

- Muito em cima da hora... – afirmou Joana – Não dá tempo do coitado preparar nada...

- Será que a Cláudia não prepara aquela torta de frango? – engoli saliva de tão forte que veio o desejo ao me lembrar da torta.

- Ótima ideia. Vou ligar agora e pedir para ela preparar para gente.

Não fiquei livre de olhares especulativos e súplicas ao pé do ouvido pedindo que contasse a novidade, sob juras de que manteriam o segredo. Estava visivelmente me divertindo por deixá-las curiosas, mas no fundo o bichinho chato e incômodo da tristeza estava passeando pelo meu coração. Porcaria de aperto no peito! Caramba, era para ser só felicidade... e se não fosse só felicidade, seria aceitável uma dose de ansiedade, outra de preocupação com relação ao futuro... Mas tristeza é inaceitável neste momento, é total ingratidão com o presente tão lindo que recebi da vida! Como posso ainda ficar magoada por ter visto Sheila na casa de Miguel? Como posso não conseguir parar de gostar dele? Fiz uma escolha. Escolhi ficar sozinha para realizar o sonho de ser mãe, e pelo que senti da reação de Miguel ao descobrir sobre a adoção vi que não era uma possibilidade na vida dele... Por que mesmo nos piores momentos da vida (não que seja meu caso), mesmo com um milhão de coisas para resolver (este é meu caso) ainda sobra espaço para gente sofrer por amor? Para sentir saudade? Para sonhar e ter pesadelo acordada?

Saí do escritório direto para o laboratório pegar o resultado do exame que confirmou o resultado positivo dos testes de farmácia e fui em

seguida ao encontro de Clara no aeroporto. Não tivemos muito tempo para despedidas, mas só de poder abraçá-la antes da viagem já foi o suficiente para que caíssemos no choro novamente. Nos desejamos boa sorte, pois nós duas estávamos iniciando um novo ciclo em nossas vidas e se não havia certezas, esperanças havia aos montes.

Do aeroporto fui para casa me arrumar para o jantar. Quando cheguei na casa de Diana eu já não sabia mais se estava ansiosa para dar a notícia ou para comer a torta. Aqueles rostos curiosos só me deixavam mais aflita pensando por onde começar?

- A gente pode jantar primeiro? – perguntei com sinceridade – Estou morrendo de fome!
- Lina! – espantou-se Mário – A gente nem abriu a segunda garrafa de vinho...

Eu não estava bebendo, mas para evitar especulações aceitei a taça e de vez em quando despejava um pouco do líquido na pia da cozinha, tomando todo cuidado para que ninguém percebesse.

Sentei no sofá, resignada pela negativa, e me distraí com os amendoins, queijos e azeitonas que serviam de entrada.

Depois de inutilmente me darem a liberdade para escolher o melhor momento para falar e perceberem que eu agia como se nada tivesse a dizer, Pedro, marido da Martinha tomou a frente nos protestos: - Lina, conta para gente a novidade, assim a gente vai poder beber e conversar com mais tranquilidade. Estamos muito ansiosos!

- Ou talvez a Lina consiga acabar com toda nossa tranquilidade... Vindo dela... – completou Diana usando de seu famoso sarcasmo.

Arranhei a garganta e levei o copo de vinho à boca, mas em seguida coloquei-o sob a mesa de centro sem provar o conteúdo, dei uma olhada

geral e não consegui segurar o riso nervoso: - Desculpem, mas me sinto como se estivesse dando uma entrevista...

Mário, carinhoso como sempre: - Hoje você pode se sentir como a estrela da nossa festa, pois estamos muito curiosos à espera da sua declaração.

- Tá. – respondi respirando fundo – Só não me apressem, pois preciso explicar algumas coisas antes de chegar ao ponto principal. - Ninguém me interrompeu, então me senti obrigada a começar logo a contar – Primeiro quero pedir. Pedir não, implorar que mantenham segredo sobre o que vou falar, pois algumas pessoas muito importantes e outra fundamental, ainda não sabem de nada! – suspirei mais uma vez - Segundo, não contei sobre uma coisa que aconteceu comigo há um tempo atrás, porque fiquei envergonhada, na verdade ainda estou me sentindo assim... – respirei fundo novamente tentando desacelerar as batidas dentro do meu peito – Olha só, gente, transei com o Miguel naquele dia do churrasco que fizeram aqui antes do carnaval (olhos arregalados totalmente concentrados na minha fala)... A gente se encontrou do lado de fora do prédio e sei lá como explicar, se é que tem alguma explicação, aconteceu... – suspirei e levantei os ombros demonstrando resignação - Não nos encontramos depois daquela noite, a não ser por acaso num fórum dias atrás. E ontem quando fui à casa dele (bocas abertas junto aos olhos arregalados, mas silêncio total), fui sem convite mesmo e cheguei lá... – juntei os lábios e balancei a cabeça em negativa – Me ferrei, porque só queria conversar, mas ele tava tomando vinho com a Sheila e mais um casal... – respirei novamente e minha mão num impulso foi de encontro ao copo de vinho, mas a afastei de imediato – Mas isso é outra história... – respirei fundo e completei - Para acabar logo com o suspense: tô grávida, é dele, mas ele ainda não sabe porque cheguei lá e achei que não era o momento certo para contar...

Mas tá tudo bem, eu propus que marcássemos um jantar, ele me ligou avisando que não ficaria aqui no fim de semana, mas ficou curioso por eu ter aparecido na casa dele sem aviso e me disse que assim que retornasse à cidade me ligaria novamente... – desabafei quase sem respirar. Depois sorri, levantei os ombros e concluí – Acho que é isso...

Mário se levantou de imediato da cadeira que estava, foi até a mesinha e retirou o copo de vinho, como se eu e todos os outros não estivéssemos percebendo nada. Eu ri da atitude cuidadosa e encarei meus amigos, arregalando os olhos e levantando os ombros, deixando claro que podiam se manifestar.

Não me lembro quem tomou a iniciativa, só me lembro de escutar Mário advertindo-os enquanto os empurravam: - Saiam de cima da Lina, pelo amor de Deus! Ela precisa de ar! Sai, sai, sai!

Diana chorava sem controle e Mário, depois de conseguir conter os outros, me abraçou com muito carinho: - Lina, eu estou tão feliz! O Miguel vai ser pai! – então se afastou e me olhou com uma certa reprovação – Como assim? Meu irmão vai ser pai e não sabe? Isso não é justo!

Sentei novamente no sofá e estendi a mão para que ele se sentasse ao meu lado: - Presta atenção, Mário. – explicava eu pausadamente – Juro que queria que ele soubesse antes de vocês. O fato de não estarmos juntos não significa que estamos em guerra ou que não o deixarei participar de todos os momentos desta gravidez, que ele queira... – fiz uma careta pesarosa e completei para que se acalmasse – Eu só estou esperando que ele entre em contato comigo para contar tudo...

Ele me olhou com o mesmo semblante: - Poxa, Lina, não vou conseguir guardar este segredo...

Diana se intrometeu com a feição rígida: - Vai sim. É uma decisão dela... – depois sorriu para o marido – Além do mais, Mário, ela não está sacaneando seu amigo ou escondendo a verdade por capricho... Ontem ela foi lá na casa dele, mas ele estava com visitas e a Lina achou que não era o momento.

- Tudo bem. – respondeu enchendo os pulmões de ar – Mas se ele me ligar não vou nem atender.

Todos ficaram admirados com a minha boa vontade em comer tudo, absolutamente tudo, entre suspiros e elogios. Joana chegou a me repreender, mas a tranquilizei dizendo que já havia marcado médico, nutricionista. Todos ficaram mais surpresos ainda quando contei que havia me matriculado na aula de yoga para gestantes. Expliquei que faria de tudo para que a sementinha que estava dentro de mim, pronta para virar uma criança, se desenvolvesse dentro de um corpo saudável e tranquilo.

Capítulo 41

PASSEI UM DOMINGO TÃO BOM EM CASA, SEM ME SENTIR TÃO SOLITÁRIA. Fiquei quietinha, aproveitando a folga entre um filme e um cochilo, um cochilo no meio do filme e vice-versa. Recebi também alguns telefonemas dos amigos me propondo os mais variados programas, mas estava mesmo era com vontade de curtir a paz que estava dentro do meu peito.

Segunda de manhã fiz como havia dito aos meus amigos, antes do trabalho me aventurei na primeira aula de yoga. Ao contrário do que imaginara me adaptei super bem aos movimentos, não fiquei atrapalhada como era de se esperar. Depois fui à minha primeira consulta médica. Levei o resultado do exame de sangue, a médica, Maria do Carmo, me passou mais uma lista de exames que deveria realizar, mediu pressão, pesou, receitou algumas vitaminas... enfim, acredito que todo o protocolo foi cumprido. Fui para o escritório e tentei trabalhar normalmente, mas vez ou outra dava uma olhada para verificar se Miguel havia tentado entrar em contato comigo. Só depois do expediente, quando já estava em casa, recebi uma mensagem dele avisando que pegaria naquela noite o último voo para São Paulo e que por isso só entraria em contato comigo no dia seguinte. Ele estava sendo atencioso e, embora minha vontade fosse gravar um áudio contando tudo, mandei apenas um “tudo bem e boa viagem”.

Não tive notícias de Miguel na terça-feira e depois do trabalho fui para a primeira palestra do processo de adoção. Neste primeiro encontro uma psicóloga e um assistente social falaram dos desafios de uma adoção e da necessidade de que o requerente não tivesse nenhuma dúvida sobre a decisão.

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

Diversas vezes meus olhos se encheram de lágrimas durante a reunião, mas não era por dúvida sobre adotar e sim porque me sentia cada vez mais certa e motivada a ter um filho adotivo.

Fui para casa e quando parei meu carro em frente a garagem à espera da abertura do portão senti como se estivesse tendo um déjàvu. Miguel parou em frente à janela do banco do carona, abaixei o vidro e meu coração palpitou ao ver o pai do meu filho ali, lindo, sorrindo sem reservas para mim. Ele estava de camisa polo preta, calça jeans e uma mochila nas costas. Ele se abaixou e colocou as mãos no vidro: - Posso te esperar?

Sorri e respondi: - Claro. Me espere na recepção, por favor. – Guardei o carro, e com o estômago espremido pelos arrepios fui ao encontro dele. Eu sabia o que tinha que dizer, eu sabia que nosso encontro era certo, mas nada disso evitou o nervosismo no momento.

- Vamos subir? – perguntei.
- Você que sabe, Lina. Não prefere sair para comer ou beber alguma coisa?

Eu estava morrendo de fome, mas sabia que nada desceria através da minha garganta enquanto não me abrisse com ele: - Não, acho que não...

Nós subimos para o meu apartamento e assim que entramos ofereci uma bebida. Miguel aceitou uma taça de vinho e eu fiquei apenas na água.

Senta aqui, por favor, Miguel. – pedi a ele indicando a cadeira na mesa de jantar da sala ao lado da minha.

Ficamos um de frente para o outro e eu respirei fundo. Por diversas vezes pensei sobre como iniciaria aquela conversa com Miguel, ensaiava mentalmente por onde começar, pensava em suas possíveis reações, mudava o tom da voz, o semblante (ora sério, ora feliz), enfim, já havia

imaginado mil possibilidades e me decidido por um tom amistoso e um leve sorriso ao introduzir o assunto, evitando que ele imaginasse que fosse uma má notícia, pois para mim mesmo não estando mais juntos a notícia era maravilhosa, não imaginava um pai melhor para o meu filho.

- Miguel, por mais que eu tenha afirmado para você que queria... (buáááá) – respirava fundo tentando parar com aquele drama desastroso – Não ligue para mim! – sorri deixando as lágrimas caírem – Acho que sou maluca... – fungava pesado entre as tentativas de me recompor.

- Calma, Lina! – pediu Miguel visivelmente desconcertado – Eu não faço ideia do que está acontecendo, então não sei como te acalmar... – disse segurando minha mão.

- Tô grávida e você é o pai. Foi naquela noite antes do carnaval, eu não tava tomando remédio e você vai me perguntar como pode ser se usou camisinha, e eu já respondo que não sei. Só sei que é seu, mas só faço o exame de DNA quando o bebê nascer... – fui dizendo sem pausa, não conseguindo abandonar meu jeito estabonado de dar notícias – Não me importo por você ter se reconciliado com a Sheila, se você topar a gente pensa numa guarda compartilhada, se não, embora eu prefira que meu filho cresça com a presença do pai... Ah, sei lá o que eu tô falando... – concluí e como percebi que Miguel estava paralisado parecendo estar tentando assimilar o que eu havia contado, sem prestar atenção no resto do desabafo maluco.

- Eu serei pai? – perguntou num tom pausado, com o semblante indecifrável e os olhos brilhando.

Cessei a verborragia: - Sim. – concordei juntando os lábios.

Miguel respirou fundo, soltou minhas mãos e começou a responder pergunta por pergunta, contrariando minha ideia de que ele não estava prestando atenção: - A camisinha estourou, só não te contei nada porque

você sempre tomou remédio. Se você está dizendo que é meu não há porque duvidar. Eu não me reconciliei com a Sheila, só estamos tentando reconstruir nosso relacionamento num outro nível mais saudável, amizade, é só isso... – ele respirou fundo e piscou os olhos – Guarda compartilhada, com certeza. Eu quero fazer parte da vida da minha filha ou filho... – sorriu por fim.

Eu retribuí o semblante amistoso e resolvi ser sincera: - Miguel, muito provavelmente, é o que eu espero, nosso filho já nascerá com um irmão... Eu não desisti da ideia da adoção e estou confiante que o fato de ser solteira e estar grávida não sejam empecilhos na decisão de entregarem uma criança aos meus cuidados, afinal tenho juntado dinheiro ao longo dos anos e pretendo conseguir provar que terei ajuda constante na criação deles, pois... – entortei os lábios para baixo – ... ainda não contei para ninguém... mas estou considerando a ideia de me mudar para Botucatu e alugar uma casa bem próxima a de Rosa para que ela me ajude... – ergui as sobrancelhas e sorri – Mas não veja esta atitude como uma forma de afastá-lo de seu filho ou filha. Botucatu é aqui, é só uma maneira que encontrei para que tudo corra da melhor forma possível... Mas nada é para agora, tá?

Miguel parecia um pouco decepcionado ou talvez ainda estivesse tentando entender a enxurrada de informações que despejei em uma única conversa. Então passou as mãos pelos cabelos, depois esfregou as palmas das mãos pela calça jeans, pegou minhas mãos e as beijou com carinho deixando meu coração ainda mais apertado, em seguida se levantou e eu imitei seu gesto: - Lina, posso acompanhá-la durante o pré-natal, nas consultas e tal?

- Claro. – respondi levantando os ombros e dando um meio sorriso – Tenho uma consulta semana que vem. Eu te mando uma mensagem passando o local e o horário. Tudo bem?

- Tudo bem.

Eu o acompanhei até o elevador e nos despedimos com um automático e frio beijo no rosto: - Por favor, qualquer coisa, Lina, é só me ligar... dor, desejo, companhia... qualquer coisa mesmo!

- Pode deixar. – sorri tentando demonstrar animação.

Miguel se foi e um vazio enorme tomou meu peito. Ele foi perfeito, foi muito gentil, compreensivo e se mostrou prestativo além do que eu esperava. Pelo lado racional a nossa conversa foi perfeita, pelo meu lado sentimental não foi tão bom, pois eu sabia que embora por causa da criança sempre haveria um elo muito forte entre a gente, mas não seríamos um casal. Miguel, provavelmente, um dia formaria uma família, teria uma esposa, teria mais filhos e eu precisava começar a assimilar isso para não sofrer tanto quando se tornasse realidade. Depois da última noite que passamos juntos eu sabia que não teria outra noite. Depois do nosso encontro no fórum, enterrei qualquer mínima esperança. Eu tentaria ser uma ótima mãe. Ele acredito que também faria de tudo para ser um pai maravilhoso. Era isso. Apenas isso. Eu tinha que me acostumar que era o suficiente.

Durante a semana ainda procurei por Mirela, que não se mostrou muito surpresa com a notícia da minha gravidez. Ela me disse que já tinha visto inúmeros casos como o meu, onde a dificuldade de engravidar não se dava por problemas físicos, e sim psicológicos. Não era o meu caso, pois, muito embora eu sempre tivesse alimentado o desejo de ser mãe, nunca havia tentado engravidar, pois acreditava, e ainda acredito, que ter um filho é uma decisão a ser tomada junto com o companheiro. A minha gravidez aconteceu, principalmente, e de novo, por falta de diálogo. Miguel não se importou com a falha da camisinha,

porque eu não contei que tinha parado de tomar a pílula, porque sabia que ele estava usando preservativo. Ufa! Diálogo está no topo da minha lista de coisas a fazer com meus filhos!

Depois que contei como tudo aconteceu Mirela me alertou que à partir daquele momento em diante eu deveria tentar manter a tranquilidade para não prejudicar a gestação, pois durante o processo da adoção, tanto os psicólogos, quanto os assistentes sociais fariam uma verificação minuciosa na minha vida, não para dificultar o processo, e sim para assegurar que a criança, ao deixar o lar temporário ganharia um lar seguro, um ambiente saudável onde pudesse crescer em segurança. Ela não disse abertamente, mas entendi que todo o processo se tornaria ainda mais difícil, pois eu não era uma mulher solteira querendo adotar uma criança, era uma mulher solteira, grávida, querendo adotar uma criança. Saí do encontro com Mirela cheia de ansiedade e também com um pouco de tristeza, me sentindo impotente para provar que daria conta da criação de duas crianças.

Capítulo 42

DEPOIS QUE FICOU SABENDO QUE SERIA PAI, MIGUEL PASSOU A ME MANDAR mensagens todos os dias, em alguns deles mais de uma, sempre demonstrando preocupação com minha saúde e se mostrando disponível para qualquer coisa que eu precisasse. Eu não sabia bem como definir o que estava sentindo. Por um lado, extremamente grata ao universo por ter dado ao meu filho um pai que estava demonstrando que não seria apenas um nome na certidão, por outro, me sentia péssima, arrasada, pois queria que aquele homem fosse pai do meu filho e meu marido, e tudo que passamos me provou que não havia chance de nos reconciliarmos.

A família de Miguel também estava me tratando com todo carinho, parecendo muito felizes e prontos a me ajudarem em qualquer necessidade. A mãe dele me ligava todas as noites, o restante da família mandava mensagens. Na nossa última conversa contei para Mariane que teria uma consulta médica no outro dia, uma consulta de rotina e não pude recusar quando ela me avisou que iria com o pai e o filho me fazerem companhia. Eu estava envergonhada e não muito à vontade com a oferta, mas aceitei de pronto, pois queria que soubessem que nunca haveria restrições para participarem da vida do neto.

Chegamos os quatro ao consultório, mas só Miguel pôde me acompanhar durante a consulta. Assim que entramos na sala médica ele me pediu desculpas e disse que tentou ir sozinho, mas que os pais foram insistentes e impuseram a presença. Eu o tranquilizei, afirmando com sinceridade que estava muito feliz e grata por saber que nosso filho, apesar de toda confusão dos pais, teria famílias maravilhosas e apaixonadas por ele dos dois lados.

O tempo passava lento para mim, observando o crescimento da barriga diariamente, acompanhado blogs sobre maternidade, consultando sites especializados no dia-a-dia de uma gestante e ainda participando daquelas intermináveis, embora eu soubesse que necessárias, palestras que faziam parte do processo de adoção.

Se por um lado era reconfortante ter contato diário com Miguel, por outro era uma tortura. Minha sensação era que com o passar dos dias meu amor não crescia, inchava. Eu me sentia sufocada quando nos encontrávamos e chegava a doer nos ossos estar perto dele e não poder abraçá-lo com força, nem desabafar com naturalidade sobre a dor nas costas, o inchaço nas pernas, o peito enorme e dolorido... Nós conversávamos por telefonemas, mais mensagens de texto, mas toda vez que ficávamos frente a frente havia hiatos em nossos diálogos, e nestes momentos me pegava pensando o que se passava na cabeça dele enquanto me encarava. Às vezes era tão difícil pensar que teria que conviver com ele pelo resto da vida, mesmo tendo certeza de que não haveria pai melhor para meu filho, de forma bastante egoísta, eu desejava que não fosse ele, assim não teríamos tanto contato, salvo um ou outro encontro social.

No final de maio eu estava no finalzinho do terceiro mês de gestação e numa de minhas consultas Miguel foi me buscar no escritório. Desta vez fomos sozinhos ao exame de ultrassom, pois seus pais, mesmo muito a contragosto, tiveram que viajar para ajudar uma prima da mãe de Miguel encaixotar as coisas para uma mudança.

Como de praxe, nos nossos encontros para irmos às consultas médicas, nos sentamos na sala de espera um ao lado do outro, evitando olhares demorados e conversando com cerimônia. Eu evitava falar mais que o necessário e ele

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

seguia o mesmo protocolo. Porém, naquele dia, um incômodo atingiu minhas costas me fazendo levantar de forma repentina para tentar aliviar a dor na coluna. Miguel se assustou com a minha atitude e levantou-se de imediato, segurando meus braços e me olhando com aflição: - O que foi, Lina? – indagou bastante assustado.

Temendo que ele pensasse que eu estava querendo atenção, sorri e me sentei novamente: - Não foi nada demais... – respirei fundo e ajeitei-me na cadeira – Este seu menino vai ser muito bagunceiro! – afirmei sorrindo novamente.

Miguel apertou os olhos e me lançou aquele enorme e lindo sorriso descontraído que há tempos eu não via: - Por que você sempre se refere a esta criança como menino?

Levantei os ombros e aproveitei o clima desarmado e sorri: - Acho que tirei esta certeza do mesmo lugar que você tirou a sua certeza de que será menina. – arregalei os olhos e completei - Já reparou que sempre fala no gênero feminino?

Ele sorriu abertamente: - Quer apostar?

- Fechado – estendi a mão – Valendo o quê?

Miguel apertou os olhos parecendo pensar numa proposta: - Que tal o nome?

Meu coração apertou e engoli a saliva. Era uma aposta alta demais, mas não poderia vacilar da minha certeza e dar o braço a torcer, afinal sempre ouvi dizer sobre o sexto sentido das mães com relação ao sexo da criança. Eu o encarei, não mais com o semblante descontraído, e apertei sua mão: - Tudo bem, menina, você escolhe. Menino, eu! Mas, por favor, nada de extravagâncias...

Ele gargalhou: - Tudo bem, estava pensando em Ricota: Ri de Rita, minha avó materna, Co de Cora, minha avó paterna, Ta de Tatiane, meu primeiro amor. Uma garota linda, da minha sala no sexto ano do fundamental! – e gargalhou mais uma vez – E de quebra faço uma homenagem a sua mãe que gosta de fazer doideiras com os nomes...

Fiz uma careta e mostrei a língua: - Nem ouse!

A secretária interrompeu nosso raro momento de conversa descontraída e nos levou ao consultório médico. Enquanto a médica lambuzava minha barriga ia explicando se tratar de um ultrassom que verificaria se o bebê estava se desenvolvendo bem. Nós dois estávamos atentos à explicação quando ela abriu um sorriso e revelou: - Parabéns, papai e mamãe, o presente veio em dobro...

Perdi o fôlego e vi Miguel ficar branco como se tivesse perdido todo o sangue do corpo. Ele respirou fundo e apertou com força sua mão na minha. Meu coração estava acelerado, então busquei o ar e o que saiu foi um palavrão seguido por um clamor aos céus. Minha reação pelo menos provocou uma gargalhada na médica e fez com que Miguel conseguisse soltar o ar.

A consulta seguiu tensa. Eu, e pela cara de Miguel, acredito que ele também, prestávamos total atenção em tudo que a médica nos explicava e uma destas explicações foi a de que ainda não era possível dizer o sexo dos bebês.

Deixamos a sala atordoados e por estar ainda em estado de choque pedi que Miguel me fizesse companhia enquanto eu tomava um suco numa lanchonete em frente à clínica, pois eu tinha pegado carona com ele e queria baixar um pouco a adrenalina antes de chegar em casa.

- Lina, são duas crianças? – dizia ele sorrindo e ao mesmo tempo com um semblante assustado.

- Miguel, é muita loucura! – respondi também sorrindo, mas com um frio na barriga ao pensar sobre como seria minha vida com três crianças.

Ele me olhou fixo e fez uma cara séria: - Você sabe que eu sempre estarei por perto! – ele suspirou – Sempre cuidarei de você e das crianças...

Tentei, mas não contive o choro: - Não se preocupe. Estou super bem, feliz mesmo... é só a soma dos hormônios malucos com a novidade que estão produzindo as lágrimas

Miguel me abraçou com carinho e repousei minha cabeça em seu ombro, pois eu precisava muito de amparo naquele momento. Eu não disse nada, mas senti suas lágrimas caindo em meu rosto. Eu sabia que a emoção e o medo tinha nos atingido da mesma forma.

Capítulo 43

- Lina, nós precisamos comemorar! – exclamou a mãe de Miguel, que me ligou em êxtase no mesmo dia.

Ah não! Temos que comemorar juntos? Não podemos cada um comemorar com suas próprias famílias? Eu amo o seu filho, minha senhora! É muito difícil ficar mais do que cinco minutos perto dele sem dar bandeira... Fico a maior parte do tempo quando nos encontramos de mãos fechadas para que ele não perceba o quanto eu tremo... Eu sonho com ele (fale baixo pensamento: shiiiiiu), desejo ele, penso nele, quero ele... Não peça para comemorar com vocês!

- Ah, sim... – respondi educada e evasivamente – marcaremos algo qualquer dia desses.

- Não, Lina – corrigiu-me com naturalidade –, hoje é quarta, há tempo de sobra para que eu prepare um jantar de comemoração no sábado. Coisa pequena: só os lá de casa, suas amigas do escritório, com os maridos e filhos, o Mário e os pais dele, sua irmã, seu cunhado e os filhos deles...

Gente, será que ela enlouqueceu e se esqueceu de que eu e Miguel não somos mais um casal?

- Sábado? Minha irmã? – indaguei surpresa – Não, Mariane, vai te dar muito trabalho... Mas obrigada – finalizei como se estivesse dando o assunto por encerrado.

- Filha, se você não se sente bem por qualquer motivo: seja por causa da gravidez ou talvez pense que estou ultrapassando os limites não

precisa concordar sem que esteja à vontade para vir. – sentenciou com o tom solene, sem rispidez, mas aparentando decepção.

Ela estava sendo sincera e resolvi me abrir um pouco: - Mariane, me desculpe, você é demais, tenho certeza que estas duas crianças aqui dentro da minha barriga não poderiam ter uma família melhor... só que eu e o Miguel não estamos juntos... – respirei tentando achar as palavras certas – Fico sem graça e acho que no fundo ele vai ficar também.

- Lina, o Miguel adorou a ideia, mas confesso que me alertou sobre a sua possível recusa. Só quero que entenda que não é preciso que vocês dois estejam casados para que possamos ver estas crianças crescerem em família. Para todos nós daqui de casa, inclusive o Miguel, você é parte da família... Quando você ou Miguel encontrarem alguém nós estaremos de braços abertos para incluí-los também.

Doeu ouvir ela falar da possibilidade de Miguel construir uma família, e o pior, a possibilidade de eu ter que conviver com esta outra família. Naquele momento achei tudo muito utópico, mas não queria ser o motivo de não conseguirmos conviver em harmonia, então topei. Mariane exigiu que não me preocupasse com nada além de conseguir com que minha irmã participasse do jantar. Assim que nos despedimos liguei para Rosa que topou de imediato, mesmo também achando tudo muito fora da realidade.

Eu, Rosa e família chegamos à casa dos pais de Miguel bem cedo, por volta das cinco da tarde, pois eles tinham se decidido por um churrasco na área externa, para que as crianças brincassem mais à vontade. A família de Miguel estava toda lá e como os meus sobrinhos já tinham tido contato com os sobrinhos dele no casamento de Diana, chegaram empolgados e foram de imediato se juntar aos sobrinhos de Miguel,

como se fossem íntimos da família. Pouco depois Mário e Diana chegaram acompanhados pelos pais de Mário, e as meninas com os maridos chegaram por último, desta vez levando os filhos que acrescentaram mais animação à bagunça que estava sendo feita.

Tudo estava indo bem, a descontração era evidente. Mas todos estavam estranhando a falta de Miguel. Ele sequer havia mandado um recado explicando seu atraso ou sua falta ao jantar. Vez ou outra alguém chegava perto de mim tentando se desculpar por Miguel, como se estivesse fazendo um comentário despretensio, insinuavam que ele devia estar preso a algum trabalho de última hora, uma reunião com cliente era o mais provável, pois não havia entrado em contato com ninguém.

Eu tentei disfarçar e acho que consegui, mas no fundo estava muito magoada, pois sentia que Miguel além de deselegante estava demonstrando ao não comparecer total indiferença quanto a vinda da minha família, que havia se deslocado de sua cidade para agradar a família dele. Fora, é claro, todos os pensamentos horríveis que invadiram minha mente: Miguel ainda não tinha chegado por estar se divertindo na companhia de alguma mulher, ou pior, na companhia de Sheila.

Mas ele chegou. Tarde. Quase nove horas da noite. Chegou, sozinho, esbanjando simpatia, distribuindo sorrisos e abraços, mas sem se dar ao trabalho de explicar o motivo de tanto atraso. Eu vi que todos estavam felizes, animados e não quis estragar a reunião, mas estava cansada e sem condições de olhar para a cara de Miguel, pois com razão ou não, eu tinha ficado magoada. Então avisei apenas à minha irmã e a mãe de Miguel que me deitaria um pouco num dos quartos desocupados. Decidi ficar no quarto de Miguel para que ele não suspeitasse de nada que se passava comigo.

Assim que me deitei, depois de ter ajeitado os travesseiros Miguel bateu à porta e a abriu deixando uma pequena fresta para que a luz do corredor entrasse: - Posso entrar, Lina? – pediu educadamente.

Acendi a luz e me sentei ajeitando os cabelos. Ele entrou, sorriu e sentou ao meu lado: - Desculpe pela demora, mas estava numa reunião muito importante.

- Trabalho? – perguntei tentando não ser grossa, mas sem conseguir abrir um sorriso sincero.

- Não. Eu estava no escritório de um arquiteto e ele só tinha o final da tarde hoje livre para me atender, nossa conversa acabou se estendendo... – ele sorriu – E eu ainda levei a maior bronca da minha mãe por não atender aos telefonemas... – levantou a sobrancelha – Tinha esquecido o celular no carro e nem pensei em avisá-los que me atrasaria. – Miguel bateu uma das mãos na testa – Desculpe.

- Entendi. – respondi de forma curta e com o tom de voz mais seco do que gostaria.

Ele continuou falando, sem se deixar abalar pela minha falta de ânimo: - Contratei um arquiteto para fazer uma reforma nos dois quartos de solteiro.

- Nos dois? – perguntei – Um para cada filho?

- É... – respondeu sorrindo – mais ou menos isso...

- Que legal. – respondi sorrindo de forma espontânea e depois fechei o semblante, olhei para baixo por um momento e o encarei um pouco desanimada: - Preciso muito começar a pensar sobre a mudança... Eu ainda não contei nada para ninguém, nem sequer comecei a procurar uma casa...

Ele me encarou com o rosto parecendo triste, mas suas palavras contrariavam sua aparência: - Você vai conseguir, tenho certeza... –

respirou fundo – Eu te ajudo, se quiser...

- Obrigada. – agradei e balancei a cabeça.

• Lina, gostaria de te pedir um favor. – anunciou e não esperou minha resposta - Quarta que vem, por volta das seis da noite nós teremos um novo encontro no meu apartamento, pois ele ficou de levar uma pessoa de sua equipe e também um esboço com as ideias que dei. Você pode ir até lá dar uma olhada?

• Eu? – indaguei perplexa – Acho que não tenho direito de opinar numa reforma na sua casa, mesmo sendo mãe dos seus filhos...

- Estou pedindo. É um favor...

Respirei fundo e já ia aceitar o pedido, pois não tinha porque negar: - Miguel, na próxima quarta tenho mais uma palestra da adoção... – entortei os lábios para um lado – E é às 5 horas, então acho que não dá tempo. Mas de qualquer jeito, assim que a reunião acabar te ligo, se o arquiteto ainda estiver por lá, eu apareço. – levantei os ombros e sorri de canto.

- Ótimo! – respondeu animado.

Fiquei mais um pouco no quarto, mas depois de ter conseguido esticar um pouco as costas, desci e voltei para a companhia dos outros que se mantinham firmes e animados. Miguel se portou como um marido amoroso cuidando da esposa grávida (o que foi terrivelmente bom), pois mesmo sem me tocar nenhuma vez, quase não saiu do meu lado, e quando se afastava era para buscar alguma coisa para mim, tendo eu feito o pedido ou não.

Rosa foi embora no dia seguinte, mas mesmo com tão pouco tempo pudemos conversar bastante e reafirmei para ela que estava mesmo disposta a me mudar para Botucatu assim que as crianças nascessem. Ela me contou que estava se organizando para que pudesse passar alguns

finais de semana comigo em São Paulo para me ajudar com a compra do enxoval, dos móveis e tudo mais para os bebês. Antes de partir, ficou parada na porta do apartamento, enquanto os outros desceram para ajeitar as malas no carro. Percebi que ela não estava ali à toa, tinha alguma coisa que a estava incomodando.

- Pode falar, Rosa! – parei de frente a ela, coloquei as mãos na cintura e sorri.

- Lina, você vai mesmo continuar com esta história de adoção? – perguntou enrugando o rosto, demonstrando preocupação.

Pedi que se sentasse no sofá e me sentei ao lado dela: - Rosa, eu sei que embora ninguém esteja me questionando, todos devem estar achando loucura eu persistir nesta ideia...

Ela balançou a cabeça para os lados e eu continuei: - Vai ser pesado! – sorri de forma tranquila – Eu nem ousa te dizer que sei o que me espera, porque não faço ideia. Eu rezei tanto, pedi tanto para que me deixassem ter um filho, que as autoridades competentes não me discriminassem, que confiassem que eu poderia dar amor e cuidar de uma daquelas crianças que estão nos lares. – respirei fundo – Eu já me considero mãe, só estou esperando que a justiça me deixe buscar meu filho ou filha... – engoli a saliva e concluí – Cada um age conforme sua consciência, e a minha nunca me deixaria ser feliz sabendo que eu deixei de lado um filho que já está vivo por causa de dois outros que ainda não nasceram.

Rosa me abraçou forte, respirou fundo e afirmou: - Você tá certa, garota! Você é a mulher mais corajosa que eu já conheci na vida! – suspirou forte – Eu já sou tia! E pode ter certeza de que te ajudarei em tudo que precisar.

Na quarta-feira saí um pouco mais cedo do trabalho para assistir a mais uma palestra. Como havia combinado com Miguel, assim que a reunião acabasse ligaria para ele para saber se ainda conseguiria participar do encontro com o arquiteto no apartamento dele. Eu me sentia um pouco constrangida em participar da decoração e reforma dos quartos, mas foi um pedido tão simples, e Miguel estava sendo tão prestativo e carinhoso que achei por bem da nossa boa convivência aceitar.

Entrei na sala onde eram realizadas as palestras e me surpreendi ao ver que Miguel estava lá, sentado numa das cadeiras de madeira, organizadas numa pequena roda. Ele me viu, sorriu e acenou discretamente. Fui até ele, me sentei ao seu lado e embora a reunião ainda não tivesse começado perguntei sussurrando: - O que você está fazendo aqui? – indaguei confusa.

- O arquiteto passou lá em casa mais cedo e deixou na portaria um esboço da planta, catálogos com cores de tintas e modelos de papéis de parede para que a gente possa analisar, pois não poderia ficar até mais tarde hoje. – respondeu com tranquilidade – Então como estava com tempo livre resolvi vir até aqui para que fôssemos juntos para o meu apartamento.

- Tudo bem. – respondi sorrindo de canto e levantando os ombros – Mas não precisa assistir à palestra, pode me esperar lá fora, se quiser.

- Se não for te incomodar, gostaria de ficar. – falou com naturalidade.

- Não me incomoda. – respondi.

Miguel assistiu atentamente à palestra, mas não teceu nenhum comentário sobre o assunto. Chegamos em sua casa e a mesa de jantar estava posta. Ele riu e comentou: - Torta de frango, salada e arroz. Pedi a Claudia que fizesse, pois sei que mãe feliz, filhos felizes! – piscou o

olho para mim e completou – E de sobremesa pão de mel comprado na loja embaixo da sua casa.

Não sei como ele descobriu sobre os pães, mas só de ouvi-lo falar sobre eles meu estômago revirou: - Não, não, não! Nem me mostre os pães, me dá vontade de vomitar só de me lembrar deles... – afirmei fazendo careta.

Ele me olhou espantado: - Nada de pão de mel! Esquece, Lina.

Não fiz cerimônia. Não consegui fazer cerimônia. Ele serviu o jantar e comi feliz da vida, saboreando cada garfada: - A Cláudia deveria patentear esta torta e começar a vender.

- Ela faz isso. Você não sabia? – perguntou.
- Vende? – arregalei os olhos – Como ninguém me contou?!

Depois de comermos, seguiu-se o padrão, eu tentei recolher as louças, Miguel não deixou e depois de esperá-lo amontoar tudo na pia, nos sentamos na mesa da sala de jantar e começamos a olhar as plantas.

Achei um pouco estranho o desenho do primeiro quarto, parecia dividido por uma linha imaginária. Tudo que tinha de um lado, tinha também do outro. Miguel me disse que faltava apenas que eu decidisse as cores e tecidos. Ele estava eufórico e me explicava tudo com um enorme sorriso no rosto. A ideia era boa, o que me preocupava era a outra planta, pois estava morrendo de medo que ele dissesse que o outro quarto seria meu, para que pudesse amamentar as crianças nos dias que elas fossem ficar com ele.

- O que achou? – perguntou com os olhos brilhando.
- Tudo lindo. – respondi sorrindo, tentando parecer tranquila – Mas agora me deixa dar uma olhada no outro quarto?

Ele me entregou a planta e sorriu levantando os ombros: - É esta aqui.

Cerrei meus olhos e comecei a analisar: - Não estou entendendo... – afirmei confusa – Um quarto para duas crianças e este outro quarto é para quando crescerem? Esta cama é bicama? – aponte para o desenho – Se você está me pedindo opinião vou dar uma: porque você não os espera crescer e depois transforma o quarto, assim não precisa reformar dois quartos. Deixe o outro como quarto de visitas. O que acha?

Ele riu e balançou a cabeça: - Você não entendeu. Este segundo quarto não é para os gêmeos é para o nosso outro filho.

Engoli em seco a declaração e senti meu coração implorar para sair do corpo, pois estava parecendo grande demais para o meu corpo e louco para explodir. Tentando organizar meu pensamento para entender as palavras de Miguel perguntei: - Não sei se consegui entender... Qual nosso outro filho?

Ele segurou minhas mãos e as beijou, em seguida respirou fundo e me encarou: - Lina, o nosso filho adotivo provavelmente não será um bebê, então pensei que ele gostará de um quarto só para ele, entendeu? Longe dos choros dos bebês... – ele sorriu com ternura – Depois de passar muito tempo dividindo tudo com outras crianças, acho que vai gostar de ter um pouco de privacidade. – completou.

- Você não precisa fazer isso... – afirmei soltando nossas mãos.
- Preciso e quero, Lina. – respondeu com o olhar fixo em mim.

Levantei num rompante: - Miguel, reflita bem sobre isso! – encarei-o com seriedade – Com namorada, amante, esposa, casinho... você não deve, mas pode errar. Pode desistir, entendeu? Com filho não! À partir do momento que decidir ser pai de uma criança, tem que ser de verdade, não tem volta.

Miguel, mesmo parecendo decepcionado com minha reação, manteve-se sereno e me acompanhou até o carro. Fui para casa com uma mistura

de felicidade e receio. Felicidade por imaginar que aquilo que ele tinha acabado de fazer poderia ser uma declaração de amor, talvez a melhor e mais bonita declaração que alguém pudesse fazer, mas também cheia de receio de imaginar que ele poderia ter agido num impulso, sem pesar as consequências novamente, sem refletir em todas as mudanças que aquela decisão implicaria nas nossas vidas.

Assim que cheguei no meu apartamento o porteiro interfonou: - Dona Lina, vou subir para entregar uma encomenda que chegou agorinha mesmo para senhora.

- Tudo bem. – respondi sem curiosidade. Minha cabeça ainda estava tentando processar o que Miguel tinha dito e tentando descobrir sua verdadeira intenção.

Abri a porta, o porteiro entrou e colocou em cima da mesa da sala de jantar uma caixa de madeira, do tamanho de uma cesta. Depois que ele se foi abri a caixa e fui pegando os itens que estavam numerados em sequência:

- 1) uma garrafa térmica com um bilhete colado: é só chocolate quente, desta vez nada de álcool. – sorri sentindo o coração acelerado.
- 2) Peguei uma caixa de madeira e dentro bombons em formas de letras formando a frase “eu te amo” – já não conseguia segurar as lágrimas.
- 3) Um envelope escrito “número 1” – abri tremendo e retirei uma pequena carta – Lina, desta vez troquei os livros de autoajuda por uma declaração pensada, repensada, ponderada e muito sincera: Quero você. Amo você. Não sei mais ser feliz sem sua companhia, aliás, acho que nem fui feliz de verdade antes de te conhecer! Bom, para ser sincero, nem nunca tinha ficado tão triste depois que você me deixou. Volta para mim! Se não me entendeu ainda, serei bem

claro: quero casar com você, criar junto com você nossos gêmeos e também o nosso filhote que, infelizmente, ainda está por aí, numa casa que não é nossa. – caí no choro emocionado.

4) Peguei o outro envelope escrito “ número 2” e havia outro bilhete – Não te mandei café da manhã desta vez, porque espero que à partir de amanhã você tome todos os seus cafés da manhã comigo, na nossa casa.

Levantei rápido, peguei minha bolsa e a chave do carro. Tudo que eu mais queria era correr para a casa de Miguel, me jogar nos braços dele e dizer que tudo que eu mais queria era ser ficar com ele e nossos filhos.

Entrei no carro e assim que saí da garagem vi Miguel parado na calçada. Abaixei o vidro e sorri: - Qual é a tua? Virou vidente? Sabia que eu ia sair de carro?

Ele se aproximou, abaixou próximo à janela e sorriu de um jeito ultra sexy, como das primeiras vezes que nos encontramos: - Tive um palpite, mas se demorasse muito eu ia interferir...

Estacionei o carro, desci e recostei na porta enquanto fiquei olhando Miguel se aproximar. Ele ficou bem próximo a mim, abriu os braços me cercando e colocando as mãos apoiadas no capô, então se abaixou e colocou sua boca bem próxima à minha: - Na última vez que estivemos juntos... – sussurrava fazendo meu corpo todo arrepiar – ...eu te disse que nunca mais iria implorar por seu toque. – então me deu um beijo forte e estalado na boca, mas sem encostar o resto do seu corpo ao meu e completou sorrindo – Mas... – ergueu as sobrancelhas – não resisto...

Capítulo 44

EU E MIGUEL NOS CASAMOS NO CIVIL, NUMA CERIMÔNIA SIMPLES E LINDA, duas semanas após eu ter me mudado de vez para o apartamento dele. Um mês depois soubemos que teríamos um casal: Vitor (escolhi), Valentina (escolheu ele), afinal não houve perdedor nem vencedor na nossa aposta.

Clara e Pierre vieram nos visitar no Natal e depois retornaram para França. Celso foi embora com eles, pois decidiu aceitar a proposta de Juliete e se casar. Antes de partir tivemos uma longa conversa, onde ele me confessou que já estava escrevendo o segundo livro e que eu seria a responsável pela correção, me pediu para que uma vez por mês ligasse para Dona Márcia, que agora trabalhava no escritório de um amigo, para explicar as suas movimentações bancárias e por fim me disse que no dia que Miguel me encontrou no fórum foi a procura dele em busca de ajuda, pois queria muito ficar comigo e estava disposto a encarar o desafio da adoção, mas não queria agir de forma precipitada fazendo com que eu não acreditasse nas suas reais intenções.

Fábio também casou com Laura e tornou-se pai. Soube das novidades por Martinha, que um dia encontrou-se com ele no mercado. No nosso último encontro prometemos que não perderíamos o contato, mas foi o que acabou acontecendo. Nossas vidas tomaram rumos diferentes e não havia motivos para mantermos algum tipo de laço. Vivemos uma história boa e ruim. Eu nunca me esqueceria dele, mas não cabíamos mais um na vida do outro. Miguel e eu já nos desdobrávamos para cuidar dos gêmeos que estavam completando três meses quando finalmente nosso pedido de adoção foi

ACHERON - NACIONAIS - APOLLYMI

aprovado. Conhecemos então nossa filha, Lúcia. Uma menina com seis anos, linda, risonha e muito carinhosa. Foi amor à primeira vista. Miguel não conseguia tirar o sorriso do rosto perto da nossa menina. Acontece que Lúcia tinha um irmão. Um garoto de nove anos, Miguel. Fomos conhecer o garoto para explicar a ele que cuidaríamos de sua irmã, mas que sempre a levaríamos para visitá-lo e quando possível o levaríamos para passar o final de semana conosco. Ensaíamos o discurso, que não era fácil, nem bonito. Pois bem, encontramos com Miguel e o que conseguimos dizer foi algo parecido com “Bem vindo à família, filho!”

Eu, que sonhava em ter um filho, ganhei quatro de uma vez. Miguel que não tinha planos de ter família ganhou uma, e das grandes! O apartamento que antes parecia intocável se transformou num caos. Um caos alegre e animado. Miguel e o filho mais velho, Miguel, não se desgrudavam, mas confesso que achava linda a sintonia deles. Desde que virei mãe quase todos os sentimentos passaram a fazer parte da minha rotina, sentimentos bons e ruins, pois eu vivia com medo de fracassar, me sentia culpada e exausta. Daí, no minuto seguinte, estava eufórica, grata a vida que tinha e me sentia a mulher mais capaz do mundo. Apenas dois sentimentos me abandonaram de vez, logo eles, que sempre me perseguiram até a chegada das crianças, solidão e tédio, estes desapareceram de vez.

Fim